U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

MEMÓRIA E TEMPO NO MERCADO DO RATO

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A COLECTIVIDADE



Sara de Morais Pereira
(licenciada)

Projecto Final de Mestrado para Obtenção de Grau de Mestre em
Arquitectura com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Equipa de Orientação
Professor Doutor Mário Say Ming Kong
Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Júri
Presidente: Professor Doutor José Vitor de Almeida Florêntino Correia
Vogal: Professora Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução

Documento Definitivo

Lisboa, FAUL, Março 2017

Título

Memória e Tempo no Mercado do Rato

Subtítulo

Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade

Nome

Sara de Morais Pereira

Equipa de Orientação

Professor Doutor Mário Say Ming Kong

Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Projecto Final de Mestrado para Obtenção de Grau de Mestre em
Arquitectura com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Lisboa, Março 2017

Resumo

O presente Projecto Final de Mestrado tem como temática o estudo da memória, tendo como objectivo a comprovação da conexão directa entre esta e a Arquitectura, testado na reabilitação do Mercado do Rato. O Mercado do Rato é um mercado de Lisboa, ainda parcialmente em funcionamento, situado nas proximidades do Largo do Rato, concretamente na Rua Alexandre Herculano, num interior de quarteirão atrás da Garagem Auto-Palace. Este é analisado como um marco do que antes foi a vida quotidiana das pessoas na cidade de Lisboa, numa valorização imaterial da sua presença que defenderá a sua reabilitação e qualificação de espaço.

Na primeira parte da investigação é desenvolvido teoricamente o conceito de memória, procurando associá-lo a temáticas da Arquitectura, criando um fio condutor entre memória, lugar, identidade, Homem e grupo. A segunda parte da investigação, mais prática, baseia-se na análise histórica do local numa tentativa de compreensão da história do Mercado do Rato que, em conjunto com entrevistas feitas a diversas entidades, serão a base da definição do programa a implantar. Assim, numa conjugação entre o que foi o espaço e o que este tem a oferecer para vir a ser, propomos um equipamento público que procura fortalecer as relações entre o ser humano, o lugar e o grupo a que pertence - a colectividade.

Palavras-chave: Memória, Reabilitação, Mercado, Identidade, Colectivo

Title

Memory and Time in Mercado do Rato

Subtitle

A Proposal of Intervention to the Collective

Name

Sara de Morais Pereira

Orientation Team

Professor Architect Mário Say Ming Kong

Professora Architect Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa

Final Project to obtain the Master's Degree in
Architecture with specialization in Interiors and Rehabilitation

Lisbon, March 2017

Abstract

This Master's Final Project is focused on the study of memory, which the goal is to prove the direct connection between Memory and Architecture, materialized in the rehabilitation of Mercado do Rato. Mercado do Rato is a market in Lisboa, still partially working, located nearby Largo do Rato, in Rua Alexandre Herculano, inside a city block behind Garagem Auto-Palace. It is analyzed as a symbol of what the daily life used to be in the city of Lisbon, being its intangible value the main reason defending the rehabilitation and requalification of space.

For the first part of the investigation, the concept of memory is developed theoretically, trying to find its link to Architecture, in a continued dialogue between memory, place, identity, human being and group. The second part, on the practical side, is based on historical analysis of the place, trying to comprehend the history of the market itself. This, together with some interviews made to different entities, will be the base to define the program to Mercado do Rato. Thus, relating what the space was and the potential it has to offer, we propose a public space which tries to strengthen and enhance the relations between human being, place and group where he belong - the collective.

Keywords: Memory, Rehabilitation, Marketplace, Identity, Collective

Agradecimentos

Um obrigado a todos os que contribuíram e apoiaram esta investigação. A todos os que acreditaram e tornaram esta proposta possível.

Aos meus orientadores, o Professor Mário Kong e a Professora Bárbara Massapina, pela sua disponibilidade ao longo deste processo e apoio constante, acreditando na viabilidade da minha proposta desde início.

Aos funcionários do Mercado do Rato, pelas agradáveis conversas em que partilharam o seu quotidiano e forma como vivenciaram e vivenciam este espaço, servindo como base humana e real à investigação.

Ao Presidente da Junta de Freguesia de Santo António, Vasco Morgado, e ao Membro da Direcção da "Boa Vizinhança" e Membro Executivo da Junta de Freguesia de Santo António, Ricardo Santos, pela disponibilidade e interesse que mostraram à proposta, colaborando também com a sua opinião a cerca do Mercado do Rato e da cidade de Lisboa, aproximando o sonho da realidade, do que o espaço se pode tornar.

A todos os meus amigos que de alguma forma colaboraram e partilharam diálogos, na constante procura da solução mais adequada, desmistificando dúvidas e desconstruindo obstáculos.

À minha mãe e irmã, por compreenderem a minha ausência e apoiarem sempre as minhas decisões.

Índice

1 **Capítulo I**

3 1.1 Introdução

5 1.2 Estado da Arte

11 **Capítulo II**

Enquadramento Teórico

13 2.1 Memória(s)

14 2.1.1 Memória e História

16 2.1.2 Memória Colectiva

18 2.2 Identidade(s)

19 2.2.1 Identidade do Lugar

21 2.3 Tempo e Monumento

23 2.4 Memória e Reabilitação

29 **Capítulo III**

Casos de Estudo

31 3.1 Sverre Fehn, Hedmark Museum, Hamar, Noruega

35 3.2Mercado do Bom Sucesso e Mercado de Matosinhos

39 **Capítulo IV**

Tipologia - Mercado

41 4.1 O Mercado na Cidade I - Génese

44 4.2 O Mercado na Cidade II - Decadência

49 **Capítulo V**

Contexto Histórico

52 5.1 Envolvente

53 5.1.1 Largo do Rato

53 5.1.2 Bairro das Amoreiras

55 5.1.3 Bairro Barata Salgueiro

55 5.1.4 Quarteirão Rua Alexandre Herculano

63 **Capítulo VI**

Quotidiano - In Situ

65 6.1 Experiência e Percepção

66 6.2 Entrevistas e Conversas

71 **Capítulo VII**

Prática Projectual

73 7.1 Conceito - Memória e Tempo

73 7.2 Programa - Organização Espacial

81 **Capítulo VIII**

Conclusão

85 **Bibliografia**

91 **Anexos**

Índice de Figuras

Capítulo II

11 Fig.1 Proposta exterior, Mercado do Rato
Fonte: Desenho do autor

Capítulo III

29 Fig.2 Proposta módulos de trabalho, Mercado do Rato
Fonte: Desenho do autor

31 Fig.3 Hedmark Museum, localização
Fonte: https://www.google.pt/maps/@60.7912567,11.046853,160a,20y,286.18h,71.75t/data=!3m1!1e3

31 Fig.4 Vista exterior e pátio
Fonte: Fotografia do autor

31 Fig.5 Planta piso 0
Fonte: https://artchist.wordpress.com/2016/09/24/hedmark-museum--in-hamar-by-sverre-fehn

31 Fig.6 Planta piso 2
Fonte: https://artchist.wordpress.com/2016/09/24/hedmark-museum--in-hamar-by-sverre-fehn

31 Fig.7 Corte módulos de betão
Fonte: https://artchist.wordpress.com/2016/09/24/hedmark-museum--in-hamar-by-sverre-fehn

32 Fig.8 Ruína e estrutura de madeira
Fonte: Fotografia do autor

32 Fig.9 Celeiro, estrutura em madeira
Fonte: Fotografia do autor

32 Fig.10 Apoio da estrutura de madeira
Fonte: http://www.qiye8848.com/p/214316.html

32 Fig.11 Vãos exteriores
Fonte: https://pt.pinterest.com/pin/374080312773298128

32 Fig.12 Vão zenital, módulo betão
Fonte: https://illusionandreality.wordpress.com/2014/04/18/283

33 Fig.13 Rampa e módulos betão
Fonte: Fotografia do autor

33 Fig.14 Exposição em meio-piso
Fonte: Fotografia de João Diogo Romão

33 Fig.15 Auditório
Fonte: https://www.pinterest.se/pin/329114685248043762

33 Fig.16 Expositor em vidro
Fonte:Fotografia do autor

33 Fig.17 Diversos expositores
Fonte: Fotografia de João Diogo Romão

34 Fig.18 Ambiência da rampa sobre a ruína
Fonte: http://theredlist.com/wiki-2-19-879-606-619-view-fehn-sverre-2-profile-fehn-sver-rehedmark-museum-hamar-norway.html

35 Fig.19 Castelvecchio, materialidade
Fonte: http://archiobjects.org/museo-castelvecchio-verona-italy-carlo-scarpa

35 Fig.20 Castelvecchio
Fonte: http://archiobjects.org/museo-castelvecchio-verona-italy-carlo-scarpa

35 Fig.21 Kolumba Museum
Fonte: http://www.archdaily.com/72192/kolumba-musuem-peter--zumthor

35 Fig.22 Kolumba Museum, interior
Fonte: http://www.archdaily.com/72192/kolumba-musuem-peter-zumthor
35 Fig.23 Mercado do Bom Sucesso
Fonte: https://oportocool.wordpress.com/2013/08/29/mercado-do-bom-sucesso
36 Fig.24 Mercado do Bom Sucesso
Fonte: https://oportocool.wordpress.com/2013/08/29/mercado-do-bom-sucesso
36 Fig.25 Mercado do Bom Sucesso
Fonte: Fotografia do autor
36 Fig.26 Mercado de Matosinhos
Fonte: http://www.cm-matosinhos.pt/pages/739
36 Fig.27 Mercado de Matosinhos
Fonte: http://www.esad.pt/pt/news/quadra-incubadora-de-design-abertura
36 Fig.28 Mercado de Matosinhos
Fonte: http://www.esad.pt/pt/news/quadra-incubadora-de-design-abertura

Capítulo IV

39 Fig.29 Proposta para Praça, Mercado do Rato
Fonte: Desenho do autor
41 Fig.30 Stoa e praça mercado grego
Fonte: Heliana C. Vargas, Espaço Terciário: o Lugar, a Arquitectura e a Imagem do Comércio, São Paulo, Editora SENAC, 2001, p.118
41 Fig.31 Agora grega
Fonte: http://www.viajejet.com/agora-de-atenas-y-el-templo-de-hefesto-atenas/agora-de-atenas
41 Fig.32 Mercado no Império Romano
Fonte: Heliana C. Vargas, Espaço Terciário: o Lugar, a Arquitectura e a Imagem do Comércio, São Paulo, Editora SENAC, 2001, p.129
41 Fig.33 Mercado de Trajano
Fonte: http://romaitalia.com.br/Mercado-de-Trajano.html
41 Fig.34 Grand Bazaar de Istambul
Fonte: http://theclassytraveler.com/magnificent-feeling-at-the-egyptian-spice-bazaar-in-istanbul/grand-bazaar-istanbul
42 Fig.35 Mercado Algodão, Jerusalém
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.236
42 Fig.36 GUM, Bazar de Moscovo
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.263
42 Fig.37 Halles de Bruges
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.236
42 Fig.38 Mercado de Tecidos, Ypres
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.236

42 Fig.39 Mercado de Palha, Florença
Fonte: http://www.arte.it/guida-arte/firenze/da-vedere/monumento/loggia-del-mercato-nuovo-o-del-porcellino-1930

43 Fig.40 Mercado Madeleine, Paris
Fonte: Sigfried Giedion, Space, Time and Architecture, Massachusetts, Harvard University Press, 1970, p.230

43 Fig.41 Les Halles, Paris
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.243

43 Fig.42 Les Halles, interior
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.235

43 Fig.43 Convent Garden, Londres
Fonte: http://www.architectureweek.com/cgi-bin/awimage?-dir=2008/0709&article=culture_1-2.html&image=13920_image_7.jpg

43 Fig.44 Hungerford Market, Londres
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.240

44 Fig.45 Galerie d'Orléans, Paris
Fonte: Sigfried Giedion, Space, Time and Architecture, Massachusetts, Harvard University Press, 1970, p.179

44 Fig.46 Great Victorian Way
Fonte: https://ragpickinghistory.co.uk/2011/02/25/great-victorian-ways

44 Fig.47 Galleria Vittorio Emanuele II
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.265

44 Fig.48 Bon Marchée, Paris
Fonte: Herman Hertzberger, Lessons for Students in Architecture, 5ª edição, Rotterdam, 010 Publishers, 2005, p.72

44 Fig.49 Mercado de Breslau
Fonte: Nikolaus Pevsner, A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.252

45 Fig.50 Chainstore, Wal-mart, EUA
Fonte: http://www.motherjones.com/blue-marble/2014/10/walmart-biggest-corporate-solar-user-why-are-its-owners-blocking-solar

45 Fig.51 Lijnbaan, Roterdão
Fonte: http://fotos.serc.nl/zuid-holland/rotterdam/rotterdam-19059

45 Fig.52 Yorkdale Shopping Plaza
Fonte: http://torontoist.com/2012/02/historicist-instant-downtown-uptown

45 Fig.53 Ghirardelli Square
Fonte: http://www.californiabeaches.com/attraction/ghirardelli-square

45 Fig.54 The Cannery
Fonte: http://sculptureschooldaily.com/2013/01/24/fascu-at-the-cannery

46 Fig.55 Mercado Campo de Ourique
Fonte: http://corta-fitas.blogs.sapo.pt/mercado-de-campo-de-ourique-5674655

46 Fig.56 Mercado da Ribeira
Fonte: http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2014/09/mercado-da-ribeira.html

46 Fig.57 Convent Garden
Fonte: http://handluggageonly.co.uk/2015/08/05/londons-most-famous-district-covent-garden-what-to-see-eat-do

46 Fig.58 Mercado de San Miguel
Fonte: http://www.memoriescollectionblog.com/2010/08/un-recorrido-por-mercados-espanoles.html

46 Fig.59 Mercado de Santa Caterina
Fonte: http://bcnarq.blogspot.pt/2009/04/mercado-santa-caterina-2005-arquiteto.html

Capítulo V

49 Fig.60 Inserção Urbana da Proposta, Mercado do Rato
Fonte: Desenho do autor

51 Fig.61 Localização da Área em Estudo
Fonte: Elaborado pelo autor sobre a base https://www.google.pt/maps/@38.7216484,-9.1546333,2125m/data=!3m1!1e3

51 Fig.62 Edifícios de Valor na Área em Estudo
Fonte: Elaborado pelo autor sobre a base http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi

52 Fig.63 Evolução Histórico-Urbana da Área em Estudo. Plantas ordenadas: 1780 Planta Topographica de Lisboa, 1807 Duarte Fava, 1856/58 Filipe Folque, 1871 Planta CML, 1911 Silva Pinto, 1950, 1970/83 Art.91 PDM, 2016
Fonte: http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi

53 Fig.64 Vista aérea do Largo do Rato
Fonte: Walter Rossa, Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista, Lisboa, IPPAR, 1998, p.104

53 Fig.65 Antiga configuração do Largo
Fonte: Planta de Silva Pinto, 1911, http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi

53 Fig.66 Largo do Rato, 1935
Fonte: http://aps-ruasdelisboa-comhistria.blogspot.pt/2008/04/largo-do-rato-iii.html

53 Fig.67 Aqueduto das Águas Livres
Fonte: http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/aguas-livres-aqueduct

53 Fig.68 Arco das Amoreiras
Fonte: Walter Rossa, Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista, Lisboa, IPPAR, 1998, p.84

54 Fig.69 Reservatório Mãe d'Água
Fonte: Walter Rossa, Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista, Lisboa, IPPAR, 1998, p.79

54 Fig.70 Plano Carlos Mardel, Bairro
Fonte: Walter Rossa, Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista, Lisboa, IPPAR, 1998, p.118
54 Fig.71 Casas de aspecto inicial
Fonte: Walter Rossa, Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista, Lisboa, IPPAR, 1998, p.119
54 Fig.72 Ermida Ns. Sr. Monserrate
Fonte: http://revelarlx.cm-lisboa.pt/gca/?id=437
54 Fig.73 Praça das Amoreiras
Fonte: http://omundodahortense.blogspot.pt/2013/05/jardim-das-amoreiras.html
55 Fig.74 Bairro Barata Salgueiro
Fonte: http://apontamentoslisboa.blogspot.pt/2014/03/bairro-barata-salgueiro.html
55 Fig.75 Sociedade Belas Artes
Fonte: http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2014/12/sociedade-nacional-de-belas-artes.html
55 Fig.76 Cinemateca Portuguesa
Fonte: http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/cinemateca-portuguesa-museu-do-cinema
55 Fig.77 Quinta dos Oratorianos
Fonte: Walter Rossa, Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista, Lisboa, IPPAR, 1998, p.16
55 Fig.78 Edifício Ventura Terra
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico, PT/AMLSB/PAG/000485
56 Fig.79 Sinagoga
Fonte: http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/sinagoga-shaare-tikva
56 Fig.80 Garagem Auto-Palace
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico, PT/AMLSB/JBN/000333
56 Fig.81 Casa de Almada Negreiros
Fonte: http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/casa-de-almada-negreiros
56 Fig.82 Palácio dos Guiões
Fonte: http://construtora.ferreira.global/palacio-dos-guioes
56 Fig.83 Mercado do Rato
Fonte:Fotografia do autor
57 Fig.84 Exterior Carpintaria
Fonte: Emilio Canet, Lisboa Artística e Industrial - Luxuoso album de photographias com um resumo historico da cidade, Lisboa, Typ da Empreza da História de Portugal, 1908, p.39
57 Fig.85 Depósito de madeira
Fonte: Emilio Canet, Lisboa Artística e Industrial - Luxuoso album de photographias com um resumo historico da cidade, Lisboa, Typ da Empreza da História de Portugal, 1908, p.39
57 Fig.86 Oficina de madeira
Fonte: Emilio Canet, Lisboa Artística e Industrial - Luxuoso album de photographias com um resumo historico da cidade, Lisboa, Typ da Empreza da História de Portugal, 1908, p.39

57 Fig.87 Oficina de serração
Fonte: Emilio Canet, Lisboa Artística e Industrial - Luxuoso album de photographias com um resumo historico da cidade, Lisboa, Typ da Empreza da História de Portugal, 1908, p.39

57 Fig.88 Lettering Carpintaria
Fonte: Excerto de Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico, PT/AMLSB/JBN/004292

58 Fig.89 Evolução do Tecido Envolvente e do Mercado do Rato. Plantas de base ordenadas: 1780 Planta Topographica de Lisboa, 1807, Duarte Fava, 1856/58 Filipe Folque combinada com 1871 Planta CML, 1911 Silva Pinto, 1950, 1970/83 Art.91 PDM, 2016
Fonte: Elaborado pelo autor sobre a base http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi

58 Fig.90 Lettering Mercado
Fonte: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=752063

58 Fig.91 Fachada R. Rodrigo Fonseca
Fonte: https://www.google.pt/maps/@38.7224635,-9.152802,3a,75y,264.62h,111.29t/data=!3m6!1e1!3m4!1sgTua5Nnjo40aljZFWmHYQw!2e0!7i13312!8i6656

58 Fig.92 Inauguração Mercado
Fonte: Arquivo Nacional, Torre do Tombo, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0195/0022B

59 Fig.93 Inauguração - cantina
Fonte: Arquivo Nacional, Torre do Tombo, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0195/0021B

59 Fig.94 Inauguração - nave do peixe
Fonte: Arquivo Nacional, Torre do Tombo, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0195/0023B

59 Fig.95 Mercado do Rato
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico, PT/AMLSB/VGF/S00684

59 Fig.96 Mercado do Rato, actual
Fonte: Fotografia pelo autor

59 Fig.97 Nave Mercado, actual
Fonte: Fotografia pelo autor

60 Fig.98 Nave Peixe, actual
Fonte: Fotografia pelo autor

60 Fig.99 Mercado do Rato, actual
Fonte:Fotografia pelo autor

Capítulo VI

63 Fig.100 Proposta para área expositiva, Mercado do Rato
Fonte: Desenho do autor

Capítulo VII

71 Fig.101 Proposta de intervenção urbana, Mercado do Rato
Fonte: Desenho do autor

76 Fig.102 Okuda San Miguel, Madrid
Fonte: http://www.archdaily.com.br/br/776468/kaos-temple-campanha-para-levar-arte-a-uma-igreja-convertida-em-pista-de-skate

76 Fig.103 Nelio New Mural, Valência
Fonte: http://designspiration.net/image/2473900803485

76 Fig.104 El Seed, Cairo
Fonte: http://www.ufunk.net/en/artistes/el-seed-perception
76 Fig.105 (fos), Madrid
Fonte: http://www.designboom.com/art/fos-by-fosfos-paints-light-onto-a-grey-street-10-13-2013
76 Fig.106 Felice Varini, Monte Carasso
Fonte:http://www.poeticmind.co.uk/research/felice-varini-year-by-year
76 Fig.107 Georges Rousse, Rüsselsheim
Fonte:http://www.georgesrousse.com/en/archives/article/georges-rousse-in-ruesselsheim
76 Fig.108 Esboço de intervenção na fachada da Rua Rodrigo da Fonseca
Fonte:Elaborado pelo autor sobre a base https://www.google.pt/maps/@38.7225999,-9.152869,3a,75y,222.97h,110.28t/data=!3m6!1e1!3m4!1sb3YkpmFRXuHjqCUt4Oo01A!2e0!7i13312!8i6656
77 Fig.109 Esquema Programático
Fonte:Elaborado pelo autor
77 Fig.110 Esquema de Demolições
Fonte:Elaborado pelo autor

"O que me dói na Pátria é não haver correspondência no espírito dos portugueses entre o seu passado e o seu futuro. Cada monumento que o acaso preservou inteiro ou mutilado - Castelo, Pelourinho, Igreja, Solar ou simples Fontanário - é para todos nós uma sobrevivência insólita, que teima em durar e em que ninguém se reconhece. Olhamos os testemunhos da nossa identidade como trastes velhos, sem préstimo, que apenas atravancam o quotidiano. Que memória individual ou colectiva se relembra nesta crónica ameada?"

Miguel Torga, Diário, vols. XIII a XVI, 5ª edição, Alfragide, D. Quixote, 2011, p.17

Capítulo I

1.1 Introdução

Na Arquitectura, o acto de projectar tem que possuir uma forte união entre a vertente teórica e prática. Desta forma, partindo de um pensamento teórico, de leitura, compreensão e análise, tenta-se com que a intervenção feita responda correctamente às necessidades do lugar pré-existente e à população que o irá vivenciar.

O ponto de partida para a investigação surge com o conceito de Memória, que se irá desenvolver até encontrar a sua caracterização e transposição para o espaço habitado. Desta forma, de um sentido humanístico e sociológico, pretende-se entender o valor da memória, a sua influência no ser humano e a relação desta com o espaço. Defende-se a ligação entre a memória e o objecto, deambulando entre o indivíduo e o colectivo, onde todos estes termos se cruzam numa definição de Arquitectura enraizada no local, na identidade e no carácter.

Procura-se a imagem de uma cidade coesa, construída em diversos tempos mas que se aceita como palimpsesto, uma idiossincrasia histórica. Valoriza-se a memória e a história, num combate à hegemonia de género, numa aceitação do contraste dos diferentes tempos que desenharam e desenham a cidade. A compreensão e aceitação não só do presente e do futuro, mas também do passado. Este pensamento não nega a evolução, nem deseja a conservação de peças museológicas, artefactos, mas antes tenta entender a cidade como uma caixa expandida que acumula, mistura, elimina e reconstrói histórias, onde os grupos se definem e definem a mesma. Assim, a memória, o sujeito, o grupo e o objecto são todos elementos passíveis de modificações dentro de uma estrutura pré-existente, que é a sua, a essência. Esta cresce e extravasa, numa procura de seguir sempre o progresso e evolução, portanto reconhece-se como entidade temporal. Assumidamente, combate-se a musealização da memória, para uma constante aceitação de mudança e variedade e, igualmente, de utilidade. Efemeridade e perene, acção e estabilidade, são assim conceitos que nos definem e, da mesma forma, a Arquitectura.

Como lugar de intervenção para o tema proposto, o projecto irá ser elaborado no Mercado do Rato, situado num interior de quarteirão, com entrada principal pela Rua Alexandre Herculano e secundária pela Rua Rodrigo da Fonseca, em Lisboa. Antes de Mercado o edifício teve funções de carpintaria.[1] O Mercado do Rato pode não ser reconhecido como o melhor ou maior exemplar de Arquitectura Industrial ou dos Mercados, pela sua imagem, valor estético, estado de conservação ou técnica, mas apresenta um largo espólio de valências que lhe

1 Emilio Canet, *Lisboa Artística e Industrial - Luxuoso album de photographias com um resumo historico da cidade*, Lisboa, Typ da Empreza da História de Portugal, 1908, p.39

qualificam a recuperação. Reconhece-se o seu valor imaterial, o conjunto de vivências que fazem parte da memória do lugar, como espaço anteriormente habitado, usado diariamente, numa vertente quotidiana, fazendo assim parte da história evolutiva do local. Memórias que o impregnam de quem o conhece e da história que o faz. Símbolo do tempo, marcadamente reconhecido quando associado a uma existência que já não retornará. Também a sua localização e construção tornam-no caricato pelo percurso diferente dos outros mercados. Assim, supera um juízo estético, não o tornando menos importante ou essencial - a investigação vai além disso. Procura-se verificar a memória e o tempo enquanto conceitos que desencadeiam uma correcta reabilitação. Valores como a estética e a construção podem ser sempre aprimorados, já que estes são valores efémeros, que mudam conforme a mentalidade, o progresso e a subjectividade da época em que se inserem.

Desta forma, como objectivos da Tese Final de Mestrado, procura-se:

- Entender a articulação entre o quarteirão em estudo, o edifício e o restante tecido, composto de diferentes identidades e tempos, entre construção industrial, conventual e palaciana. O enquadramento histórico e o tecido urbano consolidado como forma de análise do edifício pré-existente;

- Entender o Mercado do Rato historicamente, enquanto antigo edifício da Carpintaria Mechanica Portugueza. Influência de uma Arquitectura Pré-Industrial em junção com a Construção em Madeira do início do século XX em Lisboa;

- Entre conceitos de Monumento e Quotidiano, encontrar a relação que gera uma reabilitação contemporânea, que recorda, renasce e evolui a memória de um colectivo;

- Entre conceitos de Tempo, Memória, Recordação e Respeito, ultrapassar a Museificação, inerentes aos mesmos. Procurar captar as energias de um tempo para outro, adaptando o passado a um presente instável. Entender a Arquitectura como algo que tem que ser útil;

- Entender como uma estrutura em decadência, esquecida, pode ser re-activada. Re-encontrar a sua energia e re-animá-la num presente, com expectativas para um futuro

- Através do estudo do Mercado do Rato, compreender o valor arquitectónico da estrutura por reabilitar e, ultrapassando juízos estéticos, gerar uma reabilitação de forte cariz conceptual, lido na prática em projecto, com um desejo de defender a Memória Colectiva e o Tempo que pontuam aquele espaço;

- Pela interpretação da tipologia de Mercado, criar um novo programa que compreenda

a nova sociedade, mas guardando a identidade e memória deste. Procura-se um espaço público, de vivência colectiva diária, activado por fluxos de pluralidades de pessoas. A procura de uma re-conexão entre a pessoa e o espaço, numa vida animada, movimentada e colorida, que definia os mercados da cidade no seu apogeu.

Metodologicamente, inicia-se de um quadro geral, que irá se aprofundando ao longo da investigação. Teoricamente partimos de conceitos gerais de memória, da sua definição, até à sua aplicação no caso de intervenção do Mercado do Rato. Na prática, é da cidade e da envolvente que partimos até nos focarmos no edifício. A investigação baseia-se numa recolha indirecta de dados, entre livros e diversas publicações. Na parte referente a projecto e ao edifício, existem alguns documentos de recolha indirecta, entre desenhos e fotografias, mas a análise baseia-se mais numa recolha directa, do existente e visível no local. Da recolha directa resulta o próprio levantamento rigoroso do edifício, elaborado pelo autor. No âmbito da recolha directa são também feitas entrevistas e tidas conversas com diversas entidades relacionadas com o Mercado, numa melhor compreensão do que foi e ainda é hoje este. Dada a raiz da investigação na memória colectiva e nos valores humanos e sociais, todo o trabalho apresenta uma abordagem de grande valor qualitativo. Mais do que quantitativos, relacionado com números e estatísticas, procuramos uma análise de valores que, relacionados aos termos teóricos, nos definem o que deve ser reabilitado ou demolido. Igualmente, também nos indiciam o que poderá ser o novo programa para o espaço, onde a preocupação se relaciona mais com quem o vivência e com o que este quer ser. Entende-se que, quantitativamente, temos que responder sempre a uma necessidade mas, mais que isso, procuramos oferecer valores qualitativos, que se relacionam com as pessoas e se baseiam no edifício. Entende-se que, primeiro que uma necessidade de programa, existe uma pré-existência que tem que ser respeitada e com a qual o programa tem que ser compatível.

1.2 Estado da Arte

Com ponto de partida na investigação da Memória, um dos pontos essenciais é a separação entre Memória e História. Diferentes autores teorizam a sua separação e diferenciação, entre os quais Maurice Halbwachs. A História é definida como fechada, morta, uma compilação de factos do passado, só possível quando a memória se decompõe ou apaga; já a Memória é viva, com continuidade no presente, logo sem uma fronteira com o passado, tendo então um campo de acção activo.[2] M. Christine Boyer diz *"But it must be kept in mind that memory, as opposed to history, responds more than it records, it bursts upon the scene in an unexpected man-*

2 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990, pp.80-86

ner, demanding an alteration of established traditions."[3]

Da definição exacta do que é Memória, reconhece-se que dentro desta existem múltiplas realidades. Pode-se dividir a memória em Individual ou Colectiva. Esta dicotomia é essencialmente marcada por Henri Bergson, um filósofo defensor da primeira, e Maurice Halbwachs, um sociólogo defensor da segunda. Bergson, inserido num pensamento mais da psicologia fala-nos da memória numa vertente individual, relacionada com a percepção que é sempre de cada um, dos movimentos cerebrais, associada ao corpo e à mente.[4] Halbwachs, do outro lado, num pensamento sociólogo, defende-a sempre como uma construção colectiva, todas as lembranças relacionam-se com alguém.[5] Associado à Arquitectura, o pensamento de memória colectiva é tomado como principal, não descorando dos valores do indivíduo e da sua forma de percepção, pertencente ao grupo social. Procura-se não entrar no campo subjectivo, mas encontrar uma relação estreita com a prática de projecto de uma forma humana e social. Existe uma deambulação entre sujeito e grupo, compreendendo que o grupo é o objecto de trabalho, mas que este é composto por sujeitos, identidades, sendo estes que tornam cada grupo diferente. Defende-se a crença de Identidade - tanto do Homem como do Lugar. O valor da experiência vivida, da Memória, é assim inspiração para reabilitação, e não a História - abstracta, intelectualizada, por vezes falsa e modificada.

Entre Identidade, Homem e Lugar, é então formalizada uma ponte entre Memória Colectiva e Arquitectura. Christian Norberg-Schulz, um teórico e arquitecto, apresenta-nos a ideia central da Arquitectura tornar os espaços em lugares de valor, a partir do potencial desse lugar - o carácter existencial, o Genius Loci. A fenomenologia do espaço é essencial para o processo arquitectónico, para a definição do espírito do lugar e do seu valor único. Reconhece-se que cada lugar é uma identidade e tem características próprias, às quais o projecto se irá relacionar só com esse lugar numa simbiose física e espiritual. Quer-se reconhecer que enquanto o Genius Loci define a identidade do lugar, a Memória Colectiva define a identidade de um grupo. Ambos são olhados como conceitos sociais que se relacionam para dar resposta a um projecto de arquitectura sensível às necessidades básicas do Homem.

Entre Memória, História e Identidade, surge um quarto conceito, chave para o tipo de Reabilitação usada na vertente prática: Musealização. Este conceito define a transformação das cidades em Museus e Parques Temáticos, resultado de uma cultura industrial que não deixa espaço para a identidade e para o tempo. A profunda descaracterização do espaço urbano

3 M. Christine Boyer, *The City of Collective Memory*, Massachusetts, The MIT Press, 1994, p.68
4 Henri Bergson, *Matéria e Memória, Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, 2ª edição, São Paulo, Brasil, Martins Fontes, 1999
5 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990

e, por resultado, do Homem, levou a uma procura de si num culto ao Passado. A Revolução Industrial foi uma fronteira irremediável, onde o mundo do passado perdeu continuidade e homogeneidade. Desta forma, a investigação procura encontrar significados e um programa útil, evitando a musealização, na procura de um projecto que se adapte ao lugar. Procura-se criar um espaço estudado como elemento vivo, que evolui e permite regenerar-se. Não é somente uma história do passado, um ritual ou um artefacto. Os principais autores referentes a este tema são Françoise Choay, historiadora crítica, e M. Christine Boyer, historiadora urbanista. A primeira autora fala da necessidade de retirar a reabilitação da ficção narcísica em que foi colocada, não bastando a contemplação do espelho do Património, portanto quem fomos, mas atravessá-lo.[6]

Na vertente prática, diversas teorias construíram a nossa forma de reabilitar, entre estudos de conservação e restauro. John Ruskin, crítico de arte, e Viollet-le-Duc, arquitecto, são dos principais impulsionadores. O primeiro, ligado à memória, fala do valor inerente à Arquitectura como conservadora do laço que temos com o passado, ao qual devemos a nossa identidade. Assim, pede por respeito, devoção e moralidade, não havendo o direito a tocar os monumentos.[7] O segundo, num discurso intervencionista, é impulsionador do restauro através de um estudo e investigação do lugar e da obra, baseado em suposições.[8] Da dicotomia entre os dois surge Camillo Boito, arquitecto e historiador, que impulsiona o paradigma que actualmente seguimos - o respeito com a liberdade de intervenção na procura do útil. É entre o permanente e o desnecessário que a reabilitação com a memória deve achar o seu equilíbrio, possibilitando novos acontecimentos e compreendendo o que já existiu. A reabilitação é hoje olhada como *"uma actividade de enorme relevância, já que a história dos povos e das suas cidades pode ser contada, de modo inigualável, precisamente através da história de muitas construções anónimas que valem pelo seu conjunto e pela sua inserção urbana, ajudando a definir o que pode chamar-se o espírito do lugar."*[9] Como metodologia são então as Cartas e os Postulados as principais doutrinas e guias, fundamentando-nos na Carta de Atenas de 1931, a Carta de Veneza de 1964, a Carta de Washington de 1987 e a Carta de Cracóvia de 2000.

Por último, na tipologia de Mercado, espaço onde se irá desenvolver a parte prática do Projecto, toma-se como principais bibliografias os historiadores Lewis Mumford, Nikolaus Pevsner e Sigfried Giedion por explicitarem a tipologia historicamente e o seu papel enquanto espaço físico na cidade. O Mercado é tão antigo quanto a cidade, dado o aparecimento das trocas

6 Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, Lisboa, Edições 70, 1999, pp.221-225
7 John Ruskin, *The Seven Lamps of Architecture*, New York, John Wiley, 1849, pp.147-148
8 M. Christine Boyer, *The City of Collective Memory,* Massachusetts, The MIT Press, 1994, p.185
9 João Appleton, *Reabilitação Urbana e Tecnologias de Intervenção* in "Arquitectura Ibérica", Casal de Cambra, Caleidoscópio, nº19, 2007, p.4

de bens e actividades comerciais, mas só conhece o apogeu da sua construção no século XIX, aquando a Revolução Industrial faz explodir o mundo capitalista, e surgem os novos hangares industriais. Nos tempos actuais, o centro comercial torna-se uma preocupação, retirando a importância central ao mercado na cidade, levando ao esquecimento e demolição de alguns. Como resposta, surge uma nova reabilitação programática, para os re-inserir no quotidiano da cidade, transformando-os em Food Halls e espaços culturais e de lazer, por vezes recaindo no cenário turístico e perdendo o seu valor popular e tradicional. Mas os dias de hoje parecem-nos mostrar um leve reverter da situação. Baseado em novos estilos de vida e preocupações com a qualidade de produtos, alguns grupos retornam ao Mercado ou procuram novas Feiras Alternativas e Biológicas.

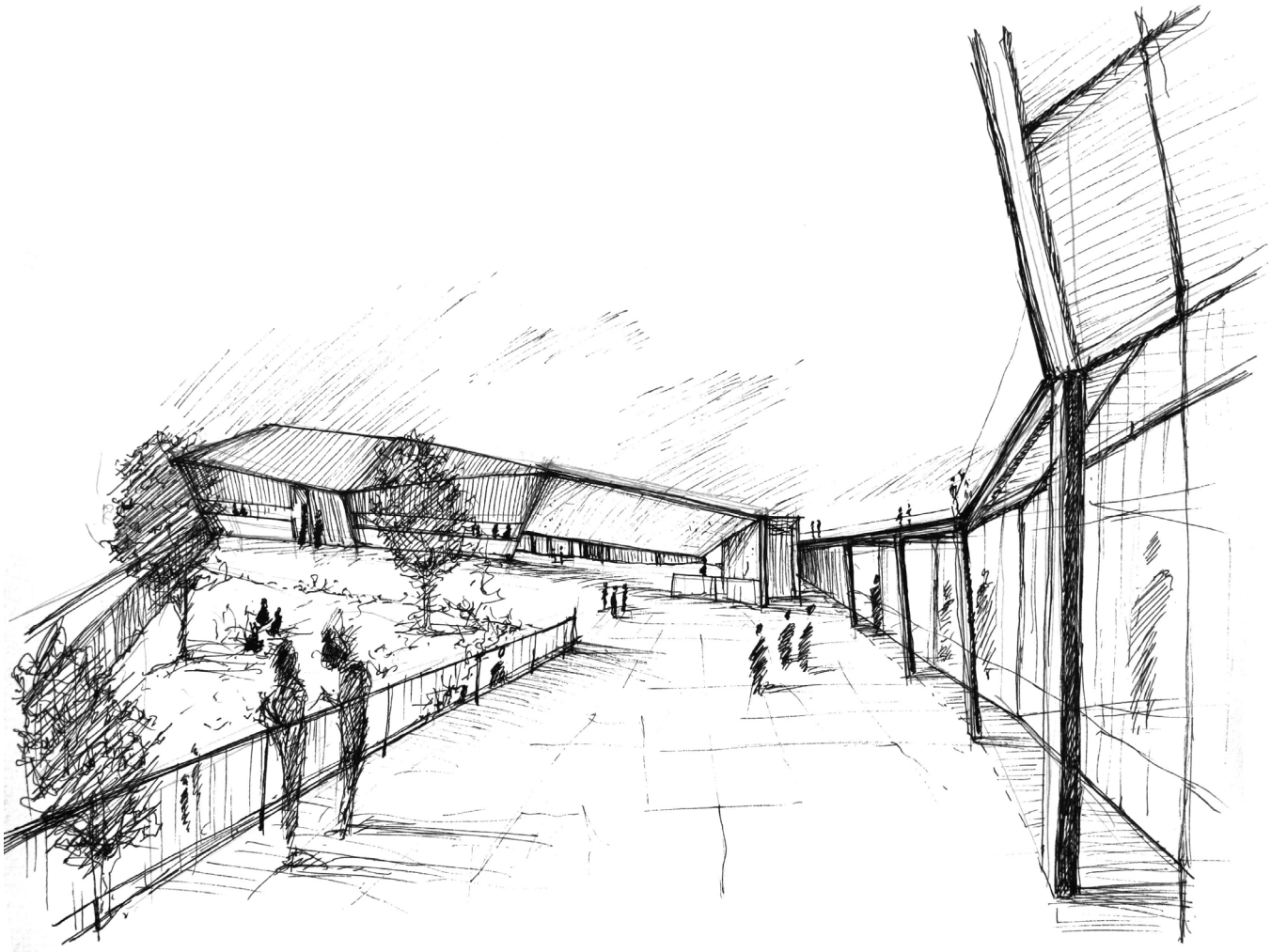


Fig.1 Proposta exterior, Mercado do Rato

"De que modo existem pois esses dois tempos, o passado e o futuro, uma vez que por um lado, o passado, já não existe, por outro, o futuro ainda não existe? [...] anda que se narrem, como verdadeiras, coisas do passado, o que se vai buscar à memória não são as próprias coisas que já passaram, mas as palavras concebidas a partir de imagens de tais coisas, que, ao passarem pelos sentidos, gravaram na alma como uma espécie de pegada. [...] existem na minha alma estas três espécies de tempo e não as vejo em outro lugar: memória presente respeitante às coisas passadas, visão presente, respeitante às coisas presentes, expectação presente, respeitante às coisas futuras."

Santo Agostinho, Confissões, Livro XI, Lisboa, INCM, 2000, capítulos 17,23, 26

Capítulo II Enquadramento Teórico

2.1 Memória(s)

A Memória é o conceito lapidar que irá circundar toda a reabilitação do Mercado do Rato. Querendo responder à Arquitectura, espaço artificial feito pelo e para o Homem, é das disciplinas sociais que se irá partir. Entre a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e a Filosofia, a Memória é estudada para a resposta da Arquitectura ser próxima à essência humana e, portanto, gerar um espaço socialmente ponderado.

Podemos descrever a memória enquanto entidade que nos define - *"Nossa experiência do presente depende em grande medida do nosso conhecimento do passado."*[10] - e nos mantém vivos - *"[...] remembrance and the gift of recollection, from which all desire for imperishability springs, need, tangible things to remind them, lest they perish themselves."*[11] Daqui, destaca-se a relação estreita que é mantida entre o Homem e a Memória, seu criador, e o Homem, a Memória e as Entidades que o circundam e a definem. Esta relação com as coisas, faz com que a memória não se refira só a nós, mas muito do que é seu também é herdado destas coisas, alterando-a, articulando-a e construindo-a. A memória tem tanto de natural e espontâneo, quanto de ponderado e alienado. Tanto pode funcionar como acto consciente como inconsciente, havendo uma ligação fenomenológica estreita entre o que é memória e sentimento de identidade. *"[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si."*[12] Por último, a condição de âncora da memória é dada pela lembrança com função primordial no espaço: *"Memories are motionless, and the more securely they are fixed in space, the sounder they are."*[13]

Na disciplina da Arquitectura, o mesmo é pensado, dito com outro vocabulário. John Ruskin fala da relevância da Arquitectura enquanto forma de recordar.[14] Kevin Lynch fala que cada cidadão tem associações de partes da cidade e das suas imagens enraizadas em memórias e significados.[15] Peter Zumthor fala do respeito pela memória que o edifício construído deve ter, pois encontra-se enraizado num passado, e só na sua compreensão é que será aceite no espaço envolvente.[16]

---

10 Paul Connerton, *Como as Sociedades Recordam*, 2ª edição, Oeiras, Celta Editora, 1999, p.2
11 Hannah Arendt, *The Human Condition*, 2ª edição, Chicago, University of Chicago, 1998, p.107
12 Michael Pollak, *Memoria e Identidade Social,* in "Estudos Históricos", Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.204
13 Gaston Bachelard, *The Poetics of Space*, Boston, Beacon Press, 1994, p.9
14 John Ruskin, *The Seven Lamps of Architecture*, New York, John Willey, 1849, p.148
15 Kevin Lynch, *The Image of The City,* Massachusetts, The MIT Press, 1990, p.3
16 Peter Zumthor, *Thinking Architecture*, Basel, Birkhäuser Publishers for Architecture, 1999, p.18

O interesse sobre o estudo da Memória tem tomado grande expansão, diferenciando-se fortemente da História. Como marcos evolutivos apontam-se o desenvolvimento do efémero, pelo medo da perda da identidade, resultado da Revolução Industrial. O surgir da Imprensa, com a reprodução da escrita, criando o documento, mais poderoso a guardar a memória que a oralidade. O Romantismo, como novo movimento arquitectónico, e espiritual, que torna a memória em nostalgia, com o culto da ruína. A II Guerra Mundial, com a crise das identidades nacionais, a reconstrução de monumentos destruídos e o culto aos mortos. Por último, o aparecimento da Fotografia que veio revolucionar o armazenamento da memória, vista como uma forma de monumento adaptada ao individualismo da modernidade.

No momento presente, tenta-se evoluir a memória da dormência em que foi posta e associá-la com o presente - lugar onde ela realmente pertence. *"If the Romantics thought that memory bound us in some deep sense to times past, with melancholia being one of its liminal manifestations, then today we rather think of memory as a mode of re-presentation and as belonging ever more to the present. After all, the act of remembering is always in and of the present, while its referent is of the past and thus absent."*[17]

2.1.1 Memória e História

"A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenómeno sempre actual, um elo vivo no eterno presente; a história, um representação do passado. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objecto. A história só liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas."[18]

Para uma reabilitação no presente, portadora e qualificadora de memória, aberta à evolução temporal, temos que traçar claramente a linha que divide Memória e História. Apesar de múltiplas associações que possam ser feitas, os termos são opostos. A História é uma compilação de eventos ocorridos no passado, problemática e incompleta pois trabalha só o que já não existe. Diz-se existir só uma, a universal do género humano, onde se concentram todos os factos. É entendida como um processo interessado, político e manipulador. É método analítico, impessoal, universal e disciplinar. Esta encontra-se fora do grupo, pertencendo a todos e a ninguém. Preocupa-se essencialmente com associações de retenção de memórias formadas por parecença e contiguidade. Já a Memória apresenta limites irregulares, incertos, onde o presente não se opõe ao passado, mas são a mesma continuidade. É natural, espontânea, desinteressada mas selectiva, guardando só o que lhe possa ser suficiente para criar um elo entre

17 Andreas Huyssen, *Present Pasts, Urban Palimpsest and Politics of Memory,* California, Stanford University Press, 2003, p.3
18 Pierre Nora, *Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares,* in "Projeto História", São Paulo, nº10, 1993, p.9

os tempos. Encontra-se dentro do grupo, num limite de espaço e tempo, querendo neste caso dizer que não é pelas memórias serem semelhantes que as evocamos, mas antes por pertencerem ao mesmo grupo.[19] É do plano pessoal, afectivo e emocional. É portanto colectiva, plural e, ainda assim, individual.[20]

Em suma, a principal característica que diferencia História e Memória é a involuntariedade da segunda, que não permite controlo nem apropriação. Ao pertencer à corrente contínua da vida activa e do grupo, criam-se memórias variadas e dispersas, efémeras, que têm maior capacidade de responder do que registar.[21] Igualmente, ao pertencer ao presente, é um mecanismo tanto de acumulação como de filtragem, através do esquecimento, portanto oposto à História que simplesmente acumula e relaciona.[22] Encontra-se em constante evolução, inconsciente das suas deformações e portanto vulnerável.[23] Assim, é com esta que a cidade se constrói, naturalmente, com a sua cultura e lugares.

O interesse e valor em reabilitar com a memória prende-se essencialmente com a sua ligação ao presente, enquanto a História só existe quando as memórias se encerram num passado, se desconectam do quotidiano. Com a Memória, é possível na Arquitectura gerarmos espaço que aceite a mudança. A memória é fluída, alterável, alimentando-se por adição de novas recordações, de diferentes tempos e lugares. Halbwachs acredita que esta se esgota à medida que os membros individuais de um grupo desaparecem ou se isolam mas, apesar disso, esta não cessa de se transformar e o próprio grupo continua sempre em alteração, conforme novos elementos e novas memórias se vão criando.[24] Ao dizer que a memória é do presente, o lugar a reabilitar, também ele, torna-se susceptível à mudança, onde se aceitam todos os tempos. Nele podem viver as memórias colectivas do passado, ainda presentes na memória de alguns dos seus utilizadores, e as novas memórias colectivas, que nascem cada dia pelos diferentes grupos que passam, permanecem e levam aquele lugar nas suas recordações. Cabem infinitas memórias que, misturadas, criam outras, numa fusão de identidades.

Por último, da dicotomia entre História e Memória, é relevante chamar a atenção sobre a criação do mito, do ritual, da performance. O ritual e a performance são actos estilizados, repetitivos, com o objectivo de impregnar o comportamento e a mentalidade das pessoas, conferindo valor e sentido a quem o executa.[25] Podemos apontar como exemplo as cerimónias

19 Sobre Halbwachs. Paul Connerton, *Como as Sociedades Recordam*, 2ª edição, Oeiras, Celta Editora, 1999, p.41
20 Pierre Nora, *Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares*, in "Projeto História", São Paulo, nº10, 1993, p.9
21 M. Christine Boyer, *The City of Collective Memory,* Massachusetts, The MIT Press, 1994, p.67
22 Marc Augé, *Las Formas del Olvido*, Barcelona, Editorial Gedisa, 1998, p.11
23 Pierre Nora, *Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares*, in "Projeto História", São Paulo, nº10, 1993, p.8
24 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990, p.84
25 Paul Connerton, *Como as Sociedades Recordam*, 2ª edição, Oeiras, Celta Editora, 1999, pp.50-51

comemorativas, pelo seu formalismo e performatividade, em que a conservação do passado é criado alegoricamente pela memória habitual sedimentada no corpo e no gesto. Boyer fala da História como memórias unificadas, que conectam tempos e lugares diferentes. A indefinição que surge do tempo e lugar histórico faz com que o passado reapareça como um teatro, preservando a voz do espectador por imagens.[26] Existe uma divisão entre o que é tempo real e tempo mítico, de onde se geram monumentos baseados em mitos e propagandas, fazendo da memória uma obsessão de tudo mitificar e valorizar, recriando história.[27] Assim, o ritual e a performance são criações históricas, ensaiadas e voluntárias e não da memória. Delas surgem as falsas identidades, ou as construções ponderadas de identidade. Constrói-se um sentido de comunidade, cultura e nação falacioso, novos artefactos surgem artificialmente na forma Monumentos. As memórias do passado usam-se como representação, onde o véu entre o passado e o presente torna-se frágil, principalmente quando o passado é transformado numa cultura de consumo cultural.[28]

O perigo de criar com a História prende-se exactamente com isto, os historicismos. Ao criar com a Memória, elemento vivo, o resultado é diferente. Através da interpretação o que até agora aconteceu, cria algo novo de respeito ao grupo antigo mas que deixa o novo habitar. O Monumento Social que não propagandeia, mas reconhece. O objecto não fica estático no passado, deixa a memória flutuar nas pessoas, para que estas continuem a sua construção. Quer-se acentuar as funções positivas da memória, portanto um reforço na coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, a "comunidade afectiva".[29] Assim, não se pretende uma estrutura museológica, mas um espaço pronto para receber o futuro e a vivência quotidiana.

2.1.2 Memória Colectiva

Até aqui, definimos a Memória num âmbito geral. Mas, do estudo de diversos autores, a memória é interpretada e definida de diversas formas, sendo a principal a divisão entre individual e colectiva.

A Memória Individual é analisada a partir da pessoa, relacionando-se com a percepção, a forma de cada um recordar, as imagens que ficam e como cada um apreende os acontecimentos e elementos exteriores. Henri Bergson foi um dos seus principais investigadores. *"[...] a memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um*

26 M. Christine Boyer, *The City of Collective Memory*, Massachusetts, The MIT Press, 1994, p.67
27 Andreas Huyssen, *Present Pasts, Urban Palimpsest and Politics of Memory,* California, Stanford University Press, 2003, pp.15-16
28 *Idem*, p.10
29 Michael Pollak, *Memoria, Esquecimento, Silêncio*, in "Estudos Históricos", Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989, p.3

fundo de percepção imediata, e também enquanto ela contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjectivo de nosso conhecimento das coisas."[30] O autor fala essencialmente das relações entre alma e corpo e assume a realidade como ondulante, onde flutuamos e temos de encontrar a nossa posição e direcção. *"Colocado entre a matéria que influi sobre ele e a matéria sobre a qual ele influi, o meu corpo é um centro de ação, o lugar onde as impressões recebidas escolhem inteligentemente o seu caminho para se transformarem em movimentos efetuados."*[31] Este tipo de investigação, acaba por ser relevante em estudos da Psicologia, mas de menor relevância para a Arquitectura.

Já a Memória Colectiva, relaciona-se directamente com o grupo e as influências exteriores. É do campo da Sociologia, sendo essencial à Arquitectura. Halbwachs foi quem iniciou o tema. A sua teoria é baseada na experiência viva, argumentando que a memória tem que estar conectada com experiências vividas. *"O que rompe a continuidade da minha vida consciente e individual, é a acção que exerce sobre mim, de fora, uma outra consciência, que me impõe uma representação à qual ela está presa. É uma pessoa que cruza meu caminho, e me obriga a reparar em sua presença. Mas, em todo o caso, os objectos materiais se impõem também de fora à minha percepção."*[32] Halbwachs, mesmo quando tenta provar a existência de memória individual, verifica que esta é sempre social, portanto colectiva. *"Diríamos voluntariamente que cada memória indiviual é um ponto de vista sobre a memória colectiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com os outros [...] Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social."*[33] Desta forma, define a Memória Colectiva como única forma de existirmos, reconhecendo que nunca estamos sós, pois todas as lembranças são-nos recordados por alguém, ou sobre alguém, ou têm sempre um alguém associado, mesmo que não seja fisicamente. *"[...] nossas lembranças permanecem colectivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos dos quais só nós estivemos envolvidos, e com objectos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós."*[34]

Enfatiza-se portanto que as memórias são sempre enquadradas num contexto social, não sendo só um somatório de memórias individuais, independentes desse contexto. Na vertente individual da memória podemos dizer que elas nunca existem fora do indivíduo, já que são sua construção e posse, mas essa construção nunca é somente feita por si, pelo Homem. Enquanto Bergson se foca na individualidade da percepção, corpo e alma, Halbwachs diz que

30 Henri Bergson, *Matéria e Memória, Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*, 2ª edição, São Paulo, Martins Fontes, 1999, p.31
31 *Idem*, p.162
32 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva,* São Paulo, Edições Vértice, 1990, p.97
33 *Idem*, p.51
34 *Idem*, p.26

a memória nunca é assim tão subjectiva, individualista e baseada em fluxos e percepções. A percepção é construída pelo Homem, mas torna-se colectiva pelos estímulos exteriores que a activam, sempre misturados com imagens e pensamentos que nos prendem a outras pessoas e grupos. É um trabalho colaborativo entre nós e os outros.[35]

Outros autores formalizam também uma opinião sobre a memória colectiva. Michael Pollak define a memória como um fenómeno colectivo social ou seja, um fenómeno submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes, ao ser humano.[36] Paul Connerton fala da memória como um mapa mental, partilhado colectivamente, que cria recordações diferentes para cada pessoa ou cultura.[37] Na Arquitectura, Aldo Rossi diz-nos que *"[...] a memória colectiva se torna a própria transformação do espaço, a cargo da colectividade."*[38]

2.2 Identidade(s)

O tema da memória individual ultrapassa os objectivos da investigação mas o Homem, enquanto Individual, interessa-nos pelo seu valor e identidade única. Assim, preocupamo-nos com o estudo dele para que possamos alcançar a sua identificação enquanto sujeito com o colectivo do qual faz parte ou com o qual partilha um passado, uma história ou uma identidade comum. Falamos assim de Memória Colectiva e Identidade Individual.

Foi indirectamente apresentada a definição de identidade humana, quando Halbwachs fala do grupo, mas diz que cada indivíduo tem a sua identidade, na medida em que recorda e cria a sua própria memória a partir do lugar que ocupa e das relações que tem com o meio ou quando fala a cerca do grau de integração no tecido das relações sociais. Outro ponto fundamental, na definição da identidade, é a comunicação. Um indivíduo só se define, realmente, como social quanto mais comunicar as suas memórias, correndo o risco de estas se apagarem ou desfragmentarem. Só conhecemos a verdadeira existência de algo se a partilharmos socialmente. Assim, pode-se dizer que a vida humana só é possível ao vivermos juntos e na constante presença de outrem.[39] Falamos assim de colectivo de identidades, enquadrados num contexto social em que o individuo não está sozinho, e as memórias estão nele. *"Memória é o elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual quanto colectiva."*[40]

---

35 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990, p.38
36 Michael Pollak, *Memoria e Identidade Social*, in "Estudos Históricos", Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.201
37 Paul Connerton, *Como as Sociedades Recordam*, 2ª edição, Oeiras, Celta Editora, 1999, p.32
38 Aldo Rossi, *Arquitetura da Cidade*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, p.198
39 *"No human life [...] is possible without a world which directly or indirectly testifies to the presence of other human beings. All human activities are conditioned by the fact that men live together. [...] only action is entirely dependent upon the constant presence of others."* Hannah Arendt, *The Human Condition*, 2ª edição, Chicago, University of Chicago, 1998, pp. 22-23
40 Michael Pollak, *Memoria e Identidade Social*, in "Estudos Históricos", Rio de Janeiro, vol.5, nº10, 1992, p.204 e *"[...] indivíduos e sociedades não podem preservar e desenvolver a sua identidade senão na duração e através da memória."* Françoise Choay, A Alegoria do Património, Lisboa, Edições 70, 1999, p.95

Além da influência do colectivo sobre o sujeito, para definição e caracterização de sua identidade, também os objectos que o rodeiam têm um papel fundamental. Heidegger, quando fala do Homem na medida em que habita,[41] fala enquanto forma de estabelecer relações com os outros e com as coisas, na medida que em si mesmo está agarrado ao real, envolvido nele, portanto construindo um exterior que se assimila a si e que se relembra a si próprio. Tornam-se os objectos depósitos de identidade. Hannah Arendt diz-nos *"[...] the things of the world have the function of stabiling human life [...] men, their ever-changing nature notwithstanding, can retrieve their sameness, that is, their identity, by being related to the same chair and the same table."*[42] Halbwachs defende o mesmo, relacionando o equilíbrio mental aos objectos que nos rodeiam pouco mudarem, criando imagens diárias de permanência e estabilidade.[43]

Finalizando, o problema que vivemos actualmente, e que a Arquitectura tem que mais activamente procurar responder, são as conexões entre pessoas. Entender que não somos uma massa de individuais que caminham nas suas próprias direcções, mas que o encontro e a relação entre todos é fundamental para o harmonioso funcionamento da cidade.[44] Este vício que actualmente vivemos em torno da memória, em parte vive neste sonho, de nos voltarmos a encontrar, como nos encontrávamos todos os dias na cidade do passado. Olhamos para a cidade enquanto "lugar de memória",[45] com a ânsia de que essa memória seja parte do nosso quotidiano novamente. Procuramos a sedimentação e a conservação da identidade, pertencente a um determinado meio social - a estabilização da identidade do Ser. Assim, a cidade tem que oferecer o tempo e as estruturas necessárias, no local certo para tais encontros naturais. É isso que procuramos oferecer.

2.2.1 Identidade do Lugar

Sendo esta uma análise sobre a memória, não poderia passar ao lado a identidade própria dos lugares. Das relações anteriormente faladas - identidade do sujeito, relação deste com a cidade - conclui-se que também a cidade é portadora de identidade. Defende-se a unidade entre Homem, Memória e Lugar.

É a atribuição de Memória que torna o espaço imprescindível. Dá-lhe significado, tornando-o em Lugar, diferente de Espaço. Espaço é apenas a organização tridimensional de elementos, enquanto a definição do Lugar é mais complexa. Halbwachs apresenta-nos a ideia

41 Martin Heidegger, *Poetry, Language, Thought,* New York, Harper Perennial Modern Classics, 1971, p.149
42 Hannah Arendt, *The Human Condition*, 2ª edição, Chicago, University of Chicago, 1998, p.137
43 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990, p.131
44 *"What makes mass society so difficult to bear is not the number of people involved, or at least not primarily, but the fact that the world between them has lost its power to gather them together, to relate and to separate them."* Hannah Arendt, *The Human Condition*, 2ª edição, Chicago, University of Chicago, 1998, pp.52-53
45 Aldo Rossi, *Arquitetura da Cidade,* São Paulo, Martins Fontes, 2001, p.198

"[...] imagens espaciais desempenham um papel na memória colectiva. O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras. [...] o lugar recebeu a marca do grupo, e vice versa. Então, todas as acções do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos."[46] Assim, o espaço não pertence só a um domínio físico e espacial, mas também cognitivo, sentimental e psíquico. O Lugar é apreensão do espaço, por um processo de memórias, das suas individualidades e subjectividades. Pierre Nora, com o seu conceito de "lieu de mémoire", caracteriza perfeitamente esta noção de Lugar, usando a imagem da cidade como fundo na nossa imaginação. Para ele, enquanto estátuas e monumentos devem o seu significado à sua intrínseca existência, podendo ponderar-se a sua re-localização, o mesmo não é visto com conjuntos construídos ao longo do tempo, ao qual o seu significado, e identidade, é mais profundo, construído sobre a complexa relação dos seus elementos. *"Memory attaches itself to sites, whereas history attaches itself to events."*[47] Norberg-Schulz define também o lugar através do Genius Loci, Espírito do Lugar,[48] tendo esse a capacidade de preservar a sua identidade ao longo do tempo e aceitar novos conteúdos, dentro dos seus limites. A mudança do lugar não faz com que o Genius Loci mude ou deixe de existir. O novo e o antigo co-habitam no lugar, através da interpretação e respeito ao seu espírito. Esta abertura que o lugar mostra ter à evolução e construção, acaba por também o definir como nunca terminados, mas sempre em desenvolvimento - tornando-se.

O lugar é mais que uma localização concreta. É feito de coisas concretas como a sua matéria, forma, textura e cor, mas é o seu carácter distinto que o torna lugar. Schulz fala de essência do lugar, de carácter e atmosferas, de espaço existencial. *"The existential purpose of building [architecture] is therefore to make a site become a place, that is, to uncover the meanings potentially present in the given environment."*[49] Da relação do Homem e do Espaço, Dulce Loução partilha a opinião, sendo necessária e significativa a relação entre o Eu e um contexto, através de um acto de identificação, portanto de pertença a um dado lugar, de apropriação, que corresponde à descoberta da humanidade. *"A vida humana define-se, assim, pela unidade indissolúvel da vida e do lugar, e esta poderia ser uma primeira definição de Arquitectura."*[50]

Da Dimensão Existencial surge a estrutura do nosso "Estar no Mundo". Este conceito

---

46 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990, p.133
47 Pierre Nora, *Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares,* in "Projeto História", São Paulo, nº10, 1993, p.22
48 *"According to ancient Roman belief every "independent" being has its genius, its guardian spirit. This spirit gives life to people and places, accompanies them from birth to death, and determines their character or essence [...] The genius thus denotes what a thing is, or what it "wants to be", to use a word of Louis Kahn."* Christian Norberg-Schulz, *Genius Loci, Towards a Phenomenlogy of Architecture*, New York, Rizzoli, 1980, p.18
49 *Idem*, p.18
50 Maria Dulce Loução, *Paisagens Interiores, para um Projecto em Arquitectura*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2013, pp.27-28

advém de Heidegger e da sua definição de Habitar, que vai além da casa. Fala-nos de qualquer espaço onde nos sentimos abrigados, seguros.[51] Schulz, inspirado por estas imagens, define habitar em *"Man dwells when he can orientate himself within and identify himself with an environment, or, in short, when he experiences the environment as meaningful."*[52] Podemos dizer que habitar ocorre em espaços de carácter distinto, lugares existencialmente identificativos. A forma como o Homem habita, vem comprovar a ideia anterior da relação directa entre identidade humana e pertença a um Lugar, *"To say that mortals are is to say that in dwelling they persist through spaces by virtue of their stay among things and locations."*[53]

Numa conexão os capítulos anteriores, propõe-se uma relação directa entre a memória e a identidade humana, visível e justificada na Arquitectura. Conecta-se Memória Colectiva, Ser Humano Social, Identidade e Lugar. Entendemos desta forma que o acto de fazer Arquitectura é construir sobre um construído, não existindo terrenos virgens, nem uma cultura humana por desenvolver. Advém sempre de algo, uma identidade inicial. O construído é tanto o lugar em transformação como a própria cultural arquitectónica universal.[54] Estas noções de memória e identificação, começam a tomar elevada relevância na Reabilitação. Reconhece-se e formaliza-se a necessidade da sua ponderação no acto de reabilitar aquando o surgir, em 2000, da Carta de Cracóvia, sobre os Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído, onde se introduz ao conceito de Património a paisagem e o intangível, exigindo-se o respeito nestes conceitos, numa significação cultural e, portanto de identidade.[55]

2.3 Tempo e Monumento

Para a correcta compreensão da memória precisamos sempre da noção de Tempo, um conceito criado pelo Homem e do qual, sem este, ou a passagem deste, a memória não existia. Quando se fala de memória e passagem de tempo, não só se menciona o que é retido, mas também o que é esquecido; um correcto funcionamento da memória exige igualmente o esquecimento.[56] Halbwachs ultrapassa a definição de tempo como um *"meio privilegiado e estável onde se desdobram todos os fenómenos humanos"*[57] para acreditar que *"não existe um tempo*

51 Habitar é *"[...] to remain, to stay in a place. [...] I dwell, you dwell. The way in which you are and I am, the manner in which we humans are on the earth, is "Buan", dwelling. To be a human being means to be on the earth as a mortal. It means to dwell."* Martin Heidegger, *Poetry, Language, Thought,* New York, Harper Perennial Modern Classics, 1971, pp.144-146
52 Christian Norberg-Schulz, *Genius Loci, Towards a Phenomenlogy of Architecture*, New York, Rizzoli, 1980, p.5
53 Martin Heidegger, *Poetry, Language, Thought*, New York, Harper Perennial Modern Classics, 1971, p.155
54 *"This quality in buildings and in towns cannot be made, but only generated, indirectly, by the ordinary actions of the people, just as a flower cannot be made, but only generated from the seed."* Christopher Alexander, *The Timeless Way of Building*, New York, Oxford University Press, 1979, p.157
55 Pedro Vaz (Coord.), *Built Heritage, Management and Conservation in Use,* Cascais, Museu da Presidência da República, 2015, p.19
56 Marc Augé, *Las Formas del Olvido*, Barcelona, Editorial Gedisa, 1998, p.45
57 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990, p.13

universal e único, mas a sociedade se decompõe em uma multiplicidade de grupos, nos quais cada um tem a sua duração própria. [...] Os acontecimentos se sucedem no tempo, mas o tempo em si é um quadro móvel."[58] Fala assim que a consciência do tempo é um somatório de tempos e experiências, vividas por diferentes entidades.

Para existir Tempo, tem que existir Espaço e, a sua leitura física, é feita através do existente, do real. Assim, contextualizado na Arquitectura, compreende-se o edifício enquanto testemunho temporal. Daqui surge o Património e o Monumento.

O Património, num âmbito geral, pode ser definido como o elemento indispensável, que dá e prolonga a vida a uma identidade cultural comum, necessário para a permanência da autonomia de lugares através do tempo. É assim um símbolo dos valores identitários de uma sociedade, sendo um documento único da memória e história, construindo a nossa cultura pela acumulação de atitudes, comportamentos e valores implícitos e criados ao longo do tempo. Actualmente, o Património não se limita ao material mas estende-se ao imaterial, intangível. Vai além de edifícios e elementos físicos e englobam-se símbolos e tradições que caracterizem uma cultura.

Sobre o Monumento, etimologicamente a palavra advém de Monumentum, Monere, que significa advertir, recordar, portanto recordar o passado, preservar identidade.[59] São construções feitas pelo Homem que procuram garantir a permanência deste na terra e a sua memória, combatendo a acção do tempo,[60] são para a posteridade de algo ou de alguém. Aldo Rossi fala-nos do monumento como obra de arte, com valor mais forte que o ambiente e que a própria memória, caracterizador da imagem da cidade em que a força destes, enquanto permanência, fazem a união entre o passado e o futuro.[61] Já o Monumento Histórico, conceito criado por Alöis Riegl, relaciona-se com edifícios criados inicialmente com outros propósitos mas que posteriormente acabam por receber o estatuto de monumento pelo seu valor histórico ou de antiguidade. Assim, qualquer edifício pode tornar-se parte integrante do Património, ao ser portador de um significado na relação que tem com a sociedade e a época. O anónimo ganha valor. Incluem-se no conceito as ruínas, caracterizadas pelo seu valor de idade e contemplação, uma invenção do século XIX.[62]

As ruínas são símbolos de perda e decadência, um lamento pelo passado, numa sociedade nova afastada da sua história, com o surgir da Revolução Industrial, da Era Moderna, das

58 Maurice Halbwachs, *A Memória Coletiva*, São Paulo, Edições Vértice, 1990, p.127
59 Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, Lisboa, Edições 70, 1999, p.16
60 Alöis Riegl, *El Culto Moderno de los Monumentos*, Madrid, La Balsa de la Medusa, 1987,p.23
61 Aldo Rossi, *Arquitetura da Cidade*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, p.124, p.200
62 Françoise Choay, *A Alegoria do Património,* Lisboa, Edições 70, 1999, p.22 e M. Christine Boyer, The City of Collective Memory, Massachusetts, The MIT Press, 1994, pp. 143-144

crises de políticas e de urbanização e do crescimento da sociedade de consumo.[63] Nesta visão decadente sobre o mundo surge John Ruskin, defendendo a glória e a memória dos edifícios do passado em que o seu real valor está na idade, considerando a Arquitectura um marco essencial de leitura da história e um instrumento de estabilidade social. Afirma *"We may live without her [architecture], and worship without her, but we cannot remember without her. How cold is all history how lifeless all imagery, compared to that which the living nation writes, and uncorrupted marble bears!"*[64]

A preocupação com a leitura do tempo na obra começa a surgir com Mérimée (1842), onde se procura a qualidade em todos os estilos, tudo o que revela interesse histórico tem mérito e pede atenção.[65] Mas o valor e a marca do tempo vai além da matéria, do visível. Aldo Rossi alerta igualmente para valores espirituais. *"[...] deveríamos falar da ideia que temos desse edifício, da memória mais geral desse edifício enquanto produto da colectividade e da relação que temos com a colectividade através dele."*[66] O que deve guiar a intervenção é um juízo crítico de valor. Na Carta de Veneza (1964) aparece esta ideia em que o julgamento de valor não deve depender só do autor do projecto, mas ser sustentado igualmente por conhecimento técnico, humanístico, histórico, estético e filosófico - daí a importância da memória e o respeito a esta, num intervenção de reabilitação.

Associado à memória, ao tempo e ao edifício valorizado, introduzimos a reabilitação e como reabilitar. O termo Reabilitação surge por volta de 1963 com a possibilidade de adaptar estruturas internas de edifícios antigos às necessidade e exigências de uso contemporâneo portanto, utilidade e conforto.[67] A história da Reabilitação tem um longo percurso, entre Cartas, Postulados e diferentes Autores. Os principais autores são John Ruskin - num discurso anti-intervencionista - e Viollet le Duc - num discurso intervencionista -, de onde surge Camillo Boito, articulador de ambos os lados criador de uma teoria, materializada na Primeira Carta de Restauro Italiana, de 1883. Posteriormente iremos aprofundar as diversas Cartas.

2.4 Memória e Reabilitação

Dentro da memória, iremos aprofundar o seu último ponto, a musealização dos objectos arquitectónicos. Musealização é um termo que surge com mudança de sensibilidade sobre o tempo. Herman Lübbe - filósofo alemão do início de 1980 - falou que o termo, anteriormente

63 M. Christine Boyer, *The City of Collective Memory*, Massachusetts, The MIT Press, 1994, pp.269-270
64 John Ruskin, *The Seven Lamps of Architecture*, New York, John Wiley, 1849, p.147
65 Pedro Vaz (coord.), *Built Heritage, Management and Conservation in Use*, Cascais, Museu da Presidência da República, 2015, p.43
66 Aldo Rossi, *Arquitetura da Cidade,* São Paulo, Martins Fontes, 2001, p.16
67 Pedro Vaz (coord.), *Built Heritage, Management and Conservation in Use*, Cascais, Museu da Presidência da República, 2015, p.77

ligado ao Museu, se tinha infiltrado na vida quotidiana, tornando-se num historicismo alargado na cultura contemporânea, onde a sociedade nunca se tinha encontrado tão obcecada com o passado. Tal aconteceu pelo encurtamento do valor de presente, resultado da velocidade de crescimento da tecnologia, ciência e cultura, com as suas inovações e produção em massa. A Musealização cresceu neste paradigma de circulação acelerada de imagens, espectáculos e eventos, com o perigo de perder a estabilidade cultural. É esta velocidade de um futuro global que nos cria o desejo de abrandar, olhando então para a memória como procura de conforto.[68] Os objectos museológicos foram chamados por Theodor W. Adorno de *"Museumlike"*, descritos como objectos com o quais o observador já não mantém uma relação vital e que se encontram em processo de morte. A sua preservação encontra-se mais ligado a um respeito histórico do que a uma necessidade presente.[69]

A Musealização materializa-se num culto massivo ao Museu, à sua criação e num comércio nostálgico do passado.[70] Na Arquitectura, revela-se na aparência dos centros históricos, nos parque temáticos de estilos de vida, nas cidades-museus e paisagens conservadas numa herança de património, imagens de uma cultura em vias de extinção. Boyer, comparando os artefactos museológicos com as cidades museificadas diz-nos *"Ripping fragments of buildings or artifacts from their original contexts and then collecting and preserving them in nineteenth-century museums is not that distinct an act from attempts to transform our present-day cities into oudoor museums whose architectural streetscapes and spatial stratas become privileged landscapes to explore in pleasure or dismay."*[71] Isto transforma a cidade num símbolo de prazer, não permitindo a sua evolução e vivência quotidiana, acentuado posteriormente por questões de turismo, marketing e globalização, numa mostra de individualidade.

Walter Benjamin, durante a crise do século XIX, onde a memória começa a assimilar-se ao gesto historicista, fala-nos de uma memória contrária que floresce naturalmente da tradição, que deve funcionar como uma epifania em momentos efémeros de crise, que procura exibir um tempo particular do mundo, mas que guia para o futuro. A empatia não deveria estar no historicismo, mas num balanço entre o que é passado e o presente.[72] Este é o iniciar de uma posição anti-historicista e anti-museológica, de regeneração de futuro. Na actualidade, Françoise Choay é das principais autoras a alertar para o culto da musealização. Na sua análise final alerta para a necessidade da reabilitação sair da ficção narcísica em que se inseriu.

68 Andreas Huyssen, *Present Pasts, Urban Palimpsest and Politics of Memory*, California, Stanford University Press, 2003, pp.22-25
69 M. Christine Boyer, *The City of Collective Memory*, Massachusetts, The MIT Press, 1994, pp.200-201
70 Andreas Huyssen, *Present Pasts, Urban Palimpsest and Politics of Memory,* California, Stanford University Press, 2003, p.14
71 M. Christine Boyer, *The City of Collective Memory*, Massachusetts, The MIT Press, 1994, p.131
72 *Idem*, pp.130-131

Esta ficção criou em nós uma autocontemplação passiva e um culto a uma identidade genérica, num refúgio à sociedade contemporânea onde a própria identidade se encontra em causa. Não basta contemplar o espelho do património e ver o que fomos, existe uma necessidade de o ultrapassar numa reconciliação com a nossa competência de edificar.[73] A seu ver, o romper com o passado não significa nem abolir-se a memória nem destruir monumentos, mas conservar ambos num diálogo que assumem e ultrapassam o seu significado histórico original, ao integrar-se numa nova linguagem.[74]

Olhando para a Reabilitação, o campo que investigamos, ambas as atitudes de Ruskin e Viollet-le-Duc podem ser lidas como museológicas. Ruskin não admitia que se tocasse nas obras, pedia o seu respeito e contemplação como peça de arte, o que a deixava na inércia museológica de não ser útil. Viollet-le-Duc, apesar de apoiar a intervenção, esta era cópia ou reconstrução do que antes existia, logo uma posição igualmente museológica em que não se aceita a linguagem do presente ou do futuro, um olhar histórico do passado. Boito introduz assim o cariz anti-museológico, na reunião das duas teorias em que se respeita a obra, mas é necessária a sua intervenção para lhe conceder utilidade e numa linguagem presente, sem falsificações. Assim, concordamos com Ruskin no valor do passado fazer parte do carácter da arquitectura e da necessidade de olhar para a obra como um tesouro, por ser símbolo de uma cultura acumulada. Mas este apoio à preservação das temporalidades, tem ao mesmo tempo um desejo de progresso. Reconhece-se o movimento do tempo e o seu dinamismo e, portanto, percebe-se a necessidade de não poder congelar os artefactos no tempo, mas levá-los connosco para novos tempos.

Na Primeira Carta de Restauro Italiano, 1883, Boito apresenta as suas principais ideias. O monumento antigo como peça de estudo da Arquitectura; os fingimentos conduzirem a leituras erradas; a necessidade das consolidações e adições terem carácter e imagem diferente do monumento, portanto assumir a intervenção e evitar a unidade hegemónica; não prejudicar o valor documental original; a adição como testemunho de novo tempo e uma honestidade na aceitação das adições, excepto quando deturpam a obra.[75] Na Carta de Restauro, 1972, estes postulados são mantidos, reforçando-se a proibição de complementos em estilo analógico ao pré-existente, pela falsificação histórica que se tornam; as adições devem usar sempre material e técnicas diferentes, legíveis em que qualquer execução deve garantir a possibilidade de intervenções futuras e facilitar a manutenção.[76] Esta preocupação do património

73 Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, Lisboa, Edições 70, 1999, pp.218-222
74 *Idem*, p.96
75 Pedro Vaz (coord.), *Built Heritage, Management and Conservation in Use*, Cascais, Museu da Presidência da República, 2015,p. 57
76 Cesare Brandi, *Teoria do Restauro*, Lisboa, Orion, 2006, pp.160-161

e sua visão, não só no tempo passado, mas expandido para o futuro, reforça-se na Carta de Cracóvia, 2000, em que se entende que este não termina na nossa história, mas se mantem vivo depois.[77] A Reabilitação abre-se para o futuro, deixando de lado a Unidade de Estilo que Viollet-le-Duc doutrinava.

Esta visão para o futuro também se preocupa com a utilidade do objecto. A Carta de Atenas, 1931, fala da possibilidade de reutilizar edifícios, portanto atribuir-lhe uma função, mesmo que lhes seja necessário introduzir modificações.[78] Chega-se a um período em que o valor histórico não se quer isolado, mas procura-se antes uma intervenção contemporânea para que a obra tenha utilização quotidiana. *"O adágio nostálgico "como era, onde estava" é uma negação do próprio princípio do restauro, é uma ofensa à história e um ultraje à Estética, ao pôr o tempo reversível e a obra de arte reproduzível à vontade."*[79] Como exemplo, olhando para a cidade histórica, revê-se a sua necessidade de ser conversada, como entidade de valor, mas igualmente de se manter como tecido vivo, falado por Choay.[80] Manter-se um uso, um quotidiano, uma vida. Desta noção, é também de salientar que é com a Carta de Veneza, 1964, que o termo Monumento ganha ambivalência na reabilitação, englobando qualquer criação arquitectónico, até à obra modesta e anónima, por de alguma forma ser testemunho significativo cultural.

Contra a Musealização dos centros históricos, desprovidos de vida real, o património como parque temático e o pressentimento do Turismo, surge a Carta de Washington, 1987. Esta defende a protecção dos tecidos sociais dos bairros históricos e promove um valor real para os autóctones, o desenvolvimento da cidade num futuro sustentado pelo passado. A preservação é feita pela reanimação de estruturas existentes, físicas e sociais, em resposta às exigências da vida contemporânea. Pretende-se uma autenticidade do tecido social, respeitando antes de tudo os residentes desse lugar histórico. Apoia-se em melhores habitações, acessos viários, re-animação de actividade e novas compatíveis com o carácter local.[81]

Numa vertente prática da Arquitectura, esta é a linha que separa a Memória da História, anteriormente falada. Ultrapassa-se a museificação e, antes, quer-se seguir os símbolos pré-existentes, onde as soluções futuras serão melhores e renovadas. Numa visão em que se acredita que a memória colectiva é viva, pode-se portanto acreditar num organismo que cresce, evolui e se desenvolve, com base no passado mas recebendo o presente e preparando-se

77 Pedro Vaz (coord.), *Built Heritage, Management and Conservation in Use,* Cascais, Museu da Presidência da República, 2015, p.19
78 *Idem*, p.79
79 Cesare Brandi, *Teoria do Restauro,* Lisboa, Orion, 2006, p.65
80 Françoise Choay, *A Alegoria do Património*, Lisboa, Edições 70, 1999, p.212 e p.171
81 Pedro Vaz (coord.), *Built Heritage, Management and Conservation in Use,* Cascais, Museu da Presidência da República, 2015,p.19, p.81

para o futuro. Não é somente um símbolo do passado que se procura suster em pé, mas um átrio de vidas em constante mudança. Uma harmonia entre a permanência, estabilizada, e as partes efémeras, numa leitura do que é cada tempo e a sua igual relevância cronológica e emocional. A obra não deve ser então um resíduo de um acontecimento necessário, mas um signo que procura descodificação portanto, procura criadores que melhorem as suas soluções, sempre num respeito ao anterior.

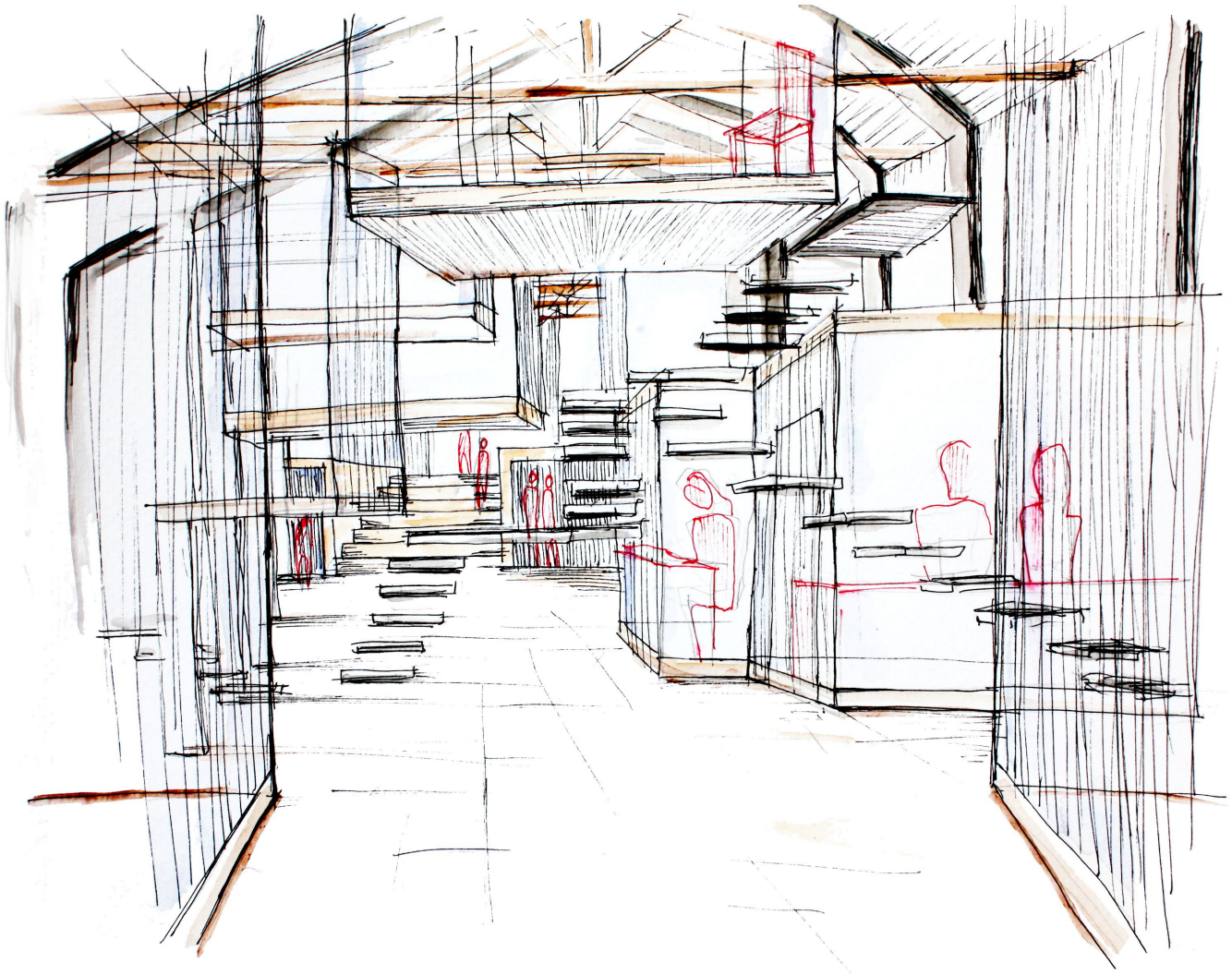


Fig.2 Proposta módulos de trabalho, Mercado do Rato

"You say to yourself, the past is the same as nature. Go into the past, but let the past be past. [...] If the present is not manifest, then the past didn't speak to you. If you try to run after the past, you will never reach that kind of architecture, never reach that kind of construction from another time, another heart."

Sverre Fehn, *The Skin, the Cut and the Bandage, The Pietro Belluschi Lectures,* Massachusetts, MIT Press, 1997, p.10

Capítulo III Casos de Estudo

Como caso de estudo, aprofundaremos uma análise ao Hedmark Museum de Sverre Fehn. Este foi escolha pelas opções interventivas, numa concordância e exemplificação da Memória explícita na Arquitectura. Existe uma compreensão da história e diálogo com a memória, sem esta ficar estanque no tempo. Não é tanto relevante enquanto programa ou semelhanças da pré-existência, mas é uma mais valia na leitura conceptual do caso e nas soluções construtivas utilizadas para o seu conceito se tornar físico na obra. Outros casos serão apontados com relevância programática de espaços multi-funcionais.


Fig.3 Hedmark Museum, localização


Fig.4 Vista exterior e pátio

3.1 Sverre Fehn, Hedmark Museum; Hamar, Noruega

No Hedmark Museum, o desnecessário desaparece e o essencial impregna-se no processo criativo para gerar algo novo. Os tempos compreendem-se, interagem e dialogam nas suas diferenças, respeitando-se como constantes evolutivas, de mudança e desenvolvimento. Assim, é exemplo da justaposição de uma arquitectura contemporânea a um contexto histórico, num discurso entre novo e antigo que orienta todo o projecto, numa intenção de criar um todo harmonioso, mas de clara distinção temporal. Os tempos tocam-se, fazendo o passado falar por manifestações do presente, tornando a ruína viva.[82] Podemos dizer que o projecto tem como principal objectivo enfatizar o passado, tempo que não existe mais mas é símbolo da nossa identidade. *"I realized, when working out this project, that only by manifestation of the present, you can make the past speak. If you try to run after it, you will never reach it."*[83]

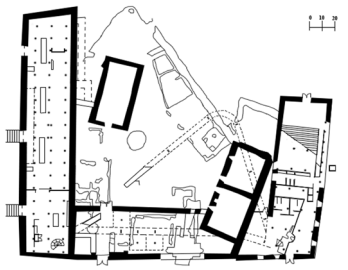


Fig.5 Planta piso 0

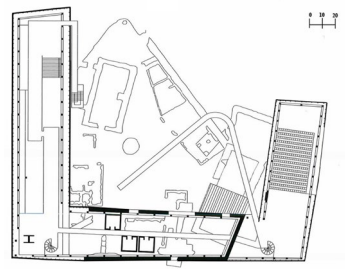


Fig.6 Planta piso 2

Temporalmente, o Museu desenvolve-se em quatro camadas históricas. A primeira são as ruínas ancestrais, relativas à Fortaleza-Castelo de um Bispo, do final do século XII.[84] A segunda, corresponde a uma quinta aí formada no século XVIII, de onde sobre as ruínas foi erigido um celeiro. A terceira corresponde à intervenção contemporânea para hospedar a exposição

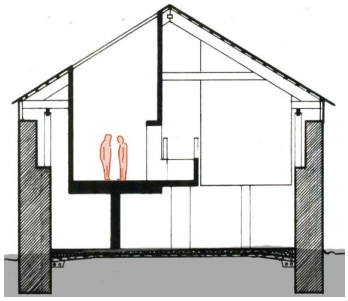


Fig.7 Corte módulos de betão

82 Josh Mings, *The Story of Building Sverre Fehn's Museums*, http://www.joshuamings.com/files/Mings_fellowship_lecture.pdf
83 Sverre Fehn, *Ceremony Acceptance Speech*, The Pritzker Architecture Prize, http://www.pritzkerprize.com/1997/ceremony_speech1
84 Per Olaf Fjeld, *Sverre Fehn, The Pattern of Thoughts*, New York, The Monacelli Press, 2009, p.112


Fig.8 Ruína e estrutura de madeira


Fig.9 Celeiro, estrutura em madeira


Fig.10 Apoio da estrutura de madeira


Fig.11 Vãos exteriores

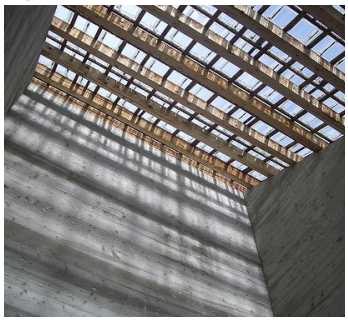


Fig.12 Vão zenital, módulo betão

e a quarta camada são os objectos e a exposição em si.[85] Desta sobreposição temporal resulta o edifício principal em forma de U, com outros pavilhões posteriormente acrescentados, que encerram um pátio central.

Analisando cada camada, começamos pela ruína. Esta é a sua estrutura primordial e mantida sem qualquer tipo de intervenção, intacta, com uma intenção clara de permitir a sua degradação, mas abrandada pelo processo de protecção e conservação. Entende-se um forte respeito, mas sem o desejo de congelar o tempo, aceitando o seu processo natural. Apesar deste respeito à ruína, a intervenção foi sempre livre, deixando abertura para que novas descobertas arqueológicas continuassem. Assim, o percurso do Museu é longo, iniciando-se o seu pensamento em 1967, sendo inaugurado em 1974 mas só em 2005 é completo, com a construção do seu último pavilhão. Desta forma, cada nova intervenção contemporânea, cada nova estrutura, tenta sempre respeitar o edifício original e as anteriores transformações mas igualmente ser independente desta.[86]

A segunda, o celeiro, corresponde a toda a intervenção que faz o fechamento lateral e cobertura, construídos em madeira. A continuidade das paredes da ruína, principalmente nos braços laterais, foram preenchidas por lâminas, pintadas exteriormente a vermelho. A cobertura é suportada em asnas, que se apoiam em colunas que parecem flutuar a cima das paredes em ruína, pelo desenho cuidado com que é feito o pormenor de contacto entre o antigo e o novo, por suportes metálicos. É depois protegida em telhas cerâmicas intercaladas com faixas de telhas em vidro. A outra opção utilizada para entradas de luz é pelos vazios originais deixados nas paredes em pedra, protegidos exteriormente por vidro sem caixilharia, presos por aranhas, criando um contraste efémero com a massa da ruína. *"Do not fit the openings, but let the openings be the historical openings: fix the glass outside the walls and the whole story can be told from the middle ages up to this day."*[87]

A terceira camada, a intervenção expositiva, construída em betão, tanto corre sobre como se agarra levemente à ruína. Esta cria um percurso

85 Josh Mings, *The Story of Building Sverre Fehn's Museums,* http://www.joshuamings.com/files/Mings_fellowship_lecture.pdf
86 Per Olaf Fjeld, *Sverre Fehn, The Pattern of Thoughts,* New York, The Monacelli Press, 2009, p.112
87 Sverre Fehn, *The Skin, the Cut and the Bandage, The Pietro Belluschi Lectures*, Massachusetts, MIT Press, 1997, p.15

de exibição que nos dá uma narrativa da história do lugar, mas sem ditar uma sequência. Assim, o interior é desenvolvido como uma paisagem construída, em que rampas e plataformas, com as ruínas, criam três soluções distintas, conforme os braços do edifício.[88] A de maior destaque, encontra-se no braço central do U, onde sobre as escavações flutua uma rampa e três cubos modulares expositivos. A rampa é suportada por lâminas transversais, onde as guardas funcionam como vigas, e os módulos igualmente flutuam, assentes sobre pilares circulares no seu centro. No braço mais longo do U, foi introduzido um meio-piso e no braço mais curto foi desenvolvido um auditório em grande escadaria. A circulação ao longo do museu leva-nos também ao exterior por uma segunda rampa. Os elementos construtivos de betão do presente, acentuam mais a historicidade da ruína,[89] não só pela sua matéria mas também pelo desenho simples e depurado, de pureza de formas que contrastam com a pedra texturada de história.


Fig.13 Rampa e módulos betão


Fig.14 Expoisção em meio-piso

A última camada correspondente à exposição, foi também pensada pelo arquitecto. Fehn recolheu todo o material das escavações e da área, não só para transmitir informação, mas para fortalecer a memória. Cada objecto era singular para si, reconhecendo o seu valor e potencial individual, onde todos mereciam um horizonte, uma localização específica. Esta relação específica com cada objecto, traduziu-se na sua forma de expor.[90] Cada expositor é único, de materiais actuais e desenho cuidado, mas que nunca procuram ofuscar o artefacto. O diálogo entre passado e presente é tão inerente ao projecto que chega a este detalhe. Assim, a Arquitectura é vista não só a cerca do Homem e do Espaço, mas também sobre o Objecto, como cada um é observado, trabalhado e localizado. Diversas técnicas de exibição são usadas, conforme a escala do objecto. Prismas de vidro são usados para os artefactos da vida rural, elementos metálicos e pranchas de mármore para artefactos maiores, mármore para os objectos da catedral e aço para os implementos agrícolas.[91] Esta quarta camada espelha uma grande infuência na obra de Carlos Scarpa pela atenção ao detalhe e à materialidade. Apesar desta conexão, o que rege


Fig.15 Auditório


Fig.16 Expositorem vidro


Fig.17 Diversos expositores

88 Per Olaf Fjeld, *Sverre Fehn, The Pattern of Thoughts*, New York, The Monacelli Press, 2009, p.112
89 Josh Mings, *The Story of Building Sverre Fehn's Museums*, http://www.joshuamings.com/files/Mings_fellowship_lecture.pdf
90 Per Olaf Fjeld, *Sverre Fehn, The Pattern of Thoughts*, New York, The Monacelli Press, 2009, p.127
91 Josh Mings, *The Story of Building Sverre Fehn's Museums*, http://www.joshuamings.com/files/Mings_fellowship_lecture.pdf

Fehn é sempre a estrutura; ele olha para esta como separação de interior exterior, luz sombra e directora de uma história.

Conclusivamente, podemos dizer que o percurso histórico das diferentes camadas e o diálogo entre os tempos torna-se explícito na matéria e estrutura da Arquitectura. A pedra texturada e o betão frio contrastam com a madeira confortável e quente. Igualmente, o aço e o vidro dialogam temporalmente com o artefacto que expõem. O novo e o antigo encontram-se naturalmente justapostos, para que cada um se expresse na sua singularidade e identidade. Dos materiais e dos objectos, também a luz se torna personagem activa na interacção.

Sobre Heidegger e Schulz, antes falados, também Fehn pondera sobre a posição do Homem no mundo. As suas construções relacionam-se sempre com o horizonte e a relação do Homem com este. No caso do Museu, a opção foi retirar o horizonte. Assim, Homem e objectos encontram-se sobre e sob este, dizendo-se que o horizonte está em toda a parte, pelas pontes e rampas.[92] *"The old stone walls of the Middle Ages draw ornaments in the sand. And the visitor casts shadow into the past from the bridge's concrete structure. All the answers are given from the individual's position between heaven and earth."*[93]



Fig.18 Ambiência da ampa sobre a ruína

Outros projectos relevantes, de linguagem interventiva semelhantes ao caso de Hedmark Museum são o Castelvecchio, de Carlo Scarpa, em Verona, Itália, de 1858-1974 e o Museum Kolumba, de Peter Zumthor, em Colónia, Alemanha, de 2008. A obra de Carlo Scarpa é essencial pelo seu cariz contemporâneo, onde novos materiais se assumem em contraste com a pré-existência. Ambos os tecidos tomam destaque similar, pelos jogos de planos criados e pela cuidada pormenorização construtiva, de diversas soluções. A passagem do tempo torna-

92 Per Olaf Fjeld, *Sverre Fehn, The Pattern of Thoughts*, New York, The Monacelli Press, 2009, p.108, p.116
93 *Idem*, p.128

se explícita pelos materiais, resultando num conjunto em que não se pretende uma amena conjugação plástica, mas uma acentuação das idades do edificado. Peter Zumthor, na sua intervenção, também revela uma elevada atenção aos materiais e detalhes, onde os tijolos cinzentos da fachada se unem às ruínas do local. A sua investigação quanto à materialidade é tal, que os tijolos usados foram especificamente desenvolvidos para o projecto, sendo cozidos em carvão para ganharem a tonalidade quente. O trabalho com a luz também revela uma elevada perícia, pelas perfurações deixadas na fachada que, conforme as estações do ano, criam diversas ambiências interiores. O Kolumba Museum é contemporâneo mas relaciona diversas camadas de história, onde memória e lugar se interlaçam num novo palimpsesto. O passado, presente e futuro sobrepõem-se enquanto seguimos o caminho ondulante sobre as escavações.[94]


Fig.19 Castelvecchio, materialidade


Fig.20 Castelvecchio


Fig.21 Kolumba Museum

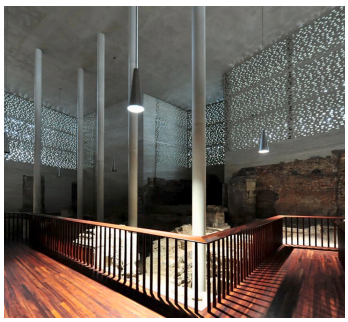


Fig.22 Kolumba Museum, interior

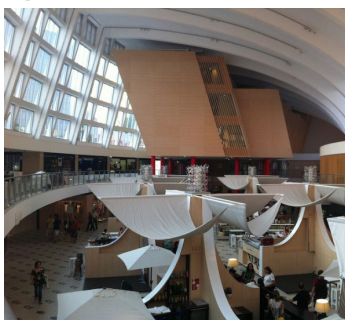


Fig.23 Mercado do Bom Sucesso

3.2 Mercado do Bom Sucesso e Mercado de Matosinhos

Quanto a reabilitações multifuncionais, apontamos o caso do Mercado do Bom Sucesso, de FA.A, Ferreira de Almeida Arquitectos, no Porto, de 2013, e o Mercado de Matosinhos, uma reabilitação associada à ESAD, Escola Superior de Arte e Design de Matosinhos, de 2014.

O Mercado do Bom Sucesso foi projectado em 1949, pelos Arquitectos Fortunato Leal, Cunha Leal e Morais Soares, na sequência da construção do Mercado Municipal de Matosinhos, sendo inaugurado em 1952. É exemplo de uma arquitectura moderna, com cobertura em abóbada, apoiada por terraços seccionados, onde a iluminação interior é feita por amplos lanternis armados com caixilhos em cimento. É desenvolvido em três pisos que acompanham o declive natural da área, sendo exteriormente composto por lojas independentes.[95] É classificado como Imóvel de Interesse Patrimonial e Monumento de Interesse Público em 2011, sendo a sua intervenção somente interior. No piso térreo e primeiro piso, foi criada uma zona comercial, de 25 espaços comerciais de venda de produtos tradicionais e restauração, 44 bancas de venda de produtos variados, alguns serviços como venda de roupa, papelaria e cosméticos e um Mercado de Frescos. O espaço procurou também hospedar animação cultural, com diversas actividades, concertos, performances, teatro,

94 Philip Ursprung, *Earthworks: The Architecture of Peter Zumthor,* The Pritzker Architecture Prize, http://www.pritzkerprize.com/sites/default/files/file_fields/field_files_inline/2009_essay_0.pdf
95 s.n., *Mercado do Bom Sucesso*, http://www.mercadobomsucesso.com/inicio


Fig.24 Mercado do Bom Sucesso


Fig.25 Mercado do Bom Sucesso

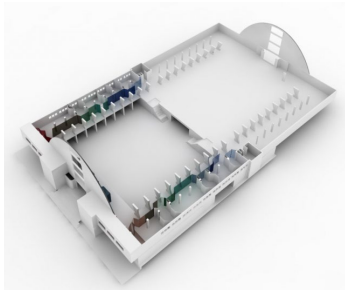


Fig.26 Mercado de Matosinhos


Fig.27 Mercado de Matosinhos


Fig.28 Mercado de Matosinhos

exposições, workshops e showcookings. No seu interior, foram criados dois volumes. Um para escritórios onde, no primeiro piso, foi inserida a Sede da Fundação Manuel António da Mota, que procura apoiar iniciativas de natureza social, de beneficência e solidariedade, de natureza cultural, na educação, saúde e ambiente e de apoio à actividade artística. Existem então área de exposições e um auditório de 136 lugares. No outro volume, existe o Hotel da Música, dotado de 85 quartos, um bar, restaurante e ligação à Fundação para acesso a salas de conferência.[96]

Quanto ao Mercado de Matosinhos, este foi construído em 1884 e remodelado em 1928, mantendo condições deficitárias. Acabou por ser demolido e em 1936 é aberto um concurso de ideias, sendo inaugurado em 1952 o mercado que actualmente conhecemos. É obra dos mesmos arquitectos do Mercado do Bom Sucesso.[97] A sua cobertura é constituída por uma abóboda em betão apoiada por arcos parabólicos em ferro e cimento, que constituem a estrutura de todo o edifício. Também se encontra classificado como Monumento de Interesse Público. Na procura de valorizar o espaço urbano onde este se insere, a Câmara Municipal de Matosinhos, em conjunto com a ESAD, criou em 2009 um protocolo, de onde surge o Espaço Quadra, um espaço de Arte e Design. Assim, em 2014 é inaugurado no mercado uma Incubadora de Empresas de Indústrias Criativas para cerca de 30 projectos e empresas. A Incubadora de Design Quadra procura ter um efeito impulsionador na afirmação da criatividade e inovação portuguesa nos mercados nacionais e internacionais, tornando-se o mercado mais mercado, com mais gente, ideias e negócios. É uma aposta na criatividade, no valor da inovação social e nas potencialidades do design gerarem novos negócios e serviços.[98] Assim, são integradas três formas de incubação - start up, coworking e âncoras, apoiando desde empresas em formação a consolidadas, existindo também um núcleo de investigação em Design e Arte da ESAD. No piso térreo e parte do piso superior manter-se-ão as actividades de mercado tradicional, numa fusão de actividades.

96 s.n., *Mercado do Bom Sucesso*, http://www.mercadobomsucesso.com/brochura.pdf
97 José Leite, *Mercados de Matosinhos e do Bom Sucesso*, http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2014/06/mercados-de-matosinhos-e-do-bom-sucesso.html
98 ESAD, *Quadra Incubadora de Design* http://www.esad.pt/pt/news/quadra-incubadora-de-design

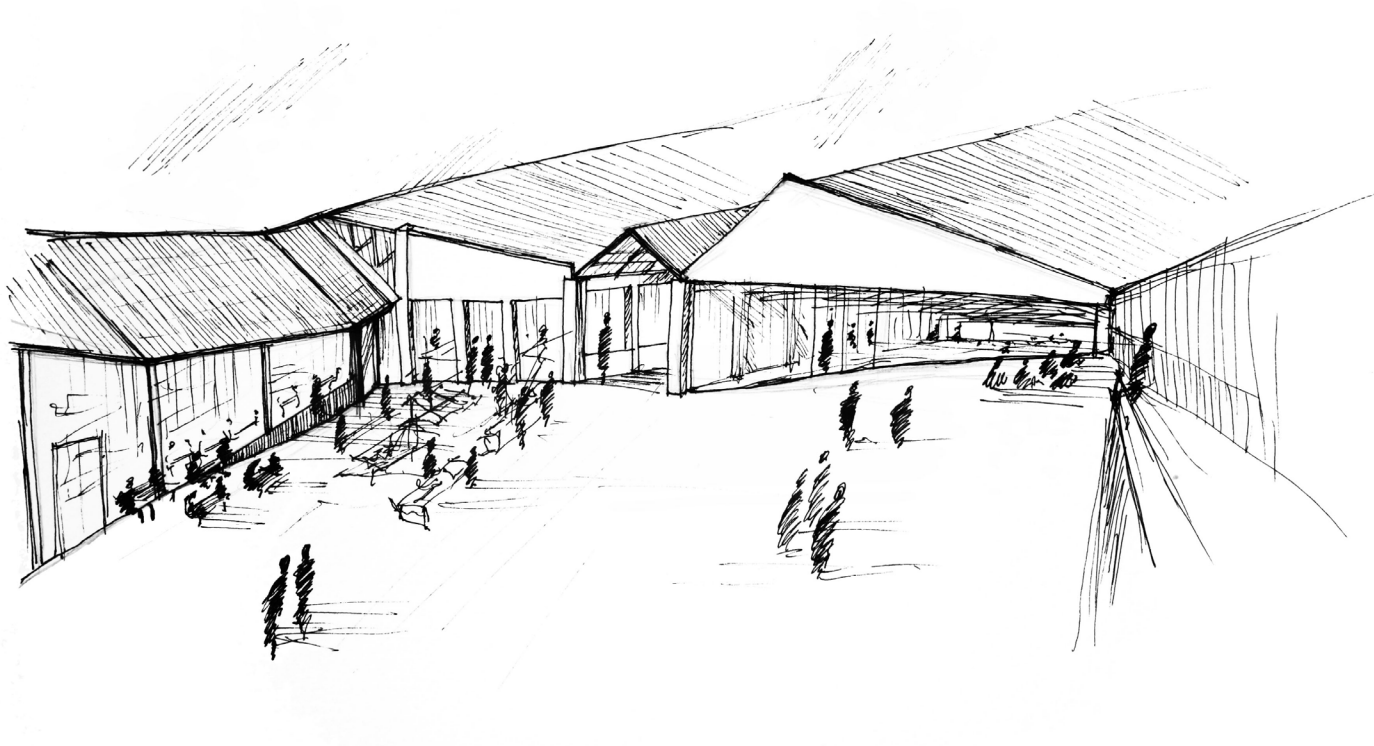


Fig.29 Proposta para Praça, Mercado do Rato

"Com a régua - diz Méton -, trabalho para inscrever um quadrado dentro de um círculo: em seu centro será o mercado, no qual irão dar todas as ruas, convergindo para esse centro como uma estrela, que... despede seus raios em linha para todos os lados."

Lewis Mumford, *A Cidade na História*, 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, p.191

Capítulo IV Tipologia - Mercado

4.1 O Mercado na Cidade I - Génese

A tipologia de Mercado, entre a praça, o bazar coberto e as lojas, já existem na cidade desde 2000 a.C., podendo ser ainda anterior, sob forma de antigo mercado dentro do recinto dos templos.[99] Outras vezes exigia nada mais que abrigo temporário, sendo uma resposta usada ainda nas feiras semanais ou eventos efémeros. O que acaba por tornar o mercado uma unidade fixa na cidade é a existência de uma grande população, gerando qualidade de vida aos mercadores.

Num percurso histórico, no século V, o Ágora, usado como ponto de encontro comunal, era também Praça de Mercado. Este era também o lugar destinado à palavra, considerando-se um mercado urbano em que a troca de notícias e opiniões desempenharam um papel de igual relevância à troca de mercadorias. Formalmente, poderia não ser mais que um alargamento da rua principal. Eram aí posicionados diferentes edifícios, entre templos, estátuas de heróis, fontes e oficinas de artificies abertas ao público. No meio situavam-se as barracas ou cobertas temporárias que indicavam o dia de feira. No século VI, no caso de Atenas, o Ágora acaba por perder o seu espaço de Assembleia Popular, dadas as pressões económicas que o espaço de mercado começa a exercer sobre as funções políticas e legais.[100] Entendemos o princípio da perda do conceito de Mercado, da sua vertente puramente popular e social, pela início de um pensamento capitalista de consumos. Esta função mais social do espaço aberto, mercado, local de assembleia e centro festivo, persiste nos países latinos através das praças. É no espaço aberto, de cafés e restaurantes, que os encontros, conversas e discussões face a face passam a ter lugar.

Os Romanos, criaram um espaço similar, o Fórum, mercado comum. Era um núcleo central na cidade, para encontros cívicos, tendo um lugar de Assembleia, que no início era usado também para disputas atléticas. O Fórum era um recinto complexo, onde existiam santuários e templos, prédios da justiça e casas do conselho, sendo os espaços abertos circundados por colunatas. O Mercado de Trajano é o mais marcante, composto por cerca de 150 lojas em

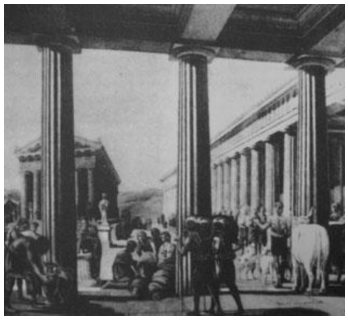


Fig.30 Stoa e praça mercado grego

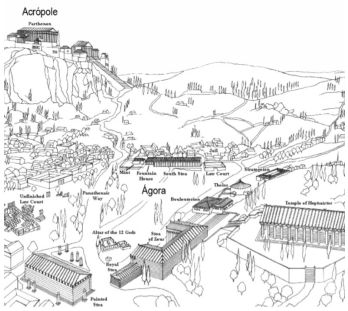


Fig.31 Ágora grega

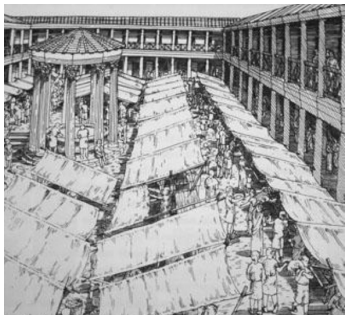


Fig.32 Mercado no Império Romano


Fig.33 Mercado de Trajano


Fig.34 Grand Bazaar de Istambul

99 Lewis Mumford, *A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectivas,* 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, p.85
100 *Idem*, pp.166-168

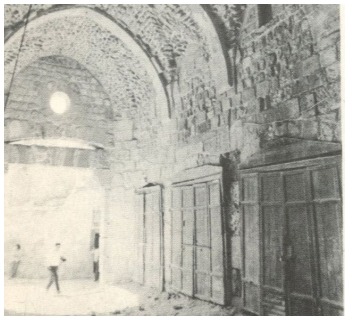


Fig.35 Mercado Algodão, Jerusalém


Fig.36 GUM, Bazar de Moscovo

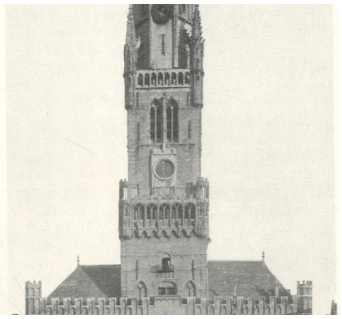


Fig.37 Halles de Bruges

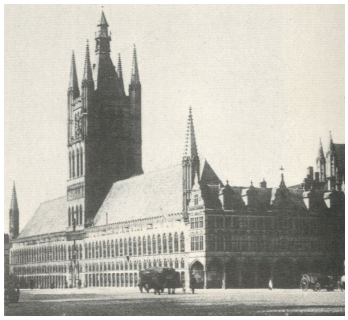


Fig.38 Mercado de Tecidos, Ypres


Fig.39 Mercado de Palha, Florença

três níveis, onde o desenho do piso superior dá a entender uma propriedade individual mais diversificada, onde se acha que, no período medieval, passou a ser usado como residências.[101]

No período Medieval, a feira era instrumento de vida local. Estas eram deambulantes, associadas a outros acontecimentos, essencialmente religiosos. O Mercado também inventou o seu lugar nos portões da cidade, encontro entre o mundo rural e o urbano, ou em praças abertas com tendas e barracas ou apenas como rua alargada. Isto gerou com que os mercados construídos fossem uma figura irregular, de forma arbitrária, dando primazia às edificações envolventes. Na cidade medieval, o edifício da câmara e o mercado eram também por vezes o mesmo, em que o mercado existia no piso térreo, aberto. A tipologia predilecta era o recinto ou praça aberta circundada por claustros em arcadas, apesar de o maior comércio ser de rua, definindo toponímias específicas conforme os produtos vendidos, gerando-se ruas pedestres por vezes cobertas para melhor conforto. Revê-se aqui uma inspiração nos bazares orientais, sendo o principal o Grand Bazaar de Istambul ou o Mercado de Algodão em Jerusalém de 1329.[102] No mundo ocidental, o mais próximo é o GUM, o Bazar de Moscovo. Como exemplos medievais, destaca-se os Halles em Bruges de 1240, uma torre em que no piso térreo ficava o mercado e no piso a cima aconteciam festividades. Outro país conhecido pelos seus Halles foi a Holanda, tipicamente organizados em edifícios separados conforme produtos. O maior e um dos mais antigos foi Ypres, um mercado de tecidos, onde se incluíam tribunais, uma prisão e uma capela, construído de 1200 a 1620.[103] Outros, ainda existentes, interessantes pelo seu protótipo medieval são o Mercado dominical de Whitechapel, o Plain Palais de Genebra e o Mercado de Palha de Florença.[104]

Com o crescimento da metrópole e do consumo, os Mercados multiplicaram-se e exigiram um edifício definido, invés de uma praça aberta, para melhorias sanitárias e de lucros. No século XIX a Revolução Industrial trouxe novos materiais, entre os quais o ferro, dominantemente usado nos Mercados pela sua elevada resistência ao fogo, montagem fácil e vantagem de fachadas

101 Lewis Mumford, *A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectivas*, 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, Secção ilustrada I, 15
102 Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types,* Londres, Thames and Hudson, 1976, p.235
103 *Idem*, 1976, p.236
104 Lewis Mumford, *A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectivas,* 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, p.325

mais leves com maior entrada de luz e ventilação natural. Tornam-se os novos mercados espaços amplos, de estrutura de ferro à vista, cobertura e fachadas em vidro. Assim, surge Mercado de Madeleine, em Paris de 1824, como uma das primeiras tentativas de combinar elegância e economia de material e o Les Halles, em Paris de Victor Baltard, como um dos principais marcos de Arquitectura do Ferro em Mercados. Era construído em ferro e vidro, com diversos pavilhões conectados por avenidas abobadadas. Abriu em 1858, sendo demolido em 1971, pelas dificuldades de acesso ao encontrar-se num centro urbano.[105] Na Inglaterra, é de destaque o Convent Garden Market, de Charles Fowler, como uma tentativa de organizar a confusa praça existente, finalizado em 1830. O mesmo arquitecto desenhou o Hungerford Market, de 1830-33, com a sua cobertura inovadora em ferro com clerestório. O século XIX é demarcado pela diferença de classes, onde se procura que o mercado seja o espaço aglutinador, num combate à segregação social.

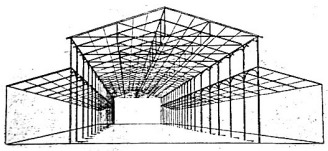


Fig.40 Mercado Madeleine, Paris

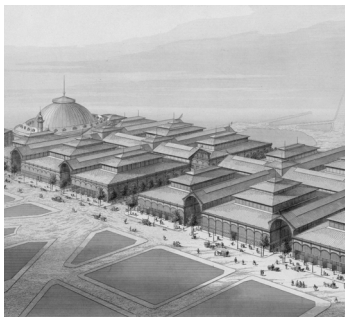


Fig.41 Les Halles, Paris



Fig.42 Les Halles, interior

Afastando-nos dos Mercados, mas mantendo-nos nas estruturas comerciais vemos surgir associado ao Bazar Oriental e às novas construções em ferro e vidro, novas tipologias comerciais na cidade. As galerias são uma das principais, definindo-se em ruas pedestres, cobertas em vidro.[106] Em França multiplicaram-se a partir de 1820, com exemplo na Passage de l'Ópera de 1822-23 ou a Galerie d'Orléans de 1828-30. Em Londres, a partir de 1850, com o projecto sonhado de Paxton de 1855, a Great Victorian Way, em que as suas arcadas com lojas alinhadas de ambos os lados, funcionariam para carruagens e pedestres. Em Itália é de grande destaque a Galleria Vittorio Emnuele II, em Milão construída em 1856-67.[107] Esta tipologia proliferou no século XIX por todas as cidades comerciais, afastando o comércio das ruas apinhadas e automobilizadas, num plano funcional, protegido da intempérie, dos roubos e pedintes, criando maior segurança. Das evoluções, entre lojas de diferentes proprietários, redes de diferentes pisos comerciais ou galerias, acaba por surgir um comércio mais generalista, de onde surge a Department Store. Estas ofereciam um maior número de produtos em edifícios de múltiplos pisos. Eram estruturas construídas sobre uma ideia de curta duração,



Fig.43 Convent Garden, Londres



Fig.44 Hungerford Market, Londres

105 Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types*, Londres, Thames and Hudson, 1976, pp.238, 243
106 Lewis Mumford, *A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectiva*s, 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, pp.474-475
107 Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types,* Londres, Thames and Hudson, 1976, pp.264-265


Fig.45 Galerie d'Orléans, Paris

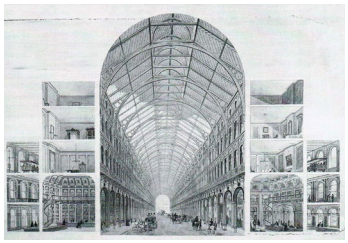


Fig.46 Great Victorian Way


Fig.47 Galleria Vittorio Emanuele II

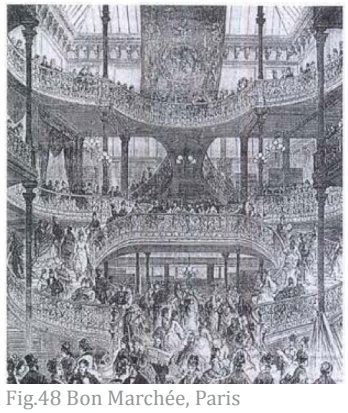


Fig.48 Bon Marchée, Paris

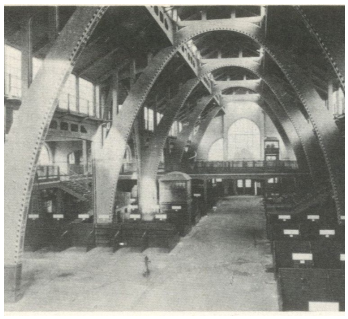


Fig.49 Mercado de Breslau

com possibilidade de demolição e substituição por maiores, mais lucrativas. Uma das primeiras foi, em Paris, o Bon Marchée, de 1852, que foi sendo aumentado até ocupar um quarteirão inteiro.[108]

Já no século XX, os espaços de mercado começam a construir-se em betão armado. Este apresenta a vantagem de combinar a força da pedra, no betão, com a força de tensão do aço. Tornam-se edifícios mais sólidos, de presença monumental. Alguns exemplos são o Breslau na Polónia, de 1906-08, Leipzig na Alemanha, de 1927-29, Reims em França, de 1928-30 e Algeciras em Espanha, de 1933.[109]

Na actualidade podemos referir que o mercado recorre-se a diferentes configurações formais mas interiormente segue sempre uma organização lógica. Entre a ordem criada pela estrutura que sustenta a cobertura e das bancas que se dispõem ao longo do espaço, procura-se sempre uma regra capaz de gerir a utilização correcta e ordeira do espaço. Esta organização torna-se progressivamente mais standardizada a nível formal e de material, para melhor higiene, segurança e conforto.

4.2 O Mercado na Cidade II - Decadência

De outro ponto de análise, quer-se reconhecer as mudanças que o Mercado sofreu enquanto estrutura social no quotidiano da cidade. Apesar de toda a novidade tecnológica e melhoria das condições, devemos apontar o Capitalismo e a Revolução Industrial como os principais pontos de ruptura. Sente-se uma separação entre o Novo e o Velho Mundo, em que o mercado ganha uma nova vivência, já sem uma finalidade cívica ou humana. As grandes praças deixam de ser comerciais, o tráfego aparece e as novas avenidas não favorecem a concentração pedestre, gerando o desaparecimento das lojas e oficinas, trocadas por novas escondidas atrás de vidro. Inicia-se nesta época a cultura do "bom gosto" e da "moda". O mundo rural mantinha o dia de feira, enquanto na metrópole todos os dias eram de compras. "Fazer compras" tornou-se uma actividade de lazer e exibição.[110] Cresce um mundo de osten-

108 Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture,* Massachusetts, Harvard University Press, 1976, pp.238-239
109 Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types,* Londres, Thames and Hudson, 1976, p.252
110 *"Tenho ouvido contar [...] que certas damas, e estas também pessoas de grande pompa, têm tomado as suas carruagens e passado uma tarde inteira na Ludgate Street, ou em Convent Garden, apenas para divertir-se indo de uma a outra loja de mercadorias, para olhar as sedas e tagarelar e zombar dos comerciantes, não tendo tanto como a menor ocasião, muito menos a intenção de*

tação, onde as pessoas cada vez menos se conhecem, necessitando da representação para causar impressões e imagens da sua posição na vida, gosto e prosperidade.

As funções primordiais do Mercado chegam à decadência máxima no século XX, com a introdução do Supermercado, dos ramos suburbanos de lojas e do Centro Comercial. O Centro comercial evoluiu das galerias comerciais e da Department Store - actualmente Chain Store. São estruturas de maiores proporções definidos para a Era Supermecanizada do automóvel, com meios de comunicação e localização que ignoram completamente o pedestre, criando pólos anti-urbanos. Louis Kahn mostra-nos o seu criticismo em relação ao Shopping Center. *"[...] they are buying centers, that is all they are - and they can never develop into shopping centers, that is too wonderful a thing. They are devices for buying, that's all. They are as stupid as anything when the cars are away. They look like some of the abandones American West. You see nothing and more nothing in most of them".*[111] Como primeiros exemplos aponta-se o Lijnbaan em Roterdão, de 1951-53 ou a Yorkdale Shopping Plaza, próxima de Toronto, de 1964.[112] Já o supermercado apresenta um contraste que denuncia tanto uma perda estética quanto uma perda fisiológica e social em relação ao mercado tradicional, caracterizado por uma automação revestida em plástico, luzes fluorescentes, estratégias de venda, compras impulsivas, longa preservação de produtos e alimentos congelados e sem sabor.

Em resposta a esta cultura anti-urbana, vemos surgir uma nova integração de funções nos centros da cidade, onde se combinam lojas, escritórios e unidades habitacionais, relacionando-se com uma praça aberta. Estas tornam-se mais eficientes e retornam o interesse no Homem e na sua escala, recriando as complexas actividades de um legítimo centro cívico. Acredita-se que a cidade deve ser concebida como *"um teatro de cidadania activa, de educação e de vida pessoal vivida e autónoma."*[113] Já os Mercados, contra o seu esquecimento, renovam-se em novos programas, numa tentativa de chamar novamente vida. Tirando partido das suas localizações estratégicas, dentro


Fig.50 Chainstore, Wal-mart, EUA



Fig.51 Lijnbaan, Roterdão


Fig.52 Yorkdale Shopping Plaza



Fig.53 Ghirardelli Square


Fig.54 The Cannery

comprar qualquer coisa." Lewis Mumford, *A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectivas,* 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, pp.470-471

111 Robert Twombly (ed), *Louis Kahn, Essential Texts,* New York, London, W.W. Norton & Company, 2003, p.57

112 Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types,* Londres, Thames and Hudson, 1976, pp.271-272

113 Lewis Mumford, *A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectivas*, 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, secção ilustrada IV, ilustração 61: O Núcleo Cívico


Fig.55 Mercado Campo de Ourique


Fig.56 Mercado da Ribeira


Fig.57 Convent Garden


Fig.58 Mercado de San Miguel


Fig.59 Mercado de Santa Caterina

da cidade consolidada, criam-se Food Halls, uma mistura entre mercado, restauração e cafés, oficinas de cozinha e espaços culturais e de lazer. Este tipo de reabilitação está a ser tomada em todo o Mundo, ficando alguma dúvida a cerca da sua prosperidade e se não se tornam um programa demasiado gentrificativo. Boyer engloba todas estas reabilitações na mesma cúpula, apelidando-as de *"monumentos artísticos e contentores de compras"*,[114] assinalando como primeira a reabilitação da Ghirardelli Square, em 1962, em São Francisco, seguida pelo Cannery de 1964. Em Lisboa podemos destacar o Mercado de Campo de Ourique e da Ribeira.[115] No estrangeiro, é de destaque o Convent Garden, Londres, o Mercado de San Miguel, Madrid, o Mercado de Santa Caterina, Barcelona. Apesar do perigo que estes possam causar, pela atractividade a nível turístico e gentrificação, continuam a tentar ser um estímulo à vida de bairro, no manter da função de mercado melhorada e a conquistar pela qualidade de produtos e símbolo cultural.

Também da alienação da identidade do Homem, do cansaço do carro, da perda do espaço público e procura de produtos de qualidade, surgem novas actividades. Mercados e feiras ao ar livre temporários, espaços de celebração espontânea, onde as praças voltam a ser espaço de participação na vida urbana. Propaga-se um novo culto ao comércio tradicional e artesanal, revivendo-se a vida de bairro e de mercado. Cada vez mais assistimos a uma mudança de paradigma, em que pessoas adoptam estilos de vida alternativos e novos hábitos contra e hegemonia cultural, numa procura de produtos únicos e genuínos do local. Uma questão que fica no ar, dada a novidade desta prática é se realmente esta é uma escolha humana que se manterá ou se será mais uma moda passageira, tão característica da sociedade contemporânea.

---

114 *"These open-air bazaars and storehouses of heterogeneity, where one can buy anything from anywhere, have so concentrated geographical space and historical time that the uniqueness of place and the specifies of context have been erased completely [...] These open-air shopping emporiums are bound to proliferate for they represent, as one enthusiast claims, «the happy marriage of a number of phenomena in American culture - a new style of business, a newly discovered interest in food and an informal festival, and a recently aroused passion for making what is historically significant useful» [...] The consequences were clear: every city began to revalue and recycle its leftover "working" districts, its warehouses, its waterfronts, its Main Streets, and its commercial centers, and every city began to look like everywhere else."* M. Christine Boyer, *The City of Collective Memory,* Massachusetts, The MIT Press, 1994, pp.423-425

115 Para uma análise mais aprofundada dos Mercados de Lisboa, ver Anexo 4.

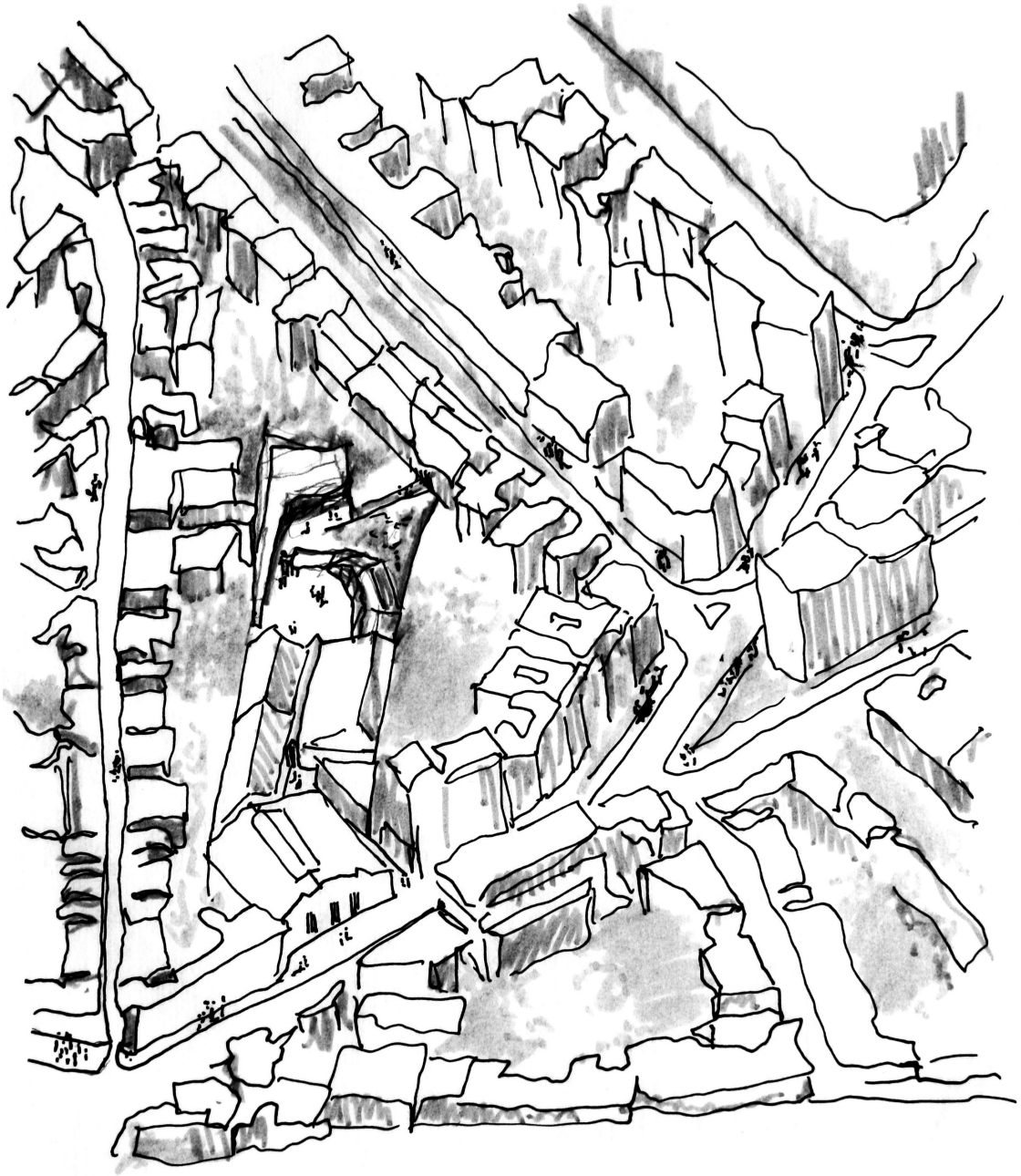


Fig.60 Inserção Urbana da Proposta, Mercado do Rato

"«Memory's images, once they are fixed in words, are erased,» Polo said. «Perhaps I am afraid of losing Venice all at once, if I speak of it. Or perhaps, speaking of other cities, I have already lost it, little by little.»"

Italo Calvino, *Invisible Cities,* Florida, Harcourt Brace & Company, 1974, p.87

Capítulo V Contexto Histórico

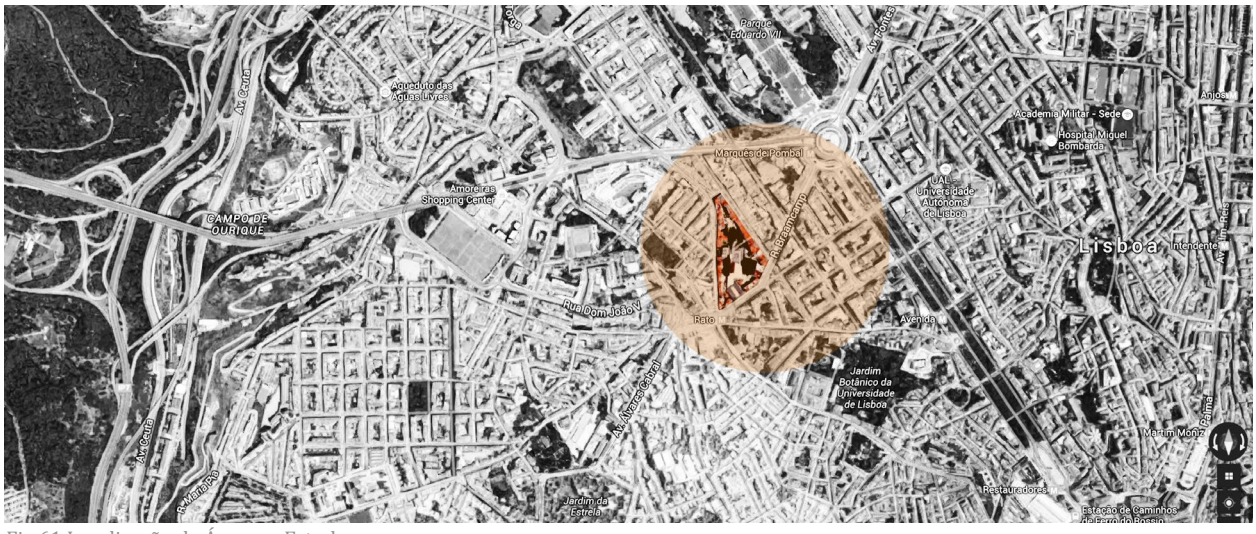


Fig.61 Localização da Área em Estudo



Fig.62 Edifícios de Valor na Área em Estudo

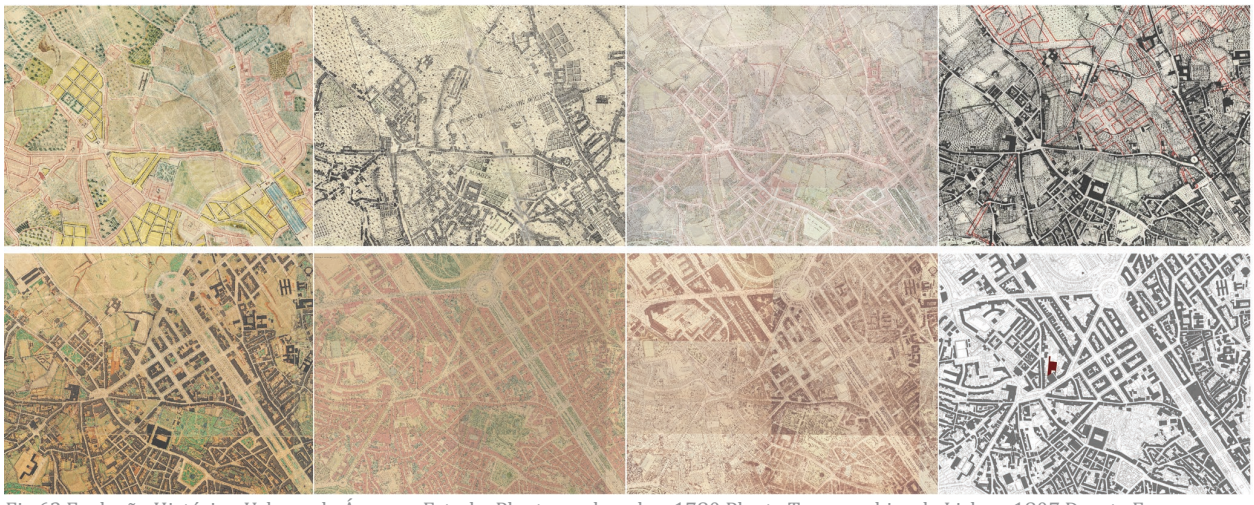


Fig.63 Evolução Histórico-Urbana da Área em Estudo. Plantas ordenadas: 1780 Planta Topographica de Lisboa, 1807 Duarte Fava, 1856/58 Filipe Folque, 1871 Planta CML, 1911 Silva Pinto, 1950, 1970/83 Art.91 PDM, 2016

5.1 Envolvente

Anteriormente ao Terramoto, olhando para a zona do Rato, predominam terrenos de agricultura e quintas. Entre estes, destacam-se as propriedades do Noviciado da Companhia de Jesus e da Congregação do Oratórios dos Padres de S. Felipe Nery. Os primeiros, situavam-se na Cotovia, na área da Escola Politécnica, e os segundos no Vale Pereiro, próximo à zona do Mercado do Rato, sendo a sua passada presença imperceptível pelas novas urbanizações; apenas a nomenclatura Rua São Filipe Neri resta.[116] Após o Terramoto existe um crescimento da área, pela população que se muda pelos poucos danos aqui causados. Surge uma ocupação anárquica de desalojados, entre abarracamentos pobres e famílias de alta burguesia com novos palácios. Acaba então por surgir dois planos urbanos para a área da freguesia de Santa Isabel, da mão de Manuel da Maia.[117]

A expansão é contínua e novos equipamentos surgem, dinamizando a área entre conventos, palácios e as indústrias. As propriedades retalham-se para dar lugar a casas e palácios, ao mesmo tempo que a actividade social cresce. Começa-se a procurar uma continuidade do tecido urbano à área, anteriormente caminho de entrada na cidade. São propostos planos para a ligação da Baixa com a área em estudo - o Passeio Público, a Praça do Suplício, da Alegria actualmente, e a ligação do Salitre com a Cotovia. Nos dias actuais, sobram conventos, palácios, indústrias e habitações de cariz simples mas valorizado, misturadas com as novas construções. Assim se definiu uma área da cidade, actualmente central, consolidada e reconhecida como zona de qualidade residencial, de grande oferta de emprego e qualidade de vida.

116 Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista,* Lisboa, IPPAR, 1998, p.118
117 *Idem*, p.42

5.1.1 Largo do Rato

O Largo do Rato era término de diferentes vias de acesso à cidade, entre zonas de quintas. Existia a via de São Bento e o enfiamento com a Rua do Salitre. Era o encontro do vale de São Bento e o festo da Cotovia, num meio rural mas com influência na circulação externa da cidade.[118] A definição do Largo nasce no século XVII e é povoado no século XVIII, resultado do terramoto. A sua configuração era diferente da que hoje vemos, dada a alteração de edifícios e o rasgar de novas avenidas, tendo metade da dimensão actual, pela ocupação do adro cercado do Convento do Rato.[119] Enquanto a cidade estava pouco marcada pela expansão, o Largo do Rato era uma excepção, com o pólo do Bairro das Sedas, a zona adjacente à rua do Sol e a ligação ao Passeio Público pela Rua do Salitre. Outro marco importante para o crescimento da zona foi o aparecimento da Mãe de Água, com a colocação de um chafariz no largo. Este ganhou um estatuto igual às praças que normalmente seguem as portas da muralha. Tornou-se um espaço de intercâmbio entre o urbano e o rural, de transacção de produtos até meados do século XX. Actuamente, este é um dos nós mais movimentados da cidade, com um grande vulto de áreas de escritórios e por se encontrar numa área de tecido consolidado e de início da zona histórica e turística de Lisboa.[120]


Fig.64 Vista aérea do Largo do Rato

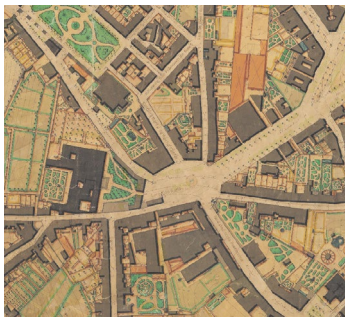


Fig.65 Antiga configuração do Largo


Fig.66 Largo do Rato, 1935

5.1.2 Bairro das Amoreiras

Antes do terramoto, apenas existiam os arcos do Aqueduto e um pequeno largo natural onde se acolheram refugiados. Era terra da quinta do Tavares e propriedade dos Oratorianos. Os principais marcos evolutivos são o Aqueduto e Reservatório Mãe de Água e o Bairro das Amoreiras.

A água existe em Lisboa desde 1748, data do Aqueduto das Águas Livres, de Carlos Mardel. O Arco das Amoreiras foi realizado no mesmo ano, sendo um marco da entrada na cidade. Foi o primeiro arco triunfal não efémero em Lisboa, caracterizando o local de aspecto monumental digno do nome de praça. Sobre a Mãe de Água, o seu local foi peça chave na distribuição de água para toda a cidade. O conjunto tem uma posição dominante na área


Fig.67 Aqueduto das Águas Livres


Fig.68 Arco das Amoreiras

118 Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, p.16
119 *Idem*, p.12
120 Para uma informação mais detalhada do contexto histórico da área, respectivamente dos edifícios que compõem o Largo do Rato, sobre a Rua da Escola Politécnica e sobre a Avenida da Liberdade, ver Anexo 6.


Fig.69 Reservatório Mãe d'Água

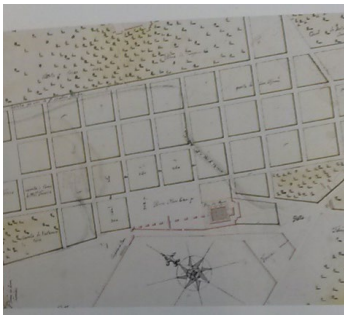


Fig.70 Plano Carlos Mardel, Bairro


Fig.71 Casas de aspecto inicial


Fig.72 Ermida Ns. Sr. Monserrate


Fig.73 Praça das Amoreiras

envolvente, tendo em tempos um efeito esmagador sobre o Largo do Rato, quando este ainda era pouco edificado. A sua construção foi finalizada em 1834, apesar de o projecto existir desde 1752.[121]

Sobre o Bairro das Águas Livres, este foi parte do plano de reestruturação da Fábrica das Sedas, em curso desde 1757, por parte de Marquês de Pombal. Foi formalizado por Carlos Mardel, onde se propõe a praça junto aos arcos, aproveitando o muro de suporte criado pela Mãe de Água e onde a arcaria do Aqueduto limita e enfatiza o eixo desta. O plano é de traçado regularizado, estabelecendo uma malha ortogonal. As casas construídas dentro do plano foram concluídas em 1769, compondo apenas os quatro quarteirões que rodeiam a praça. São edifícios simples e de forma uniforme. A fábrica permitiu e estimulou a instalação de manufacturas, diversificando-se a produção no local, evoluindo o bairro em casas modestas, gerando uma identidade própria.[122] Em 1768, surge no vão do quinto arco do Aqueduto, a Ermida de Nossa Senhora de Monserrate, não prevista no Plano de Mardel. Em 1771 arboriza-se a praça para a cultura de bichos da seda, plantando-se 331 amoreiras, sendo em 1863 trocadas por um jardim romântico, trocando-se também o chafariz inicial.[123]

De diferentes nomes, como Praça das Amoreiras, Largo dos Fabricantes, ou Praça das Indústrias, estes são símbolo da sua identidade como pólo de indústrias com sedas, passamanaria, pentes, botões, lacres, caixas de tabaco e manufacturas de louça.[124] Este pólo industrial manter-se-ia, ainda que com importância decrescente, ao longo da primeira metade do século XIX. Foi também lugar de tradição com uma feira popular, para aí transferida em 1851.[125] A vivência industrial e de feira perdeu-se, mas o bairro mantém uma identidade forte, de ambiente calmo.

121 Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, p.78
122 *Idem*, p.119
123 *Idem*, p.126
124 Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa,* Lisboa, Livros Horizonte, 1994, pp.456-457
125 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, p.98

5.1.3 Bairro Barata Salgueiro

A área era implantação das quintas e hortas do Vale Pereiro, propriedade dos Oratorianos. O Bairro Barata Salgueiro foi edificado em 1882, sendo o seu nome dado pelo advogado Barata Salgueiro que adquiriu a maioria dos terrenos. O bairro desenvolve-se segundo um plano de ruas largas e arborizadas, numa malha ortogonal. É animado por palacetes particulares, alguns de interesse, e prédios sólidos modernistas. Ganhou importância, em associação ao Bairro Camões, edificado na mesma altura, sendo este de caracter burguês e o Camões mais modesto. Esta foi uma zona de Lisboa onde, nos finais do século XIX, residiam um significativo número de artistas.

Na Rua Barata Salgueiro, destaca-se uma das suas parcelas que seria para a implantação de uma Escola mas onde foi construída a Sociedade Nacional das Belas Artes. Também se levanta a Cinemateca Portuguesa, Museu do Cinema, dos anos 50. Na Rua Rosa Araújo destaca-se o antigo Palacete Tarouca onde se encontra o Automóvel Clube Portugal. Na Rua Alexandre Herculano podemos destacar o edifício de Ventura Terra, com prémio Valmor e a Sinagoga Israelita, de 1902-04, dentro do quarteirão, oculta.

5.1.4 Quarteirão na Rua Alexandre Herculano

Ainda sobre a Rua Alexandre Herculano, agora sobre o quarteirão em estudo onde se insere o Mercado do Rato. Como frente de rua, existe a Garagem Auto-Palace, Sociedade Portuguesa de Autómoveis, de 1907. É uma obra monumental, de estilo ecléctico, caracterizada pelos vitrais que a adornam. Foi construída por Vieillard & Touzet, uma sociedade construtora, reconhecida no virar do século pela sua "arquitectura de engenheiros", associada a um grande pragmatismo na soluções técnicas inovadores. É composta pelos construtores Charles Vieillard, 1859-1911, e Fernand Touzet, 1964-1829. Das suas obras destacam-se a Casa do Povo de Alcântara e a Fábrica Napolitana.[126] O edifício está reconhecido no PDM no conjunto de imóveis, conjuntos e sítios classificados e em vias de classificação.[127] Na continuação da mesma frente de rua, mas na Rua Braamcamp destaca-se o conjunto de dois edifícios de habitação plurifamiliar, lotes 84 a 88, listado também no PDM como bens


Fig.74 Bairro Barata Salgueiro


Fig.75 Sociedade Belas Artes


Fig.76 Cinemateca Portuguesa


Fig.77 Quinta dos Oratorianos


Fig.78 Edifício Ventura Terra

126 Mário S. Ming Kong, *Central Tejo - Uma Abordagem da Arquitectura Industrial,* Lisboa, Insidecity Lda., 2013, p.39
127 Câmara Municipal de Lisboa, *PDM Plano Director Municipal de Lisboa*, http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal, p.165


Fig.79 Sinagoga


Fig.80 Garagem Auto-Palace


Fig.81 Casa de Almada Negreiros


Fig.82 Palácios dos Guiões


Fig.83 Mercado do Rato

imóveis de interesse municipal e outros bens culturais imóveis.

A Rua São Filipe Neri é símbolo da presença dos Oratorianos neste local, pelo seu nome, sendo construída no princípio do século XX. Destaca-se a Casa de Almada Negreiros, da segunda metade do século XVIII e o Palácio dos Guiões, de aspecto solarengo, edificado em 1768 e reedificado em 1910.[128] Ambos encontram-se listados no PDM, como bens imóveis de interesse municipal e outros bens culturais imóveis. O Palácio pertence à Fundação do Lar de S. Francisco, edifício ao seu lado, que procura vir a reabilitá-lo para aumentar as suas instalações. No geral, os edifícios nesta rua encontram-se em boas condições, num típico modernismo lisboeta. Na Rua Rodrigo da Fonseca destaca-se um conjunto, desaparecido no século XIX para a urbanização do local, a Quinta e Pátio dos Geraldes, Pátio Saldanha ou Quinta dos Arciprestes, que fazia parte da Quinta dos Oratorianos. Era um Palácio de chaminés cónicas, solarengo.[129]

No interior deste quarteirão, definido pela Rua Alexandre Herculano, Rua São Filipe Neri, Rua Rodrigo da Fonseca e Rua Venceslau de Morais, surge o Mercado Primeiro de Dezembro, ou Mercado do Rato. Inaugurado em 1927, no lugar da anterior Carpintaria Mecânica Portuguesa. Não se sabe a data exacta de construção da Carpintaria, mas esta enquadra-se numa janela entre 1871 e 1908.[130] No mesmo lote, adjacente ao mercado, existe um edifício habitacional que, actualmente se encontra desabitado. O seu piso térreo ainda é explorado por um dos restaurantes do mercado, com as suas áreas de serviço e vestiários. Pela placa na fachada, vemos que o edifício é reconhecido como Património Municipal, apresentando um aspecto arquitectónico de interesse. Os seus interiores, apesar de bastante degradados, possuem tectos trabalhados a gesso e o chão em marcenaria portuguesa. A sua tipologia é de cinco quartos, distribuindo-se uma habitação por piso.

Voltando ao Mercado, uma das razões para a presença da carpintaria nesta área poderá estar relacionada com a produção manufactureira da área. Ao ser um dos principais pólos da cidade de produção têxtil, tanto pela Real

128 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Veg, 1993, p.98
129 *Idem*, p.97
130 Hipótese feita com base na data de publicação do livro onde fotografias da carpintaria são publicadas e planta histórica onde o edifício ainda não existe. Emilio Canet, *Lisboa Artística e Industrial - Luxuoso album de photographias com um resumo historico da cidade*, Lisboa, Typ da Empreza da História de Portugal, 1908, p.39 e Planta Histórica da CML, 1871

Fábrica das Sedas como pelos diversas indústrias e oficinas domésticas de produção das Amoreiras, poderá ter havido uma maior necessidade de criação de serralharia para o fabrico de teares e máquinas de produção manual.[131] Assim, esta carpintaria provavelmente funcionaria como apoio ao núcleo industrial na proximidade. Para a substituição de funções ao edifício, apontamos o decréscimo de produção industrial do pólo, criando na carpintaria falta de trabalho, acabando por fechar. Assim, vendo-se uma estrutura vazia tão bem localizada na cidade, acaba-se por a adaptar a mercado, pela própria estrutura ampla e funcional. Das razões de escolha de um mercado neste local, além da centralidade, pode-se apontar como local estratégico pela presença da água e do chafariz do Rato. Esta não só melhorava as condições de higiene e saneamento ao mercado mas também proporcionava água para o gado que aí poderia ser vendido.

Olhando para a cartografia histórica de Lisboa, podemos entender a relação desta estrutura com a cidade e a sua evolução temporal. Aquando a sua criação, esta relação era fácil, aberta e directa. Na época, a cidade pouco tinha evoluído para Norte naquela área, sendo ainda zonas de campos e quintas. Entendemos essa relação na planta de 1911, onde a estrutura ainda era de carpintaria, de portas abertas para quem entrava à cidade, num lugar privilegiado. No seu lado Sul, ja existia a Garagem Auto-Palace e os outros volumes que definem a sua actual entrada. Na planta de 1950, já a estrutura era Mercado. Nesta vemos que em torno do local a consolidação dos quarteirões já foi feita, mas mantem-se uma ampla abertura para a Rua Rodrigo da Fonseca. Os edifícios que actualmente a fecham, apenas com uma entrada de carros por um vazio no piso térreo, não se sabe ao certo quando surgem mas, terá sido entre 1950-70, data em que surgem desenhados em planta. Estes são um maciço edificado, sem carácter de interesse relevante. Das duas entradas tímidas que restam hoje, é o lettering metálico que mais nos chama a atenção, na Rua Alexandre Herculano.

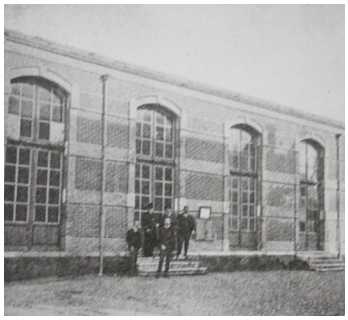


Fig.84 Exterior Carpintaria

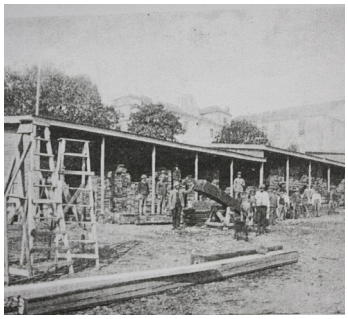


Fig.85 Depósito de madeira


Fig.86 Oficina de madeira

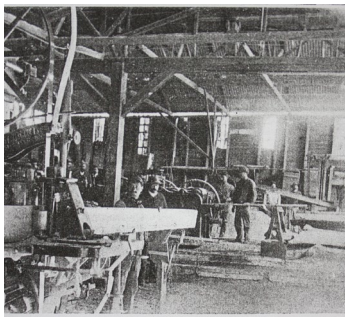


Fig.87 Oficina de serração

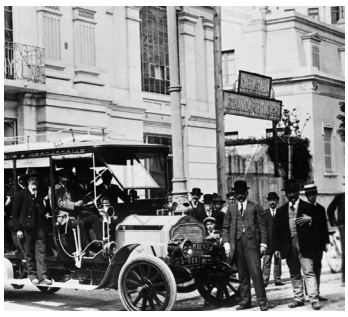


Fig.88 Lettering Carpintaria

131 *"Uns anos antes, no tempo do Marquês de Pombal e, cerca de 1800, [...] sentira-se a necessidade de criar serralharias para o fabrico de teares e de máquinas de cardar e fiar. [...] Pretendia-se apoiar os fabricantes que fundassem estabelecimentos têxteis, formando operários portugueses que se estabeleceriam por sua conta nos fabricantes que deles precisassem. [...] Algumas fábricas que existiam procuraram tornar-se auto-suficientes, através das suas carpintarias e serralharias."* Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa,* Lisboa, Livros Horizonta, 1994, p.480



Fig.89 Evolução do Tecido Envolvente e do Mercado do Rato. Plantas de base ordenadas: 1780 Planta Topographica de Lisboa, 1807 Duarte Fava, 1856/58 Filipe Folque combinada com 1871 Planta CML, 1911 Silva Pinto, 1950, 1970/83 Art.91 PDM, 2016



Fig.90 Lettering Mercado



Fig.91 Fachada R. Rodrigo Fonseca



Fig.92 Inauguração Mercado

Concretamente sobre o edifício, este enquadra-se numa Arquitectura Pré-Industrial, pela sua fachada principal em tijolo de burro. Volumetricamente, entendemos que o edifício actual não se diferencia muito. Em 1911, já as naves actuais existiam, com adição na parte de trás de uns volumes diferentes, os depósitos de madeira. Em 1950, ao mudar a estrutura para mercado, surge uma volumetria da mesma dimensão que a actual, na zona de fundo do terreno. Entende-se que talvez o mercado tenha sido relevante à cidade, dada a sua dimensão. Em 1970, este volume ainda se mantinha, não se sabendo ao certo a sua data de demolição. Actualmente, no espaço traseiro às naves existem uns anexos em pré-fabricado sem qualquer interesse e o restante espaço encontra-se vazio.

Construtivamente, os seus interiores são uma mistura entre ferro, madeira, tijolo de burro e betão. Pressupõe-se que a construção inicial da carpintaria fosse toda em madeira com suporte em tijolo de burro, a seguinte do mercado tenha sido um misto entre ferro e madeira e em posteriores alterações para melhoramento do mercado tenham sido acrescentados os reforços em betão. Por fotografias, compreendemos que a estrutura em madeira existente, pelo menos na nave do peixe, continua a ser a exactamente a

mesma, apesar dos reforços posteriores. Pelas fachadas traseiras, parece-nos também que o edifício mais alterado seja a nave que ainda funciona como mercado. Enquanto a nave do peixe possui uma fachada de fundo em ripado de madeira com ar antigo, a outra encontra-se toda consolidada, com um ar mais recente em tijolo de burro. Ainda no seu interior, por fotografias, entendemos a alteração que os módulos de mercado sofreram. De uma fotografia, provavelmente do início de funcionamento do mercado, vemos os módulos enquanto caricatas estruturas metálicas. Os módulos presentes actualmente são caixas de betão, consideramos que todo o mercado deve ter sofrido alguma remodelação para melhorias de condições de salubridade, aquando também devem ter sido feito os acrescentos estruturais. Alguns dos módulos são diferenciados, provavelmente por exploração do proprietário, alterando acabamentos, entre mármores e plásticos, e diversificando o tipo de caixilharias usadas. O mercado consecutivamente foi perdendo a sua identidade e coesão visual. Também ao longo do tempo este foi-se tornando cada vez mais fechado.



Fig.93 Inauguração - cantina


Fig.94 Inauguração - nave do peixe


Fig.95 Mercado do Rato


Fig.96 Mercado do Rato, actual


Fig.97 Nave Mercado, actual

Justificando o uso da madeira na construção esta deve-se, primeiro, prender com o facto do edifício ser uma carpintaria, portanto ligado à função e tipologia comum. Segundo, o uso de madeira em vez de uma estrutura em ferro pode ser uma preocupação económica. Estávamos num período complexo: entre 1880-90, saíamos de um ciclo de pobreza e surgiam a Avenida da Liberdade, os aterros portuários e ferrovias; entre 1900-10 a cidade crescia, mas a preocupação eram as Avenidas Novas; em 1910-20 voltávamos a crises internas e externas, políticas, pelas lutas partidárias, pela Guerra e pela Grande Depressão, não se dinamizando o sistema urbano.[132] Assim provavelmente, o capital que começava a surgir estava direccionado para outras questões maiores, deixando a indústria manufactureira, longe do mundo industrial da máquina que realmente gerava lucros, de fora. Assim, com preocupações de responder a um mercado menor, opta-se pela madeira, de construção rápida e simples, pelas influências todas que advêm da arquitectura pombalina.

Funcionalmente, de fotografias da inauguração do mercado, vemos que além de ser o típico mercado onde o mais explícito é a venda de peixe, em algum lugar do seu conjunto existia também uma cantina. De mercado, o que

132 Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa,* Lisboa, Livros Horizonta, 1994, p.493



Fig.98 Nave Peixe, actual



Fig.99 Mercado do Rato, actual

se mantém é uma pequena zona de vegetais, uma padaria, venda de bacalhau e dois restaurantes. A área exterior funciona como parque de estacionamento pago, e a nave isolada das traseiras e seus anexos é onde se encontra a Higiene Urbana da Freguesia. Na antiga nave do peixe, recentemente abriu a "Loja D. Ajuda", pertencente à "Boa Vizinhança". A "Boa Vizinhança" é uma Associação de Solidariedade, composta por uma rede de voluntariado que procura angariar fundos para ajudar a instituição que apadrinhou, o Lar Jorbálan, ou outras instituições da freguesia. Realiza também eventos de dinamização do espaço público e tem uma loja social. A "Loja D. Ajuda" funciona com doações que são vendidas a preços simbólicos ou através da moeda da freguesia, os "Santo Antónios". Esta convidou a "Fruta Feia" a ser parceira no projecto, por também combater o desperdício, na venda de cabazes de frutas e vegetais não calibrados para as grandes superfícies. Assim, a loja possui um horário alargado estando aberto todo o dia e a Fruta Feia acontece semanalmente, ao final do dia.

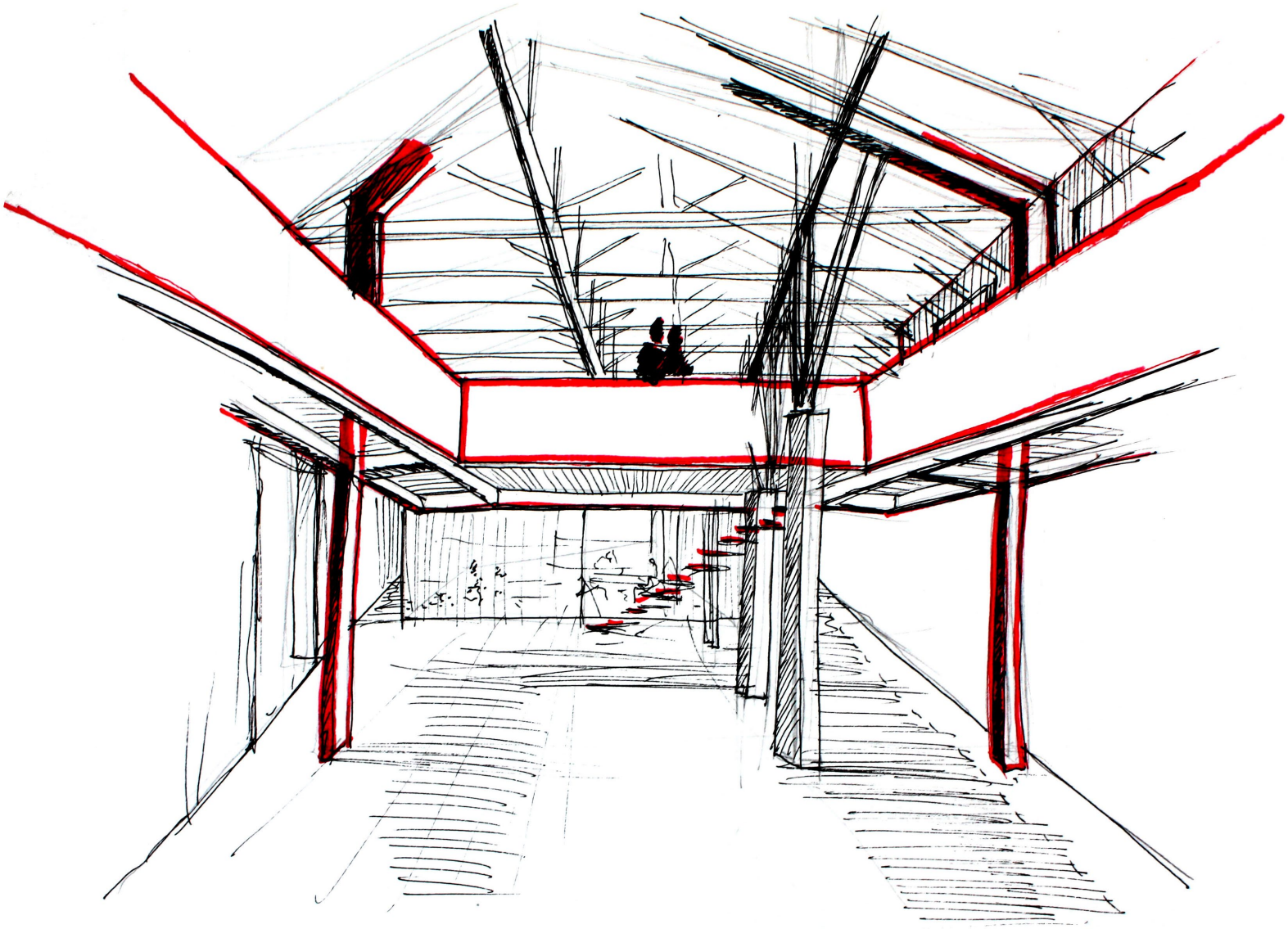


Fig.100 Proposta para área expositiva, Mercado do Rato

"A tradição é a transmissão do fogo, não o culto das cinzas"

Gustav Mahler[1]

1 citado por João Paulo Martins, José Neves, Jorge Spencer, Pedro Belo Ravara, *Experimentar o moderno em Lisboa*, in 10th International Docomomo Conference, Roterdão, 2008, pp.295-300

Capítulo VI Quotidiano - In situ

Se queremos intervir com a memória, e falamos da memória colectiva como elemento vivo, de que outro sítio poderíamos retirar a informação necessária ao processo projectual do que do quotidiano, da vida regular das pessoas que passam, que habitam e que conhecem o espaço. É por ele que entendemos a forma de organização e existência de um grupo e, ao usá-lo como partida, privilegiamos a presença histórica, social e psicológica humana.

6.1 Experiência e Percepção

Iniciamos pela apreensão do espaço pelo sujeito, baseada na experiência e percepção do que é encontrado e revisitado. Ao longo dos meses de visita ao Mercado do Rato, compreendeu-se que este, apesar de activo, é um espaço desabitado. Caracterizado por alguns espaços de mercado ainda em funcionamento mas pouco frequentados e dois restaurantes movimentados, são as marcas do abandono e da degradação que o representam. Só mais recentemente, com a abertura da "Loja D. Ajuda" e da "Fruta Feia", a nave onde estas acontecem animou-se mas não influenciando a área de mercado, de horário diferente. Quanto ao estacionamento, apesar de pago, é bastante utilizado.

O ambiente do mercado é tendencialmente calmo, intimista, onde todos se conhecem e conversam. Os movimentos mais característicos que assinalam o mercado são marcados por carros de descarga de quem aqui trabalha, pelos camiões da higiene urbana que atravessam a rampa de circulação ou por transeuntes que trabalham na área e tomam o mercado como atalho de manhã e ao fim do dia. Durante o almoço, o barulho predominante advém dos restaurantes, movimentados por empresários da área, que tomam já o mercado como sítio comum onde fazer as suas refeições, havendo um ambiente familiar entre estes e os empregados. Todo o barulho exterior das principais vias de circulação automóvel, que pautam as ruas exteriores, é inaudível no interior do quarteirão. Sentimo-nos longe do movimento frenético da cidade, numa perda de contacto com as largas avenidas da área.

Da envolvente, o Largo do Rato é uma zona de grande afluência, tanto automóvel como de peões, com um desenho do sistema viário complexo, que torna todo o largo mal resolvido. Tem um elevado congestionamento e grandes movimentos pendulares pela variedade de transportes públicos e ligação com diversas áreas da cidade, funcionando essencialmente como uma zona de trabalho, de escritórios ou início de zona turística. Os cafés e esplanadas aqui existentes, de pequena dimensão, são bastante usados para estadias curtas e, no largo, existe também algum comércio ambulante sazonal. A Rua Alexandre Herculano já possui menor movimento de peões. Apesar de ser desenvolvida em passeios largos arborizados, foca-se

essencialmente no carro, pelo acesso ao Marquês de Pombal. A Rua São Filipe Neri possui um traçado mais antigo, só com um sentido viário e estacionamento de ambos os lados, sempre lotado. Os passeios são estreitos, de difícil circulação, com diversos restaurantes e comércio menor. Já a Rua Rodrigo da Fonseca é uma rua de maior movimento em relação à anterior, com duas faixas de rodagem, arborizada e com estacionamento de ambos os lados e central. O seu maior movimento é dado por uma grande presença de diversos serviços e escritórios, apresentando um ambiente mais moderno que a anterior.

6.2 Entrevistas e Conversas

Como segunda forma de entendermos o Mercado do Rato, do que este é quotidianamente, conversámos com intervenientes e relacionados com o espaço, entre os quais trabalhadores do mercado, o Presidente da Junta de Freguesia de Santo António, Vasco Morgado, e um Membro da Direcção da "Boa Vizinhança", Ricardo Santos. Das entrevistas e percepções, podemos entender melhor a memória deste, ultrapassando uma análise histórico-documental.[133]

Sobre o seu passado, descobrimos que este era um lugar movimentado, com grande afluência de pessoas, oferecendo todos os produtos que compõem um mercado, em múltiplas bancas. Era como tantos outros na cidade e todos sabiam da sua existência. A comerciante dos vegetais e o seu pai, os trabalhadores mais antigos do mercado com quem falámos, contam que antes, em todo o terreno funcionava o mercado, sempre cheio, aberto todos os dias, até ao fim de semana. De peixeiras, existiam mais de 200 e aqui também existia um matadouro. A água era escassa, existindo apenas uma torneira próxima às floristas, os restantes teriam que se abastecer com baldes, numa dificuldade de circulação de um mercado cheio. Ricardo Santos afirma que há quem diga que este era mesmo o melhor mercado de Lisboa, com imensa vida. Sobre este anteriormente ser a Carpintaria Mechanica Portugueza, ninguém sabe dessa informação.

Como principal razão para a sua queda, apontam a abertura das novas superfícies e os seus horários alargados. Também é dito, pela comerciante dos vegetais, que o aparecimento do MARL veio dificultar o acesso a produtos frescos, por se encontrar a uma maior distância da cidade. Já dono do restaurante aponta a maior queda à cerca de 2 anos, com o fecho da maioria das bancas e uma maior deterioração do espaço, pelo seu abandono. Sobre as condições do espaço, como o mercado é parcialmente aberto, torna-se um espaço frio e chuvoso no Inverno e, pelo material utilizado na cobertura, é também demasiado quente no Verão. Podemos afirmar então que o esquecimento deste mercado não passa por ser desconhecido ou escondido do

133 Para uma informação mais detalhada das entrevistas, ver Anexo 8.

percurso das pessoas, mas sim pelas más condições e pouca oferta que apresenta.

No presente, ninguém utiliza ou compra algo no mercado. O comerciante da banca do bacalhau diz que tal pode resultar pela diversa publicidade já feita ao seu fecho, em que a população deixa de saber se realmente este ainda existe. Apesar do arrastar da situação, todos os comerciantes falam que este se encontra num processo próximo de fecho, para exploração pela EMEL. Do mercado que ainda se mantém em funcionamento, o restaurante é um dos pontos com maior movimento, reconhecido pelo próprio proprietário. Este, chegou mesmo a elaborar algumas obras no seu espaço, na procura de uma melhor qualidade e conforto. Fala-nos que, apesar do mercado ir fechar, os restaurantes irão manter-se. Também a banca central de vegetais procura manter-se activa, associando-se a um concurso de vitrinismo para maior publicidade do negócio, com o nome "Tininha dos Cestos". Assim, a maioria dos clientes são a população idosa que, com a perda de residentes na área, se faz ressentir no mercado. Actualmente a base de actividades na área são empresas e escritórios, o que faz com que o horário do mercado não seja compatível com a rotina das novas pessoas que frequentam este bairro, focalizada no fim do dia. O mercado acaba por ser apenas ponto de transição, de atalho, a quem trabalha na área ou de visita pontual de turistas, curiosos pelo letreiro caricato à entrada que indica um mercado. A comerciante da padaria diz que quem visita o mercado por curiosidade acaba sempre por não voltar, saindo espantado com o estado degradado em que este se encontra. Já em Abril, com a abertura da loja D. Ajuda, e depois com a junção da Fruta Feia, a afluência de pessoas aumentou exponencialmente, mas focando-se apenas na nave onde os dois projectos estão inseridos, continuando a área de mercado tradicional sem qualquer tipo de movimento. Já sobre o projecto futuro da EMEL, Ricardo Santos fala-nos que inicialmente este iria passar por uma total demolição do existente e criação de uma Sede mas, pela intervenção da "Boa Vizinhança", e por aqui se encontrar a Higiene Urbana da Freguesia, abandonou-se tal hipótese. Conclui-se assim que, possivelmente, parte será demolida para estacionamento e a nave da "Boa Vizinhança" será mantida em conjunto com o edifício habitacional adjacente. Sobre o estacionamento, os comerciantes entendem a sua mais-valia como fonte de lucro e utilização mas Vasco Morgado e Ricardo Santos entendem que este não é congruente com uma cidade que ser quer livre de carros.

Para sugestões futuras, o Presidente Vasco Morgado fala que as propostas actuais para os novos mercados, como Campo de Ourique, não são as mais benéficas. São espaços vocacionados para uma população mais jovem, onde a junção do mercado tradicional com um espaço de lounge não cria uma oferta confortável para a família. E, no seu ver, o Mercado do Rato tem que ser isso, um espaço para a comunidade e para a família, que ofereça qualidade de vida ao bairro. A sua ideia era um projecto com 2 ou 3 âncoras de marcas fortes,

que atrairiam outras pequenas, numa mistura do mercado com cultura, onde ao final do dia poder-se-ia ir em família. Um multiusos cultural com auditório, mas nunca perdendo o bairro de vista, com parque infantil, espaços de lazer e cafés. Um mercado para a cidade e para os lisboetas, uma sensação de estar no bairro, estar em casa. Ricardo Santos, ao ver o sucesso do projecto da Fruta Feia, compreende que o mercado é ainda algo a ponderar, mas feito de uma forma alternativa, por exemplo num contacto com a Associação de Novos Agricultores. Quanto a um programa, fala de, associado à presença da "Boa Vizinhança", a criação de Incubadoras de Associações. Existe uma variedade de Start-Up's para empresas, mas nada vocacionado para a parte social. Dentro dessa ideia, fala de uma proposta anterior, chamada "RaT0 - Rede de Associações T0", em que cada loja era uma associação e o espaço central era de reuniões e anfiteatro. Reconhece também o valor em associações culturais, informando-nos que a freguesia é muito rica nestas, vocacionadas para os jovens. No âmbito de Start-Up's artísticas e áreas expositivas, diz-nos também que a "Boa Vizinhança" integra-se no "Bairro das Artes", uma iniciativa promovida pela Associação "Isto não é um Cachimbo", que engloba as galerias de arte da área. Desta iniciativa possuem um evento chamado "O Jardim das Artes", onde artistas são convidados a expor as suas obras. Reconhecemos desta forma como a "Boa Vizinhança" é uma mais valia a manter no Mercado, pelas suas valências tanto no âmbito social como cultural e artístico. Uma última ideia apresentada foi, no edifício habitacional adjacente, criar a Sede da Junta de Freguesia, pois esta encontra-se num espaço cedido pela Câmara e a sua Sede num local de difícil acesso. Dos comerciantes, as propostas passam por um mercado mais moderno, de boas condições. Entendem que o mercado tradicional já não funciona, dizendo que terá que oferecer algo mais, sendo a restauração é apontada como uma forte valência. A funcionária da Loja D. Ajuda falou do quanto o espaço do mercado é interessante e característico, com diversas oportunidade não aproveitadas. Como sugestão apontou Start-Up's e Co-Working, com espaços de workshops, culinária, restaurantes, um espaço para jovens e para a sua criatividade. Realça que a intervenção tomada deve procurar manter a tradição e o conceito que o espaço tem, tirando partido do existente. No geral, reconhecem que, como a área tem poucos residentes, tem que se chamar a população aqui e, sendo uma área central maioritariamente de empresas, existe imensa oportunidade para criar algo para o quotidiano de quem passa.



Fig.101 Proposta de intervenção urbana, Mercado do Rato

"That is all you have to know. The program is nothing (...) Every space must have its own definition for what it does, and from that will grow the exterior, the interior, the feeling of spaces, the feeling of arrival [...] you getting the essence of what you are trying to do in creating what it wants to be, should be the first concern"

Robert Twombly (ed.), Louis Kahn, Essential Texts, New York, London, W.W. Norton & Company, 2003, p.55

Capítulo VII Prática Projectual

7.1 Conceito - Memória e Tempo

Após a investigação da memória colectiva, espelhada na Arquitectura, e do levantamento de opiniões e percepções, através das entrevistas aos usuários e conhecedores do mercado, traçamos como é que a reabilitação deverá seguir, num processo que responda tanto ao que é necessário e útil, como ao manter de uma memória do que antes foi. Assim, tradição e inovação irão se fundir para gerar a resposta, o lugar vivo, que permite à memória continuar a crescer, ultrapassando o historicismo, a museificação do espaço. O conceito ou método de reabilitar passa então por entender o que é necessário e permanente e limpar tudo o que seja dispensável, sem valor relevante. Uma procura de gerar um espaço com sinais e marcos do que foi, mas preparado para receber novas vivências, o evoluir dos grupos que se formarão.

A imagem que define o Mercado do Rato é a sua forma simples, de naves amplas cobertas a duas águas, com uma área exterior em cada entrada e um percurso de ligação em rua murada da Rua Alexandre Herculano e da Rua Rodrigo da Fonseca. Estruturalmente, o interior é demarcado numa repetição de asnas em madeira, sustentadas em paredes fechadas para o exterior. Assim, a asna e a sua repetição é a impulsionadora da reabilitação, reinterpretada para uma estrutura de pórtico metálico depurado, que dialoga mas se diferencia da pré-existência, assume o seu tempo actual. A repetição do pórtico metálico irá sustentar os novos elementos inseridos no espaço pré-existente, dotando-o de carácter e funcionalidade e irá ser também a raiz para os novos volumes que irão completar o conjunto. Exteriormente, procuramos manter a matriz básica de circulação, de rua de acesso e passagem que se finalizam ou num pátio de recepção ou numa praça pública de estadia e encontro.

A memória é assim impregnada na materialidade e o tempo é expresso pelos diálogos interventivos, numa harmonia que possibilita a vivência pausada e deambulatória, um ambiente de comunidade que procura significar o espaço - dotá-lo de identidade.

7.2 Programa - Organização Espacial

Mais do que uma fachada com frente de rua, muito da resposta de dar vida ao mercado passa pelas actividades nele inseridas e ter um público alvo. Mais do que um espaço inserido no nosso percurso e rotina, procura-se um escape escondido, secreto, com vivências e um ambiente de valor. Esse lugar cativa-nos pelo que oferece, pelo conforto de permanecer. O citadino procura recantos, lugares longe da confusão e da pressa urbana, onde re-encontra a calma. No Mercado do Rato dá-se essa resposta. Ao encontrar-se num espaço central, tira partido das

actividades em redor, pela variedade de pessoas que aqui trabalham ou passam e, pela localização também, pode tirar partido de novas actividades a oferecer à cidade. Assim, associado a encontrar-se fechado num quarteirão, encontra o anonimato e a paz, o silêncio da fuga da velocidade mas com a qualidade de se inserir um tecido consolidado. No desejo de manter a memória do que antes este lugar vivenciou, e entendendo as necessidades actuais de quem habita a cidade, recriámos um novo programa, polivalente. Compreendemos que a função de mercado tradicional já não é compatível com a vida contemporânea urbana mas, através de uma re-interpretação deste, da análise de outros casos e da opinião de quem o conhece, entendemos que esta função na cidade ainda pode existir, ajustada a novas procuras e novas rotinas. Assim, mantivemos parcialmente a função mercantil associado a novos programas, que procuram qualificar a cidade e o bairro, portanto, directamente relacionados com o ser humano e as suas necessidades sociais.

Com o desejo de criar uma comunidade inovadora e uma oferta agradável na freguesia, o programa baseou-se nas Indústrias Criativas, materializado em módulos de Start-Up's, Incubadoras e espaços de Co-working. Estes serão as âncoras para o progresso, para a criatividade e para o rejuvenescer do lugar. São assim criados módulos de trabalho, adaptáveis a diversos projectos e áreas de investigação, dispostos tridimensionalmente na antiga nave do mercado, esvaziada, que dialogam com jogos de luz de vãos zenitais. Esta mesma nave é também a que irá hospedar o novo mercado, numa vertente mais biológica, natural, que poderá contar com a parceria da Associação de Novos Agricultores e com o projecto da "Fruta Feia", ou outros dentro do mesmo conceito de mercado alternativo ou temporário. O mercado é desenhado com 3 tipologias diferentes de banca - a bancada simples, o "stand" ou a loja.

A antiga nave do peixe, que se encontra em contacto com o largo de entrada, será a nave de recepção e promoção do que vai sendo aqui produzido. Assim, dispõe de duas zonas distintas expositivas, uma temporária para os projectos e ideias que surgem dentro do Mercado do Rato e uma permanente, do recordar, da memória e da história dos mercados em Lisboa, um Centro Interpretativo. À sua frente existe um pequeno pátio de entrada, de distribuição a esta, ao corredor de circulação do mercado, a uma das entradas para a área de Start-Up's ou acesso ao edifício habitacional adjacente ao projecto. Esta entrada às Star-Up's é demarcada por uma fachada de linguagem industrial, em tijolo de burro, do período em que aqui funcionava a Carpintaria Mechanica Portugueza, sendo o elemento de maior simbolismo histórico no conjunto. Quanto ao edifício habitacional adjacente, este não se encontra inserido no conjunto a intervir mas, encontrando-se desabitado, deixamos como proposta a criação da Sede da Junta de Freguesia de Santo António, com uma colaboração mais profunda na dinamização e reconhecimento do espírito de comunidade que procuramos criar no mercado.

A antiga nave da Higiene Urbana será transformada num auditório que tanto procurará responder às necessidades das Start-Up's, com oferta de espaço para conferências e seminários, como também ser um espaço para a comunidade, onde poderão ser apresentados diversos espectáculos culturais. O auditório procura ser versátil, portanto também um espaço público e aberto diariamente, como área de estudo ou trabalho, sendo os seus bancos desenvolvidos num sistema de mesas retrácteis com fichas eléctricas embutidas.

Quanto ao espaço público, no antigo estacionamento exterior, ir-se-á criar uma Praça como dispositivo central de encontro urbano. Quer-se com ela recriar o ambiente do Mercado e da Ágora grega, do espaço público de encontro e actividades centrais da cidade, neste caso do bairro. A praça terá a função principal de edificar e reforçar laços sociais, um espaço público de convívio e troca, onde o tempo existe para existirmos. Um retornar ao espírito de bairro, onde o lisboeta sinta que pertence à sua cidade, em casa. A praça será caracterizada, activada pelo espaço de mercado que poderá crescer para o exterior, por esplanadas e zonas de estadia ou por actividades de entretenimento e lazer desenvolvidas para a população. Igualmente o auditório será aberto para esta, tornando-se a praça uma extensão da plateia. A área exterior terá também uma zona verde, de jardim, com plantações de produtos que poderão posteriormente ser vendidos no mercado.

Ao intervirmos no interior de quarteirão, a envolvente visível do espaço público oferecido são traseiras do edificado e seus logradouros e a delimitação do lote são muros. Daí, sentiu-se a necessidade de criar dois novos volumes para completar o conjunto, abraçando a praça. O primeiro volume nasce da pré-existência, dando continuidade ao mercado e oferecendo cafetarias, zonas de estar e sentar, esplanada e um restaurante mais tradicional para a família. O segundo volume, já afastado da pré-existência e fechando o final do lote, abraça este numa rampa que leva à sua cobertura acessível, uma segunda praça. O seu interior será explorado pela Associação "Boa Vizinhança", sendo a "Loja D. Ajuda" para aqui transferida e serão também oferecidas diversas salas adaptáveis. Estas poderão ser salas de reuniões ou de apoio a novas associações, salas de workshops e actividades diversas para a comunidade, com foco em crianças e idosos, ou também salas de apoio às Start-up's, na necessidade de maior área, por exemplo para oficinas.

Por último, sendo o Mercado transformado num Pólo Criativo, quer-se que a Arte tenha um papel fortemente demarcado no espaço. Assim, a Arte Urbana será um meio chave para chamar a atenção e dinamizar o lugar. Como foi dito anteriormente, quer-se manter o percurso de rua de acesso ao mercado, sendo estas transformadas em "corredores ilustrados", com pinturas murais, trabalho de azulejaria ou outras vertentes de intervenção de artistas,


Fig.102 Okuda San Miguel, Madrid


Fig.103 Nelio New Mural, Valência

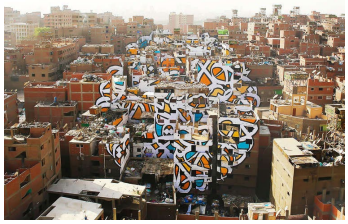


Fig.104 El Seed, Cairo


Fig.105 (fos), Madrid


Fig.106 Felice Varini, Monte Carasso


Fig.107 Georges Rousse, Rüsselsheim

numa mostra de Arte em diálogo com a Arquitectura e a Cidade. A entrada principal manterá o lettering metálico existente e a parede branca do Auto-Palace será intervencionada. Na Rua Rodrigo da Fonseca, o túnel actual de acesso será também intervencionado com arte urbana, que se relacionará com a fachada da frente de rua onde se insere, criando um jogo tridimensional. Como proposta de interacção tridimensional, ponderamos também a anamorfose, jogando com a utopia e os contrastes entre intervenção e pré-existência. A fachada de entrada é logo um apontamento ao conceito do projecto - um contraste de tempos, linguagens, memórias e grupos que coabitam. Sugere a imagem da cidade onde as discrepâncias se tocam e realçam identidades por contraste. Assim, sendo esse edifício um maciço edificado com pouco interesse, tornar-se-á a entrada mais proeminente para quem passa e, igualmente, a própria rua ganhará uma nova cor. Sendo este edifício posse da Câmara Municipal de Lisboa, propõe-se que, ao lado da entrada ao mercado, se retire parte ao piso térreo para criar uma segunda entrada como acesso a um parque de estacionamento subterrâneo público, com oferta de 167 lugares de estacionamento. Por último, também associado ao papel que a Arte toma, reconhecemos que a associação do Mercado ao evento do "Bairro das Artes", poderá ser um marco forte para dinamizar a sua produção artística e conhecimento ao público.[134]



Fig.108 Esboço de intervenção na fachada da Rua Rodrigo da Fonseca

134 Para mais informação a cerca do Bairro das Artes e da inserção do Mercado do Rato no percurso deste, ver Anexo 9.



Fig.109 Esquema Programático

Rosa - antiga nave de peixe
- Recepção e exposições temporárias
- Exposição permanente
- Área de serviços

Azul e amarelo - antiga nave de mercado
- Área start-up
- Mercado alternativo
- Módulos de loja
- I.S. pública

Laranja - antiga nave de higiene urbana
- Auditório
- Piso técnico

Roxo e Verde - Novos Volumes
- Restauração e cafetaria
- Loja D. Ajuda
- Salas multi-usos
- I.S. pública

Fig.110 Esquema de Demolições

Existente — Novo — Demolição

"The public realm of the City of Collective Memory should entail a continuous urban topography, a spatial structure that covers both rich and poor places, honorific and humble monuments, permanent and ephemeral forms, and should include places for public assemblage and public debate, as well as private memory walks and personal retreats."

M. Christine Boyer, The City of Collective Memory, Massachusetts, The MIT Press, 1994, p.9

Capítulo VIII Conclusão

Numa intervenção à cidade, e defendendo a ligação estreita entre indivíduo, grupo e objecto, entendemos que a principal preocupação deve passar pela oferta de algo a quem a habita. Esta oferta não precisa necessariamente de ser um marco no tecido urbano, a intervenção pode passar por um acto silencioso, que resolve e articula os tempos. Na cidade, entendemos sempre uma hierarquia e, para tal, certos edifícios aceitam-se e entendem-se como introvertidos. Não são monumentos, mas são igualmente necessários à harmonia do tecido vivo. A calma e o silêncio do edifício, que é lugar no mapa urbano para nos dar o lugar de estabilidade. Assim, são estas características e idiossincrasias do palimpsesto urbano que lhe conferem alma e personalidade - identidade distinta - só alcançável pelo entender das memória e pelo equilíbrio da existência urbana e do ambiente materializado. Igualmente, a cidade é construída e construção de um conjunto de diferentes pessoas. Daí, o seu resultado torna-se diversificado mas, igualmente, a sua oferta tem que ser rica em opções para todos, numa variedade de elementos, caminhos, encontros e bairros.

Assim, a reabilitação estende-se a muito mais do que ao Monumento, preocupa-se também com o Património Imaterial. As vivências, o quotidiano, os valores do mundano e humanos, que acabam por criar a memória colectiva de um grupo, que se materializa num espaço - o seu lugar. Reconhecemos, desta forma, que o Mercado do Rato é um lugar de digno valor para se proceder à sua reabilitação, não recaindo na opção fácil da sua total demolição. Assim, o seu valor imaterial de vivência do espaço fá-lo brilhar, numa subjectividade que caracteriza os conceitos de valor e belo. A memória e o tempo são tomados como partes de valor histórico, único, onde o Mercado do Rato é um exemplo único na cidade de Lisboa, pelo seu tipo de construção e percurso histórico, pouco conhecido. Também questões de sustentabilidade, reutilização e reaproveitamento do espaço nos aconselham a tirar partido do que a História nos deixou, confiando no testemunho do tempo e aceitando as suas incongruências, com a possibilidade de as melhorar para encaixar no paradigma contemporâneo. Assim, mais do que julgamentos estéticos, partimos da sinceridade do espaço, da sensibilidade do banal e da valorização do ser humano e do grupo, onde se dá destaque e valor ao anónimo. O anónimo acaba por ser um lugar complexo, dúbio nos seus resultados, mas é uma natural consequência do quotidiano e marco de uma memória colectiva natural, pura, não influenciada por políticas ou apropriações forjadas de conceitos que se procuram suplantar à sociedade. São processos naturais, criados pelo homem e que, por isso, têm o seu valor de único, como símbolo de uma utilidade necessária ao tempo em que surgiu. Mas, dentro deste pensamento, não defendemos a premissa de tudo reabilitar. Entendemos que a cidade necessita igualmente de limpeza e de novos elementos. É sempre necessário entender o que deixar e o que retirar. O que é perene

ou desnecessário, inútil ou de valor, efémero ou identitário. A demolição também é uma intervenção e, portanto, deve ser uma acção ponderada.

Sucintamente, o carácter do lugar que inicialmente falávamos é então definido por estes valor imateriais, que geram identidade e são a forma de transmitir uma cultura ou uma existência ao longo dos tempos. É desta identidade, e da ligações invisíveis que tornam o passado e o presente uma continuidade, que se constrói a comunidade coesa, a memória colectiva viva, fluída. Concluímos desta forma que Homem, grupo e objecto estão intrinsecamente ligados, e só nessa ligação fixa encontramos a cidade coesa e a Arquitectura possível de habitar, onde a identidade de cada elemento existe, mas deixa espaço para a outra se espelhar em si, numa simbiose de significações que permitem o fluir do tempo, natural, adaptável à mudança, inspirado numa pré-existência.

Bibliografia

Alexander, Christopher - The Timeless Way of Building, New York, Oxford University Press, 1979

Appleton, João - Reabilitação Urbana e Tecnologias de Intervenção in "Arquitectura Ibérica", Casal de Cambra, Caleidoscópio, nº19, 2007, pp.4-17

Araújo, Norberto - Peregrinações em Lisboa, vol.s V, XI, XIV, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993

Arendt, Hannah - The Human Condition, 2ª edição, Chicago, University of Chicago, 1998

Augé, Marc - Las formas del Olvido, Barcelona, Editorial Gedisa, 1998

Bachelard, Gaston - The Poetics of Space, Boston, Beacon Press, 1994

Bachelard, Gaston - The Psychoanalysis of Fire, London, Routledge & Kegan Paul, 1964

Benévolo, Leonardo - As Origens da Urbanística Moderna, Lisboa, Editorial Presença, 1987

Bergson, Henri - Matéria e Memória, Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito, 2ª edição, São Paulo, Brasil, Martins Fontes, 1999

Boyer, M. Christine - The City of Collective Memory, Massachusetts, The MIT Press, 1994

Brandi, Cesare - Teoria do Restauro, Lisboa, Orion, 2006

Calvino, Italo - Invisible Cities, Florida, Harcourt Brace & Company, 1974

Canet, Emilio - Lisboa Artística e Industrial - Luxuoso Album de Photographias com um Resumo Historico da Cidade, Lisboa, Typ da Empreza da História de Portugal, 1908

Choay, Françoise - A Alegoria do Património, Lisboa, Edições 70, 1999

Connerton, Paul - Como as Sociedades Recordam, 2ª edição, Oeiras, Celta Editora, 1999

Fentress, James, **Wickham,** Chris, - Memória Social, Lisboa, Teorema, 1992

Fernandes, Fátima, **Cannatà**, Michele - Reciclar o Existente e Requalificar o Território in "Territórios Reabilitados", Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2009, pp. 9-15

Halbwachs, Maurice - A Memória Coletiva, São Paulo, Edições Vértice, 1990

Heidegger, Martin - Poetry, Language, Thought, New York, Harper Perennial Modern Classics, 1971

Hertzberger, Herman - Lessons for Students in Architecture, 5ª edição, Rotterdam, 010 Publishers, 2005

Hipólito, Fernando - Sítio, Projecto e Arquitectura, Para uma Descoberta do Fazer e do Ler Projectos de Arquitectura, Cascais, True Team, 2011

Fehn, Sverre - The Skin, the Cut and the Bandage, The Pietro Belluschi Lectures, Massachusetts, MIT Press, 1997

Fjeld, Per Olaf - Sverre Fehn, The Pattern of Thoughts, New York, The Monacelli Press, 2009

Giedion, Sigfried - Space, Time and Architecture, Massachusetts, Harvard University Press, 1976

Huyssen, Andreas - Present Pasts, Urban Palimpsest and Politics of Memory, California, Stanford University Press, 2003

Huyssen, Andreas - Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia, Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000

Kong, Mário S. Ming - Central Tejo - Uma Abordagem da Arquitectura Industrial, Lisboa, Insidecity Lda., 2013

Lamas, José Manuel Ressano Garcia - Morfologia Urbana e Desenho da Cidade, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993

Loução, Maria Dulce - Paisagens Interiores, para um Projecto em Arquitectura, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2013

Lynch, Kevin - The Image of the City, Massachusetts, The MIT Press, 1990

Martins, João Paulo, **Neves**, José, **Spencer,** Jorge, **Ravara**, Pedro Belo, Experimentar o moderno em Lisboa, in 10th International Docomomo Conference, Roterdão, 2008, pp.295-300

Maslow, Abraham H. - A Theory of Human Motivation, in "Psychological Review", vol.50 (4), 1943, pp.370-396

Moita, Irisalva (coord.) - O Livro de Lisboa, Lisboa, Livros Horizonte, 1994

Mumford, Lewis - A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectivas, 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982

Nora, Pierre - Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares, in "Projeto História", São Paulo, nº10, 1993, pp.7-28

Norberg-Schulz, Christian - Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture, New York, Rizzoli, 1980

Pevsner, Nikolaus - A History of Building Types, Londres, Thames and Hudson, 1976

Pinheiro, Magda - Biografia de Lisboa, 2ª edição, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2012

Pires, Amílcar de Gil e - Carácter da Arquitectura e do Lugar, in "Artitextos06", Lisboa, 2008, pp.107-120

Pollak, Michael - Memória e Identidade Social, in "Estudos Históricos", Rio de Janeiro, vol. 5, nº10, 1992, pp.200-212

Pollak, Michael- Memória, Esquecimento, Silêncio, in "Estudos Históricos", Rio de Janeiro, vol.2, nº3, 1989, pp.3-15

Riegl, Alöis - El Culto Moderno de los Monumentos, Madrid, La Balsa de la Medusa, 1987

Rossa, Walter - Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista, Lisboa, IPPAR, 1998

Rossi, Aldo - Arquitetura da Cidade, São Paulo, Martins Fontes, 2001

Ruskin, John - The Seven Lamps of Architecture, New York, John Wiley, 1849

Santo Agostinho - Confissões, Livro XI, Lisboa, INCM, 2000

Tilmans, Karin, **Vree**, Frank Van, **Winter**, Jay (eds.) - Performing the Past, Memory, History and Identity in Modern Europe, Netherlands, Amsterdam University Press, 2010

Torga, Miguel - Diário - vols. XIII a XVI, 5ª edição, Alfragide, D. Quixote, 2011

Twombly, Robert (ed.) - Louis Kahn, Essential Texts, New York, London, W.W. Norton & Company, 2003

Vaz, Pedro (Coord.) - Built Heritage, Management and Conservation in Use, Cascais, Museu da Presidência da República, 2015

Weston, Richard - As + Importantes Edificações do Século XX, 2ª edição, Porto Alegre, Bookman, 2011

Zumthor, Peter - Thinking Architecture, Basel, Birkhäuser Publishers for Architecture, 1999

Sitiografia

Câmara Municipal de Lisboa - PDM Plano Director Municipal de Lisboa, http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal (acedido em 10.08.16)

Câmara Municipal de Lisboa - PUALZE Plano de Urbanização da Avenida da Liberdade e Zona Envolvente, http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-urbanizacao-da-avenida-da-liberdade-e-zona-envolvente (acedido em 23.08.16)

Direcção Geral do Património Cultural - Sítios, monumentos e conjuntos, classificados e em vias de classificação, http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral (acedido em 29.09.16)

ESAD - Quadra Incubadora de Design http://www.esad.pt/pt/news/quadra-incubadora-de-design (acedido em 02.10.16)

Fehn, Sverre - Ceremony Acceptance Speech, The Pritzker Architecture Prize, http://www.pritzkerprize.com/1997/ceremony_speech1 (acedido em 15.09.16)

Freguesia de Santo António - História, Lisboa, http://www.jfsantoantonio.pt/?page_id=182 (acedito em 20.08.16)

Leite, José - Mercados de Matosinhos e do Bom Sucesso, http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2014/06/mercados-de-matosinhos-e-do-bom-sucesso.html (acedido em 02.10.16)

Mings, Josh - The Story of Building Sverre Fehn's Museums, http://www.joshuamings.com/files/Mings_fellowship_lecture.pdf (acedido em 15.09.16)

Porto24 - Mercado de Matosinhos Classificado como Monumento de Interesse Público, http://www.porto24.pt/cidade/mercado-de-matosinhos-classificado-como-monumento-de-interesse-publico (acedido em 02.10.16)

Rodrigues, Fábio - Design: a incubadora vai ficar no mercado, entre os legumes, Público, http://p3.publico.pt/cultura/design/8710/design-incubadora-vai-ficar-no-mercado-entre--os-legumes (acedido em 02.10.16)

RTP - Bairros Populares de Lisboa, O Rato, http://www.rtp.pt/arquivo/index.php?article=1572&tm=35&visual=4 (acedido em 21.08.16)

s.n. - Mercado do Bom Sucesso, http://www.mercadobomsucesso.com/inicio (acedido em 02.10.16)

s.n. - Mercado do Bom Sucesso, http://www.mercadobomsucesso.com/brochura.pdf (acedido em 02.10.16)

Ursprung, Philip - Earthworks: The Architecture of Peter Zumthor, The Pritzker Architecture Prize, http://www.pritzkerprize.com/sites/default/files/file_fields/field_files_inline/2009_essay_0.pdf (acedido em 16.09.16)

Anexos

1. LXI - Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa Interactiva



Fig.1 Edificado - Classificação Tipológica - Edifício Clássico - Moradia



Fig.2 Edificado - Classificação Tipológica - Edifício Industrial



Fig.3 Edificado - Classificação Tipológica - Edifício Militar



Fig.4 Edificado - Classificação Tipológica - Edifício Religioso



Fig.5 Edificado - Classificação Tipológica - Palácio - Palacete

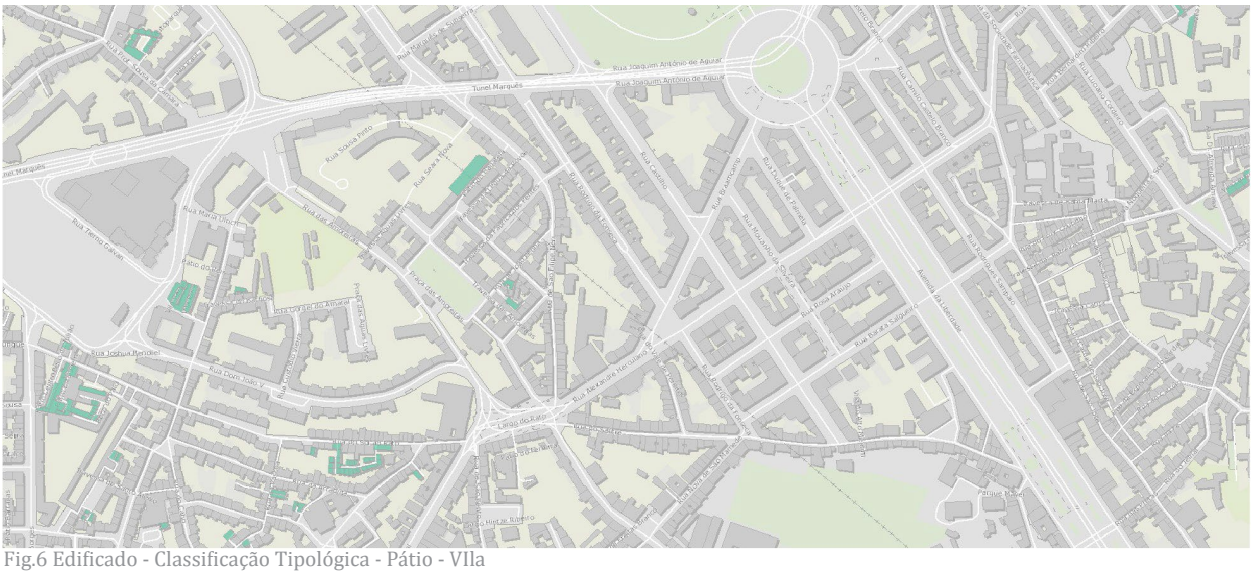


Fig.6 Edificado - Classificação Tipológica - Pátio - VIla



Fig.7 Edificado - Classificação Tipológica - Outro Edifício



Fig.8 Equipamentos - Cultura e Lazer



Fig.9 Equipamentos - Ensino Público

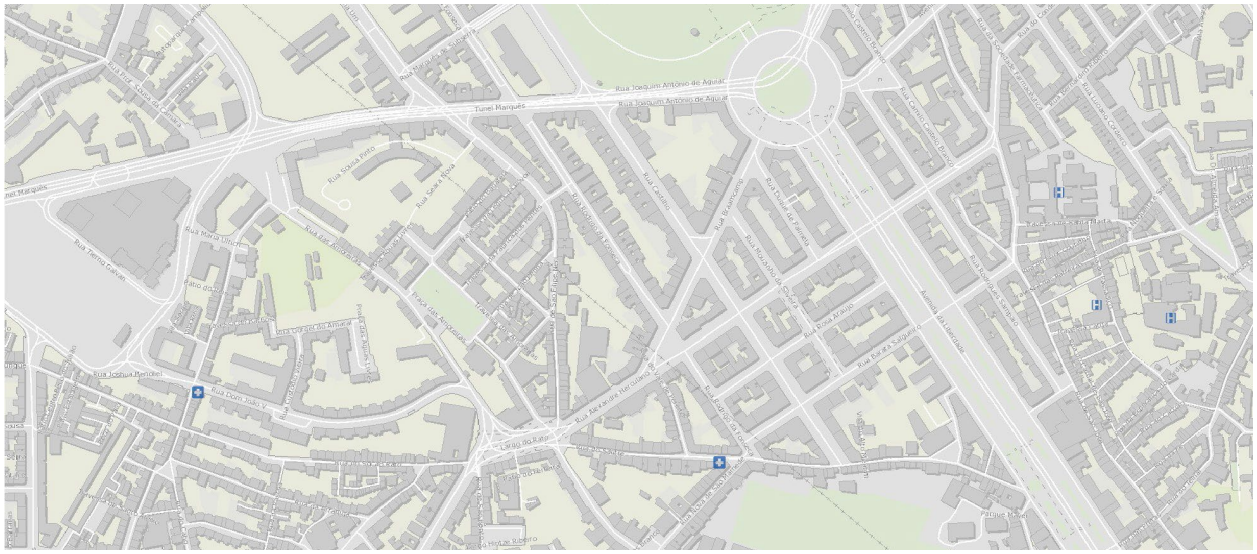


Fig.10 Equipamentos - Saúde

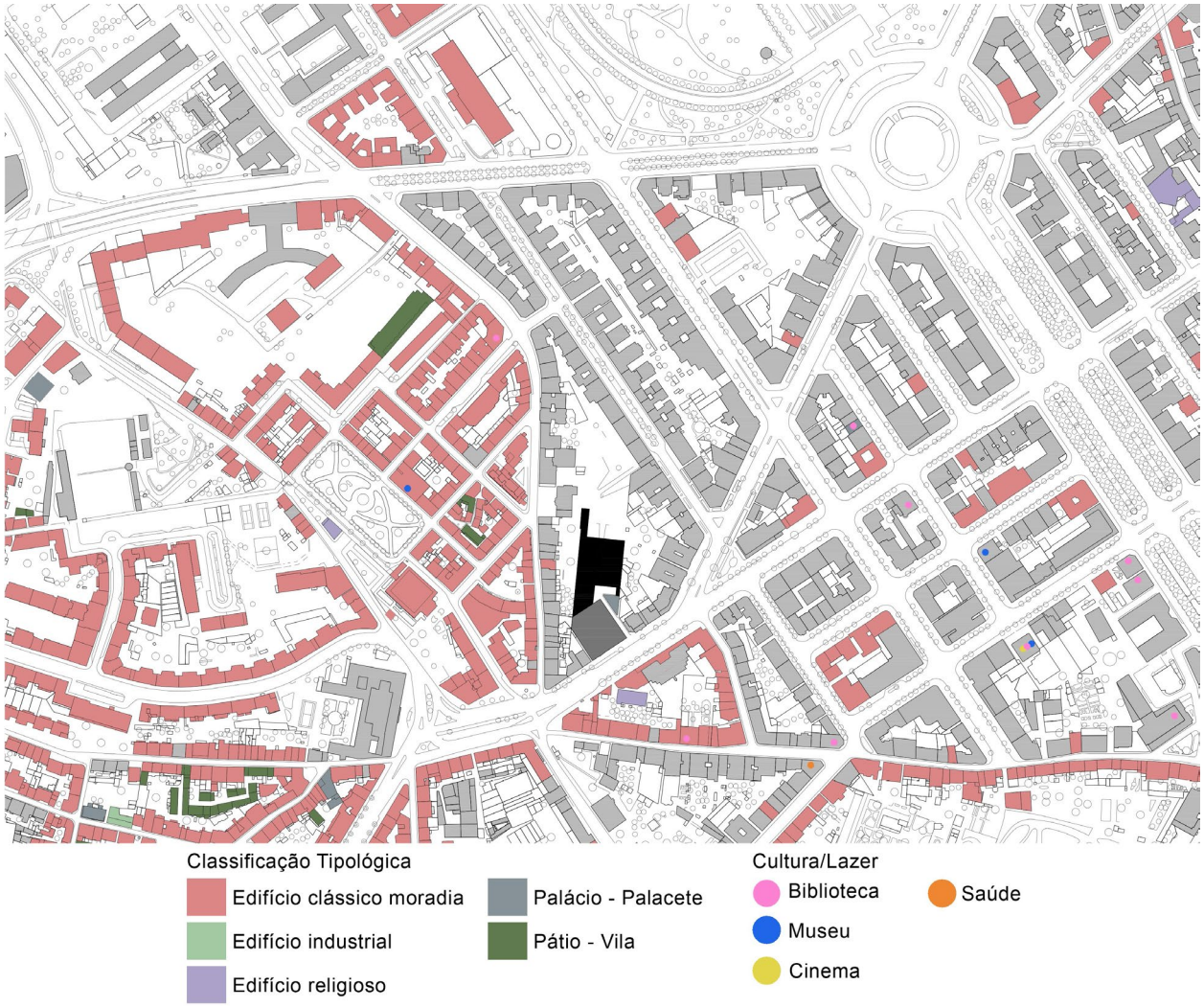


Fig.11 Classificação - elaborado pelo autor com base nas diversas plantas do LXI

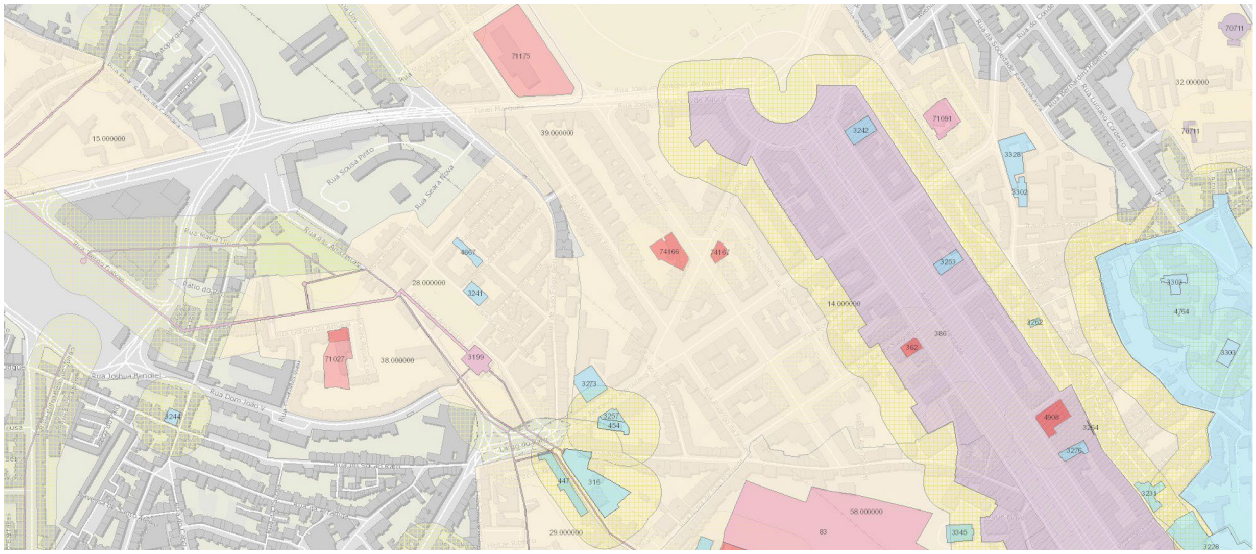


Fig.12 Património - Classificado - Admin. Central - Património Classificado



Fig.13 Património - Classificado - Admin. Central - Em vias de Classificação



Fig.14 Património - Classificado - Municipal - Imóveis de Interesse Municipal



Fig.15 Património - Classificado - Municipal - Imóveis em vias de Classificação



Fig.16 Património - PDM - Carta de Património - Conjunto Arquitectónico



Fig.17 Património - PDM - Carta de Património - Imóveis

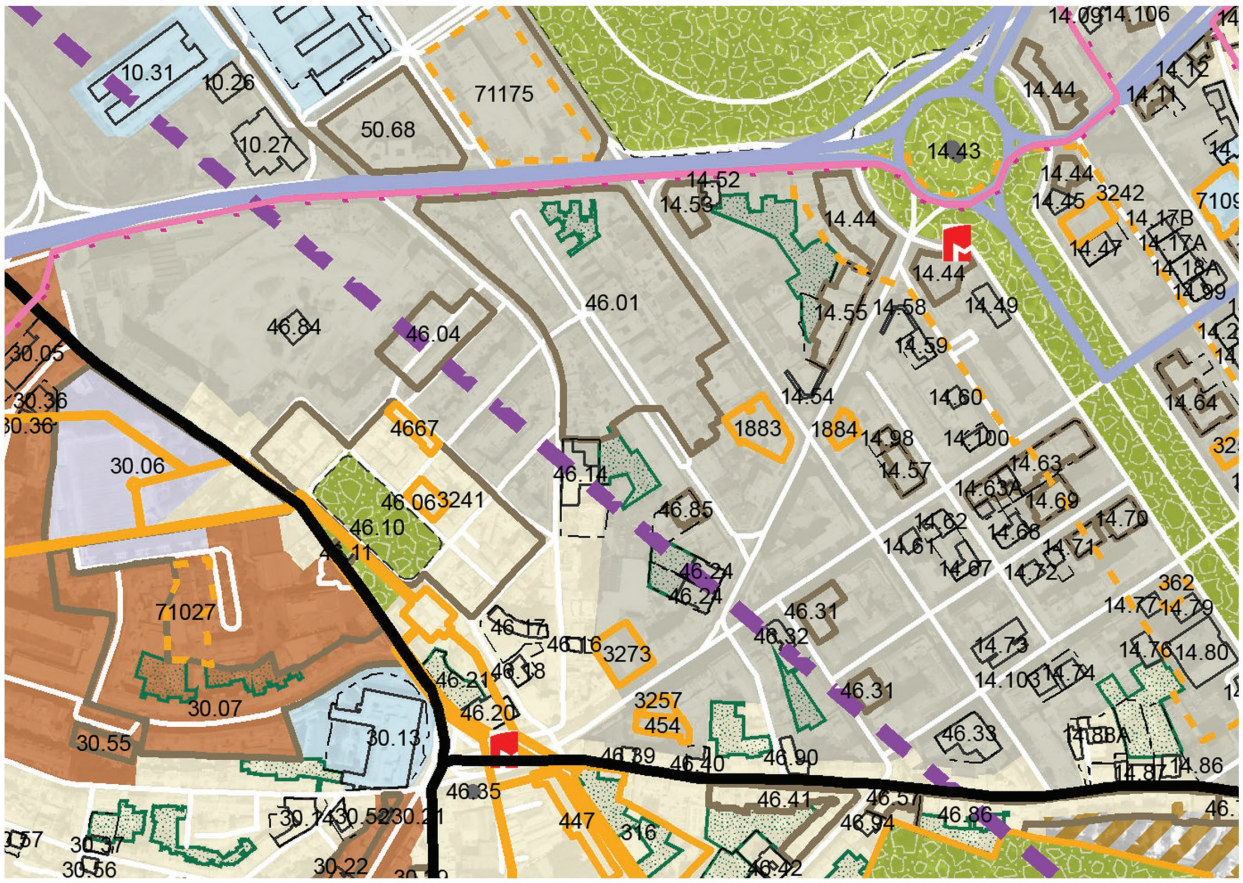


Fig.18 Património - PDM - Carta de Património - Objectos Singulares



Fig.19 Património - Arquitectura Premiada - Prémio Valmor
Fonte: Câmara Municipal de Lisboa, *LXI Lisboa Interactiva*, http://lxi2.cm-lisboa.pt/lxi (acedido em 16.09.16)

2. PDM, Plano Director Municipal de Lisboa



USO DO SOLO

ESPAÇOS CONSOLIDADOS

- Espaços Centrais e Residênciais - Traçado Urbano A
- Espaços Centrais e Residênciais - Traçado Urbano B
- Espaços Centrais e Residênciais - Traçado Urbano C
- Espaços Centrais e Residênciais - Traçado Urbano D
- Logradouros Verdes Permeáveis a Preservar
- Espaços Verdes de Recreio e Produção
- Espaços Verdes de Proteção e Conservação
- Espaços Verdes de Enquadramento a Infraestruturas
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos
- Espaços de Uso Especial de Equipamentos com Área Verde Associada
- Espaços de Uso Especial de Infraestruturas
- Espaços de Uso Especial Ribeirinho

PATRIMÓNIO EDIFICADO E PAISAGÍSTICO

- Imóveis Classificados
- Imóveis em Vias de Classificação
- Objetos Singulares e Lojas de Referência Histórica e/ou Artística
- Imóveis
- Conjuntos Arquitetónicos
- Logradouros
- Património Paisagístico

REDE VIÁRIA

existente prevista

- 1.º Nivel - Rede Rodoviária Nacional
- 1.º Nivel - Rede Rodoviária Municipal
- 2.º Nivel - Rede Rodoviária Nacional
- 2.º Nivel - Rede Rodoviária Municipal
- Túneis/Viadutos Ferroviários
- Paragens de Comboio existentes
- Estações de Metro existentes
- Estações de Metro em construção
- Estações de Metro previstas

Fig.20 Qualificação do Espaço Urbano

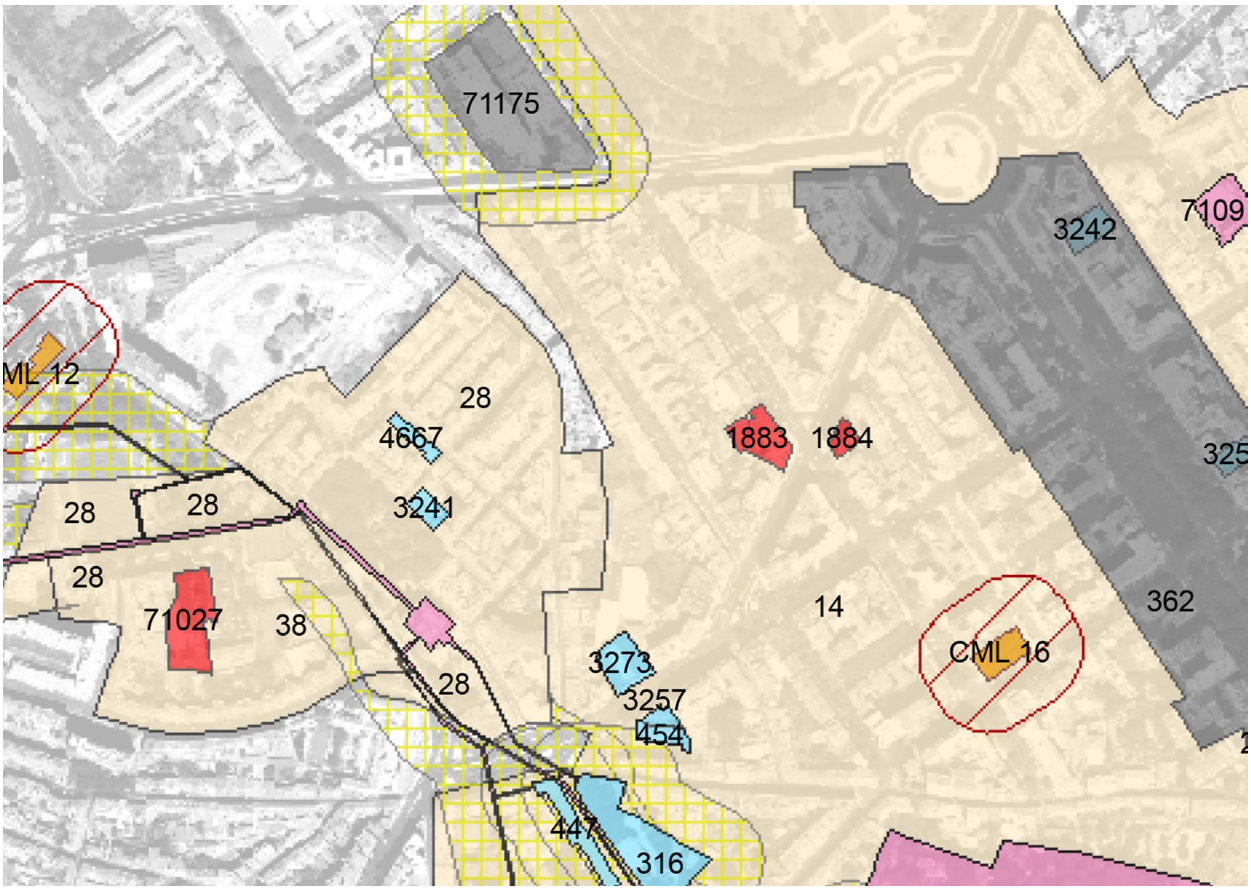


Fig.21 Servidões Administrativas e Restrições de Utilidade Pública II
Fonte: Câmara Municipal de Lisboa, *PDM, Plano Director Municipal de Lisboa*, http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/plano-diretor-municipal (acedido em 10.08.16)

3. PUALZE

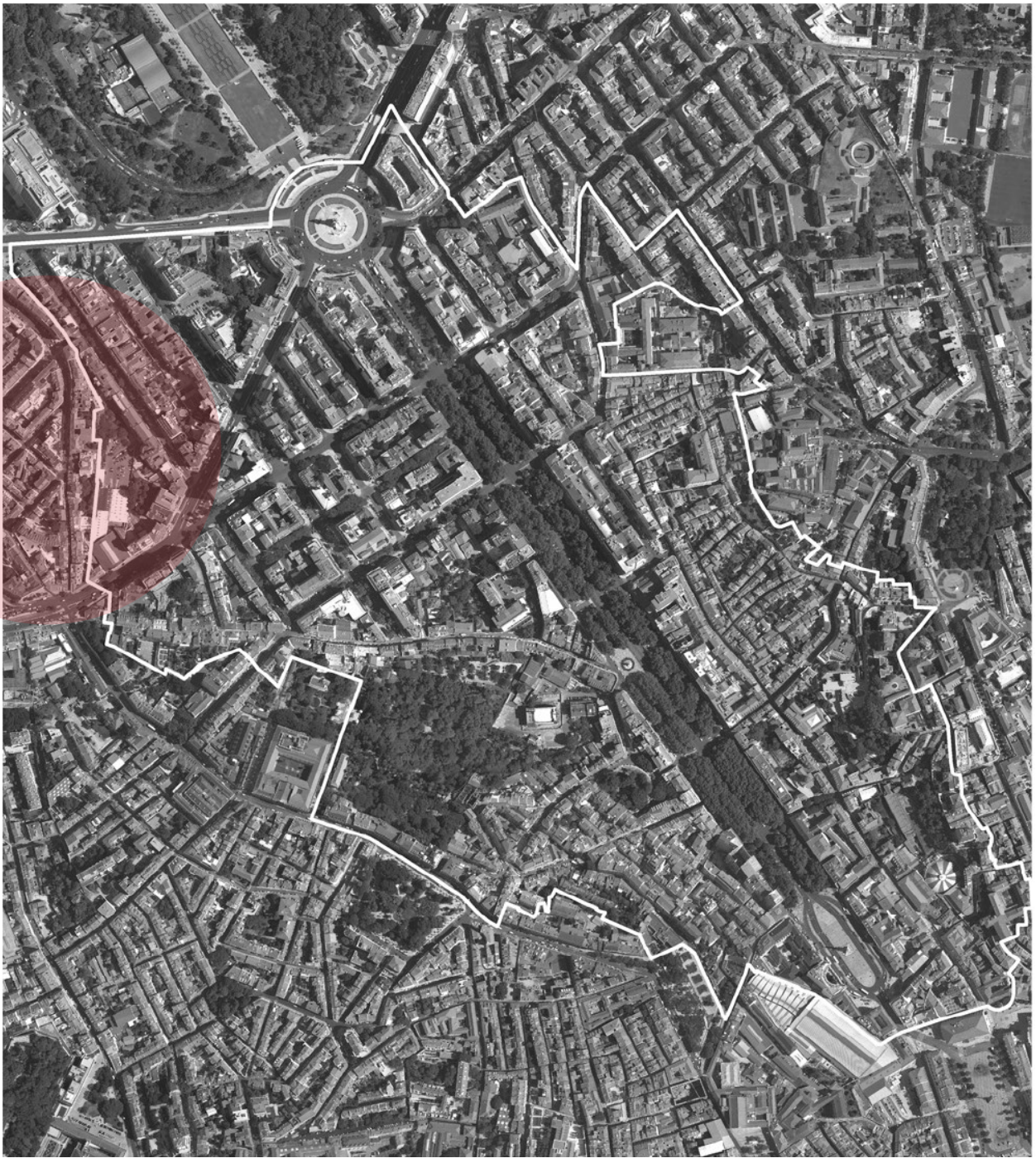


Fig.22 Área de Intervenção do PUALZE

3.1. Folha Síntese PUALZE

- Estratégia Nacional para o Desenvolvimento Sustentável (ENDS) - Objectivos: sociedade do conhecimento; valorização do Património; mais equidade, igualdade de oportunidade e coesão social

- PROTAML - dinamismo a centro tradicional. Implantação de actividades inovadoras e de qualidade. Revitalização do centro - inversão da degradação física e funcional do parque edificado e espaço público. Estabilização de tecido consolidado.

- Aspectos socioeconómicos (Censos 2001): População residente - estrutura demográfica duplamente envelhecida, proporção de idosos de 30.5% face a jovens (0-14) de 9.2% (na cidade: idosos 23.6%, jovens 11.6%), agregado familiar (2.06), relação de emprego e residentes é de 4 (1hab. para 4 empregos)

- História e Memória, associados ao Plano. Fios condutores da exploração de percurso temático e unidades de intervenção, particularmente no espaço público. Espaço Público (entre os quais, Mercado do Rato) - projectos de reabilitação que os valorizam e os interligam em termos funcionais, físicos e estéticos. Rotura actual - tráfego de atravessamento, fragmentação do espaço público, inadequado mobiliário urbano, ausência de potenciação dos espaços de estadia existentes

- PUALZE - Espaços Públicos - criação de percursos e aberturas de novos espaços à cidade; melhores condições à população residente; fixação de nova população; comércio de qualidade; atrair visitantes, revitalizar; zonas de estadia e convívio; locais cuidados, aprazíveis; identidade dos sítios e coesão social. Criação de novos espaços públicos e melhorar a sua segurança e conforto para peão. Entidade própria, objecto de desenho específico. Forte tradição de vivência colectiva - espaço público possui potencial de renovação; pensar numa lógica sistémica e integrada, não como somatório de espaços, autónomos. Intervenção arquitectónica - criativa, pragmática, salvaguardar o património, valorização da imagem urbana da cidade. Novos programas, novos espaços e centros de interesse - vivência urbana contemporânea, adequação à época presente.

- Mercado do Rato (SUOPG 2) - malha de transição, fronteira, intervenção de grande importância urbanística. Grande dimensão, propriedade camarária, estreitas ligações à Rua Alexandre Herculano e à Rua Rodrigues da Fonseca. Objectivo - revitalizar interior de quarteirão, integração na malha urbana, reformular mercado associando-lhe habitação, comércio compatível com mercado, equipamentos de apoio local a definir, serviços, 650 lugares de estacionamento - necessário adquirir um lote com frente mínima de 6m para a Rua S. Filipe Neri, para garantir boa acessibilidade ao parque. Prevê a eventualidade de uma futura ligação à Garagem Auto-Palace - estrutura e fachadas deverão ser mantidas. 650 lugares estacionamento. Equipamento a definir; serviços.

Fonte: Câmara Municipal de Lisboa, PUALZE, Plano de Urbanização da Avenida da Liberdade e Zona Envolvente, http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-urbanizacao-da-avenida-da-liberdade-e-zona-envolvente (acedido em 23.08.16)

4. Levantamento dos Mercados de Lisboa



Fig 23 https://www.google.pt/maps/@38.7419377,-9.1851505,12483m/data=!3m1!1e3

1. 1877
Mercado Oriental
(Mercado de St. Clara)
Fig.24,25 http://lis-boahojeeontem.blogspot.pt/2013/04/mercado-de-santa-clara.html

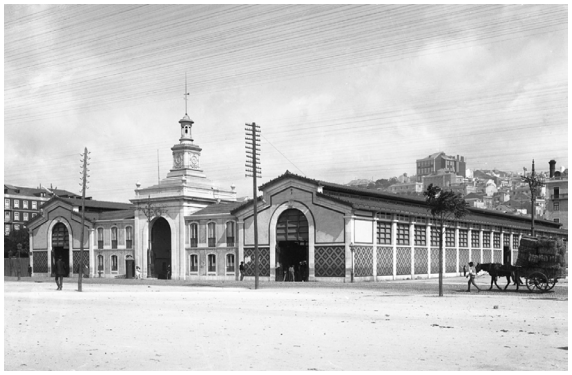




2. 1881
Mercado Ocidental
(Mercado de S. Bento)
demolido 1938
Fig.25,26 http://res-tosdecoleccao.blogspot.pt/2014/12/mercado-de-s-bento.html

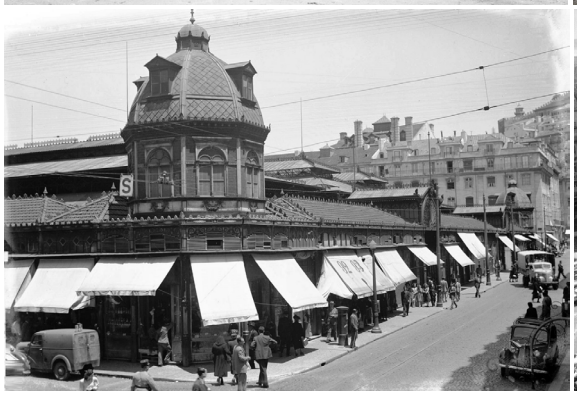








3.1882
Mercado da Ribeira
Fig. 27,28 http://lisboahojeeontem.blogspot.pt/2012/11/mercado-da-ribeira-avenida-24-de-julho.html





4.1885
Mercado Pr. Figueira
demolido 1949
Fig.29,30 http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2014/07/mercado-da-praca-da-figueira.html





5.1905
Mercado de Alcântara
demolido 195-
Fig.31,32 http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2014/11/mercado-de-alcantara.html





6.1924
Mercado 31 de Janeiro
renovado 1989
Fig.33 http://observador.pt/especiais/saldanha-picoas-historia-visual. Fig.34 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-31-de-janeiro





7.1927
Mercado do Rato
Mercado 1º Dezembro
Fig.35 Arquivo Municipal de Lisboa, Núcleo Fotográfico, PT/AML-SB/VGF/S00684
Fig.36 Fotografia do autor

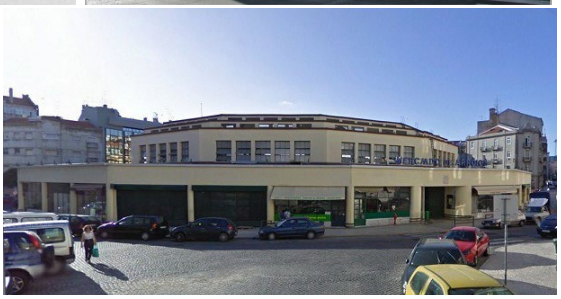
8. 1927
Mercado Poço dos Mouros





9. 1934
Mercado Campo de Ourique
renovado 2013
Fig.37,38 http://lisboahojeeontem.blogspot.pt/2012/11/mercado-de-campo-de-ourique.html



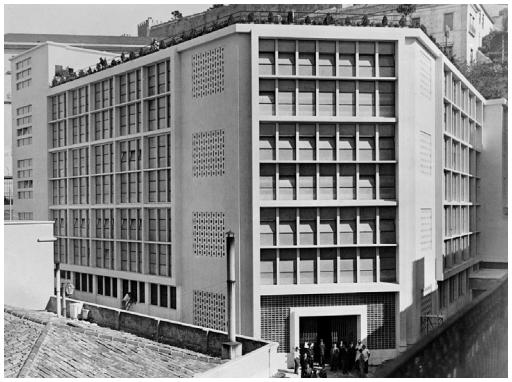


10. 1942
Mercado de Arroios
Fig.39,40 http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2012/05/mercado-de-arroios.html





11. 1949
Mercado Alvalade Sul
Fig.41,42 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-alvalade-sul



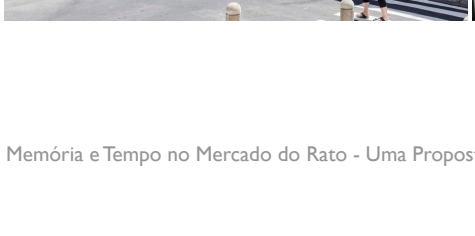


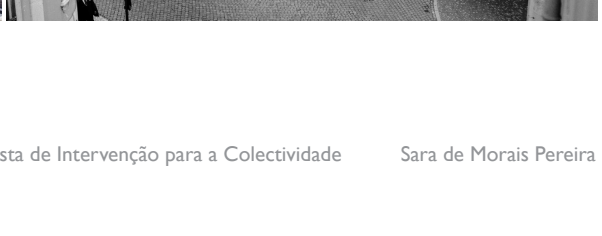
12. 1951
Mercado Chão do Loureiro
Estacionamento 2011
Fig.43,44 http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2015/01/mercado-do-chao-do-loureiro.html





13. 1956
Mercado Forno do Tijolo
Fig.45,46 http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2015/02/mercado-do-forno-do-tijolo.html







14. 1960
Mercado Br. Padre Cruz
Fig.47 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-bairro-padre-cruz



15. 1964
Mercado Alvalade Norte
Fig.48 http://www.cm-lisboa.pt/en/equipments/equipment/info/mercado-alvalade-norte



16. 1971
Mercado de Benfica
Fig.49 http://www.cm-lisboa.pt/en/equipments/equipment/info/mercado-de-benfica



17. 1972
Mercado da Picheleira
Fig.50 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-da-picheleira



18. 1987
Mercado Rosa Agulha
Fig.51 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-de-alcantara-rosa-agulhas



19. 1992
Mercado de Sapadores
Fig.52 http://www.souzaoliveira.pt/mercado-de-sapadores



20. 2006
Mercado da Ajuda
Fig.53 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-da-ajuda



21. s.d.
Mercado Arco do Cego
Fig.54 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-arco-do-cego



22. s.d.
Mercado Br. de Santos
Fig.55 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-bairro-de-santos



23. s.d.
Mercado Br. de São João
Fig.56 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-bairro-sao-joao



24. s.d.
Mercado Colégio Militar
Fig.57 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-do-colegio-militar



25. s.d.
Mercado Encarnação Sul
Fig.58 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-encarnacao-sul



26.s.d.
Mercado Encarnação Norte
Fig.59 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-do-encarnacao-norte



27.s.d.
Mercado do Lumiar
Fig. 50http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-do-lumiar



28.s.d.
Mercado Olivais Sul (c. B)
Fig.51 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-olivais-sul-celula-b



29.s.d.
Mercado Olivais Sul (c. E)
Fig.52 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-olivais-sul-celula-e



30.s.d.
Mercado Praça de Espanha demolido 2016
Fig.53 http://www.ualmedia.pt/resources/images_2013/new4media/atualidade_2014/mercadodapra%C3%A7adeespanha_20150930.jpg



31.s.d.
Mercado de São Bento
Fig.54 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-de-sao-bento



32.s.d.
Mercado de S. Domingos de Benfica
Fig.55 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-de-sao-do-mingos-de-benfica



33.s.d.
Mercado da Zona J de Chelas
Fig.56 http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/mercado-da-zona-j-de-chelas

4.1 Lisboa e Mercados

Um dos primeiros marcos comerciais na cidade de Lisboa foi a Rua Nova dos Mercadores, referenciada desde o século XIII, como a mais ampla artéria da cidade, localizada desde o actual cruzamento da Rua do Ouro com a Rua de S. Julião até ao cruzamento da Rua do Comércio com a Rua dos Franqueiros. Assim, vai-se formado na freguesia da Madalena. São Julião e São Nicolau a principal zona de mercadores.[1]

A cidade evolui até se alcançar a Revolução Industrial, onde o edifício do mercado encontra a sua expressão. Materializa-se o primeiro grupo de Mercados, alguns destes emblemáticos da construção em ferro em Portugal. O primeiro a surgir é o Mercado de Santa Clara, ou Mercado Oriental, de 1877, actualmente animado na cidade pela presença da Feira da Ladra. Em resposta à outra vertente da cidade surge o Mercado Ocidental, ou Mercado de S. Bento, de 1881 mas demolido em 1938 para dar lugar à Assembleia. No ano seguinte, 1882, surge o Mercado da Ribeira,[2] reabilitado em 2014 pelos arquitectos Aires Mateus para espaço cultural e gastronómico. Em 1885, surge o Mercado da Praça da Figueira, demolido em 1949 pelo congestionamento que causava e entrave no crescimento urbano.

Da lista de 33 mercados - existentes e demolidos - da cidade, são de realçar alguns. O Mercado de Alcântara, de 1905, enquanto grande construção de ferro e tijolo que caracterizava o bairro, demolido por volta de 1950 e substituído pelo Mercado Rosa Agulha de 1987. Nas construções de betão, destaca-se o Mercado de Campo de Ourique, de 1934, enquanto mercado-quarteirão, sendo o primeiro, em 2013, a ser reabilitado para misto de espaços gastronómicos, mercado e cultural; o Mercado de Arroios de 1942, enquanto tipologia circular, característico que define um quarteirão e praça, que veio substituir o ancestral Mercado Poço dos Mouros, de 1927, actualmente também em processo de revitalização; o Mercado Chão do Loureiro, de 1951, reabilitado para parque de estacionamento, supermercado e miradouro; e o Mercado Forno do Tijolo de 1956, parcialmente inserido no interior de quarteirão e actualmente também com funções de supermercado e a FabLab, um laboratório de fabricação digital. No crescimento da cidade e dos seus novos bairros, destaca-se o Mercado de Alvalade Norte, de 1964, inserido em frente de rua e compondo o quarteirão e o Mercado de Benfica de 1971 enquanto tipologia que define uma praça. Já nas novas construções urbanas, numa procura de mercados modernos, surge o Mercado 31 de Janeiro, após 1989, em substituição à estrutura

1 Magda Pinheiro, *Biografia de Lisboa*, 2ª edição, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2012, p.86
2 A data apresentada (1882) refere-se à primeira edificação do Mercado da Ribeira Nova, da autoria de Ressano Garcia. Esta acaba por ser parcialmente destruída por um incêndio passado 11 anos. O edifício que actualmente vemos surge só em 1902, obra que se prolongou até 1930. Apesar da data, desde 1771 já funcionava um mercado na zona, configurado em telheiros e bancas ao ar livre. A história deste Mercado vai ainda mais atrás no tempo, ao Mercado da Ribeira Velha, localizado no Campo das Cebolas, em que o testemunho mais antigo data do século XVII.

anterior de 1924, o Mercado de Sapadores de 1991 e o Mercado da Ajuda de 2006. Assim, o mercado em Lisboa diferencia-se em diferentes opções tipológicas - frente de rua, quarteirão, praça e interior de quarteirão - e construtivas - madeira, ferro, tijolo e betão, essencialmente. Os seus interiores apresentam diversas organizações espaciais, sendo a principal em corredores de bancas e praça central. Os acabamentos são cada vez mais semelhantes, por preocupações sanitárias e de higiene, com materiais resistentes e fácil limpeza.

Com a multiplicidade de mercados espalhados pela cidade, compreende-se que os inseridos em bairros são que melhor funcionam, maioritariamente frequentados por uma população idosa, como o da Ajuda ou de Benfica. Os localizados no centro da cidade, apesar do fácil acesso de transportes, acabaram por decair e assumir programas mais culturais ou gastronómicos, numa resposta ao desenvolvimento turístico. Na cidade contemporânea podemos ainda reparar num novo tipo de mercado temporário que surge, em resposta aos novos hábitos anteriormente falados. Surgem em zonas de maior movimento e aglomeração, com venda de produtos únicos, de produtor ou peças de artesanato. Apontamos as feiras temporárias no Príncipe Real, o Mercado Rural no Lx Factory ou o Mercado Biológico na Praça do Campo Pequeno.

No caso do Mercado do Rato, por se encontrar no interior de quarteirão, perdeu dinamismo pela menor visualidade que possui. Mas isso não o torna menos significante, apenas o sinaliza como resultado de uma má gestão e empreendedorismo. Apesar do estado em que se encontra, deve ser entendido como exemplar único na cidade, de peculiar construção em madeira, inserido num tecido histórico complexo e consolidado.



Fig.57 Rua Nova dos Mercadores
Fonte: https://www.publico.pt/2015/12/10/ciencia/noticia/a-quinta-avenida-do-seculo-xvi-ficava-em-lisboa-1716946

5. Lisboa e Mundo - Revolução Industrial

As raízes industriais de Lisboa começam a detectar-se no século XVIII, com as actividades manufactureiras, oficinas e lojas, presentes no centro da cidade, como o caso da Real Fábrica das Sedas e do Bairro das Águas Livres.[3]

Já no século XIX, com novas regulamentações e a mecanização da indústria, relacionada com a instalação de máquinas e caldeiras a vapor, a indústria estabelece-se na periferia da cidade, iniciando-se na zona ribeirinha, pelo melhor acesso de transportes. As suas áreas envolventes começam a caracterizar-se por pátios e vilas operárias, numa escala cada vez maior dada a dimensão da maquinaria industrial e o número de operários. Assim, as principais zonas desenvolvidas foram, na parte Ocidental, de Âlcantara a Belém e na parte Oiental de Xabregas a Chelas. As construções industriais deste século, ao assumirem-se como novas, deixam de seguir a arquitectura civil típica em Portugal, caso recorrente no século XVIII pelo inspiração e aproveitamento dos palácios e conventos, e surgem numa nova tipologia de construção, em ferro, com soluções construtivas inspiradas nos países mais industrializados e propostas por novos engenheiros.[4] Podemos apontar a Regeneração de 1851 e o fim dos 30 anos de Guerra Civil o período de maiores desenvolvimentos da cidade, onde o capital industrial e a população crescem consideravelmente,[5] onde anteriormente, os sinais de desenvolvimento prendiam-se mais na construção de estradas, caminhos de ferro e pontes na procura de um mercado nacional.

Conforme a indústria cresce na periferia da cidade, a manufactureira no centro decai, pela dificuldade em se adaptar às novas máquinas e aos perigos de segurança pública que estas geravam.[6] Como resposta ao crescendo da população e para uma re-organização urbana, surgem novos planos de urbanização, para uma cidade funcional e moderna, onde a higiene e salubridade serão preocupações constantes.

O processo de Revolução Industrial foi mais tardio e menor em Portugal, comparando a outras capitais europeias como Londres, Bruxelas, Ber-


Fig.58 Real Fábrica das Sedas, 1968


Fig.59 Avenida 24 de Julho, post1900


Fig.60 Xabregas, 1859


Fig. 61 Inglaterra Industrial

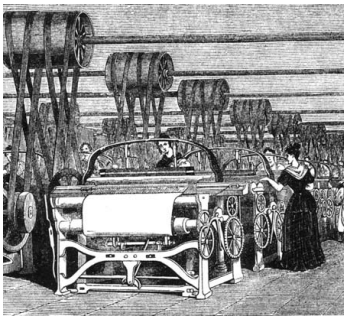


Fig.62 Energia a vapor na indústria

3 Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonta, 1994, p.454
4 Mário S. Ming Kong, *Central Tejo - Uma Abordagem da Arquitectura Industrial*, Lisboa, Insidecity Lda., 2013, p.36
5 *Idem*, p.25
6 Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonta, 1994, pp.445-446


Fig.63 Bairro em Londres, 1872

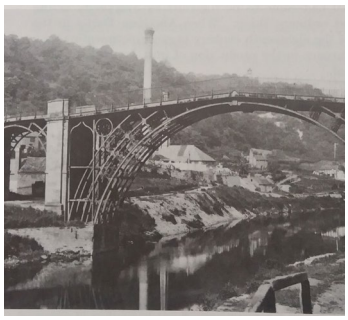


Fig.64The Severn Bridge

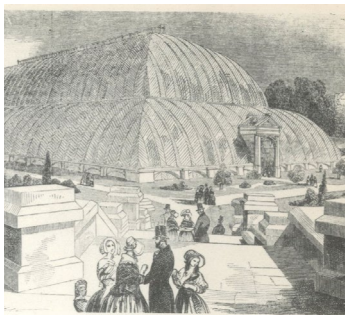


Fig.65 Chatsworth Conservatory

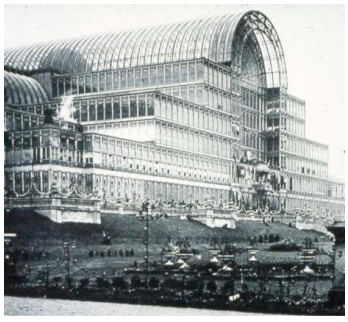


Fig.66 Palácio de Cristal


Fig.67 Palácio de Cristal, interior

lim ou Paris. No estrangeiro, o século XVIII era já um período de grandes descobertas científicas, novas técnicas construtivas e maquinaria, resultado da energia a vapor. O país pioneiro da Revolução Industrial foi a Inglaterra, com um rápido crescimento industrial. É entre 1760 e 1790 que se dá o aumento ilimitado da produção industrial, pelo aparecimento da máquina a vapor. Com esta, desenvolve-se a indústria, concentrando operários em compactos bairros próximos às oficinas. Surgem novas cidades e as antigas crescem desmedidamente. Pela excessiva produção, a rede de transportes de mercadorias desenvolve-se, renovando a rede de comunicação, com a invenção da locomotiva. A expansão foi tanta que a utilização do solo e a paisagem se alterou profundamente, num sem precedente de novas multidões, casas, zonas industriais e comerciais, vias e veículos, numa velocidade incontrolável.[7] O antigo equilíbrio entre cidade e campo é perdido. A imagem da cidade imutável perde-se e o tempo construtivo de definição de uma identidade deixa de existir, dado o nascer de cidades numa só geração. Da velocidade surge a crise, o perigo, a insegurança e as questões higienistas que, de mãos dadas com as condições deixadas depois pela guerra, serão as bases metodológicas para o novo urbanismo que irá surgir no tempo moderno.

Na Arquitectura, começam a ser palavras de ordem o pragmatismo, a eficiência funcional, a racionalidade e a modulação. Procura-se a disponibilidade de espaço, resistente e amplo, duradouro e económico.[8] Durante o século XIX, o período exponencial da Revolução Industrial, não era a Arquitectura que regia as novas criações e invenções. Estas surgiam em estruturas menores, criadas por engenheiros. Surgem construções num novo material, o ferro. Inicialmente, o ferro foi usado para maquinarias industriais, sendo em 1767 que aparece o primeiro caminho de ferro e em 1779 a primeira ponte, The Severn Bridge.[9] Em edifícios, os primeiros usos de ferro foram utilizados em coberturas, de teatros e armazéns, em substituição dos de madeira, mais voláteis a incêndios.[10] Assinala-se também a Fábrica de Algodão de Philip and Lee, Manchester, de 1801, constituída por um esqueleto interno em ferro, rodeada por paredes exteriores de alvenaria, enquanto protótipo repetido

7 Leonardo Benevolo, *As Origens da Urbanística Moderna*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p.17-20
8 Pedro Vaz (coord.), *Built Heritage, Management and Conservation in Use*, Cascais, Museu da Presidência da República, 2015, p.19, p.39
9 Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture*, Massachusetts, Harvard University Press, 1976, pp.169-170
10 *Idem*, p.175

durante o século, para fábricas e armazéns e adoptado para alguns edifícios públicos.[11]

O ferro, em conjunto com o vidro, criou novas tipologias, sendo explorado ao longo do século XIX. A sua utilização iniciou-se nas Estufas, apontando-se a Chatsworth Conservatory, de 1837-40, de Joseph Paxton (1803-1865),[12] mas é o Palácio de Cristal, obra do mesmo autor, que vem colocar este sistema construtivo em grande destaque. O Palácio foi terminado em 1851 para a Grande Exposição Internacional ficando conhecido especialmente pelo seu detalhe, onde foi criado um método de pré-fabricação, podendo ser construído rapidamente. O Palácio de Cristal e a Galeria das Máquinas de 1889 foram dois marcos essenciais das grandes exibições, perdidos, sobrando apenas a Torre Eiffel, obra de Gustave Eiffel de 1889, como recordação destas. Esta é uma Arquitectua que se estende para Estações de caminhos de ferro, Fábricas, Pavilhões, Mercados, Edifícios Expositivos e outras estruturas polivalentes.


Fig.68 Galeria das Máquinas


Fig.69 Torre Eiffel

11 Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture*, Massachusetts, Harvard University Press, 1970, pp.191-193
12 Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types*, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.240

Fonte Imagens:
Fig. 58 Real Fábrica das Sedas, 1968, http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2015/12/rua-da-escola-politecnica-xxii.html
Fig. 59 Avenida 24 de Julho, post1900, http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2010/07/avenida-24-de-julho-iv.html
Fig. 60 Xabregas, 1859, http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2010/02/rua-de-xabregas-ii.html
Fig. 61 Inglaterra Industrial, http://www.slideshare.net/lolaceituno/industrial-revolution-9957184
Fig. 62 Energia a vapor na indústria, https://www.britannica.com/event/Industrial-Revolution
Fig. 63 Bairro em Londres, 1872, http://raffaelbarbosa.blogspot.pt/2011/04/comentarios-sobre-revolucao-industrial.html
Fig. 64 The Severn Bridge, Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture*, Massachusetts, Harvard University Press, 1976, p.170
Fig. 65 Chatsworth Conservatory, Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types*, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.241
Fig. 66 Palácio de Cristal, Lewis Mumford, *A Cidade na História, suas Origens, Transformações e Perspectivas*, 2ª edição, Brasília, Martins Fontes, 1982, secção ilustrada III, ilustração 38
Fig. 67 Palácio de Cristal, interior, Sigfried Giedion, *Space, Time and Architecture*, Massachusetts, Harvard University Press, 1976, p.256
Fig. 68 Galeria das Máquinas, Nikolaus Pevsner, *A History of Building Types*, Londres, Thames and Hudson, 1976, p.249
Fig. 69 Torre Eiffel, https://www.nga.gov/resources/dpa/1889/06eiffel.htm


Fig.70 Convento das Trinas


Fig.71 Real Fábrica das Sedas


Fig.72 Palácio do Rato


Fig.73 Capela Ns. Sr. da Bonança

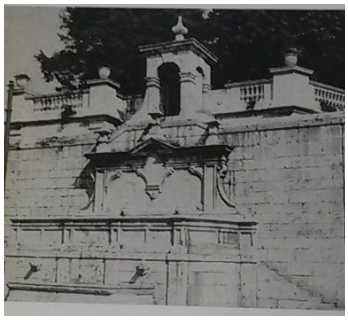


Fig.74 Chafariz do Rato

6. Contexto Histórico

6.1 Largo do Rato

Entre os principais edifícios no Largo do Rato, podemos destacar:

O Convento das Religiosas da Ordem da Santíssima Trindade. A obra iniciou-se em 1633, mas só se concluiu em 1721. Com a extinção da Ordem em 1834, este só volta a funcionar em 1885 como Asilo para raparigas abandonadas. Em 1937-38 são feitas transformações, entre elas retirar o adro que ocupava parte do Largo. Actualmente, o edifício pertence à Assistência Pública e parte é Esquadra de Polícia.

Das unidades industriais destaca-se a Real Fábrica das Sedas e a Real Fábrica das Louças. A primeira foi criada em 1738, chamando população ao Rato. O terramoto trouxe-lhe estragos, acabando o Marquês de Pombal por intervir, criando o Real Colégio das Manufacturas do Rato. Construtivamente é um edifício modulado, com profundidade pouco comum para a época, que procura garantir ventilação, insolação uniforme e distribuição repetitiva fácil para produção em série. Um projecto sóbrio e funcional. O edifício deve ser entendido como um palácio urbano para a indústria, pela adaptação ao uso sem se abandonar o estilo usado em arquitectura civil.[13] Da fábrica, surgem dois bairros fabris nas proximidades. O primeiro, situado na actual Rua Pedro de Freitas Branco, era composto por uma frente de dez habitações, de módulo igual, de onde só se mantém actualmente um exemplar, datado de 1759. O segundo é o Bairro das Águas Livres, que iremos falar mais à frente. Acredita-se que o Rato sempre foi escolha de localização para a fábrica, pela passagem do aqueduto nas imediações.[14] A Fábrica viveu um grande período prospero, acabando por decair em 1855. Já a Real Fábrica da Louça, surge em 1768, relacionada com a anterior, mas com autonomia de exploração, fechando em 1835.

O Palácio dos Marqueses da Praia, ou Palácio do Rato, situa-se no topo Norte do Largo. Construído em 1784, ficou conhecido pelas famosas festas dos Marqueses. Com a completa extinção da Fábrica das Louças, foi

13 Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, pp.110-111
14 *Idem*, p.112

alargado e construiu-se uma capela em 1839, ainda existente.[15] O Palácio é de estilo neoclássico e, actualmente Sede do Partido Socialista.

O Chafariz do Rato, de Carlos Mardel, surge em 1794, com localização chave. Quem vinha da Rua das Amoreiras, antes do desaparecimento do adro do Convento, desembocava alinhado com o chafariz; havia um domínio sobre o espaço, na sua posição de recuo. Também da entrada a Norte, pela Rua de Entremuros, oferecia-se a mesma relação; o chafariz é onde convergem as três estruturas urbanas, sendo ponto de paragem na entrada da cidade. Era aqui que se decidia qual o acesso ao centro.[16] Este segue um estilo de barroco português.

6.2 Rua da Escola Politécnica

Nos Finais do século XVI esta foi zona de instalação do Noviciado Jesuíta. A Cotovia definia-se como um sítio suburbano com apenas algumas casas. Actualmente, esta rua é definida por edificações de diversos géneros e estilos, de palacetes alternados com casas de classe média. As principais edificações na zona foram:

O Antigo Colégio dos Nobres surge em 1761, na casa do Noviciado da Companhia de Jesus de 1616 e extinta em 1759.[17] Acaba por ser extinto também em 1837, passando a albergar a Escola Politécnica. O novo edifício possui na fachada colunas monolíticas que pertenciam ao Convento de S. Francisco da Cidade, destruído pelo terramoto. As obras foram concluídas em 1878, sendo o edifício que ainda vemos hoje. Em 1911, com a criação da Universidade em Lisboa, surge a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Com a mudança da Faculdade para a Cidade Universitária, o edifício passa a ser o Museu Nacional de História Natural e Ciência, organismo da Universidade de Lisboa. Nas traseiras existe o Observatório Meteorológico de 1863 e o Observatório D. Luís. O jardim Botânico, dentro deste lote, iniciou a sua plantação em 1873, ocupando a encosta até ao Parque Mayer.

O Palácio Soares, Solar dos Noronhas data do século XVI, sendo nessa

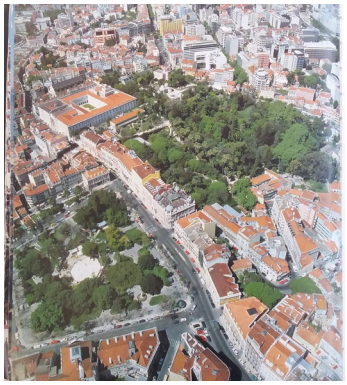


Fig.75 Vista aérea R. Esc. Politécnica

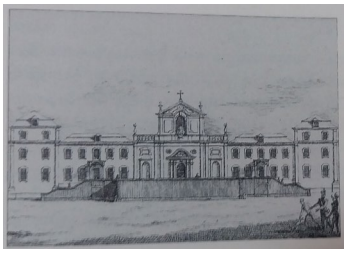


Fig.76 Colégio Nobres, pombalino


Fig.77 Colégio dos Nobres actual


Fig.78 Palácio Soares, actual


Fig.79 Palácio Palmela

15 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.14-15
16 Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista,* Lisboa, IPPAR, 1998, pp.83-84
17 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.27-28


Fig.80 Praça do Príncipe Real


Fig.81 Igreja de S. Mamede


Fig.82 Palácio do Conde de Seia


Fig.83 Palácio Morgados de Alagoa


Fig.84 Passeio Público

época a fachada principal voltada para a Rua da Imprensa Nacional. Com a criação da Imprensa Régia, uma Oficina Tipográfica, em 1768, a casa nobre é deformada para adaptação. Em 1904 ergue-se o edifício de 3 pisos, hoje existente. Ocupa uma maior área a Sul que o solar antigo, sendo apenas salva a Fachada da Rua da Escola Politécnica.[18] Actualmente é a Imprensa Nacional.

O Palácio Palmela, na área pertencente ao Noviciado, era um modesto edifício, ampliado pelo Conde da Póvoa para residência palaciana. No século XIX são os duques de Palmela que fazem as novas alterações. Em 1902 surge a sua imagem actual, com piso extra, revestimentos a mármore, um jardim muralhado e o pórtico principal de figuras escultóricas.[19]

A Praça do Príncipe Real, desenhada em 1853 e plantada em 1869, foi conhecida como Alto da Cotovia, Sítio das Casas do Conde de Tarouca, Patriarcal Queimada e Praça do Rio de Janeiro. Tal pois, este foi local onde o Conde de Tarouca tentou instalar o seu Palácio, depois instalar-se a Nova Patriarcal que foi inaugurada em 1756 mas ardeu em 1769, de onde fica a praça em ruínas até 1856.[20] O actual jardim romântico melhorou o ambiente da zona.

A Igreja de S. Mamede, inicia construção em 1783, ficando em ruína em 1840. Em 1861 inaugura-se uma outra que logo ameaça ruína. Em 1921 acaba esta por arder, sendo reconstruída para a existente, inaugurada em 1924.[21] A sua fachada é trivial, sem grande valor.

Outros palácios de interesse na zona são o Palácio do Conde de Penalva de 1738, o mais antigo de todos; o Palácio do Conde de Seia ou Rebelo de Andrade-Seia de 1760, hoje sede da Universidade Aberta; o Palácio dos Morgados de Alagoa, construído de 1757 a 1762; o Palacete Fontalva de 1863 e o Palácio Castilho.

18 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.25-26
19 *Idem*, pp.20-21
20 Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, pp.50-51
21 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XI, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.23-24

6.3 Avenida da Liberdade

Vale definido pela colina de Sant'Ana de um lado e S. Roque e Cotovia do outro onde primitivamente existiam algumas casas solares embora as suas definições só apareçam com o plano do Passeio Público. Da autoria de Reinaldo Manuel, de 1764, este desenvolve-se até à Rua das Pretas - Alegria. A Norte ficava o fim da cidade, delimitado por casas, um chafariz e uma escadaria. Espaço murado, ambientado por lagos, cascatas e uma alameda, desaparecendo em 1879 aquando a abertura da Avenida da Liberdade.

A Avenida da Liberdade surge como plano de extensão da cidade, com o desejo de ligar o centro a Campo Grande e Benfica. É uma extensa artéria que termina na Rotunda de Marquês de Pombal, finalizada em 1910 mas de data formal de edificação de 1899-1909.[22] Após diversos planos, no seu fim foi projectado o Parque Eduardo VII, antigo Parque da Liberdade, datado de 1885 e arborizado em 1929.[23] A Avenida é um marco na definição da imagem de capital moderna, com faixas centrais arborizadas que preservam a memória do Passeio Público. É espaço de lazer diário da população urbana, composta por edificado imponente de diferentes épocas e estilos, dado o seu longo tempo de construção.

Dos principais elementos urbanos destacam-se a Praça da Alegria, a Rua do Salitre e o Parque Mayer. A primeira, data os seus prédios mais antigos de 1840-50 e o jardim de 1881. Foi local de Mercado da Feira da Ladra, até 1809, estendendo-se até aos Restauradores.[24] A segunda, a Rua do Salitre, é zona de ligação entre vale e cumeeira, de génese medieval e funcionando como um dos acessos à cidade. Esta marca a fronteira entre a malha orgânica medieval e o Plano de Ressano Garcia.[25] O seu limite direito era o Noviciado da Companhia de Jesus. Nesta rua existiu também um Hospício que durou até 1834, o palácio dos Condes de Alto Meirim, o Teatro do Salitre, a Praça de Touros e o Circo Price, estes três desaparecidos em 1880.[26] Já o terceiro, o Parque

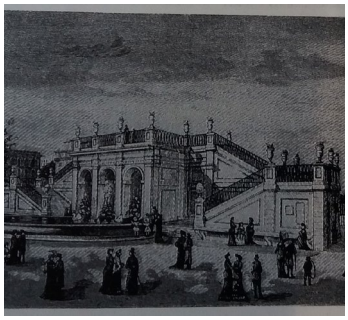


Fig.85 Passeio Público


Fig.86 Avenida da Liberdade


Fig.87 Praça da Alegria


Fig.88 Avenida da Liberdade

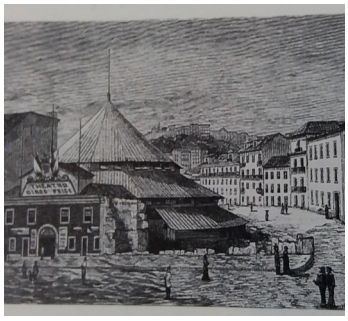


Fig.89 Circo Price

22 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XIV, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, p.44
23 *Idem*, pp.47-48
24 *Idem*, pp.28-30
25 Câmara Municipal de Lisboa, *PUALZE Plano de Urbanização da Avenida da Liberdade e Zona Envolvente,* http://www.cm-lisboa.pt/viver/urbanismo/planeamento-urbano/planos-eficazes/plano-de-urbanizacao-da-avenida-da-liberdade-e-zona-envolvente
26 Norberto Araújo, *Peregrinações em Lisboa*, vol. XIV, 2ª edição, Lisboa, Editora Vega, 1993, pp.32-34



Fig.90 Parque Mayer

Mayer, surge nos jardins do Palácio Mayer em limite com o Noviciado, agora Jardim Botânico. O palácio, actualmente o Consulado de Espanha, foi construído em 1901 e é prémio Valmor. No Parque existe o Teatro Maria Vitória, de 1922, o primeiro a surgir, o Teatro das Variedades, de 1926. Em 1930 foi construída a actual entrada com duas colunas decorativas e em 1931 surge o Capitólio. No início o Parque Mayer não era o que reconhecemos hoje, mas antes um lugar de Feira, em substituição da Feira de Agosto que acontecia na Rotunda do Marquês de Pombal. Ainda na vertente cultural e de lazer, existe na Avenida da Liberdade o Teatro Tivoli, inaugurado em 1924 e o Cinema São Jorge de 1950.

Fonte Imagens:
Fig. 70 Convento das Trinas, http://lisboahojeeontem.blogspot.pt/2012/11/convento-das-trinas-largo-do-rato.html
Fig. 71 Real Fábrica das Sedas, Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, p.109
Fig. 72 Palácio do Rato, http://geneall.net/pt/titulo/1029/marqueses-da-praia-e-de-monforte/
Fig. 73 Capela Ns. Sr. da Bonança, http://isabelmouzinho.blogspot.pt/2013/05/capela-do-rato.html
Fig. 74 Chafariz do Rato, Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, p.86
Fig. 75 Vista aérea R. Esc. Politécnica, Walter Rossa, *Além da Baixa, Indícios de Planeamento Urbano na Lisboa Setecentista*, Lisboa, IPPAR, 1998, p.XIV
Fig. 76 Colégio Nobres, pombalino, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.377
Fig. 77 Colégio dos Nobres actual, http://www.vamosaqui.pt/2016/06/10/museu-nacional-de-historia-natural-e-da-ciencia-de-santo-antonio-em-lisboa/
Fig. 78 Palácio Soares, actual, http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/edificio-da-imprensa-nacional-casa-da-moedapalacio-de-d-fernando-soares-de-noronha
Fig. 79 Palácio Palmela, http://www.cm-lisboa.pt/equipamentos/equipamento/info/palacio-palmela-procuradoria-geral-da-republica
Fig. 80 Praça do Príncipe Real, http://obaudahistoria.blogspot.pt/2011/03/jardim-do-principe-real.html
Fig. 81 Igreja de S. Mamede, https://www.guiadacidade.pt/pt/poi-igreja-paroquial-de-sao-mamede-281588
Fig. 82 Palácio do Conde de Seia, http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2015_11_01_archive.html
Fig. 83 Palácio Morgados de Alagoa, http://aps-ruasdelisboacomhistria.blogspot.pt/2015/11/rua-da-escola-politecnica-xiii.html
Fig. 84 Passeio Público, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.426
Fig. 85 Passeio Público, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.
Fig. 86 Avenida da Liberdade, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.427
Fig. 87 Praça da Alegria, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.381
Fig. 884 Avenida da Liberdade, http://pt.fashionnetwork.com/news/Comerciantes-dizem-que-ruas-ao-pe-da-Avenida-da-Liberdade-em-Lisboa-parecem-favela-,676582.html#.WGgmcVOLSpo
Fig. 89 Circo Price, Irisalva Moita (coord.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1994, p.384
Fig. 90 Parque Mayer, http://lisboalisboa.blogspot.pt/2014/01/parque-mayer-e-feira-popular.html

7. Auto-Palace, Sociedade Portuguesa de Automóveis, Lda



Fig.91 Publicidade 1908



Fig.92 Publicidade 1922

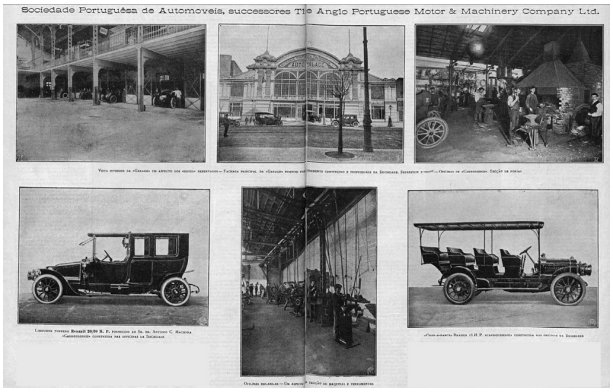


Fig.93 Publicidade 1914



Fig.94 Interior



Fig.95 Interior

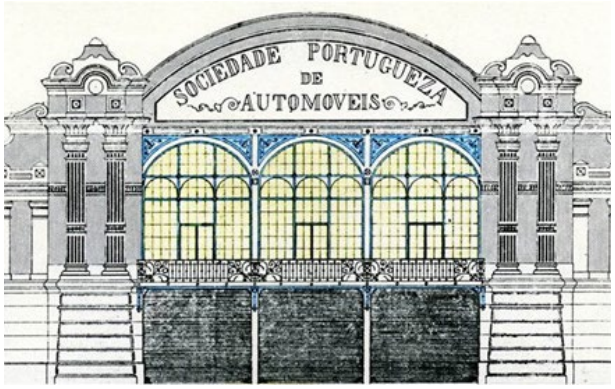


Fig.96 Alçado



Fig.97 Alçado



Fig.98 Exterior

Fonte Imagens:
Fig. 91 Publicidade 1908, http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html
Fig. 92 Publicidade 1922, http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html
Fig. 93 Publicidade 1914 http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html
Fig. 9 Interior, http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html
Fig. 95 Interior, http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html
Fig.96 Alçado, http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/06/lisboa-do-jardim-publico-as-avenidas_20.html
Fig. 97 Alçado, http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/06/lisboa-do-jardim-publico-as-avenidas_20.html
Fig. 98 Exterior, http://restosdecoleccao.blogspot.pt/2011/04/garagem-auto-palace.html

8. Entrevistas - Conversas

Perguntas base foram desenvolvidas para as entrevistas. As entrevistas acabaram por assumir um traço mais casual e aberto, tornando-se uma conversa, deambulante dentro dos temas que cada entrevistado melhor entendia ou poderia responder. Assim, as perguntas foram tomadas como matrizes ou impulsionadoras de tópicos, mas os diálogos tornaram-se mais fluídos, naturais e humanos.

8.1 Perguntas base para os trabalhadores do Mercado

- Há quanto tempo trabalha no Mercado?

- Fale-me um pouco do mercado, o que sabe da sua história/desenvolvimento?

- Como era o Mercado no passado?

- Quais foram as maiores mudanças que sentiu desde que aqui começou a trabalhar?

- A cerca do movimento do mercado. Como é um dia normal?

- O que pensa do edifício e espaço oferecido actualmente?

- Como gostava de ver este espaço futuramente?

- Pensa que ser só mercado basta? O que acha que falta para o mercado funcionar?

- Que outras opções sugere para o melhorar, para um rejuvenescimento?

- O que acha da criação de um programa multi-usos. Um espaço para criação de novos projectos e ideias. Exposições, actividades culturais e workshops, de entretenimento e lazer para a toda a população (jovem a sénior). Áreas de estudo e trabalho, cafés e restaurantes.

- Qual a sua opinião da área envolvente? Do Rato, Praça das Amoreiras, proximidade ao Príncipe Real e Avenida da Liberdade.

- Sente que esta área mudou nos últimos tempos?

- O que sente que mudou e porquê?

8.2 Outras perguntas base para os trabalhadores de projectos mais recentes do Mercado

- Porquê a decisão de criarem o vosso espaço no Mercado do Rato?

- Pensa que a vossa actividade será benéfica para o Mercado. E que o local é o mais indicado?

8.3 Perguntas base para a Junta de Freguesia

- Antes de ser Mercado, este era o local da Carpintaria Mecânica Portugueza. Sabem alguma informação sobre esta?

- Qual é a história do Mercado do Rato e como foi o seu processo de degradação?

- Quais são as actuais propostas da Câmara para este espaço?

- Pensa que a Loja D. Ajuda e o Projecto da Fruta Feia terão um impacto positivo no mercado?

- Pensa que a função de Mercado ainda consegue funcionar neste local?

- Que outro tipo de programas acham que poderiam ser mais necessários e que poderiam rejuvenescer o lugar?

- Sobre a Freguesia, que tipo de funções e espaços acha que fazem falta?

- O que acha da criação de um programa variado aqui? Co-working, startups e incubadoras criativas. Associado a actividades culturais, para tempos livres e lazer, para toda a população (jovem e sénior), mantendo também parte de mercado activa.

8.4 Perguntas base para a Associação de Solidariedade "Boa Vizinhança"

- Fale-me um pouco da Associação "Boa Vizinhança" e dos seus projectos para o Mercado do Rato

- Porquê a escolha de utilizar o Mercado do Rato como "casa" para estes projectos, por exemplo a D. Ajuda? Pensa que terão um impacto positivo no local?

- Sabe alguma informação histórica sobre o Mercado do Rato e o seu processo de degradação ao longo do tempo?

- O que acha das actuais propostas para o espaço? Por exemplo a criação do estacionamento

- Pensa que a opção de mercado ainda pode funcionar neste espaço?

- Que outro tipo de programas acharia necessários e que poderiam rejuvenescer o lugar?

- O que acha da criação de um programa variado aqui? Co-working, startups e incubadoras

criativas. Associado a actividades culturais, para tempos livres e lazer, para toda a população (jovem e sénior), mantendo também parte de mercado activa.

8.5 Entrevistas

8.5.1 Senhor da banca de bacalhau

Há quanto tempo trabalha no mercado?

- Trabalho no mercado à 31 anos.

Notou alguma diferença desde que aqui começou a trabalhar? Sobre o movimento, as pessoas...

- Sempre a baixar.

Mas, no início, tinha muito movimento?

- Sim.

E quanto ao edifício?

- Precisava de ser melhorado também.

Mas o que vemos existe desde que cá está, ou foi alterado?

- Quando eu vim para cá não havia estas lojinhas, depois é que fizeram.

Os lixos colocados na nave de trás também são uma coisa recente?

- Sim. Tem dez anos, qualquer coisa assim.

E notou diferença?

- Pois... Porque ali era a peixaria. E pronto, isso foi reduzindo. Os comerciantes começaram a debandar, a largar isto. E ficámos aqui olhe... agora somos 3 ou 4 e agora... é para terminar.

Mas repara que ultimamente têm tentado fazer mais iniciativas. O restaurante foi melhorado, a loja D. Ajuda abriu...

- Sim, mas não acho... tinha que ser mais. Tinha que ser um mercado moderno.

Quanto a propostas que o senhor achasse que pudesse funcionar aqui. Achava que de-

molir tudo e fazer um novo seria a melhor opção?

- Para mim seria. Mas se calhar manter esta... fisionomia, não é? Tem muitos anos.

Por exemplo, manter a casca do edifício e melhorar o interior?

- Pois... porque aqui mesmo o telhado é muito quente. É muito calor no verão. Aqui é um forno. Não tem tecto, devia ser forrado, digo eu.

Mas acha que só um mercado novamente iria funcionar?

- Tinha que ser muito moderno. Tinha que ser 100% moderno.

Por exemplo como o que se tem feito agora aos novos mercados? Com restaurantes e atracções mais turísticas?

- Isso talvez, isso talvez. Mas acho que o comércio tradicional, este comércio tradicional, não tem via por ir por aí além. Não porque os supermercados...

Acabam ser por oferecer melhor.

- Pois! Isso não há hipótese. A restauração, talvez. Também tem um espaço muito grande. Isto bem aproveitado era capaz... isto tem muitos metros quadrados, não é?

E lá para trás tem ainda mais espaço.

- Claro, tem tudo!

Mas acha que seria mais interessante essa vertente dos novos mercados ou seria mais interessante algo a comunidade e residentes?

- Oiça, quer dizer... Eu quando vim para aqui à 31 anos vinham as senhoras com os empregados, está a ver? Era a senhora e era as empregadas e era o chauffeur. E nessa altura, sim. Nessa altura havia movimento porque isto depois também acabou o peixe e a carne... nós tínhamos aqui 14 talhos. Havia 14 talhos aqui a funcionar. Veja lá o que era esta casa. E o peixe eram talvez 30. E era sem condições, quase nenhumas... mas era! Mas vendia-se. Agora não. Isto está aqui, vem aqui alguém? Que horas são agora? Quem é que vem aqui comprar? Em princípio isto é mesmo para... vamos embora até ao fim do ano. Em princípio.

É a EMEL que quer explorar isto e fazer um parque de estacionamento, certo?

- É o que dizem. Os vereadores é que sabem o que querem fazer, mas em princípio...

Penso eu, a informação que eu tenho, será para um parque.

Mas sendo eu estudante, posso propor algo diferente, que ache melhor.

- Eu acho que o estacionamento, rentável é de certeza. Agora, o outro comércio é mais arriscado. Restauração, era capaz. Mas isto é muito grande, não é...

Apesar de estarmos numa zona bastante central, também poucos reparam neste espaço.

- Pois, está escondido! Está escondido!

E actividades para idosos aqui da zona ou para jovens?

- Tinha que ser muito bem publicitado!

Ou por exemplo, eventos culturais.

- Tinha que ser uma coisa totalmente moderna, diferente. Porque isto hoje tem que ser para os jovens. Os jovens é que fazem boa vida.

Claro, é que dinamizam.

- Porque as pessoas de idade não podem andar sequer. Eu tinha clientes que vinham aqui. Agora já nem vêm. "Epá, já não posso lá ir! Porque tenho que subir aqui a rampa e não sei quê." E depois é completamente longe... agora não há parques para clientes, só este bocadinho aqui é que é para clientes, está a ver? Aquilo ali em cima é pago, é mensal com cartão. Quer dizer, eu perdi clientes porque muitas vezes vinham com o carrinho, chegavam lá a cima e não podiam entrar e pronto, iam embora. Mas quer dizer, não sei em que altura foi que aquilo começou a ser pago. Antes não era pago. Eles tinham lá um funcionário a controlar lá os carros e as pessoas podiam estar ali 1h ou 2h. E podiam estar o tempo que quisesse. Chegavam aqui, compravam. Mas isto estava tudo cheio! Ali em cima, era as hortaliças, estavam mais de 30 pessoas a vender. Tudo muda. E isto em 30 anos nasce e morre muita gente. E as pessoas que normalmente vinham já cá não estão.

Mas actualmente existe um retorno ao mercado pela população mais jovem.

- Pronto, mas isso tem que ser muito publicitado e haver boas condições para as pessoas se sentirem bem. As pessoas chegam aqui... têm que comprar aqui uma coisa, outra ali. Têm que andar sempre a puxar pelo dinheiro para pagar o bacalhau, para comprar as frutas, comprar os nabos. Tem que estar sempre a puxar pelo dinheiro, está a ver? Agora, compra tudo, toma lá o cartão e paga tudo. É difícil... Os modernos já nem vãos aos supermercados. É

online ou o que é aquilo. O meu filho nem sequer vai aos supermercados, faz lá aquilo na Internet. Depois levam lá aquilo à casa, entregam, fazem tudo. Eu também entrego, mas não tem nada a ver.

Mas se se apostasse numa mistura com outras actividades, chamaria mais pessoas.

- O comerciante depois tem que pagar rendas, tem que ver se isso é rentável. Porque isto também já não é barato. Quem faz o contrato com a Câmara. Tenho uma renda acessível e tal, isto não é muito barato... mas agora novas são mais caras, não é? Tem que se ganhar para existir. Hoje uma empresa tem o guarda-livros, tem o fisco. Tem isto, tem aquilo, tem muita coisa, muita despesa. Depois se não houver rentabilidade como é que faz? A menina por exemplo ia aí abrir uma loja, tem que fazer as contas. Quanto pago de renda, quanto pago de electricidade? Quanto paga o guarda livros? Qual é o movimento que vou fazer para cobrir isto tudo? Acha que vale a pena?

Mas se fosse uma coisa mais dinâmica e houvesse pessoas, tornava-se mais rentável.

- Todo o comércio, tudo o que negoceia... não é preciso ganhar muito, é preciso é vender muito. E hoje muito não é fácil. Eu já estou no comercio à muitos anos. Antes de vir para aqui tinha lojas noutros lados. Já fiz outras coisas também. Mas acho que isto está um bocado difícil Acho que para mim se a restauração pegasse... era dentro desse género. Agora, noutro ramo, não sei... Aqueles pronto-a-vestir, aquelas coisas.

Mas e fora do ramo comercial?

- O bairro tem muito pouca gente a viver, tem que ir buscar pessoas de outros sítios para aqui.

Mas há muita gente a passar. Se é uma zona com tanto emprego, se calhar procurar explorar aqui outras zonas de trabalho.

- Aqui é a restauração. Trabalham aqui milhares de pessoas Tem que ser uma coisa para o dia da pessoa. Não é agora, a pessoa vai daqui ao fim do dia com um bacalhau para Queluz?! Não vai, pois não? Mas antigamente ia! Quando eu vim para aqui há 31 anos, as pessoa chegavam aqui e levavam o bacalhau para Sesimbra, para Almada, para não sei onde. Vinham pessoas de muito longe aqui comprar bacalhau. Eu tinha bacalhau bom. Mas isto, tudo acaba! Uns morrem, outros embarcam, outros não sei quê. Tudo tem o seu tempo, não é? Tem que ser dinamizado. Eu achava que a restauração era... Agora, o parque... é muito rentável, vai estar sempre cheio. Digo eu. A EMEL... Tem sempre muita gente, está sempre cheio. Até aqui em

Campolide. Aqui há muita gente a trabalhar. E eles fazem por fases, de dia paga um preço, de noite paga outro. E enchem isto tudo de carros. O projecto dizia que isto era para levar 310 carros. Mas pronto, isto está difícil... eu digo no meu ramo! A menina está aqui, quantos já passaram? Isto morreu. Isto também já se fez publicidade que ia fechar ou que já tinha fechado. As pessoas leem os jornais. Já nem sabem... "Oh zé e tal, ainda está aí?" E é assim. E olhe, agora estou a fazer o meu tempo, para levar a minha indemnização. A gente quer receber e parte para outra. Parar é morrer.

Mas acho que seria possível continuar a funcionar, associado com outras actividades.

- Tem que ser muita coisa! Se houvesse muita variedade, com certeza não estava assim. A verdade é que aqui há muito pouca população. Tem que ser chamada, tem que ser uma coisa com nome! Que mostre interesse às pessoas.

Também o próprio espaço está degradado. Se fosse arranjado, a pessoa passava e parava por aqui.

- Tinha que ter condições! Uma pessoa passar aqui, ter aquilo que quer! Uma senhora quer comprar aqui um bocadinho de queijo não tem, um bocadinho de.... não tem. Uma charcutaria boa. Essas coisas. Um bocadinho de tudo, ter oferta. Mas nós também temos aqui o Pingo Doce ao lado já. Ele não estava... onde eles caem é.... a menina sabe que isto é uma razia. O Pingo Doce é uma razia! Eles podem até vender coisas que não são boas, mas não interessa, aquilo vai tudo! E se a menina lá for agora, tem lá os clientes que vinham aqui todos! E pronto, conheço pessoas que ainda vêm aqui buscar um bocadinho de pão... olhe, o pão também vai sair! Isto é muita despesa.

8.5.2 Senhora da banca da padaria

Há quanto tempo está aqui no mercado?

- Eu não estou aqui á muito tempo. Um ano, mais ou menos.

O que acha do edifício?

- Acho que tem muito poucas condições, acho que podia ter muito mais. Já teve, não é? Agora também como é para fechar.

É mesmo para fechar?

- Vai haver uma reunião hoje, para decidir... Pronto, que é para fechar, é. Agora quando, não sabemos. Não sei se é no final do ano, se é para o mês que vem... mas vai acontecer.

É algo que se fala à bastante tempo. Igualmente, de se fazer um parque de estacionamento.

- Já se ouviu tantas coisas que já nem sei o que vai ser feito aqui. Já ouvi dizer que iam fazer lojas, novas lojas. Mas como vamos também todos embora, não sei. Só os restaurantes é que ficam.

Desde que aqui está, notou diferença ou o mercado já tinha perdido todo o movimento?

- Não. Quando eu vim isto já estava assim para fechar. Já tinha muito pouco movimento. Não apanhei aquilo que eu oiço as pessoas falarem. Que tinha muita gente, fazia filas... Não apanhei nada disso, apanhei muito pouco movimento.

Na sua opinião, se o espaço fosse reabilitado, o que acha que poderia funcionar aqui? Novas actividades.

- Podiam abrir mais lojas. Ter talho, peixe, essas coisas assim.

Mas acha que ser só mercado iria funcionar?

- Acho que sim. Acho que as pessoas ainda gostam muito de ir aos mercados. Apesar de ter os supermercados e terem tudo, também...

Acha que seria interessante misturar com outras actividades? Tirar partido da quantidade de pessoas que aqui trabalha em redor. Por exemplo actividades culturais que chamariam as pessoas também a conhecer o mercado.

- Sim, talvez se existisse outras coisas, mas não sei...

Por exemplo um auditório para espectáculos, conferências, exposições?

- Talvez chamasse mais gente aqui ao mercado sem dúvida.

Algum espaço para novos projectos, uma procura de dinamizar o espaço.

- Exactamente! Acho que sim acho que sim. E espaço para isso até tem. É uma pena isto estar assim e ir fechar. Tem aqui tanto espaço, podia fazer tanta coisa.

Tem mais alguma coisa que se lembre, para acrescentar, a cerca do mercado?

- Pois, mas não sei. De mercados também não sei muito. Nunca tinha trabalhado em nenhum. Não sei o que poderiam pôr, com o que já existe. Mas acho que poderia resultar aqui.

Acha que programas para idosos seriam mais indicados, por serem uma camada mais ligada aos mercados?

- Mas os jovens também vêm muito! Isto não tem é nada. As pessoas passam e acabam por não voltar, porque não tem nada. Se tivesse coisas que chamassem mais...

Mas acha que a população passa por aqui? Já que isto está tão escondido.

- Passa. Eles vêm a procura de flores. Turistas e tudo passam por aqui! Olham para isto, coitados, desiludidos. Se tivesse aqui alguma coisa que chamasse a atenção eles iam voltar, agora assim não.

Então acha que até há bastantes pessoas que passam...

- Passar, passam. Entram, olham... Alguns até tiram fotografias, não sei para quê mas tiram. Se isto ainda tivesse aquilo algo. Mas realmente não tem nada que chame aqui a atenção a ninguém. Coitados.

Se o espaço fosse renovado, a senhora gostaria de cá continuar a trabalhar?

- Acho que sim. Isto não é meu. Estou a trabalhar para outra pessoa. Mas se continuasse acho que também quereria continuar. Ele já tem uma certa idade, mas como continua com as outras coisas. Ele também tem um posto de venda em S. Bento, no mercado, e vai continuar. Também faz vendas para o Mini-Preço. E vai continuar a trabalhar, isto aqui é que vai fechar porque vai fechar o mercado.

8.5.3 Voluntária da Loja D. Ajuda

Esta loja abriu recentemente no mercado.

- Já cá estamos quase à um ano. Foi em Abril.

Porque foi opção o mercado, já que é um espaço com tão pouco movimento?

- Porque as pessoas que colaboram neste projecto moram aqui. Isto é um projecto em colaboração com a Junta de Freguesia. Não só na venda destes produtos mas as pessoas que criaram estes projectos colaboram com os lares, dão apoio aos idosos. Têm inúmeras coisas que não aparecem visíveis e... porque pensaram num espaço. Já tinham um espaço ali perto, na Rua Filipe Neri, mas já estava a ficar pequeno para a quantidade de pessoas que doava coisas e então estabeleceu-se um protocolo, tentou falar-se com a Câmara e eles... neste espaço que estava inutilizado, ninguém fazia nada, e que consideraram ser um bom espaço para o projecto

que tinham em mente. A camara cedeu umas lojas e pronto, iniciou-se assim.

Mas, supostamente, o mercado não irá fechar?

- Supostamente sim, mas é tudo um "se". E enquanto fecha e não fecha, aproveitamos a oportunidade. Já há tanto tempo que se fala, mas é um espaço tão bonito. Um mercado tem tanta, tanta possibilidade para tanta, tanta coisa e nunca mais resolvem nada. Acho que foi uma óptima ideia a D. Ajuda ter pedido a cedência deste espaço. Pelo tempo que for, é sempre bom.

Sobre como era o mercado, sabe-me contar coisa?

- Era um mercado tradicional de Lisboa. Bastante movimentado.

Apesar de estar aqui escondido...

- Não está escondido. Os mercados funcionavam assim. Se for a outros mercados de Lisboa também estão assim. Aliás, ele tem um portão lindíssimo lá em baixo que era impossível não conhecer. Portanto, era o mercado da zona do Rato, da zona aqui da Rodrigo da Fonseca, toda a gente conhecia. Na altura, e na época que existia mercados a sério, era um mercado que abastecia aqui a zona e funcionava a 100%. Infelizmente os supermercados vieram acabar com os mercados todos. É uma pena....

Pois, acabam por mantém sempre a tradição.

- É. Infelizmente está-se a perder e as pessoas já não têm vida para vir ao mercado também. É tudo um conjunto de circunstâncias. E todos os que estão a ser reabilitados... este é uma pena ainda não ter conseguido ser.

Pois. Existem variadas ideias para o que fazer.

- Provavelmente, mas isto está tudo... é da Câmara.

Mas a EMEL quer explorar e fazer um parque de estacionamento.

- Não faço a mínima ideia, não sei. Isto há imensos projectos para aqui. Ouvi falar já à muito tempo mas nunca mais avançaram. Isto implica muita coisa, muitos interesses, muita política. Eu não sei. Transcende-me e a mim não me interessa. O que interessa é conseguir usufruir deste espaço, que tem sido muito bom.

Acaba sempre por animar um bocadinho mais o espaço.

- Sim, agora as pessoas já conhecem. Já vêm muito, vendemos imenso, ajudamos muito as pessoas aqui da zona. Isso é o fundamental! Isto era um espaço morto, desabitado, como está a maior parte do espaço.

O projecto da Fruta Feia também começou a funcionar aqui.

- Sim, começou ontem a funcionar com um sucesso enorme. Eu não estive cá mas pelo que soube, teve... foi óptimo, veio imensa gente! Sobrou este cabaz que está aqui. Mas teve uma adesão fantástica.

Será uma coisa que irá funcionar todas as semanas?

- Terças feiras. Mas é sujeito a inscrição. Uma inscrição prévia, não sei se sabe como funciona.

Sim, são cabazes por inscrição que depois vem levantar.

- Exactamente.

Agora, na sua opinião, o que acha que poderia ser feito ao mercado para o revitalizar? Novos espaços, programas.

- Aproveitar! Aproveitar ao máximo o espaço lindíssimo que é, na zona central de Lisboa. Co-workings, qualquer coisa.

Acha que ser só mercado não basta?

- Mercado já não dá. A realidade é que não dá. Todos os mercados, infelizmente, eu acho que não são rentáveis. Eu acho é que se pode aproveitar o espaço para rentabilizar. Start-up's... qualquer coisa.

Sim, efectivamente seria essa a ideia... Start-up's e manter parte de mercado.

- Aqui que eu saiba há uma ou duas pessoas a trabalhar com mercado. Há a peixaria e a fruta, penso eu. Mais nada. Duvido que dê, continuar como mercado. Mas nestes moldes, não estragar o bonito que é o mercado. Não estragar.

Manter a memória.

- Sim, manter a tradição, estragar não. Manter o conceito, manter os espaços. Tirar partido destas estruturas que são giras. Mas aproveitar o espaço que é um espaço perdido nos anúncios de lisboa. E não transformar em parque de estacionamento. Acho um crime. Acho

que não, acho que quem tenha boas ideias consegue fazer daqui coisas muito giras.

Mas acha que funcionaria melhor um programa mais para idosos, para jovens, para residentes? Apesar de na área já não existirem muitos.

- Existem muitos residentes. Claro que aqui, pelo menos, havia muitos residentes já mais velhos. Agora a tendência é começar a camada mais jovem. Eu sinceramente não sei, o mercado está mais virado para o comer. Comer, as pessoas têm que comer, gastar dinheiro noutras coisas, depende. Não sou a melhor pessoa para indicar, mas eu acho que qualquer negocio que seja rentável hoje, seria bom por aqui. Porque isto é um espaço muito central. Escritórios para jovens, não sei. Acho que vale a pena qualquer coisa bem pensada, fazer um estudo de mercado. Acho que vale a pena. É bem... tem metro, tem autocarros, tudo à porta. Portanto é muito acessível para tudo.

Claro, com a publicidade e o programa certo.

- Com o programa certo, é isso. O programa certo, tem que ser pensado. Até porque nós queremos continuar aqui, portanto não nos expulsem daqui!

É interessante saber. Se calhar quem trabalha no mercado preferia ir embora.

- Claro, se for ver as pessoas que estão ali, coitadas. Também já não têm idade para trabalhar muito mais anos. Portanto mais dia, menos dia, acabam por sair. O que era bom, era giro, era manter a característica do mercado, isso é que era de aproveitar. E há tantas coisas que se consegue fazer. Veja o caso do Mercado de Campo de Ourique. Esses conceitos giros. Eu punha sinceramente workshops, espaços pra jovens. Sei lá. Há tanto jovem criativo com falta de oportunidade para mostrar. Criar assim uns espaços, acho que há muita potencialidade de coisas para fazer e os jovens podem fazer muita coisa. Ás vezes faltam espaços. Um espaço aberto onde pode vir aqui, alugar ao dia, à semana. Pode fazer workshops de culinária para crianças. Sei lá, qualquer coisa assim gira. Acho que há muita potencialidade que parte de vocês, mais jovens.

É uma opção sim. Seria rentável e interessante ter esses espaços temporários. Torna-se uma mais valia para quem produz mas também para quem visita e vê novas ideias.

- Pois é isso, dar a possibilidade às pessoas de mostrar, por um curto espaço de tempo, aquilo que fazem em casa. Cada vez há mais pessoas a trabalhar em casa.

Sim, freelancers e trabalhadores independentes.

- Sim, olhe, não sei. Acho que dá para muita coisa.

8.5.4 Senhora da banca dos vegetais e seu pai. "Tininha dos Cestos"

Há quanto tempo é que trabalha aqui?

- ["Tininha"] Eu estou aqui... eu a trabalhar, estou à 28 anos mas eu já vinha para aqui quando a minha mãe começou aqui. Tinha 8 anos quando a minha mãe veio para aqui.

-[Pai] Nós viemos para aqui em 1974. Já os saloios vendiam lá em cima. O mercado era só dali do portão para cima. Tinha assim umas bancas do género de escadinha e havia ali os saloios. Eles é que traziam as coisas e vendiam eles próprios ali, lá. Depois é que fizeram o barracão.

-T. Era tudo isto. Era daquele lado de lá... Só peixeiras eram 200, à volta disso. Ainda matavam aqui a criação. As galinhas era aqui deste lado.

-P. O matadouro era ali, do bacalhau para baixo.

-T. Vinham as camionetes com as galinhas.

Antes de ser mercado, era aqui a carpintaria mecânica portuguesa, sabem algo desse tempo?

-T. Não sei, nunca ouvi. Se calhar pessoas mais antigas saibam. Nem nunca tinha ouvido falar nisso.

-P. Também não. O que a gente sabe, o que as gentes falam, é que isto foi uma... pessoas antigas que deram isto à Câmara... eles vieram cá e depois construíram o mercado. Isso é o que se falava, agora se é verdade ou mentira, não sei.

Segundo fotografias história, esta fachada em tijolo e o edifício em frente existiam na época, associado à carpintaria.

-P. Exactamente... Por isso é que houve aquela coisa... habitava ali uma senhora naquele prédio. Eles queriam-na tirar de lá mas ela não... estava lá escrito na Câmara que aquilo era... não sei se eram herdeiros. Mas já de outra geração e nunca os tiraram dali.

Actualmente alguém ainda lá mora?

-P. Agora não porque elas exigiram um apartamento.

-T. A Câmara queria que elas se fossem embora mas elas não. Queriam ficar aqui, ficar aqui perto. Enquanto a Câmara não arranjou uma casa por perto. Porque acho que a casa era de familiares antigos.

-P. E isso já ficou escrito, pelo menos era o que se falava. Não sei se é verdade mas deve ser porque eles nunca conseguiram tirá-los até arranjarem casa para eles.

O edifício agora está completamente abandonado.

-T. Sim, só o restaurante por baixo. Está desabitado. O restaurante está incluído naquilo, está na parte debaixo do prédio, não sei como é que depois é.

Sobre o mercado, consegue contar-me como foi as mudanças, como antes era e como funcionava?

-T. Era, era... trabalhava antes, porque não havia supermercados. Depois automaticamente começaram a aparecer os supermercados e começou a fechar...

-P. Quando foi o 25 de Abril, isto trabalhava sábados domingos e tudo. Depois houve aí reuniões, já não foi no nosso tempo, mas era assim. Quando nós viemos para cá, acabámos por não trabalhar ao domingo, porque isto estava aberto ao domingo. E eles então, as pessoas que estavam aí, reivindicaram para fechar ao domingo e depois fechou ao domingo, como está agora.

- T. Mas trabalhava-se pronto.

- P. Trabalhava-se bem. Isso era para aí bichas enormes.

- T. Não havia supermercados, eles construíram as Amoreiras...

- P. O lugar da minha mulher era aquele coisinho pequenino.

-T. Assim de lado, virado para a frente, para a rampa. Era só assim um quadradinho... 3 metros! E trabalhava-se bem. A pessoa não tinha água como agora aqui se tem ao pé. Só havia uma torneira que era a das flores, lá ao cantinho e a gente ia lá buscar um balde de água e tinha que pedir licença às pessoas para passar, já não chegava com o balde cheio. Veja a diferença. Depois os supermercados. A pessoa vinha pouco ao mercado, o mercado é frio, apanha chuva. É aberto, sempre que vem o vento, a chuva entra. Nos supermercados não apanha.

-P. Desde que abriu ali as amoreiras sentiu-se logo.

- T. Logo! Isso foi.

-P. E pronto, a partir daí...

-T. Aqui havia tudo. Tudo o que há ali nos supermercados havia tudo. Roupas e tudo.

-P. Depois veio a MAKRO.

-T. Veio a MAKRO que era só para os vendedores. só para quem tivesse comércio.

-P. Os fornecedores... Depois mudou lá para o MARL.

-T. Depois tudo o resto. Sim, depois também acabou o mercado abastecedor aqui em Lisboa. Nós íamos fazer as compras de manhã, era de madrugada e acabou também. Agora vamos ao Mercado Abastecedor que fica lá para Bucelas, do outro lado. E é diferente, não tem nada a ver. É longe, é portagens, é viagem que é enorme. e pronto, tudo isso não ajuda para quem tem um negócio pequeno. É bom para os grandes. E é mais ou menos assim. Pronto, se calhar uma pessoa antiga que estivesse aqui há mais anos... O meu pai já é mais antigo e já conhecia o mercado, mas mais antigos do que ele já tudo morreu. Os velhotes vão morrendo depois a malta nova não quer vir trabalhar para o mercado. Isto dá muito trabalho, dá muito prejuízo, pouco lucro.

-P. Pois. Depois, não havia um frigorifico para pôr as coisas.

-T. Pois, no Verão é muito calor.

-P. Começámos para aí a batalhar. "Ah a gente põe a gente põe", os anos foram passando e nunca fizeram nada.

-T. Nunca fizeram. A própria Câmara deixou um pouco abandalhar isto. Eles foram-se indo embora e eles não se importam.

Como não está a ser fonte de lucro, claro.

-T. Não interessa, pois. Agora vão fazer um parque. Já esta aprovado o projecto. Vai ser um parque para a EMEL. Eu não acredito que seja só o parque mas eles não dizem.

Já agora, os Lixos foram também aqui colocados.

-T. Sim, pertencem à Junta.

Mas notou que isso foi prejudicial?

- T. Tudo piora, mas o espaço já estava...

-P. O espaço já era dos cantoneiros da Câmara. Em principio foram eles que vieram para ali.

- T. Sim mas depois fecharam isto e puseram ali... e pronto. Depois as pessoas vêm e veem lixo aqui junto do mercado. Tudo isso ajuda.

-P. Tudo isso espanta as pessoas.

A cerca do que gostava que aqui acontecesse. Se o espaço fosse melhorado, gostaria de se manter aqui e de ver um mercado a acontecer?

- T. Claro que sim! Tinham era que dar aqui uma grande volta. Tinha que fechar e fazer aqui umas grandes obras. Eles fizeram umas obras à uns anos, para aí à 15, 16 anos, em 2000. Mas não foi nada assim de especial. Foi só para lavar a cara ao mercado.

Não acha necessário demolir?

- T. Demolir não era preciso. Porque é uma coisa antiga, não é? Vem muitos estrangeiros tirar aqui fotografias e tudo. E que gostam.

-P. Pois mantinham isto como era.

-T. Mas pronto, se fosse bem limpo. Estas pedras tudo bem arranjadinho ficava uma coisa engraçada.

-P. Agora com as condições modernas.

- T. Mas a Câmara não quer... Se eles agora já arranjaram o projecto da EMEL para isto ser estacionamento, portanto se fizerem alguma coisa será em ponto pequeno, não é? Para manter alguma coisa, algum comércio. Mas não... um mercado a sério como era antigamente duvido que voltem a fazer, mas gostava que fizessem! Se fizessem eu ficava na mesma. Porque eu tenho clientes aqui por perto. Os clientes que eu tenho, a gente vai adquirindo os clientes. Portanto se formos para longe já não é a mesma coisa, temos que nos deslocar levar as coisas. Já fica mais longe.

Mas um pouco a parte do que a Câmara quer, o que acham que seria interessante aqui?

-T. Na mesma mercado, mas com outras coisas. Com parques para crianças para as pessoas trazerem crianças para aqui. Tipo um Centro Comercial, uma coisa pequena mas com

aspecto de mercado. Que tivesse e fosse acolhedor, que as pessoas se sentissem bem para não fugirem para outros lados. Porque as pessoas já começam a ficar fartas dos supermercados e dos centros comerciais.

É sempre tudo muito artificial.

- T. Exactamente. E depois não há comunicação. As pessoas começam já algumas a ver que é diferente. Tanto os artigos como a maneira de atender. Então a gente vai ao supermercado, as pessoas nem falam. Metem as coisas para o lado, a gente tem que arrumar tudo à pressa porque já está outro senhor logo ao lado.

Pois falta muito aquela parte humana no espaço.

- P. Exactamente, exactamente!

-T. Tem que... ter uns mínimos princípios não é? Se estamos a atender um cliente, ao publico, temos que ter o mínimo conversa, de simpatia. Não é só uma troca. E isso deixa de existir nos supermercados.

Em termos de uma proposta para o espaço, a ideia seria espaços de trabalho temporário, mais jovens. Novos projectos divulgados que trariam novas pessoas. E o mercado seria associado a esta vertente, rejuvenescendo-o. Também existiriam actividades e workshops para a população idosa e jovem. Acha que seria algo que funcionaria?

-T. Sim. Porque ainda mora muita gente em Lisboa.

Mas aqui em volta do mercado, tem cada vez menos, certo?

- T. Agora começa a haver mais, porque as casas estão a ser reabilitadas. Antes havia aqui casas antigas, aqui na Rodrigo da Fonseca, as pessoas foram embora, morreram. Agora estão a vir novas pessoas. E às vezes vêm aqui e dizem "ah o mercado é só isto? Nós viemos agora morar para aqui." Portanto, interessa a muito jovem. "E disseram que aqui havia um mercado mas só tem isto."

Mas a maior fatia aqui acaba por ser os empresários?

- T. Há muitos escritórios aqui, muitas empresas. As pessoas trabalham aqui de manhã até à tarde. Depois vão para casa.

Sobre a zona envolvente, acha que a zona mudou muito?

- T. Era uma zona mais de habitação. Lá para baixo, para a Avenida não, mas esta zona aqui... Campo de Ourique, era uma zona onde morava muita gente. E agora é só escritórios, à uns anos para cá.

E acha que piorou?

- T. Piorou pois, as pessoas foram-se embora. Eu ainda sou do tempo de ver as criadas que vinham com aqueles fatinhos, aventais e botas. E portanto, tudo desapareceu. Depois começaram a vir as empresas. Só escritórios. Por isso é que lhe digo que agora estão a começar a estruturar as casas. Se calhar alguém trabalha aqui e quer morar também perto do trabalho. Pessoas novas. Por isso é que se ouve alguns a dizer que agora estão a vir para aqui.

Não sente que é uma zona muito turística?

-T. Não é tão turística como os bairros, os bairros é mais. Mas também é. Depois há aqui hotéis. Aqui à volta. E isso... sempre vêm visitar. Porque é tudo muito junto.

Em termos de mais valias para a área, pensa que o melhor seria reabilitar e manter mercado?

- T. É restruturar tudo. Isto já está muito velho. Modificar tudo, porque as pessoas quando é uma novidade vão. Não é? Se já sabem que é um mercado, que é velhote, "ah já não há ninguém." Agora, se houver alguma coisa, de uma revolução grande, "ah o mercado vai ser restruturado vai haver isto vai haver aquilo." As pessoas têm aquela tendência. Então nas redes sociais... As pessoas têm sempre aquela curiosidade, "deixa ver como é que aquilo está, já não vou lá à tantos anos." Pessoas que moraram por aqui, já velhotes mas têm filhos e têm netos que se lembram de vir com a avó ao mercado. Se calhar lembram-se, "há tanto tempo que não oiço falar do mercado do Rato, deixa cá ir ver." Penso que se fizessem qualquer coisa... pelo menos quando é novo as pessoas vão sempre ver. E depois é o dia-a-dia e ver o que é que dava mais, o que é que não dava. Novas ideias!

Sobre a sua banca, associou-a agora um concurso de vitrinismo...

-T. Sim, tentar fazer um bocadinho mais de publicidade.

É uma coisa muito recente.

-T. Sim, sim. Não tem sequer um mês. Ainda nem mudei nada, porque elas é que têm as passwords e tudo, portanto ainda não alterei nada.

Mas acha que poderá fazer diferença?

-T. É capaz de fazer. As pessoas que me conhecem, que sabem que estou aqui, porque vão divulgando... mas como também tenho clientes que a publicidade é o "passa-palavra" e uns vão dizendo, portanto... Mas tudo ajuda.

E sobre a Fruta Feia...

- T. Nessa altura aqui já está fechado e aquilo é um projecto à parte, da D. Ajuda.

Sim, mas se calhar sempre chama a atenção.

-T. Sim, que há um mercado. As pessoas não conhecem, depois têm tendência a ir descobrir e saber o que passa lá mais.

Porque o mercado do Rato acaba por ser um bocadinho despercebido.

-T. Mas sempre foi. As pessoas não sabiam. Havia ás vezes pessoas que moravam aqui e não sabiam que isto era um mercado.

Tem mais alguma coisa que se lembre, para acrescentar, a cerca do mercado?

-T. A minha mãe e o meu pai estão aqui à 41 anos.

-T. [a cerca do projecto do parque de estacionamento] Eles dizem que não querem que as pessoas tragam carros para a cidade, mas depois fazem parques. Não bate certo. Por exemplo, há um mercado em Campo de Ourique que não tem estacionamento como nos temos aqui. Foram estruturar aquele mercado e este não, porquê? Tem um espaço aqui tão grande. Fizeram na Ribeira que era grande e não fazem aqui também que é grande. Mas eu não acredito que seja só para o estacionamento. Pessoalmente não acredito, acho que vão fazer mais alguma coisa. Mas não dizem, querem que a gente se vá embora.... porque quanto menos são, menos força têm.

8.5.5 Senhor do Restaurante "Mercado da Sardinha"

Há quanto tempo trabalha aqui?

- Desde 1999, portanto à 17 anos.

Então assistiu às últimas obras do mercado, de 2000?

- Sim... não. Isto levou antes em 1996, 1997 estas obras que ficou assim como está. E eu vim a seguir a isso. Estas foram as últimas. Desde que cá estou não voltou a acontecer obras nenhumas.

E desde que cá está o mercado sempre esteve assim ou ainda havia movimento?

- Não, não! Isto tinha muito movimento. Isto tinha peixaria, tinha talhos.

Ainda estava tudo a funcionar.

- Sim, nessa altura ainda estava tudo a funcionar normalmente. Tinha aquela zona ali daquele lado que era tudo peixaria. Tinha os talhos também, aqui era tudo hortaliças. Aqui também, esta loja aqui também era hortaliças e batatas e legumes. Pronto, aqui também era um talho, esta loja que está aqui, agora tapada. Pronto isto estava tudo a funcionar. Foi caindo a pouco e pouco por várias razões.

Em que ano é que ficou no estado em que está agora?

- Foi para aí à 2 anos. Assim com estas poucas pessoas tem por volta de 2 anos. 2, 3 anos no máximo. As pessoas foram-se embora, as peixeiras acabaram por se ir embora, portanto também deixou de haver gelo. Depois elas não conseguiam pôr o peixe nas bancas e pronto as coisas começaram a se deteriorar também e as pessoas acabaram por se ir embora.

Em termos de restauração, acha que continua a funcionar aqui bem?

- Bem... funciona.

Como fez agora esta renovação...

- Sim, remodelei agora isto tudo. Mudei o nome. Foi várias razões. primeiro porque este chão e estas frentes de loja estavam-se a degradar. Estavam os azulejos a cair, o chão como pode ver aqui assim estava todo partido, pronto e foi uma maneira de... E outra maneira foi também de dar mais algum conforto aos clientes porque como isto é madeira, por aquecer, e no Inverno fica um bocadinho melhor.

Acha que é frio?

- Sim muito.

E depois no Verão é quente

- Também é muito quente no verão, exactamente.

Actualmente, o mercado não tem qualquer tipo de movimento.

- Não, e deve estar mesmo para acabar em pouco tempo.

A restauração funciona ainda mais ou menos?

- Isso vai mantendo. A restauração acho que somos os únicos que vamos ficar.

Também soube que há muita pessoas que atravessam o espaço mas acabam por não ficar. As pessoas até reconhecem e sabem da existência do mercado.

- Exacto. Sim, sim, algumas pessoas sabem.

Normalmente são pessoas que se deslocam para o trabalho?

- Sim, como isto liga o Largo do Rato à Rodrigo da Fonseca, acaba por ser um atalho mais rápido das pessoas passarem, exactamente.

Sobre os lixos, estes também se estabeleceram aqui. Nota que pioraram a situação?

- Sim, pertence à junta. Não, eu penso que não. Pronto, houve se calhar ao princípio alguma relutância das pessoas em vir porque está aqui. Mas pronto, isto que está aqui é só a Central. Acabamos por não ter aqui nada de lixo. Porque eles vazam lá em cima, ou às vezes lá em baixo quando é aqueles dias de calor, de Verão. Isto tudo é retirado lá para baixo para a entrada do parque para os cheiros não estarem aqui. Portanto não estou a ver.... isto decaiu porque as pessoas daqui deixaram de... como hei-de explicar.... antigamente haviam pessoas que moravam aqui o ano inteiro. Nesta altura, as pessoas que aqui moram são pessoas muito... já com uma idade bastante avançada. Os filhos saíram daqui, e outros, a maior parte, é tudo escritórios de empresas, portanto acaba por termos aqui "n" serviços, tanto que isto ao fim de semana está praticamente deserto. Porquê? Porque os serviços não funcionam. Eu só funciono de segunda a sexta feira, ao fim de semana não justifica.

Se houvesse uma reabilitação, acha então que o mercado então faria sentido.

- Não. Eu acho que se o mercado fosse reabilitado e que as coisas fossem bem implantadas, o mercado funciona. Porque repare, além de haver aqui muitos serviços e não haver muitas pessoas a morarem, as pessoas dos serviços acabam por se abastecer um bocado nos sítios onde estão. E se a senhora... repare: você sai do escritório às 6 da tarde, em vez de ir ao supermercado comprar aqueles produtos que já estão lá à não sei quanto tempo, se puder passar por aqui e levar coisas frescas ou pelo menos coisas do dia, as pessoas aproveitam. Agora não querem é que as pessoas venham aqui à hora de almoço fazer as compras para levar as coisas para o escritório, isso não justifica.

Pois, porque o horário do mercado é só de manha.

- Exactamente.

Na sua opinião, acha que bastaria mercado, ou que outras ideias funcionariam aqui?

- É assim, eu já vi, já ouvi aqui várias ideias. Já vi alguns projectos. E achei interessante um dos projectos que eu vi, que tive assim mais conhecimento. Que seria retirar esta parte toda, juntar os comerciantes todos numa zona, inclusive os dois restaurantes ficarem encostados costas com costas para não haver aquele... mistura de clientes um e outro. Ao ter as lojas assim, as pessoas acabam por se sentar... e se for costas com costas cada cliente vai para o seu lado. E aqui um aglomerado de comerciantes. Eu penso que sim, e aproveitar essa rampa e as lojas em vez de funcionarem para o lado de cá, funcionarem para o lado de fora. Eu penso que sim.

Então este edifício acabaria por desaparecer?

- Não, não seria desaparecer. Seria fazer um outro aproveitamento, pelo menos aqui desta parte. Porque é assim, hoje em dia os mercados, não justifica ter um mercado como à 50 anos atrás, que era um mercado onde havia não sei quantos... basta ter uma loja onde venda produtos bons de qualidade. Hortícolas, frutas e se houver mais uma variedade de produtos bons, de qualidade, isto funciona sempre.

Acha que bastaria zona comercial?

- Sim sim.

Não acha por exemplo, tentar criar zonas de trabalho, co-working ou start ups...

- É assim, eu não sei o que é que eles pensam fazer aqui.

Mas neste caso, sendo um trabalho universitário, poderei propor o que achar melhor.

- Exactamente. É assim, eu já ouvi e achei uma ideia muito interessante fazerem aqui um género de uma loja do cidadão. Traria muita gente aqui como deve calcular. É uma zona central, é uma zona que tem muita gente. Pronto eu penso que sim, uma coisa dessas seria benéfico. E ao mesmo tempo ter as tais lojas com produtos de qualidade e penso que sim, que seria muto benéfico para isso.

E por exemplo, actividades e workshops para a população idosa ou para os que aqui se deslocam?

- Aí, eu penso que há uma parte da Junta de Freguesia a fazer isso já. Eu penso que já

há essa parte.

Mas se calhar gerar mais espaço.

- Mas eles têm. A Junta de Freguesia ficou ali com aquela parte da D. Ajuda, não sei se já visitou aquilo. Isso é tudo da Junta, são pessoas que estão lá. Penso que eles agora vão começar a fazer alguma parte disso, de querer integrar as pessoas com mais idade a saírem de casa, a virem aqui, a ajudar, digamos. Se for isso, eu penso que sim. Mas para a restauração, não são essas pessoas que ajuda, pronto. Serviços aqui dentro e as pessoas que vêm de fora, eu penso que sim. Desde que a gente consiga dar alguma qualidade aos clientes.

Se fossem por exemplo actividades culturais, poderia depois gerar clientes para jantares, no seu caso.

- Sim, sim, eu penso que sim. Até algumas pessoas que moram aqui às vezes vêm me consultar para saber de jantares. Pronto, mas como eu não posso fazer... que é o horário do mercado. Portanto, a gente o dizer que vai dar é um bocado relativo. Mas penso que sim, alguns dias específicos da semana, aqueles dias assim mais... Porque sabe, isto está tudo perto de tudo. Esta é uma zona de passagem de todas as pessoas que vão para a noite. Um jantar aqui iria seguir para o Bairro Alto. Ao passarem aqui, ao terem aqueles produtos tipo Gourmet, eu penso que sim, que seria benéfico. Dai o ser. Será que é, será que não é. A gente tem que pôr sempre essa hipótese, mas eu penso que sim, que seria. Se isto ficasse com projecto agradável, penso que sim. Era benéfico para zona, para as pessoas que aqui moram e para o comércio da zona, todo ele em si.

Sim, passaria pela qualidade do que é oferecido mas também muito pelo próprio espaço.

- Sim, porque aqui o espaço não é nenhum. Isto é uma coisa já degradável que não tem nada. Repare, eu às vezes digo isto às pessoas que aqui trabalham. "Vocês se morassem aqui ou trabalhassem aqui, vinham ao mercado fazer alguma coisa?" Porque a senhora entra aqui para comprar o quê? Frutas e hortaliças, bacalhau. E pão. Pronto. Não tem mais nada, toma um café, come um bolo e o resto? O resto tem que ir ao supermercado. Se vai ao supermercado faz lá as compras todas de uma vez porque lá tem tudo. Enquanto que se houver aquilo que eu digo, não é preciso ter grandes quantidades. Ter variedade e qualidade. Eu falo por mim, eu sou daquelas pessoas que tem esta casa aqui há 17 anos e primo pela qualidade. e nunca quero nem penso baixar a qualidade aos meus clientes. Pelo contrário, penso sempre em melhorar a qualidade. Mas como eu já estou num patamar um bocado alto porque só trabalho com peixe fresco, só trabalho com carne fresca. Todos os dias trago legumes frescos, pronto, o meu clien-

te está habituado já a um patamar alto. Eu não posso descer esse patamar como deve calcular. Portanto tenho que o manter, e às vezes levantá-lo um bocadinho. E se aqui houvesse lojas nesse patamar de qualidade e com preços relativamente acessíveis para que as pessoas possam comprar, eu penso que isto funciona.

Sim, porque o seu espaço apesar de estar aqui escondido, tem bastante movimento, acaba por ter clientes fixos.

- Sim, eu tenho clientes que vêm aqui de segunda a sexta feira. Porque é o que eles dizem, "Oh Francisco, aqui à volta não tenho peixe de qualidade como você tem." Em vez de ganhar 50, limito-me a ganhar 5, mas vendo. Mas vendo. Se ganhar 50 se calhar só vendo para 1 ou para 2. É aquilo que eu digo, é a pessoa estruturar a sua casa, o seu negócio neste caso, e direccioná-lo para o que a gente aqui tem. Que é uma zona de serviços, que sabemos, durante o dia é um bocado relativo, porque as pessoas não vêm às compras durante o dia porque estão nos escritórios. Mas se a gente apostar em qualidade e se apostar num horário um bocadinho alargado, isto funciona.

Sobre a zona, esta questão de ser área de serviços, é algo novo. Antigamente, era zona residencial.

- E a Câmara nunca, nem acompanhou a mudança, nem deixou as pessoas acompanhar essa mudança. Porque houve vários pedidos à Câmara para alargar o período de funcionamento, a Câmara nunca deixou. Não é uma pessoa que vai para um escritório e vem buscar pão até as 11 e meia da manhã. Leva pão quando passa daqui e vai para casa.

Funciona ainda no horário antigo, em que a pessoa acorda de manhã...

- E vem às compras, exactamente. Hoje não funciona. Com o correr que as pessoas hoje em dia andam, hoje em dia a única coisa que as pessoas fazem é passar ao final do dia e levar para casa qualquer coisa para comer. Para comer, não só feito, como para fazer. Ou vão ao takeaway e levam, ou levam por fazer e fazem. Mas pronto, mas passam e levam. Portanto é isso que aqui falta nesta zona, aqui dentro do mercado. O alargamento do horário para que as pessoas possam passar na saída dos escritórios e vão já abastecidas daqui para casa. Tanto em takeaway como hortaliças frescas, fruta.

Na área envolvente existe também algum turismo. Acha possível tirar algum partido disso?

- Sim, sim há muito turismo. É assim, eu penso que sim. Eu tenho aqui alguns clientes

turistas que são recomendados por outros que já vieram. “Olha quando fores vai a tal lado”, e quando vêm aqui dizem “olhe eu vim recomendado de um casal que esteve ca o ano passado ou à seis meses e gostei o muito, o que é que me recomenda para comer?” Pronto. Quando a pessoa, e a senhora sabe que isso acontece consigo, quando vai a um restaurante e é bem atendida, o produto é bom, sai de lá satisfeita, “olha, vamos a tal lado, lá come-se bem e não é caro.” É o que acontece um bocado aqui. Eu penso que o turista também gosta disso. Tem que se dar alguma qualidade, continuo a dizer, e um bom serviço, um bom atendimento.

Mas acha que seria uma mais valia apostar no turismo?

- Não, não. Eu acho que seria preferível para a comunidade, para a população, para as pessoas que aqui trabalham. Termos esse tipo de serviços e aproveitar, claro, já que vêm são bem vindos e atende-se sempre o turista.

Tem mais alguma coisa que se lembre, para acrescentar, a cerca do mercado?

- Penso que não, pronto. É um bocado dentro disso, vamos esperar o que é que eles vão fazer. Mas tudo isto que eu lhe disse é uma verdade. As pessoas que trabalham aqui, que moram aqui, e ate mesmo o turista, eu noto que eles às vezes não entram aqui porque isto já está muito mal sinalizado. Pronto, não há uma informação do que temos aqui. E a Câmara nunca se preocupou com isso. E pode ser que agora, se eles fizerem aqui alguma coisa, que façam uma coisa que realmente chame as pessoas. Tanto as pessoas que moram, como as que trabalham, como aqueles que vêm visitar Lisboa. Isso é o essencial também.

A ideia sobre a alteração do mercado já vem à muito tempo. Actualmente, estamos nas mesmas suposições ou acha que está mais próximo de algo acontecer?

- Eu penso que está mais próximo de acontecer, mas é como eu digo. Eu já estou naquela, que só acredito quando acontecer. Já à uns anos, e desde há 3, 4 anos que as coisas têm andado realmente mais acesas, digamos. Já tivemos varias reuniões com a Câmara, não está nada decidido. Penso que agora as coisas estão a começar a ter algum andamento. Pelo menos as garantias, entre aspas, que nos deram é que isto vai até ao final do ano haver aqui alguma coisa. Não sei se será mesmo ate ao final do ano, se a partir do ano que vem, que irão fazer alguma coisa. Vamos ter boas expectativas e que aconteça aqui qualquer coisa. Quanto maior for a concorrência, melhor para as pessoas que estão cá dentro e melhor para as pessoas que andam aqui à volta e que vivem aqui a volta, porque têm melhores serviços. Isto é a minha opinião.

8.5.6 Presidente da Junta de Freguesia de Santo António, Vas-

co Morgado

De uma forma geral, gostava que me falasse um bocadinho do Mercado Rato. O que souber da sua história, evolução e degradação.

- Os mercados sempre foram geridos pela Câmara Municipal de Lisboa. Deu-se mais ou menos atenção, consoante os tempos que se viviam, e com a abertura das grandes superfícies comerciais, em como o publico começou a ir ao melhor preço e não tanto à qualidade, a absorção do problema... os mercados tendencialmente perderam para a concorrência. Como as pequenas mercearias, antes dos mercados, perderam para a criação dos mercados. Depois há toda uma nova dinâmica da cidade que foi imprimida com a evolução dos tempos. O problema aqui põe-se que o poder público, seja ele autárquico ou nacional, não anda à velocidade da sociedade, não é? Dou-lhe aqui um exemplo claríssimo do que se passa: um miúdo de 9 anos tem acesso a informação num dedo, informação do mundo num dedo. E o Sistema de Ensino continua com o professor do lado esquerdo a debitar matéria. Portanto há aqui um ir atrás do prejuízo. Chegou a um ponto que deu-se com a morte dos mercados tradicionais, ao ponto de eles serem renovados agora com outras ideias, com outros targets, com outras dinâmicas de negócio. A forma conjunto como ela está a ser feita, eu penso que não seja a mais indicada, porque manter 3 bancas de fruta e uma banca de carne, só para dizer que é um mercado, não é benéfico, nem para quem la está, nem porque eu enquanto consumidor do mercado da Time Out ou de Campo de Ourique não vou comprar fruta no mesmo sitio que vou beber gin. Não é assim. E depois estão muito virados para....

... para um turismo?

- Não, o turismo é outra problemática. O turismo traz um peso problemático, não vamos por aí senão não saímos daqui! E a minha posição é conhecida nisso. Vou-lhe dar aqui um exemplo: eu tenho 3 filhos, a mais nova tem 4 anos. Eu não vou com a minha filha ao mercado comer nada. Quando vou, vou sozinho. Porque eu não estou para andar com tabuleiros e uma miúda de 4 anos à procura de sitio para me sentar. Portanto, os mercados estão muito vocacionados para um target jovem.

Uma coisa mais de passagem, mais rápida, mais simples.

- Eu quero um mercado com qualidade para me sentar, para não sei quê, ainda não há. Ainda se está a procura aqui da forma perfeita. Está-se a ir ao imediato, ao investimento e ao ganho do investimento

E toda a tendência que advém do estrangeiro...

- O problema é que o estrangeiro já mudou, nós é que ainda não. Nós vamos sempre com algum atraso, é o normal não é? Já não basta o publico não acompanhar a evolução da sociedade, o poder publico não consegue. A lei é de tal forma restritiva que para mudar qualquer lei é uma enormidade de tempo. Quando nós mudamos a lei, já aquela parte para a qual a gente mudou a lei, já passou. Portanto, a liberalização total também não é benéfica, já se percebeu. Os mercados têm que ser regulados, seja os mercados tradicionais, todo e qualquer mercado, desde o mercado até ao do Rato, terá que ser sempre regulado para não se perder no seu fim. Mas a dinâmica do mercado foi a perca para as grandes superfícies, e ninguém do poder publico, que vai atrás da corrente dos votos, e isto é tão simples como isto, ninguém no poder publico fez com que se evitasse qualquer coisa.

Mas acha que actualmente é uma opção vantajosa, melhorar ou manter ali um mercado?

- O mercado tem que mudar. Da forma que ele está, está morto e enterrado. Não há volta a dar. A revitalização do mercado não passa por aquilo que nos é apresentado, ou que nos foi apresentado no principio do século XX, o modelo. A revitalização do mercado passará por encontrarmos uma solução com a Câmara, que a Câmara não nos passou o mercado, mista. Mista e estruturante, que dê alguma qualidade de vida ao bairro, porque Lisboa é uma cidade de bairros, e à muito tempo para cá é gerida para quem cá vem e não para quem cá mora. Os moradores de Lisboa, os lisboetas, são tidos como danos colaterais, pelo poder, completamente. Eu moro em Lisboa e eu sinto isto. Dá-se primazia ao turismo em vez da minha qualidade de vida que moro cá. Dá-se primazia a quem cá vem de carro todos os dias e se vai embora às 6 da tarde. Eu quero qualquer coisa para ir com os meus filhos, eu quero qualquer coisa para fazer com a minha família, com os meus amigos, não tenho. Tenho que sair de Lisboa para ter alguma qualidade de vida. Para ir para um parque, para não sei quê. Claro q todas as soluções neste momento serão casuísticas e serão para uma coisa imediata de 1, 2 anos. Não se pensa a cidade com uma extensão. Não se pensa a cidade... também porque não se percebe o que vai acontecer.

Actualmente está tudo a mudar tão rápido que não se torna fácil acompanhar.

- Mas há uma coisa que não muda, que são as pessoas. As pessoas continuam a ser pessoas e têm que ser tratados como tais. os lisboetas sentem-se aguçados, os lisboetas sentem-se postos de parte, os lisboetas sentem que se dá primazia a outros do que a eles e isto não é bom para os mercados, não é bom para nada. Se eu conseguisse fazer aqui um mercado como nós tínhamos a ideia do projecto. Que era um mercado com 2 ou 3 âncoras, marcas fortes, que as tínhamos, uma mistura de cultural com o próprio mercado normal que abastecesse as âncoras e toda a zona aqui à volta e onde eu pudesse ir ao final do dia com os meus filhos... Era um

mercado para cidade, para os lisboetas.

Uma coisa mais para a comunidade, com ofertas culturais, tempos livres...

- Com tudo! Não é? Mas não. Está a ideia de se fazer um parque de estacionamento. Quando se quer limitar trânsito dentro da cidade, para que é que se vai fazer um parque dentro da cidade? Não é? 7000 lugares de estacionamento quando estão a afunilar tudo para os carros não virem para cá.

Pois, as intervenções na cidade focam-se neste momento em espaços verdes e transportes sustentáveis, os públicos e ciclovias, e depois continuam a propor-se parques de estacionamento.

- Para? Se não posso trazer para aqui o carro... É só para os moradores? Para eu tirar o estacionamento da rua? Epá, aí assim já aprovo! Se os meus moradores puderem lá todos pôr o carro e eu proibir o estacionamento cá fora porque tenho ali lugares, é já! É que assim... já! Porque posso alargar os passeios, posso fazer uma série de coisas que agora não posso.

Pois, mas a ideia deverá ser mais daí tirar algum lucro.

- É trazer carros, é trazer carros! Para quem cá vem. História do mercado. Foi um mercado do principio do século. Isto era uma zona bastante rica em fábricas e fabriquetas e o mercado fazia todo o sentido aqui e fez até à sua decadência. A abertura de novas superfícies foi... e o facto de elas poderem estar abertas ao domingo não dá descanso ao comércio tradicional que tem por regra não trabalhar ao domingo.

E o próprio horário de funcionamento do mercado mantém-se focalizado na manhã, que já não se associa ao estilo de vida da população. Ninguém vai às compras de manhã.

- ninguém, não. Os avós já trabalham, ou ainda trabalham neste caso.

Sobre o que a Câmara pondera fazer. Existem diversas propostas...

- A EMEL vai começar a gerir aquilo. É a única coisa que lhe posso dizer, que sei.

E o que é que acha que seja necessário à freguesia, ou que valeria a pena?

- Nós precisamos de um espaço, de um auditório, que era para ser no Mercado do Rato. Nós precisamos de um espaço para fazer eventos culturais. Era para ser no mercado. Nos precisamos de um espaço para sentir qualquer coisa nossa, para o bairro, para as pessoas que moram aqui, era o mercado a nossa ideia.

Neste momento a população do bairro é mais envelhecida. Ou está a voltar alguma população?

- Não está a voltar nada, está a ir-se tudo embora. Até os envelhecidos. Ninguém quer, oiça... Eu vou-lhe dar aqui um exemplo. Nós temos o cuidado imenso, em detrimento até de receber dinheiro, e toda a gente sabe que a gente precisa de dinheiro para funcionar, para fazer coisas. Eu não dou quase licenças para esplanadas sem estudar muito bem se a esplanada vai impedir que alguém se deite e durma. A esplanada é boa, eu adoro esplanadas! Mas se eu estiver numa esplanada até à 1h e meia ou 2, e se o prédio onde estiver a esplanada tiver gente a dormir, que é que fazemos? O meu editorial vai um bocadinho nesse sentido, o editorial deste nome. Porque, não há hipótese. Eu consigo ter esplanadas em alguns lados mas não consigo noutros. Eu não tiro lugares de estacionamento para dar esplanadas. Eu se a rua for mais estreita do que 7 metros entre prédios, não há esplanada. Porque o eco... Agora se me disser, "ah tem esplanadas na Avenida", tem mas não fui eu que as dei. Não fui eu que as dei.

Mas não concorda com as esplanadas da Avenida?

- Concordo. Não concordo com o contrato que a Câmara fez. Que lhes dá poderes para fazerem o que quiserem. Depois eu tenho os hotéis à pega, as pessoas que moram nas ruas de trás à pega. Porque não dormem, porque há concertos. É que a cidade tem que ser gerida e pensada, não é só dizer que sim porque fica bonito. Nós vamos lá fora e dizemos "ah pá, tem uma esplanada á beira mar!" Nós temos não sei quantos quilómetros de costa, porque não se fazem mais esplanadas à beira mar e se deixa as ruas onde as pessoas moram sossegadas? Não, porque Lisboa não tem porto, Lisboa não tem água. O Porto de Lisboa é que tem a água. Não é Lisboa, não é a Câmara, é o Porto de Lisboa. A Câmara não pode lá construir nada, tem que ser o Porto de Lisboa. Isto não acontece noutros lados. Dou-lhe mais exemplos, dou-lhe milhentos exemplos que eu acho que estão mal. A circulação da Avenida tirou os carros da Avenida... mentira, não tirou nada porque eles continuam lá a passar. Empurrou outros, empurrou uma grande parte deles para as ruas em volta. Então tiramos a poluição da Avenida, onde só tem lojas e 32 moradores, e pomos a poluição e o barulho onde moram as pessoas. Como é que a gente faz? Onde moram as pessoas é que vamos pôr os carros, à 1, às 2 da manhã... agora há transito 24 horas por dia. E depois o que é que resolvemos fazer? Cercar a cidade com obras. O único sitio onde não há obras é na Avenida da Liberdade. A única coisa boa desta Avenida da Liberdade foi a rotunda conforme a fizeram agora. Porque acabaram com os acidentes, há menos acidentes. Não havia ali dia nenhum que não havia um gajo que viesse da esquerda e batesse num gajo... hoje em dia está melhor porque é mais estreito, o ângulo já não é tao largo. Agora de resto, devolvam lá a cidade às pessoas porque isto está para quem cá vem de carro. A

gente entra pela A5, entra pela 2ª circular, entra por Cascais, entra por não sei quê, entra pela Marginal. Entra por todo o lado, para sair também sai por todo o lado. Mas entra tudo à mesma hora e sai tudo à mesma hora. Os mercados padecem disso, ou você acha que é a reactivação do eléctrico 24, que vai dar ao Cais do Sodré, como a Câmara diz, que as pessoas vão deixar o carro aqui em Campolide e vão de eléctrico até la abaixo por causa dos copos? Então mas depois têm que ir para casa de carro na mesma. Ninguém pensa a cidade, está tudo a fazer casuisticamente. Há um problema aqui, vamos resolver este, mas depois este cria este, este e este. Mas a gente não pensou nisso, então vamos resolver este. Então e os outros? Não, resolvemos este aqui, depois ok, este minimiza este, mas arranja-me este, este e este. E é assim que se está andar. E entretanto Lisboa está cercada por Concelhos que apostam na qualidade de vida de quem lá mora e puxam para eles. E o que faz a Câmara? Neste caso, este executivo, que se tivesse la um da minha cor eu também dizia a mesma coisa. que é que faz a Câmara? Aumenta as taxas e os impostos aos que ainda ca estão, para tentar tapar o buraco do dinheiro que não recebe do Orçamento de Estado, que é pelo número de habitantes. Porquê? Porque eles foram morar para Oeiras, para Odivelas, para Loures, para Cascais, para Vila Franca. Para Vila Franca não muito que aquilo também é muito mau. Mas Alcochete, Almada. E quem é que recebe com isso? As Câmaras que la estão, e quem é que perde? Lisboa.

E daí gera-se a aposta toda no turismo que é algo imediato.

- Depois vamos fazer como Veneza. Vamos fazer como fazem Veneza, que foi ameaçada agora que lhe vão retirar o titulo de Património Mundial pela Unesco se não pára. Tinham 480 mil habitantes, têm 60 mil. O Presidente da Câmara diz que vai fechar 2 meses por ano ao turismo. Não vai receber cruzeiros. Porquê? Porque é os 2 meses de obras, de revitalização do que o turismo estraga. Eu recebo por 12 mil habitantes, trabalhamos para 200 mil. Como é que é? Ou me dão dinheiro de 200 mil e eu consigo fazer ou então o que é que eu faço? Limito-me a gerir expectativas, gerir buracos.

É um problema complicado, olhando a cidade amplamente.

- Mas não, o turismo é óptimo! Óptimo. É um vírus, mas é óptimo. Eu sou a favor do turismo. Agora não tem que estar todo concentrado aqui. A Câmara já devia ter pensado, utilizado o PDM: meus amigos, Marques de Pombal para baixo não abre mais nada. Querem abrir, Lumiar, Picheleira... as zonas mais periféricas. Porquê? Porque em Londres, apanhamos o transporte publico e demoramos 1h a chegar ao centro. Aqui apanhamos o metro de qualquer ponta da cidade e em 15 minutos está aqui. 15, 20. Qual é o problema? O problema é que não é imediato. Não é imediato e os políticos vivem de 4 em 4 anos. Depois há uns parvos que tendem às vezes a perder eleições porque dizem assim umas coisas parvas como estas e estão-se

borrifando até para as directrizes que os partidos lhes dá. É assim, eu não sou contra o turismo. Eu quero o turismo regulado, já chega! Eu tenho pessoas a serem ameaçadas para saírem de casa. Porquê? Porque pôr aqui o Airbnb, ui! Não é? Berlim já cancelou o Airbnb. Roma vai a seguir. Praga já esta. Barcelona... para não baterem nos turistas, já não os querem lá. Que é que a gente faz? Nós não, nós ainda estamos numa fase... venham, venham! É o deslumbre! Não pode ser. Então mas um hoteleiro manda mais na minha cidade do que eu que moro cá? Depois doulhe aqui um exemplo. Isto aqui é um 3o andar. O seu vizinho de cima tem alojamento local e o seu vizinho de baixo tem alojamento local. Você tem turistas, os turistas entram, eu também quando faço turismo entro a outras horas. Entram à hora que querem, saem à hora que querem, fazem barulho, você tem crianças pequenas, como é que é? Bem, mas o Mercado do Rato é o que lhe interessa para completar o Mestrado. Nós tínhamos a ideia de fazer um Multiusos Cultural com 3 ou 4 âncoras fortes para trazerem outras mais pequeninas, para fazer Pop-up's, mas nunca perdendo o norte ao bairro. Um parque infantil onde as pessoas pudessem deixar as crianças e ir beber um gin. Estão no bairro, estão em casa. Onde pudessem... olhe por exemplo, comer um "frango assado do bom jardim", que ele queria vir para cá. Um espaço familiar, para a família. Sempre com esse mote.

8.5.7 Membro da Direcção da "Boa Vizinhança" Santo António - IPSS e Membro Executivo da Junta de Freguesia de Santo António, Ricardo Santos

Primeiro, gostaria de saber o que é a Associação "Boa Vizinhança" e o Projecto "D. Ajuda". Depois, o porquê do Mercado do Rato como opção de local para sua implantação.

- A "Boa Vizinhança" é uma IPSS. Começou inicialmente por um grupo de voluntariado de pessoas que pertenciam à antiga Freguesia de S. Mamede, que queriam fazer voluntariado na área da sua freguesia e que depois, mais tarde, com o aumento do número de voluntários, com o aumento das responsabilidades, optou por assumir a forma legal em Associação e depois, mais tarde, pediu o estatuto de IPSS [Instituições Particulares de Solidariedade Social] à Segurança Social. A Associação "Boa Vizinhança" conta com uma rede de voluntários que prestam voluntariado nas instituições da freguesia, conta também com uma loja social. Essa loja social já existia no Mercado do Rato mas era dinamizada por um grupo de voluntários, uma coisa bastante informal. E, ao a associação tomar forma legal, tornou-se uma valência da associação. Depois, realiza também eventos, quer seja para dinamizar o espaço publico, quer seja para... é isso, geralmente tem sempre uma causa por trás para angariação de fundos, ou para a instituição que é apadrinhada pela instituição, que é o Lar Jorbálan ou então para outras instituições da freguesia.

Esse lar que fala é este aqui na Rua Filipe Neri?

- Não, não, é na Rua Maestro Pedro de Freitas Branco. É próximo da Residencial de S. Mamede; à frente da igreja, desce, é aí. É um lar para mães vitimas de violência domestica e para as crianças, ou então de casos extremos de carência, mas para mulheres. Depois, havia de facto esta loja que já estava a funcionar à bastantes anos. O espaço tinha sido cedido pela Junta de Freguesia. Era um género de barracão no estacionamento do Mercado do Rato. E que depois foi cedido à "Boa Vizinhança", a "Boa Vizinhança" fez alguns melhoramentos. E mais tarde, quer dizer, mais tarde isto é... desde o início que houve esta perspectiva sempre de o Mercado do Rato encontrava-se ao abandono com imensas lojas óptimas para expor os artigos, para fazer de loja e nos estávamos a funcionar num barracão do estacionamento do Mercado do Rato... quer dizer, quase não tinha visibilidade.

Mas estarem nesse barracão foi uma coisa bastante recente?

- Já á 7 aos que estava nesse barracão.

Porque recordo-me de passar aqui antes da "D. Ajuda" aqui estar e não notava que nada acontecesse.

- É lá em cima.

Naqueles barracões ao lado do lixo?

- Sim, diz até loja.

Nunca tinha reparado.

- E também tinha um horário muito diferente do que tem actualmente. Antigamente aquilo estava aberto duas vezes por semana. O conceito é bastante simples. Nós recebemos doações de roupa, electrodomésticos, pequenos móveis, artigos de casa... recebemos essas doações e vendemos a preços bastante simbólicos, seja preços bastante simpáticos. E com as verbas angariadas ajudamos as instituições da Freguesia. Ou os escuteiros, ou o Lar Jorbálan, ou o Refood de Santo António, como contribuímos com 2 frigoríficos quando o Refood abriu. E por outro lado temos, aceitamos os "Santo Antónios", que é um projecto da Freguesia de Santo António. Portanto, há um mercado social da Freguesia que funciona só e apenas com uma moeda, que é o "Santo António", e nós aqui na Loja D. Ajuda aceitamos também esses "Santo Antónios". Além disso, quem vier referenciado pela Santa Casa ou pela Freguesia de Santo António e não esteja abrangido por esses "Santo Antónios", ou esteja referenciado por outras instituições q não sejam da Freguesia, nós fazemos um desconto de 50% sobre o preço

marcado. Ou seja, num produto que custa, 2, 3 euros, o produto fica a 1, 1,5 euros, ou seja... é um preço bastante simbólico. E ao mesmo tempo temos esse conceito por trás que é o da reutilização das coisas, contra o desperdício. E por isso é que agora quando foi finalmente assinado o protocolo de cedência do espaço pela Câmara Municipal de Lisboa, portanto toda esta nave é responsabilidade da "Boa Vizinhança", nós convidámos também a "Fruta Feia" a ser parceiro neste projecto, porque pronto é contra o desperdício da fruta, a fruta q não é calibrada para as grandes superfícies vem aqui parar. São cabazes, é o género de uma cooperativa de consumo, as pessoas inscrevem-se e depois pagam o cabaz.

Agora, sobre o Mercado do Rato, o que me sabe dizer sobre a sua história, evolução e processo de decadência?

- Portanto o Mercado do Rato teve origem no período da Primeira República. Houve uma expropriação de terrenos que pertenciam aqui aos prédios envolventes e foi criado este mercado que as pessoas dizem, pelo menos, que era o melhor mercado de Lisboa. Tinha imensa vida. Imensas pessoas vinham aqui comprar os seus produtos. Só que entretanto, com as grandes superfícies a aparecerem um pouco por toda a parte, foi perdendo de facto protagonismo e, além disso, houve uma... pronto, este terreno encontra-se no centro da cidade, é alvo de muito interesse, e a certa altura a Câmara Municipal de Lisboa deixou de abrir os concursos publicos de cedência de bancas e lojas. Fechou, fechou isso porque o objectivo era desenvolver aqui um projecto diferente. Isto chegou a ser pensado para sede da EMEL. Portanto, iam sair daqui todos os comerciantes e a EMEL ia fazer aqui a sua sede com parque de estacionamento e sede para as suas viaturas próprias. Entretanto a EMEL também cresceu imenso e este espaço já não é suficiente para abarcar tanto a sede como o parque de viaturas da EMEL. E então foi chegado a um acordo entre a EMEL e a Câmara de cedência de parte do terreno para estacionamento, exclusivamente... mas isto é, é pago. Mas entretanto o espaço também é reduzido e a associação "Boa Vizinhança", que é ao mesmo tempo uma associação de moradores, fez um pouco de pressão sobre a Câmara para não fazer aqui um parque de estacionamento em altura. Quer dizer, estamos a falar de um espaço privilegiado, no centro da cidade, e resumir-se este espaço todo agora a um parque de estacionamento...

Mas a ideia seria mesmo demolir o mercado e criar uma nova estrutura de estacionamento?

- A ideia inicial era essa. Entretanto com a intervenção da "Boa Vizinhança, e também porque pronto, estão aqui os serviços da Freguesia de Santo António de Higiene Urbana. Aqui ao lado. Que também é essencial para a Freguesia e agora com a nova reforma administrativa isto passou a ser Freguesia de Santo António e este é o único espaço que nós temos com capa-

cidade para a Higiene Urbana. E portanto agora as competências da Higiene Urbana passaram directamente da Câmara para as Freguesias, portanto nós temos que ter o nosso espaço. Não é um espaço que podemos propriamente partilhar com outra Freguesia. E então chegou-se a este entendimento, que parte do mercado vai ser efectivamente destruído para parque de estacionamento da EMEL e esta nave ira manter-se para a "Boa Vizinhança" e para a Freguesia de Santo António. E este edifício cor de rosa também se irá manter.

Pois, pelo que investiguei, tanto este edifício como esta fachada são anteriores ao mercado. Penso que aqui era a Carpintaria Mecânica Portuguesa. Não sei se sabe alguma coisa sobre isso.

- Nem tinha conhecimento. A única coisa que eu sei é que há ali dois prédios na Rua Braamcamp que são de Arte Nova, um deles teve até um incêndio à 2 anos. E grande parte do terreno do parque de estacionamento pertencia a esses prédios. Agora esta parte em si cá em baixo não sabia q já existia.

Por algumas fotografias históricas, por exemplo na abertura do Auto-Palace, em vez de ter o letreiro a dizer "Mercado do Rato#, tem um outro que diz "Carpintaria Mecânica Portuguesa. Também existem fotografias de como era a carpintaria por dentro, encontradas num livro de Arquitectura Pré-Industrial.

- É uma coisa super interessante. Eu estou aqui na Freguesia à imensos anos e não fazia ideia.

Acho que é uma coisa que quase ninguém sabe, que isto foi algo antes de ser um mercado.

- Aquilo que eu tinha conhecimento é que era um género de um terreno onde até era um pomar, mas que pertenciam a esses prédios Arte Nova da Braamcamp. É uma parte mais lá para cima, não tem a ver aqui com esta parte de baixo. E aqui [prédio cor de rosa] foi habitação social ate à bem pouco tempo. Portanto aquele regime da Câmara que as pessoas inscrevem-se para obter casa. Estiveram aqui a viver ate à bastante pouco tempo.

Pois, não sei exactamente a história do edifício. Mas recordo-me de uma senhora que trabalha aqui no mercado ter-me contado de uma senhora que aqui habitou, que não queria sair deste lugar ate arranjar outra casa. Não sei de facto se isso se relaciona com essa habitação social ou com ela estar associada a algo anterior.

- É um pouco estranho até porque as casas são bastante boas portanto não é pro-

priamente habitação social, mas as casas eram da Câmara. Estavam arrendadas por parte da Câmara.

Actualmente está completamente desabitado o edifício? Só o piso de baixo é que é do restaurante, ou parte...

- Do restaurante e outra parte é dos serviços do próprio mercado. É onde os funcionários têm o vestiário. mas está bastante degradado, tem inclusivamente um buraco. Mas tem aspectos arquitectónicos muito interessantes. Tem os tectos trabalhados em gesso, no rés-do-chão inclusivamente já caiu numa das salas. Tem o chão todo trabalhado em Marcenaria Portuguesa. E tem assim outros elementos engraçados, por acaso.

Pois... até porque nessas tais fotografias da carpintaria, existem umas pessoas com ar aristocrata, que provavelmente pudessem ser os donos desta, e talvez esta pudesse ser mesmo a sua habitação.

- A tipologia é muito boa, porque a tipologia aqui são T5. Portanto as casas são muito grandes, é um apartamento por piso. Mas também são só dois, não é? São só 2 apartamentos. E depois havia a cave. Mas a cave é mínima também. portanto é só 2 apartamentos. Não sei, se calhar o edifício foi também expropriado para a Câmara.

Pois, na altura de expropriação de terrenos. Podem ter dado tudo à Câmara em troca de dinheiro, por talvez a carpintaria já não ser fonte de lucros. Por esta se calhar estar associada à zona pré-industrial do Bairro das Amoreiras. E pronto, com a queda das produções manufactureiras, também eles deixaram de ter tanta produção. Digo eu, em suposições.

- Mas a zona do Jardim das Amoreiras já é até bastante anterior. É da altura da constituição das fábricas, do Marquês de Pombal.

Pois exacto, mas de alguma forma pode se ter associado.

- Pois não sei, não tenho conhecimento disso. As indústrias que foram criadas lá na altura foram sobretudo a dos pentes.

As tecelagens também..

- Tecelagens exacto. Ainda existe hoje a... onde são feitas todas as fitas de condecoração. Ainda existe lá a fábrica mas está também num processo de falência portanto, mais tarde ou mais cedo, vai fechar. Mas é a única indústria que ainda se mantém activa desde esse perío-

do de Marquês de Pombal. Vai fechar agora em breve. E depois... é a do... a das tecelagens com as Amoreiras e os casulos de seda etc.. e a dos pentes, já não há registo disso.

Agora, qual é a sua opinião a sobre a criação do parque de estacionamento. Concorda, acha o mais correcto?

- Bem, é uma questão difícil porque, por um lado, eu acho que é uma pena este espaço ser transformado num parque de estacionamento porque pronto, eu não sou a favor propriamente do uso do carro no centro da cidade. acho que deve haver... e em Lisboa especialmente ainda não se... criaram tanto infraestruturas de transportes, etc... para as pessoas deixarem o carro em casa e virem para o trabalho, para o centro da cidade, apenas de transportes. Por outro lado, dado que isto encontra-se no início de uma zona histórica, que é o Bairro Alto, o Príncipe Real, etc., faz algum sentido ser criado aqui um parque de estacionamento para as pessoas deixarem aqui o carro e depois irem a pé ou de transportes públicos para aquela zona do centro do Príncipe Real e do Bairro Alto. Mas pronto, eu acho que desde que se mantenham estas duas valências de um espaço para a Freguesia de Santo António, um espaço para a associação "Boa Vizinhança", para os moradores de certa forma também usufruírem deste espaço, sim o parque de estacionamento seria uma vantagem. Tenho alguma pena que a parte mais antiga não é a da "Boa Vizinhança", portanto será a parte que será destruída. A parte da "Boa Vizinhança" acaba por ser uma coisa recente, 20 anos no máximo.

Toda esta nave foi acrescentada á 20 anos?

- Eu penso q sim, isto não é antigo. Portanto a parte mais antiga, que é esta aqui do lado direito, vai ser a que á partida será destruída para fazer o parque de estacionamento. Eu espero que, pelo menos, o projecto da EMEL mantenha esta fachada. Poderia manter como foi feito, por exemplo, no Arco do Cego. Manteve-se aquela fachada da Antiga Central de Camionagem. Pronto este edifício aqui [prédio cor de rosa] não será destruído mesmo. Mas haveria de facto aqui sempre o desaproveitamento de espaço.

Agora, ignorando essa questão do projecto da EMEL. Sobre o que poderia ser feito aqui- acha que manter um mercado nesta área seria algo que ainda poderia resultar, rejuvenescido, ou acha que seria melhor outro tipo de projecto? E que outro tipo de programas acharia mais necessário à Freguesia?

- Sinceramente eu acho que o mercado tradicional já não vale a pena manter. A maior parte das pessoas aqui faz as compras no Pingo Doce mais próximo ou num supermercado mais próximo e não me parece q se vão deslocar ao mercado só para fazer as compras dos

frescos, das carnes. Por outro lado, acho aquele modelo de requalificação dos mercados, que foi feito em Campo de Ourique, quer no Mercado da Ribeira, aqui também não faz sentido. Esse modelo já está também um pouco esgotado. Eu acho que o que fazia aqui sentido, e dado que já existe este histórico da loja "Boa Vizinhança" estar aqui em funcionamento, era uma Incubadora para Associações. Com o aumento das rendas na cidade de Lisboa, torna-se extremamente difícil, para algumas associações que são criadas agora, encontrarem um espaço para reunirem, um espaço que funcione para a sua sede. E acho q há tantas... neste momento também há de facto aqueles espaços de Start-up's, de incubadoras de empresas mas não há tão vocacionados para esta parte do social, de associações. E associações culturais também, isso também é importante. Acho que o associativismo não morreu, está é a tomar outras formas. E este espaço também... a Freguesia de Santo António é extremamente rica em associações culturais, em associações vocacionadas para a juventude, portanto acho que faria aqui sentido uma incubadora para associações em que cada... por exemplo, podia haver uma sala de reuniões em que as associações inscreviam-se para terem 1 hora quando precisassem de reunir, um espaço de género co-working e acho que era... isso é que seria um bom projecto para o Mercado do Rato. Uma incubadora de associações. Na altura, isto já a 5, 6 anos, sim à 6 anos, a própria associação "Boa Vizinhança" dinamizou um projecto no âmbito do orçamento participativo q era o "Rat0" sendo que o... em vez de "T-O" era "T-zero", portanto era "Rede de Associações T0" e o objectivo era cada loja ser transformada num associação e pronto... e depois o espaço central seria transformado numa zona de reuniões, um espaço com cadeiras tipo anfiteatro. Pronto, esse era o objectivo. Este é o projecto q eu sempre defendi para o Mercado do Rato, mas há outros. Por exemplo, este da "Fruta Feia" está a demonstrar q apesar de não ser um mercado tradicional é um mercado que trás muitas pessoas. Estamos a falar de 300 cabazes que são aqui distribuídos cada dia.

Sim, eu acredito que apesar de o mercado tradicional se estar a perder acho que muita população nova quer retornar, porque começa a reconhecer que o mercado tem qualidade em relação às grandes superfícies. Mas claro, de uma forma mais rejuvenescida. Por exemplo nestes cabazes, em novos horários...

- Exacto, pós-laboral. Por exemplo havia... o Presidente da Junta, o Vasco Morgado, teve também uma ideia na altura quando... isto à 3 anos... de contactar a Associação de Novos Agricultores e convidá-los a terem aqui 1 dia por semana os seus produtos e muito mais baratos do que nas superfícies ou nos supermercados. Essa também seria uma ideias

Pois, esses projectos actualmente acredito que funcionem.

- Pronto, não um mercado tradicional mas... esta situação da Fruta Feia que seria para

o lixo é aproveitada, ou então o contacto privilegiado com os jovens agricultores, de exporem aqui os seus produtos. Acho que para isso há de facto publico.

Falando agora do que eu tenho em mente como proposta. Eu queria manter a vertente de mercado, não o tradicional mas tentar juntar estas ideias. Depois, criar incubadoras e start-up's, mas numa visão mais de novos artistas, freelancers, trabalhadores independentes. Mas, em termos de arquitectura, o módulo pode ser adaptável, portanto as associações também podem ser recebidas e colaborarem uns com os outros. Depois uma área expositiva de tudo o que é criado, que chama sempre pessoas ao local. Também a criação de um auditório, em que o Presidente da Junta disse q também tinha esse objectivo, mas seria um auditório adaptável, de poder ser também espaço de trabalho. E considerei também umas salas de workshops, que podiam ser associadas à D. Ajuda e assim criarem-se mais actividades para a comunidade. Uma rede interligada.

- Sim, seria uma boa ideia. Pronto, a "Boa Vizinhança" por exemplo também já está integrada no "Bairro das Artes", que é uma iniciativa promovida por uma associação que é "Isto não é um Cachimbo", que engloba todas as galerias aqui da zona da Escola Politécnica, da Rua S. Bento e do Bairro Alto também. E a "Boa Vizinhança" faz uma iniciativa que é o "Jardim das Artes", que é o Jardim Botânico convida alguns artistas a exporem as suas obras. E é isso, portanto a "Boa Vizinhança" tem também esta vantagem que engloba vários campos, tanto o âmbito cultural como o âmbito social. O espaço eu acho que não deve ser restrito nem deve ser... deve haver uma liberdade para de acordo o que é possível ser utilizado o espaço.

Porque actualmente acabamos sempre por não saber o que é preciso. Criar talvez uma coisa mais temporária e mais versátil, ambivalente. Acaba por responder mais aos tempos actuais.

- Já agora, aproveito só aqui para mostrar aqui dentro. Actualmente o modelo que a "Boa Vizinhança" está a implementar aqui no mercado... Esta zona aqui das bancas para serem feitos eventos e para a Fruta Feia. Ali... esta primeira loja tem um problema, que é a recuperação do tecto, porque chove lá dentro, mas seria uma boa oficina tanto para workshops como para ateliers e depois nós fazemos muito do género... por exemplo, quem quisesse dar um workshop de um atelier gratuitamente mesmo que tivesse um pequeno valor de inscrição, se calhar fazia gratuitamente para as utentes do lar Jorbálan...tem que haver sempre uma forma de compensar a comunidade ou uma das instituições que apoiamos. Depois aqui são as nossas lojas e aqui queríamos fazer uma sala de reuniões, até já contactámos o Santander que nos vai apoiar financeiramente, para tornar isto numa sala de reuniões onde de facto as associações que nós conhecemos podem-se inscrever e consoante o que necessitarem... 2 horas naquele

dia, 3 horas naquele dia, podem reunir, podem...

Criar uma colaboração mais fácil.

- Sim. E a última loja ainda não temos bem fechado o conceito, mas o objectivo era ser uma coisa temporária. Por exemplo, uma associação que ficasse lá um mês e depois vinha outra associação outro mês... Pronto. Mas ainda não está bem fechado, esta última loja. Mas pronto, o primeiro passo já está dado. Já temos protocolo de cedência por parte da Câmara Municipal de Lisboa e agora é uma questão só de dinamizar e... Temos aquele grande espaço para armazém de loja.

Penso que está a correr muito bem. Em relação aos últimos meses que visitei o espaço, não tem nada a ver.

- Sim, não tem nada a ver. Isto estava completamente ao abandono. A loja em si já está a funcionar muito bem mesmo. A loja abriu em Abril e tem tido de facto muita procura e agora com a Fruta Feia está a chegar ainda mais pessoas. Parecendo que não, são 300 cabazes diários, agora vão ser introduzidos mais 100 cabazes... portanto são 400 cabazes. É muitas pessoas a virem cá. De facto, a Fruta Feia tem tido imenso sucesso também. As coisas têm um aspecto óptimo, não é? Não tem um aspecto nada artificial. O mercado está de facto a ganhar nova vida. Isto edifício [o prédio cor de rosa] é que de facto é muito giro, acho que seria interessante mantê-lo no projecto.

Até a própria EMEL se calhar inclui algo mais na vertente de estacionamento. Têm uma área tão boa, acabam por juntar algo mais no projecto.

- No seu projecto, também envolve esta parte aqui toda?

Sim é toda a zona do mercado. Este edifício não estou a pensar desenvolver, porque iria acabar por ser muitos elementos. Mas pode ser deixada uma proposta de ideia do que poderia ser desenvolvido aqui. Por exemplo habitações temporárias de resposta às incubadoras.

- Sim... sobretudo para recuperação. Apenas ser recuperado. Alias até vi uma ideia que era isto ser a Sede da Junta de Freguesia de Santo António, que nós actualmente estamos num piso da Alexandre Herculano, que é um edifício da Câmara. E o que é que acontece. Aquilo é um edifício da Câmara e é um 3º andar. Apesar de eles nos cederem também o rés-do-chão para nós fazermos o atendimento, o ideal era estarmos de facto separados. E aqui faria até sentido. Se o auditório é aqui.

Mas a vossa sede é próxima do Jardim do Torel, certo?

- Sim, a sede sim. Mas isso é de facto numa ponta da Freguesia. Não está nada acessível. Aqui até tem uma rampa. Isto podia ser a Sede da Junta, nós depois devolvíamos aquele espaço á Câmara, que faz falta à Câmara. Por exemplo, só para ter ideia, aquilo já... por exemplo, nós eramos para ter o rés-do-chão e idealmente ficaríamos com o 1º andar, só que no 1º andar estão as máquinas de regularização de trânsito da cidade, portanto não podemos ficar com o 1º... então fomos para o 3º. E mesmo assim as pessoas queixam-se no edifício que há falta de espaço porque eles tiveram que sair daquele piso para ir para outro piso. Portanto, o ideal era mesmo sairmos dali. Fazia-se aqui a Sede da Junta e o espaço era todo remodelado e transformado.

[...] [Circulamos pela área do mercado, em conversa sobre este] Pois, porque o projecto acaba por englobar todo o lote, até à zona la de trás do estacionamento.

- Aí vai ter um zona que obrigatoriamente seria sempre para a Higiene Urbana.

Pois... não haveria a opção de isso ser movido para outro local na freguesia?

- Não há. Nós temos este espaço e outro na Avenida da Liberdade, que era um espaço que estava desaproveitado, que era para ser... era um dos acessos à estação de metro dos Restauradores. Só que, por exemplo, esse espaço só tem uma saída e o nosso objectivo mesmo é fechar esse espaço. Quer dizer, há um incêndio... um espaço que é utilizado com grandes máquinas, etc... há um incêndio, há qualquer coisa, só há uma saída... portanto aquele espaço não cumpre as regras. Portanto o nosso objectivo é deixar aquele espaço e vir tudo para o Mercado do Rato.

Pois, acaba por ser difícil conjugar um projecto com essa área da Higiene Urbana.

- Essas condicionantes claro.

Por exemplo, eu acho estranho vir ao mercado e ver aqui... não estão aqui os lixos, mas acaba por ser parte disso. Um pouco conflituoso, eu acho.

- Sim. A ideia era saírem daqui e irem para o fundo. Aquilo tem outra entrada, e a ideia era, quando se passa aquele túnel, ser logo ali a direita, o espaço da Higiene Urbana. Eu acho que eles vão fazer ali uma retirada de terras e fazer ali o espaço da Higiene Urbana, separado deste espaço aqui da frente.

Se eles forem para lá, então esta parte da nave também desaparece.

- Esta parte também vai desaparecer. A única nave que vai ficar mesmo é esta aqui. Mas isto vai ser uma coisa faseada. Portanto, a primeira coisa q eles vão destruir é esta parte para fazerem estacionamento e depois, quando aquele lá ao fundo estiver construído, vão demolir esta parte da Higiene Urbana, e esta fica sempre.

E isso já tem datas ou é só ainda uma ideia?

- Isso já não faço ideia. Isso só a Câmara é que sabe. Isto é aquilo que sei. Eu sei que pelo menos os comerciantes daqui têm que sair até dia 31 de Dezembro.

[...]

- O único elemento que há de facto interessante aqui é esta fachada só, mais nada. Mas pronto eu acho q seria interessante manterem.

Eu acho as estruturas em madeira também relevantes, pois são diferentes do regular. Acabam por não serem as típicas triangulares. E até tinha a ideia que esta nave fosse mais antiga pela estrutura em si.

- 40 anos não tem de certeza. Eu digo isso pelo aspecto...

Mas, possivelmente, inicialmente era tudo aberto e foi sempre sendo acrescentado e alterado.

- Sim, possivelmente. Mas aqui dentro não vejo nenhum aspecto que possa dizer que seja mais antigo. Ali, tem por exemplo ainda as bancadas em lioz, aqui é já metal. Não há aqui uma única coisa...

Pois, foi tudo alterado. Porque segundo umas fotografias do Arquivo Fotográfico de Lisboa, aqui do mercado, esta nave era aberta e todos os módulos eram diferentes, em metal, trabalhados. Mas não sei a data exacta. Provavelmente como se foi degradando...

- Eu acho é q eles destruíram tudo na altura e fizeram isto de novo, não?

Porque a estrutura é igual às fotografias. Eu acho que acabaram por reforçar a estrutura, naquela nave acabaram mesmo por acrescentar aquele pórtico em pilar e vigas de betão e aqui fecharam e criaram os módulos mais económicos.

- Pois, também é possível. Manteram no fundo a estrutura do telhado.

E as bancas devem ter sido alteradas para incluírem a água. A senhora que trabalha já

cá à muitos anos disse que, anteriormente, óo havia água lá em cima, portanto as bancas são novas.

- Já agora, posso só ir mostrar ali a cima. Então, aqui é onde a loja funcionava inicialmente, onde diz ali "Loja". Portanto estes 2 prédios aqui, é este e aquele... é que o terreno em vez de ficar aqui ia mais... estendia-se mais. Sei que tinha aqui um pomar. Portanto eles ainda têm aqui um bom terreno, apesar de tudo. E eu acho que terá acontecido o mesmo aos outros prédios, deve ter sido cortado um pouco de terreno de todos os prédios. Estes aqui são todos do Estado e não têm logradouro atrás.

Também são muito mais recentes. Porque de outras plantas históricas, da altura de ser mercado, penso que em volta de 1950, estes edifícios não existiam e aqui existia uma outra nave que também era do mercado.

- E ia ate ali á Rodrigo da Fonseca?

Não , penso que acabava onde acaba agora o lote. Porque até o desnível é bastante grande para haver o acesso a esta. E a senhora que ca trabalhou disse que a entrada sempre foi feita pela frente. Acabava por haver um vazio para a Rodrigo da Fonseca e o mercado ficava aqui num patamar mais alto, penso eu. E o edifício do lar é este?

- Sim, o lar de S. Francisco.

E está em funcionamento?

- Está, está. Aquela zona, aquele edifício todo, é um Palacete enorme, pertence também à Fundação. Eles vão também agora transformar... já está em obras. Vão transformar também em lar. Aqui também é uma casa muito interessante, está abandonada à anos, tem um jardim... este jardim, que já é bastante grande, nem se vê a casa. Mas é uma casa lindíssima, vê-se do outro lado.

Aqui, uma destas também era a casa de Almada Negreiros.

- É. É a 3ª. É um edifício com azulejos. Viveu la Almada Negreiros e Sarah Afonso, sim.

E está desabitado?

- Não. Pertence ainda aos herdeiros, acho eu. Esse não está desabitado, esta é que está. Há aqui uma casa que se vê na Filipe Neri, que é muito bonita, tem uma torrezinha pequenina, essa está abandonada à muitos anos e essa é que tem aqui o jardim. Agora isto aqui é que eu sei... pelo menos foi uma das filhas... era a neta do dono deste prédio, que me disse que o

terreno deles vinha até muito cá para trás, tinha aqui pomares e etc. Depois foi expropriado na altura da Primeira República para fazerem o mercado. Ainda antes de haver aqui essa nave toda, isto era terreno dali. Não sei se por exemplo a expropriação envolveu dinheiro ou não. Porque na altura da Primeira República aconteceu muitas vezes expropriarem sem compensação financeira.

9. Bairro das Artes



Mapa da 7ª Edição do Bairro das Artes - A Rentrée Cultura da Sétima Colina de Lisboa; 22 de Setembro de 2016
A vermelho assinala-se o Mercado do Rato. Dada a sua localização, poderá ser um local chave para o percurso das diversas galerias de arte - ponto de partido, no topo da colina
Fonte: http://bairrodasartes.pt/

10. Fotos Mercado do Rato











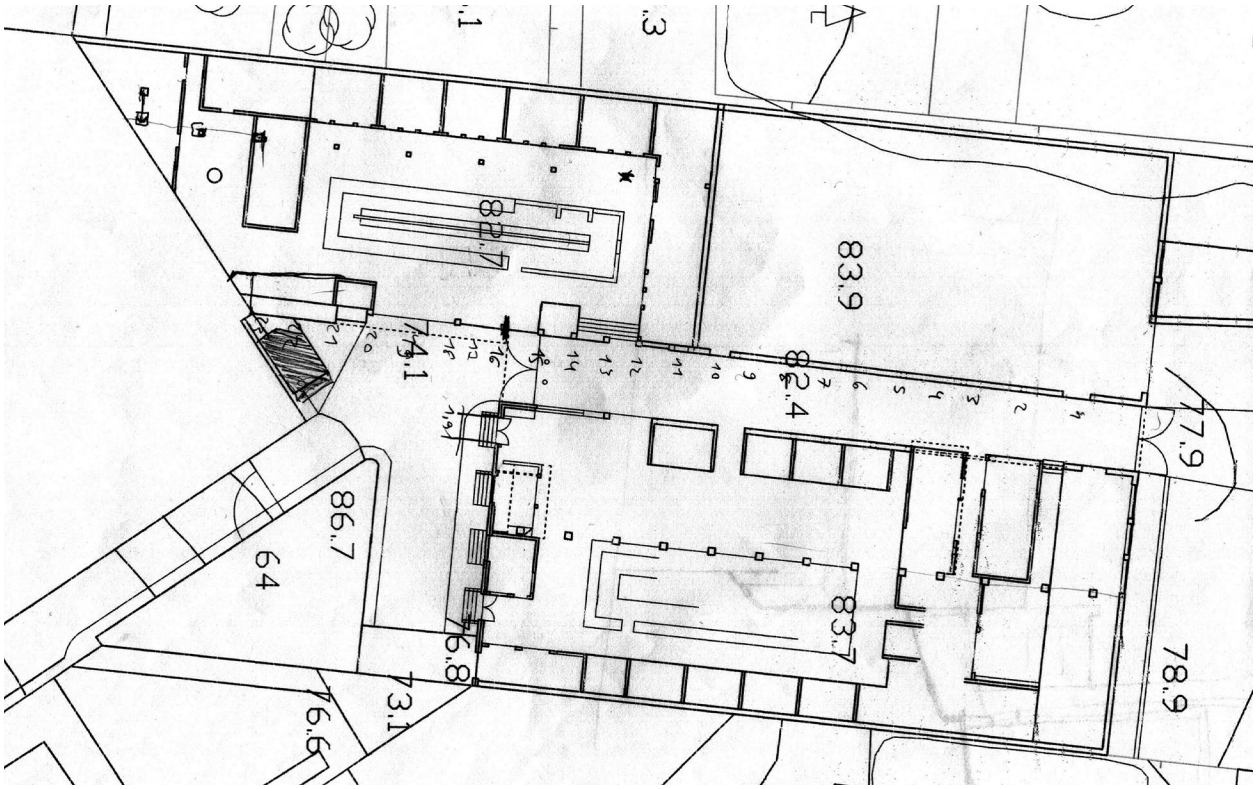


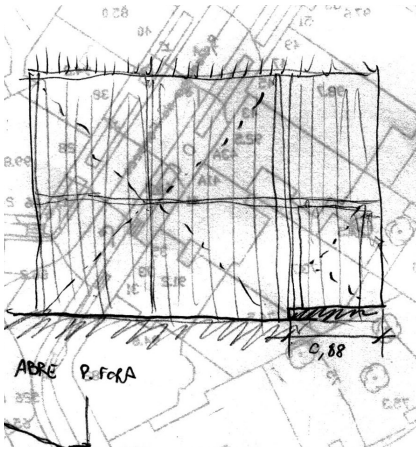


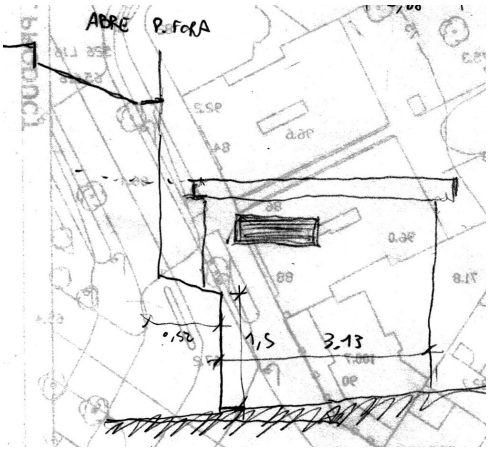


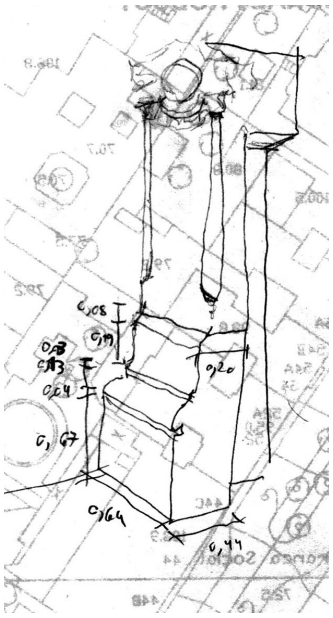

Fonte: elaborado pelo autor

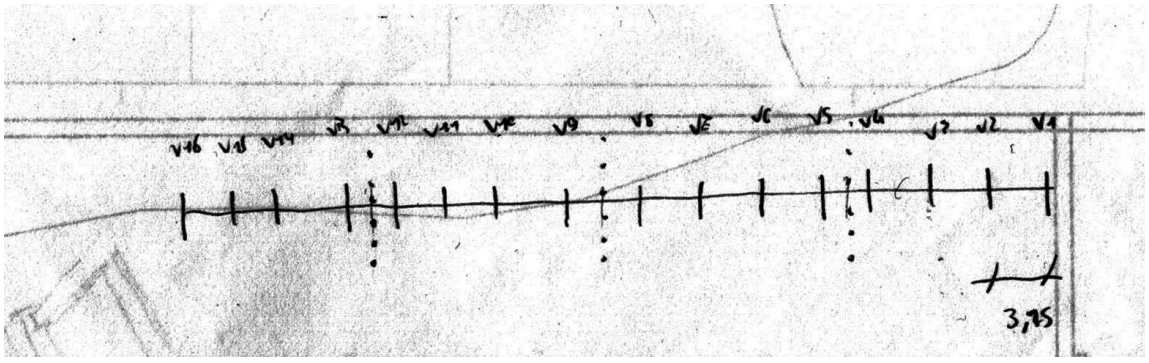
11.Esquiços de Levantamento Mercado do Rato

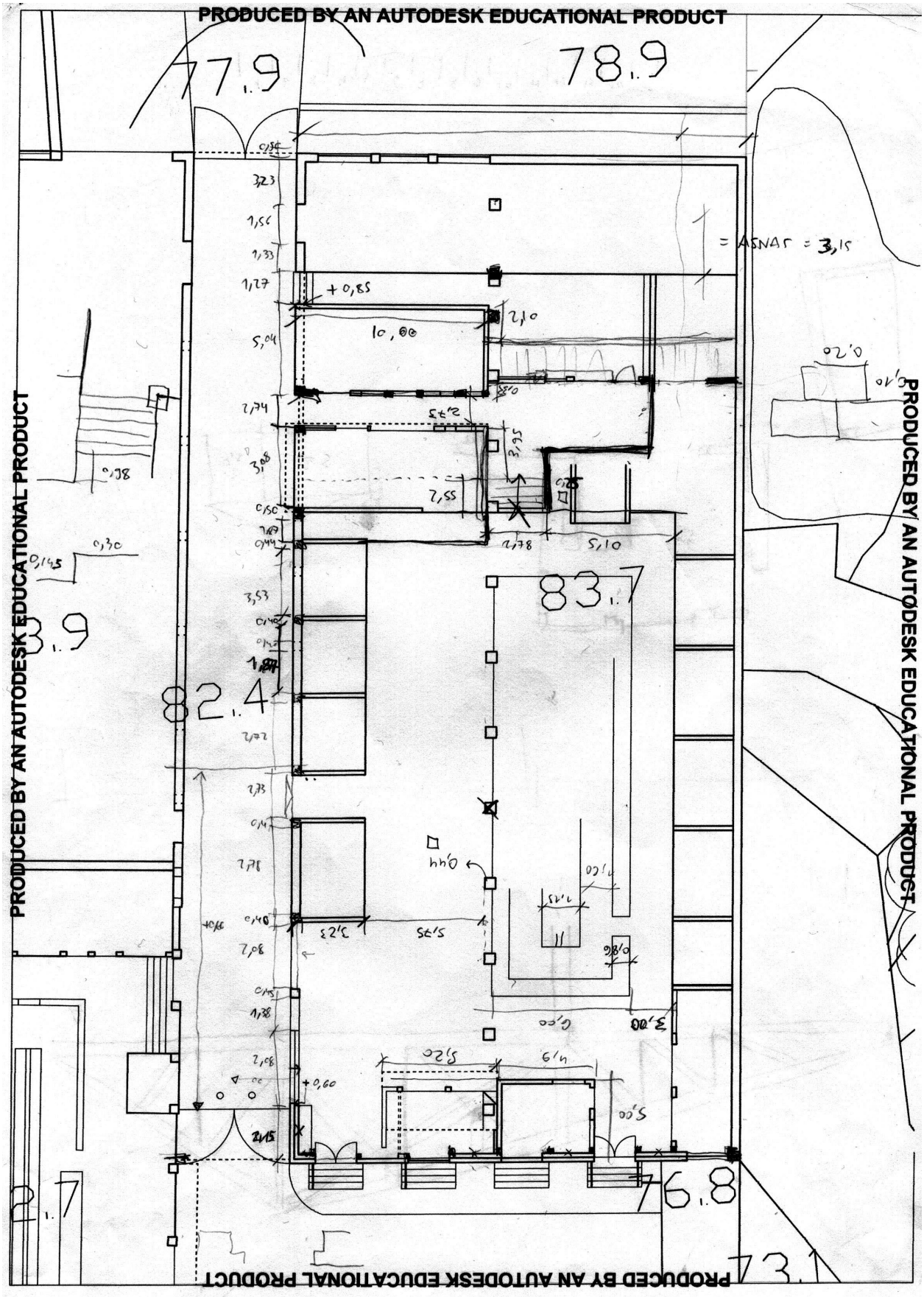


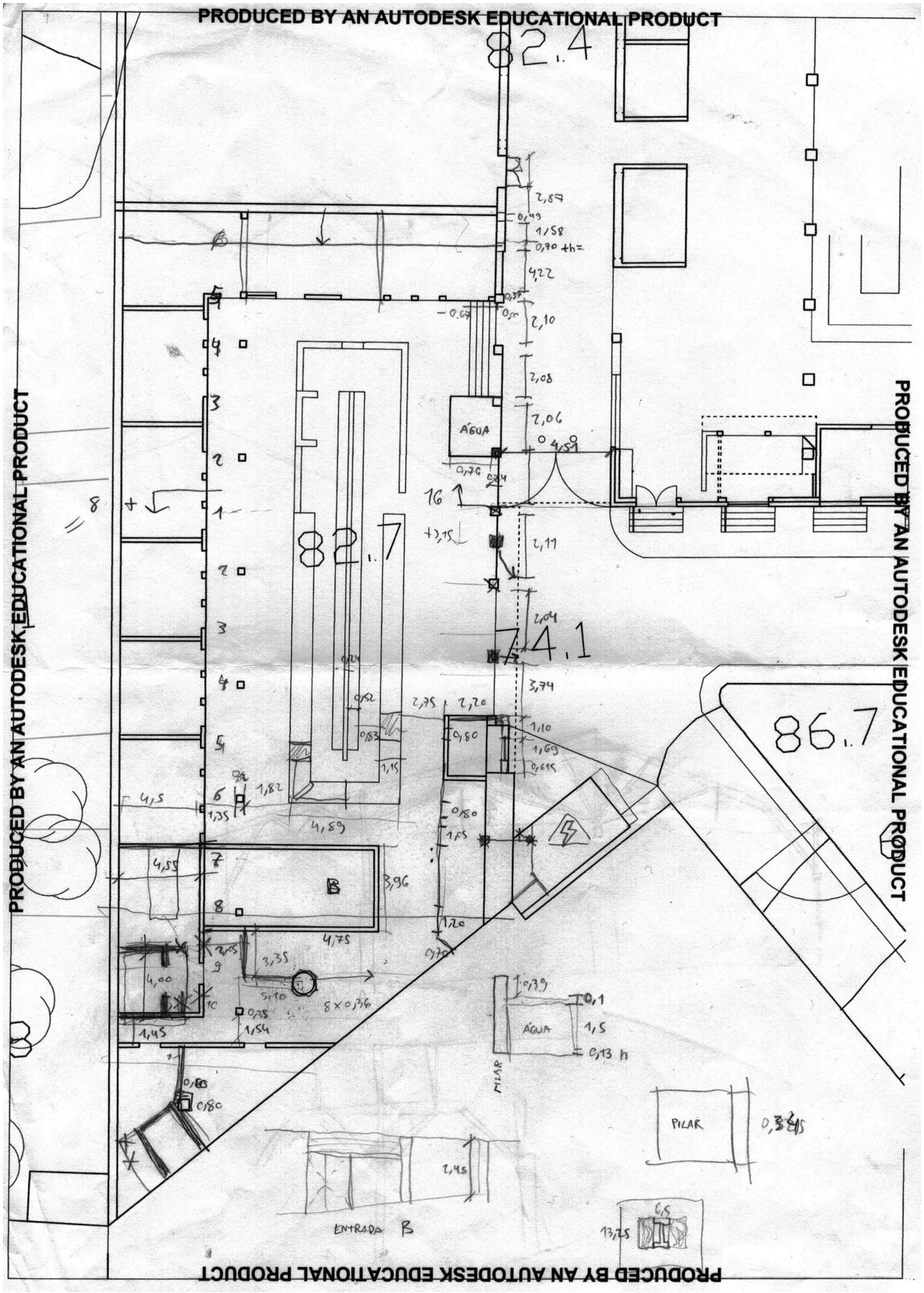


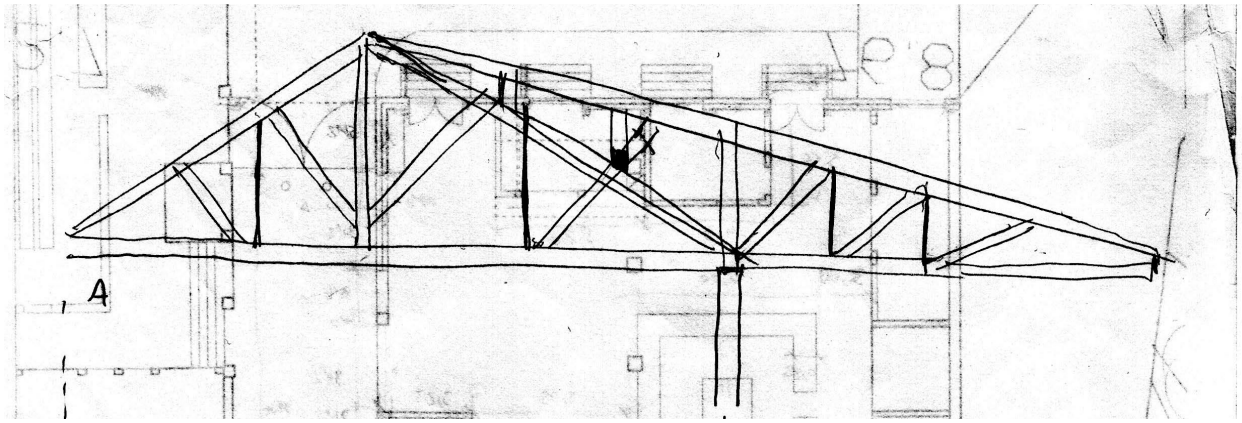


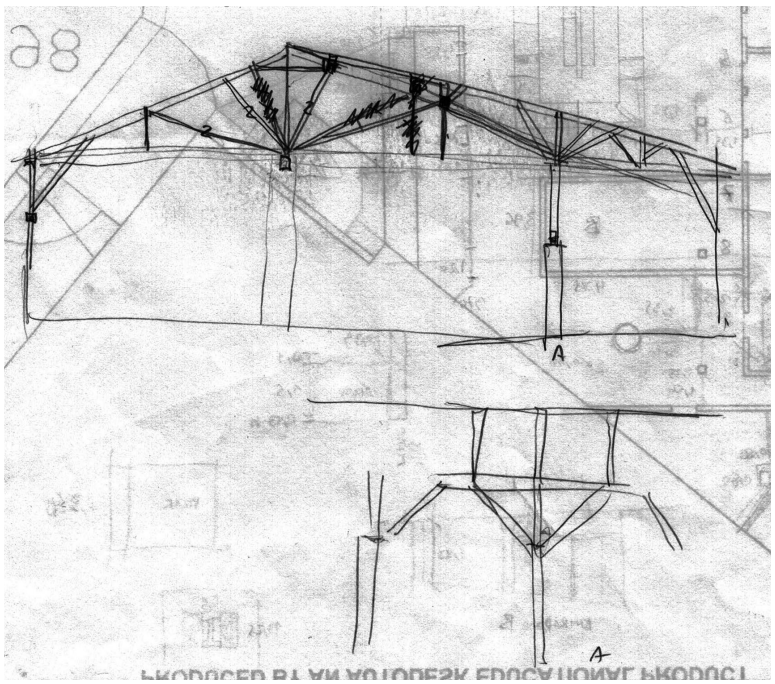


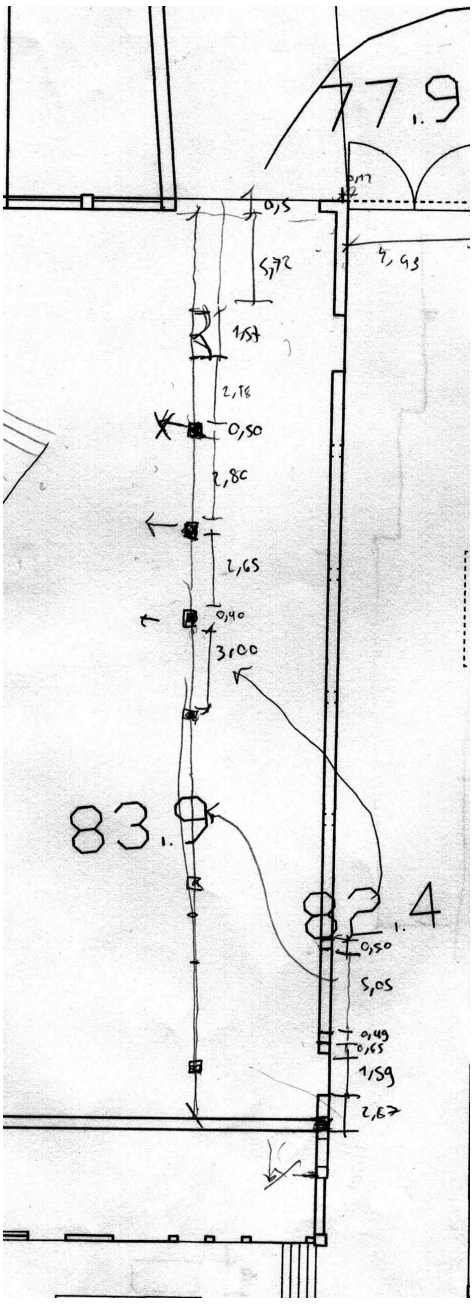


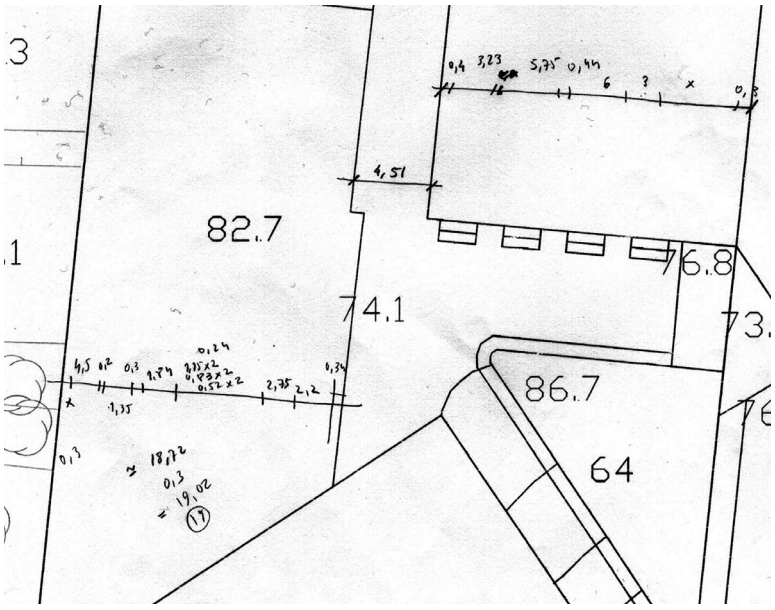

PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT
77.9
78.9
83.7
82.4
83.9
76.8
73.1
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT


PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT
PRODUCED BY AN AUTODESK EDUCATIONAL PRODUCT
82.4
82.7
74.1
86.7
ÁGUA
ÁGUA
PILAR
PILAR
ENTRADA B



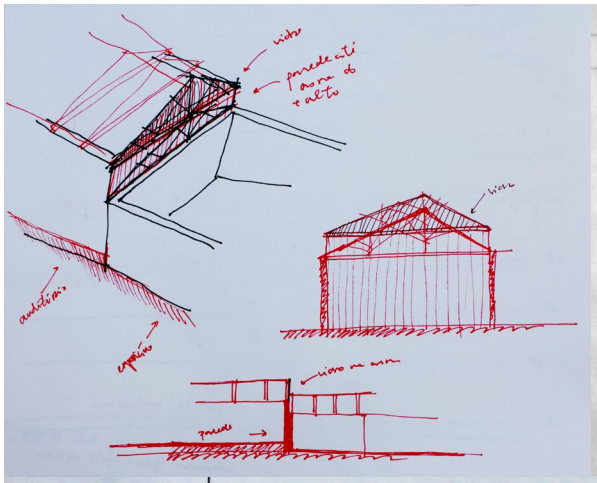


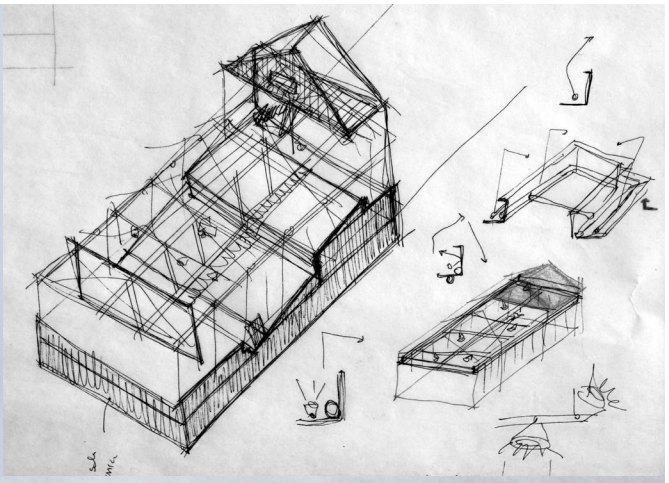


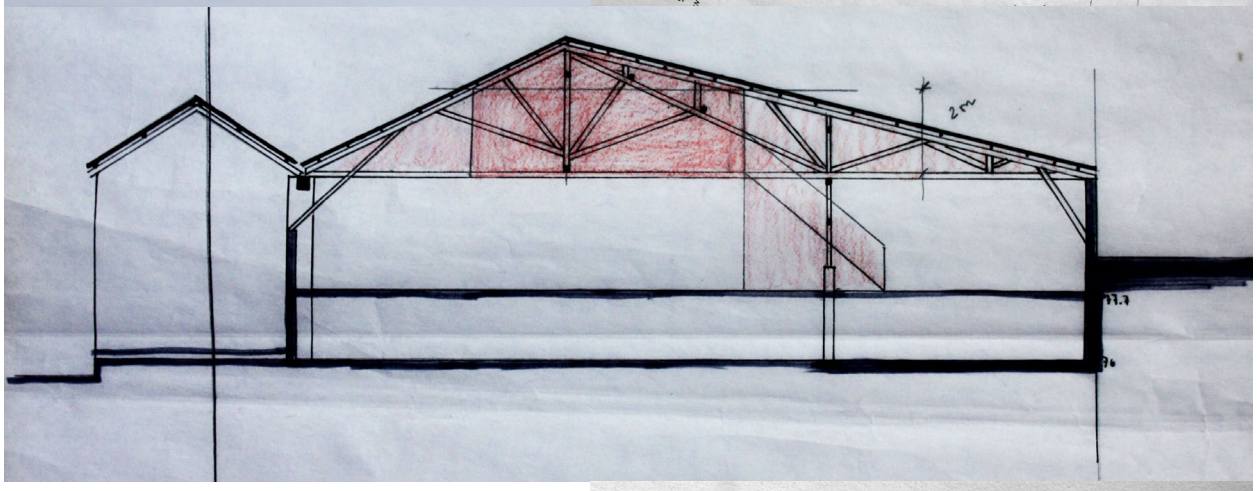


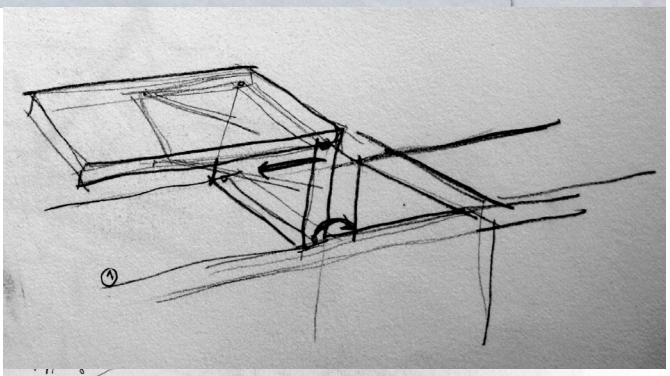
Fonte: elaborado pelo autor

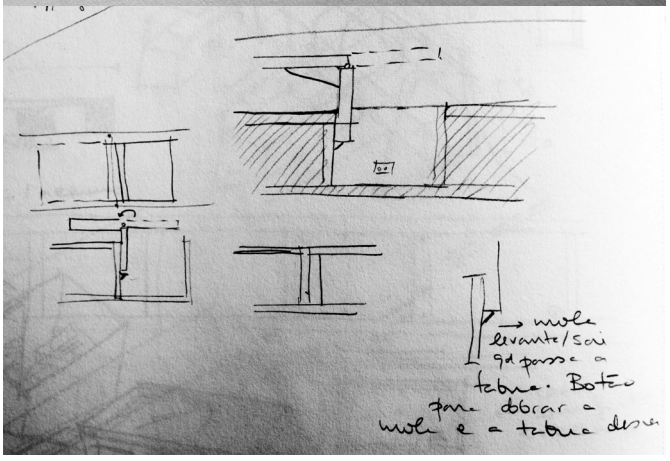
12. Processo Trabalho - Esquiços Auditório



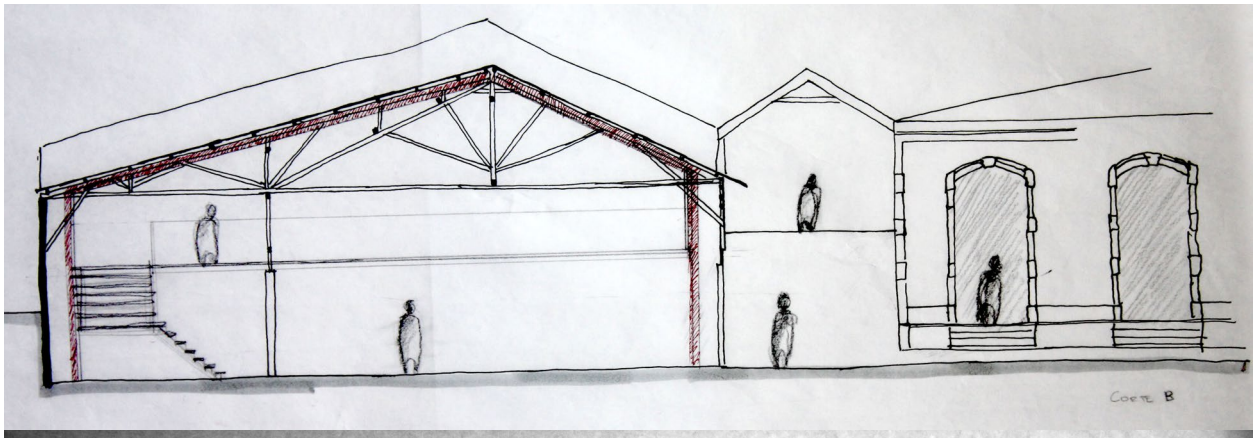


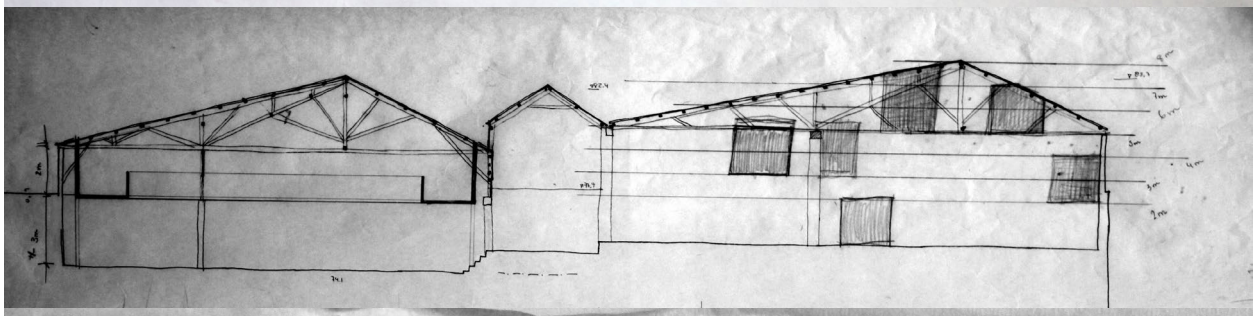


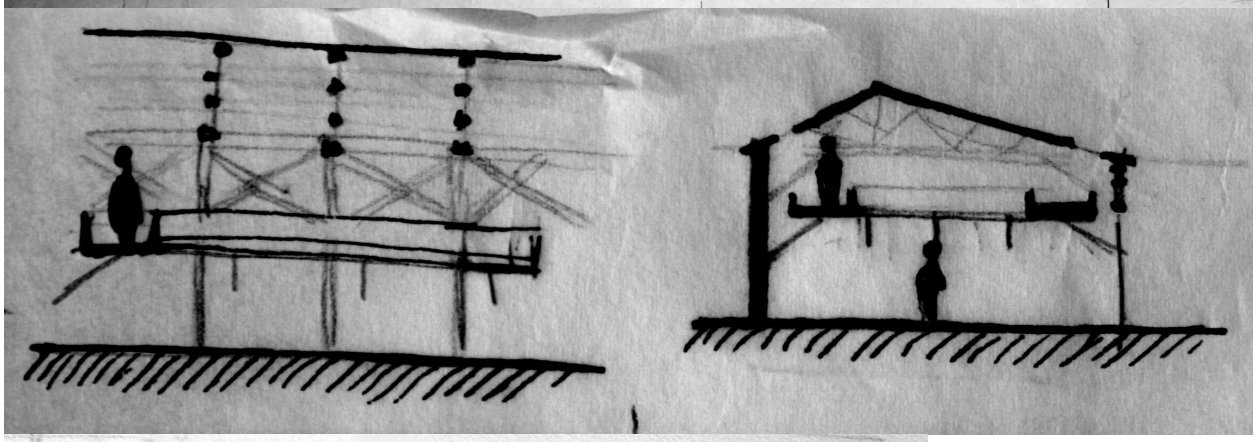


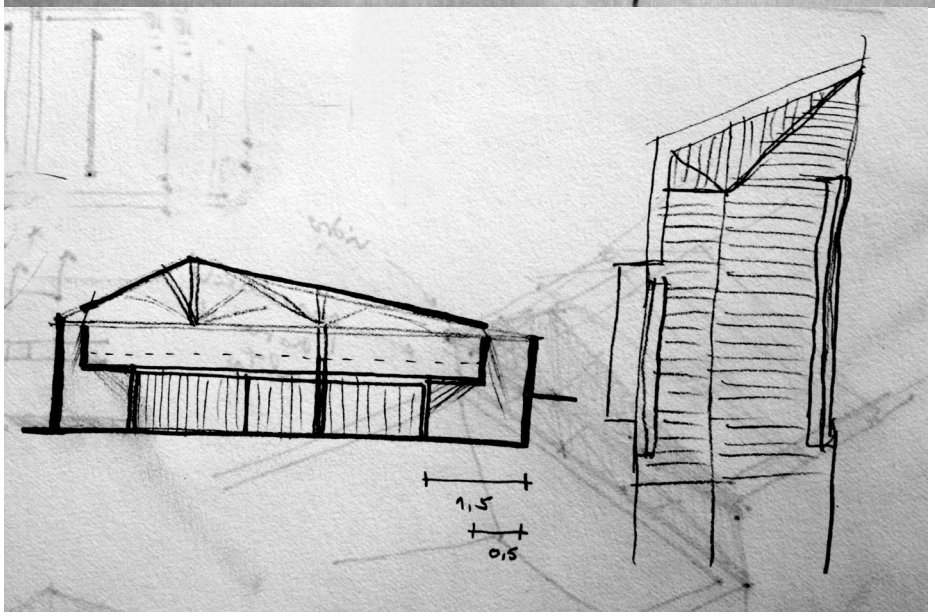


13. Processo Trabalho - Esquiços Exposição

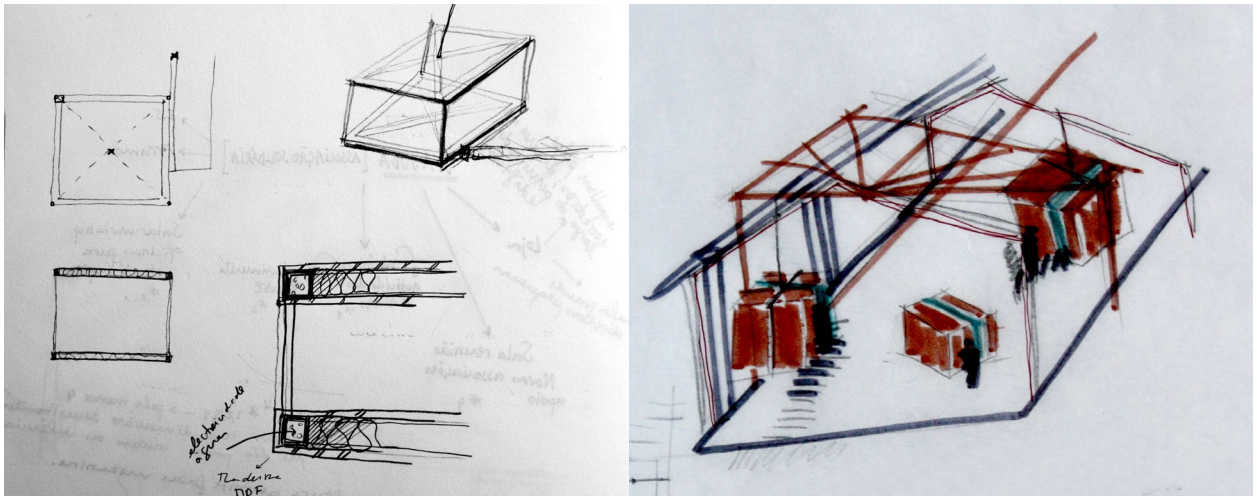




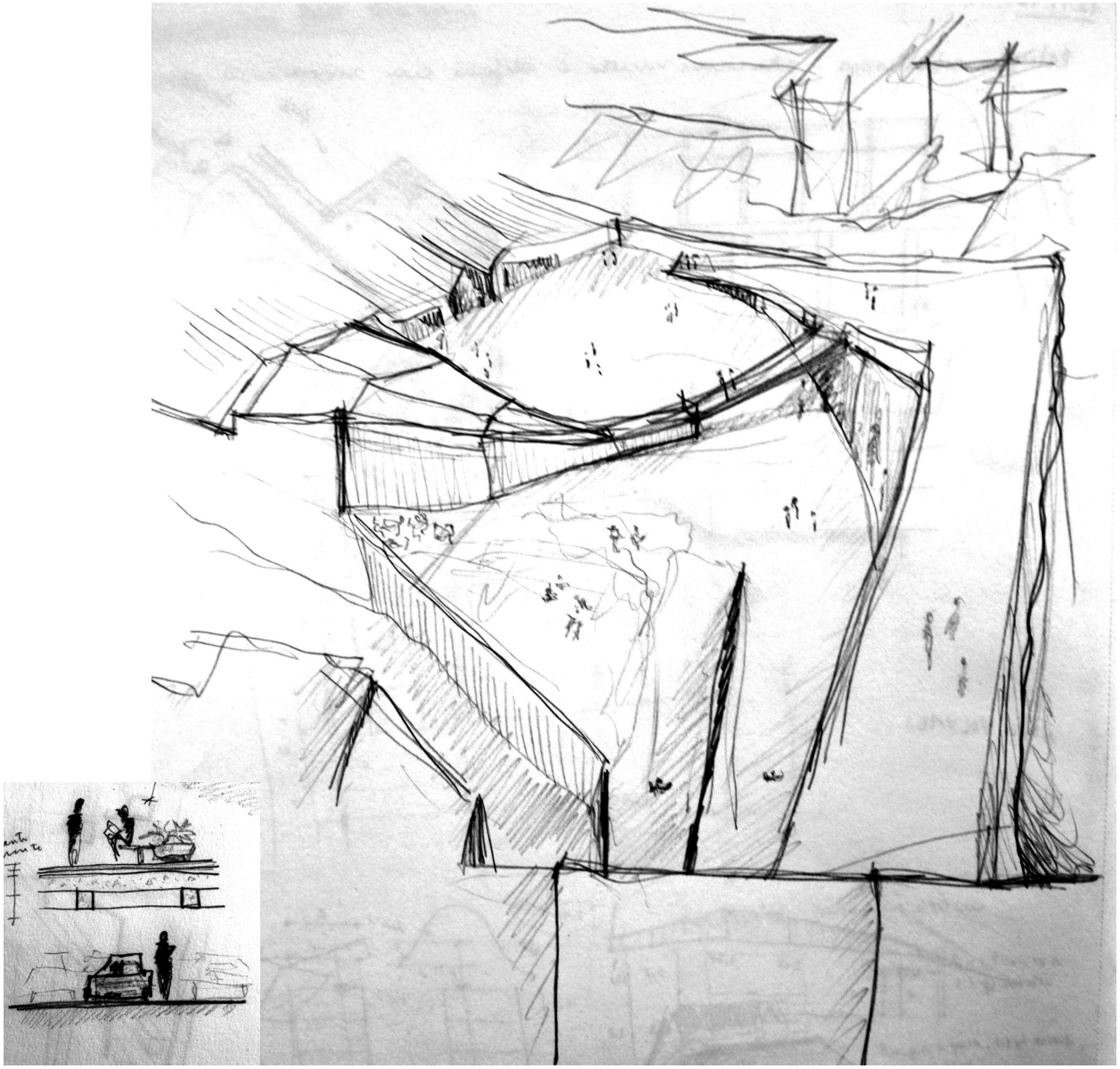




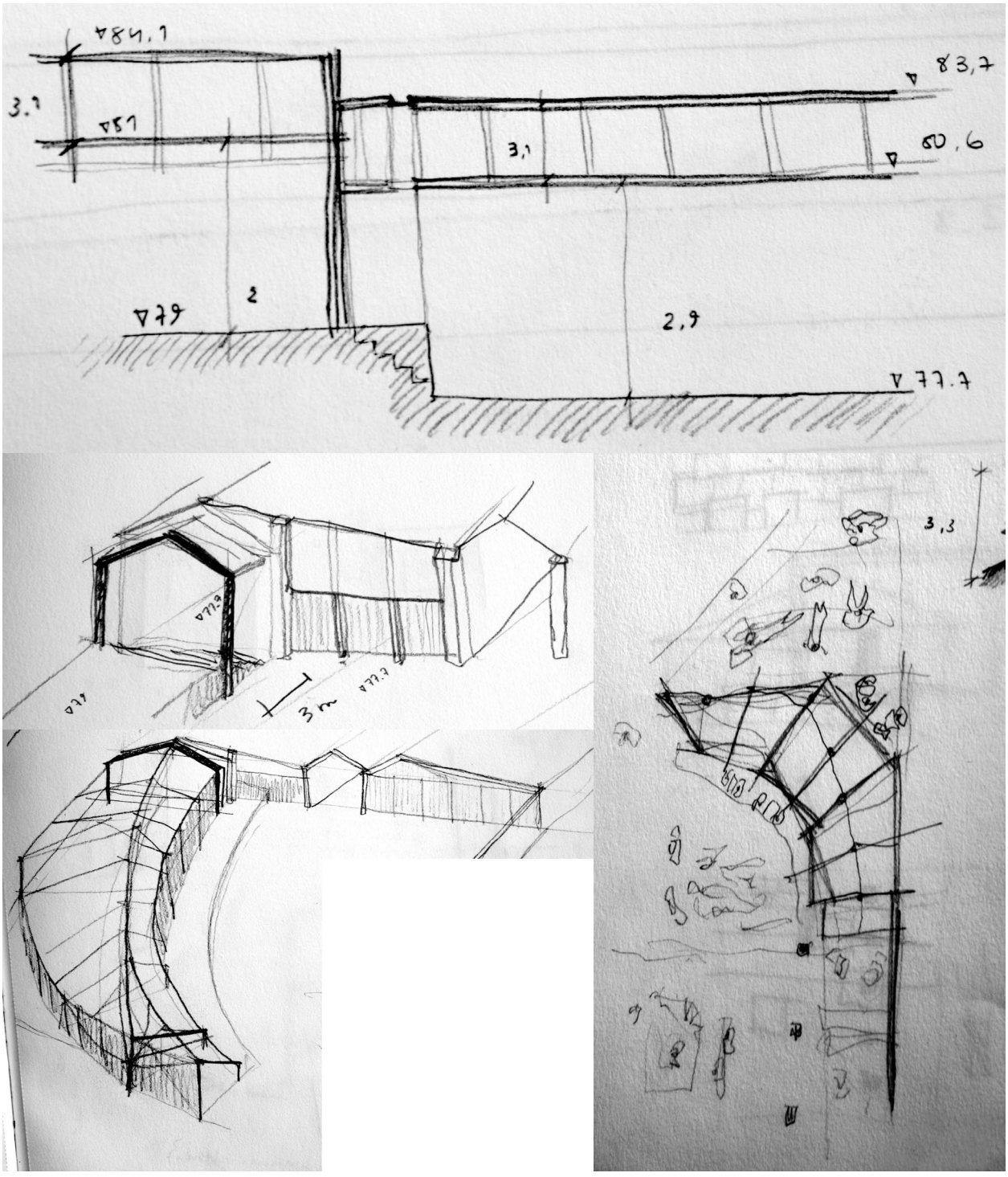
14. Processo Trabalho - Esquiços Módulos



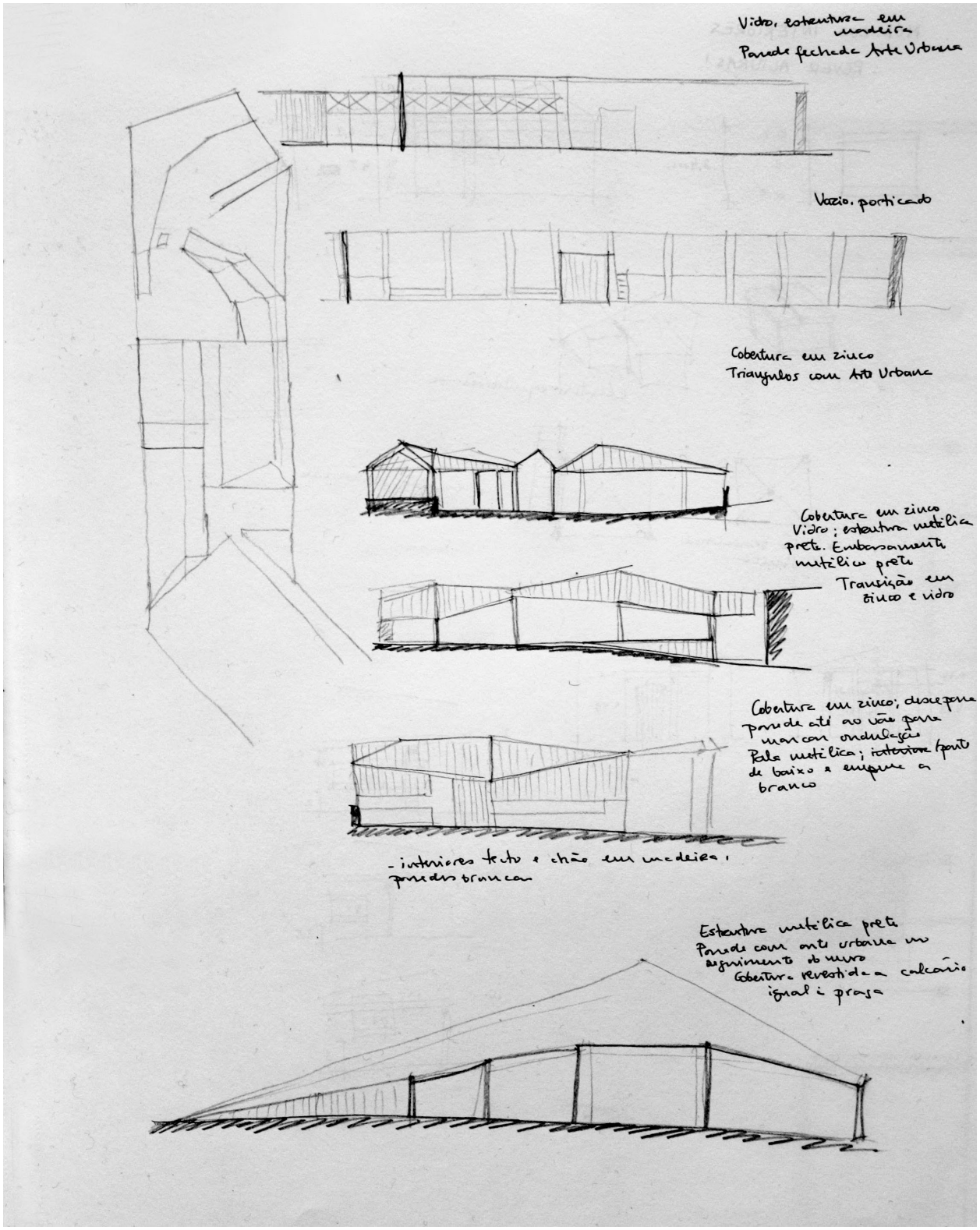
15. Processo Trabalho - Praça



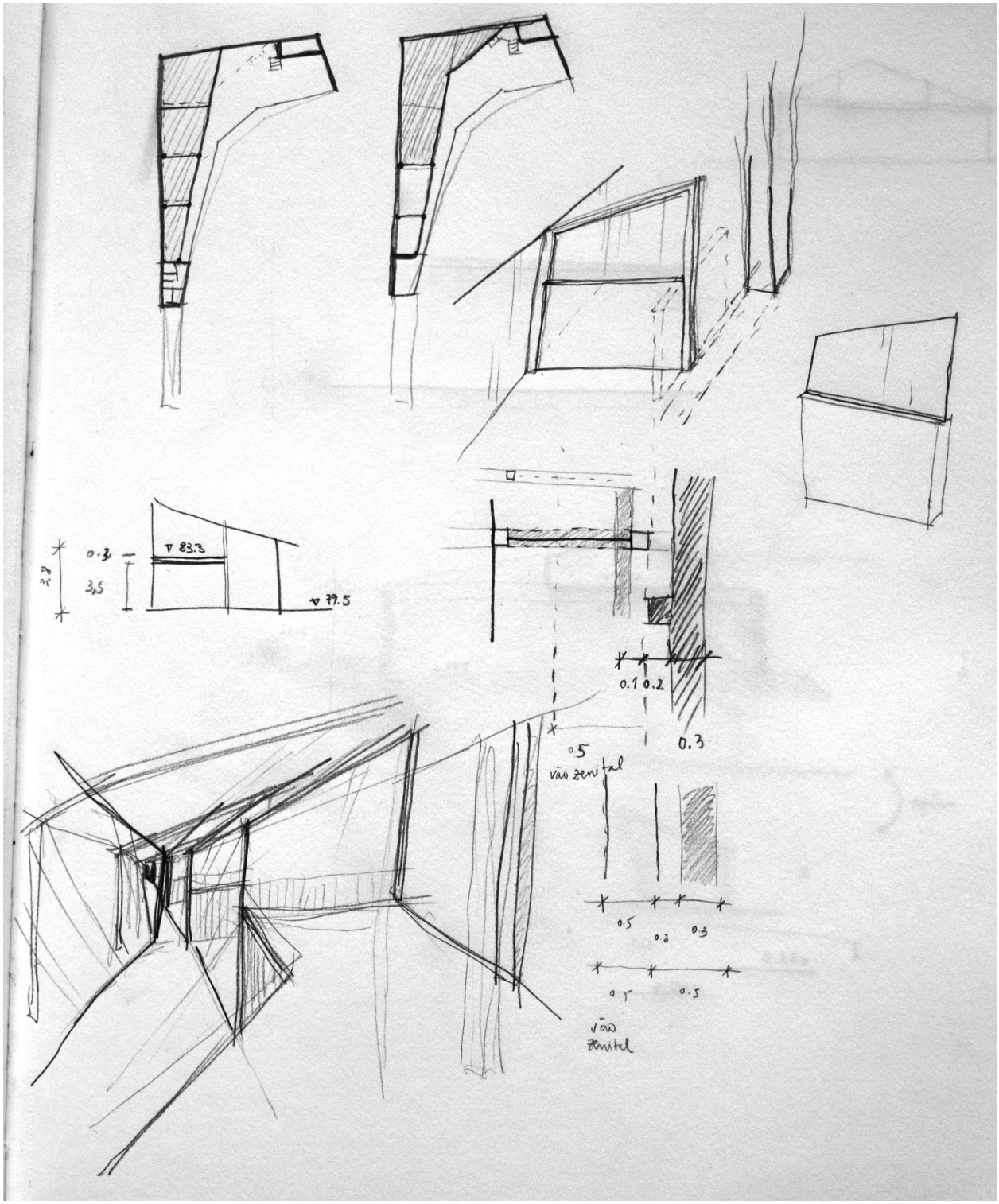
16. Processo Trabalho - Mercado



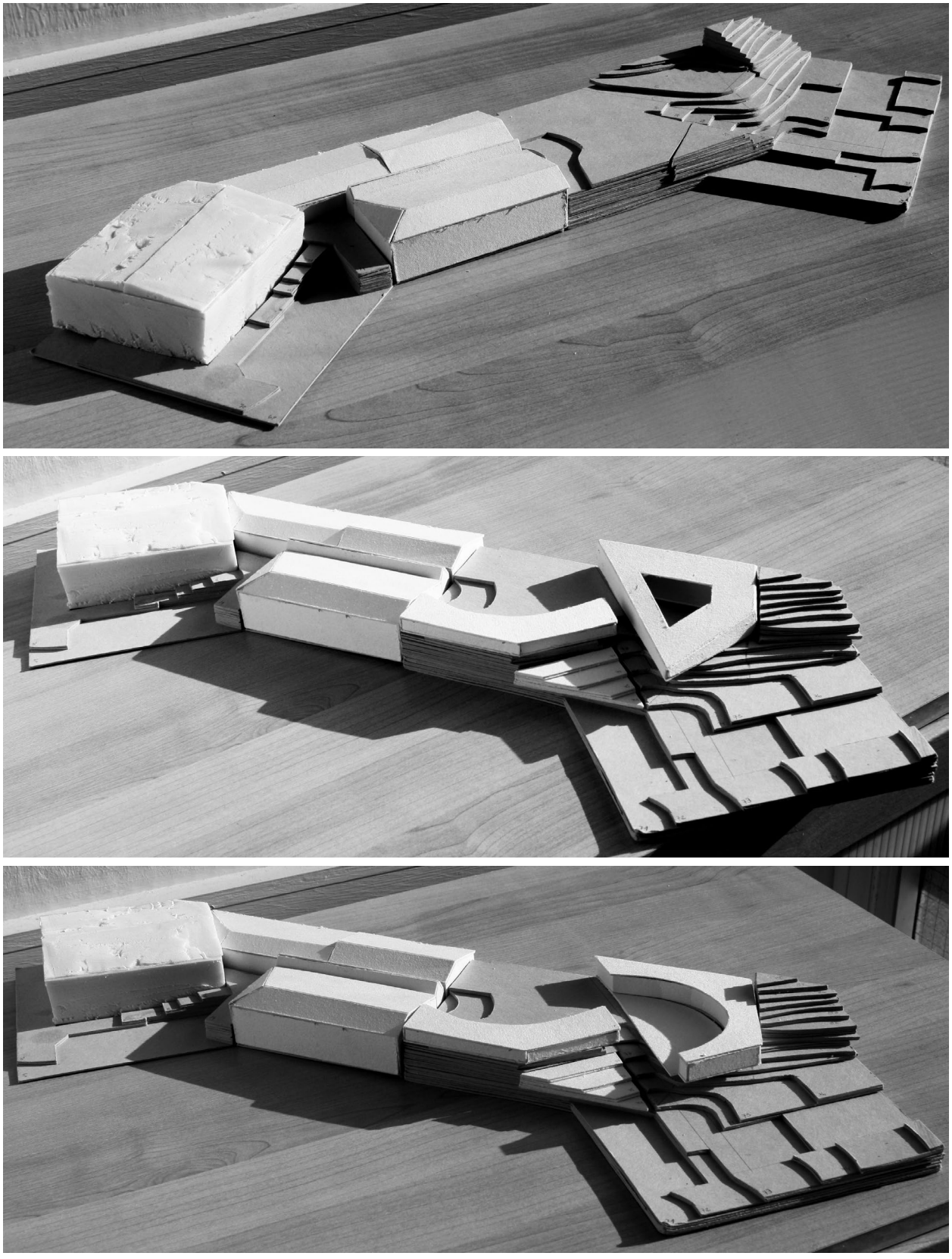
17. Processo Trabalho - Fachadas

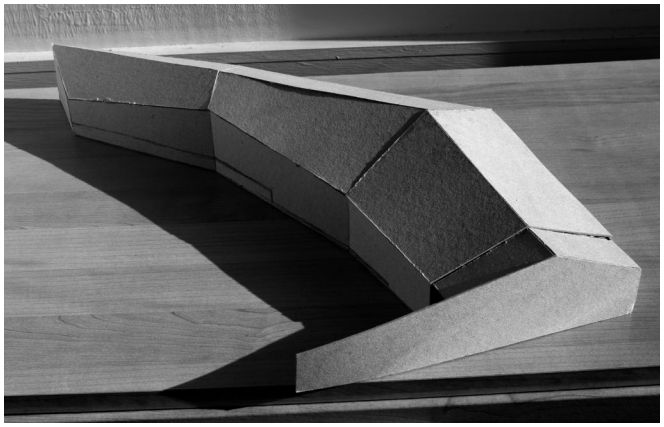


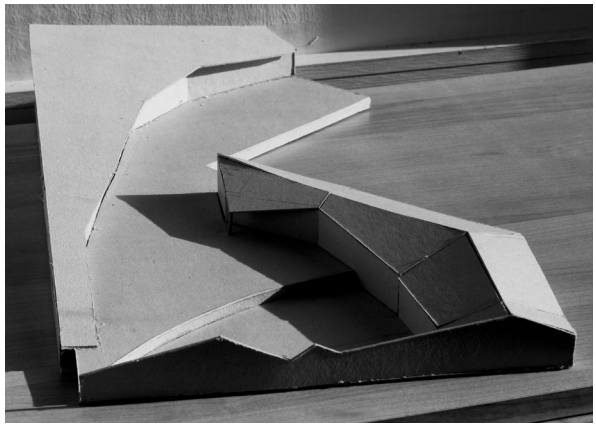
18. Processo Trabalho - Edifício D. Ajuda

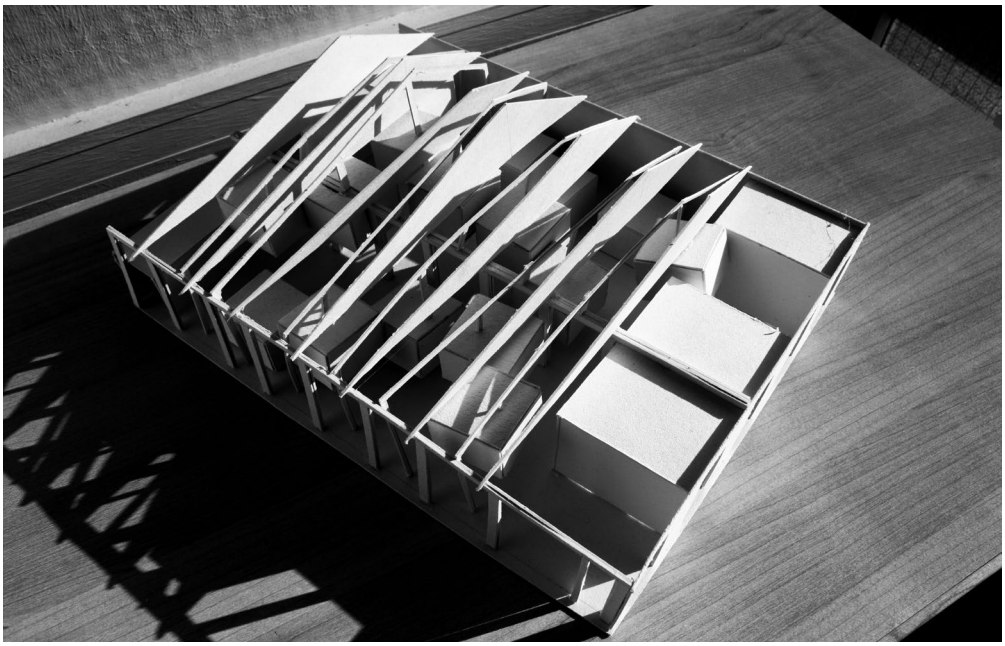


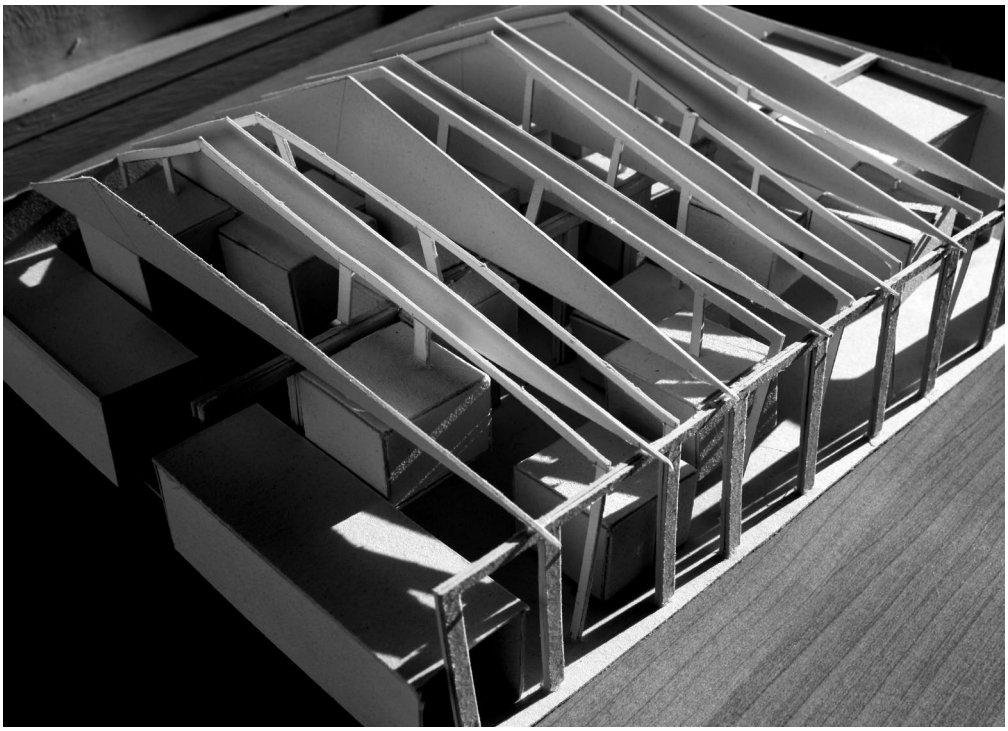
19. Maquetes de Estudo



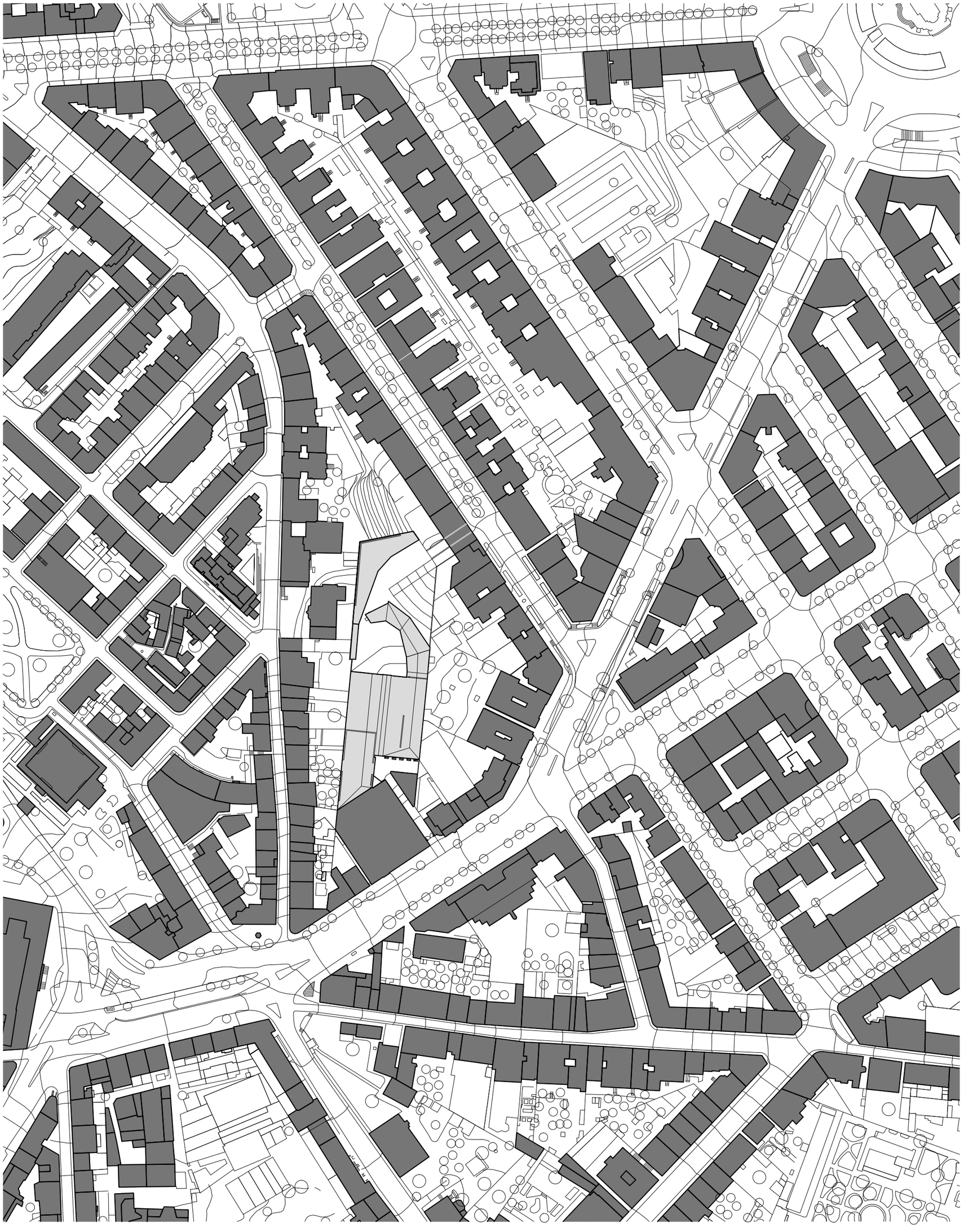








20. Peças Gráficas Provisórias da Proposta para o Mercado do Rato



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta de Localização	1/2000	N	Janeiro, 2017	1/11



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta Nível 71	1/500		Janeiro, 2017	2/11



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta Nível 75.1	1/500	N	Janeiro, 2017	3/11



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta Nível 77.3	1/500		Janeiro, 2017	4/11



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta Nível 79	1/500	N	Janeiro, 2017	5/11

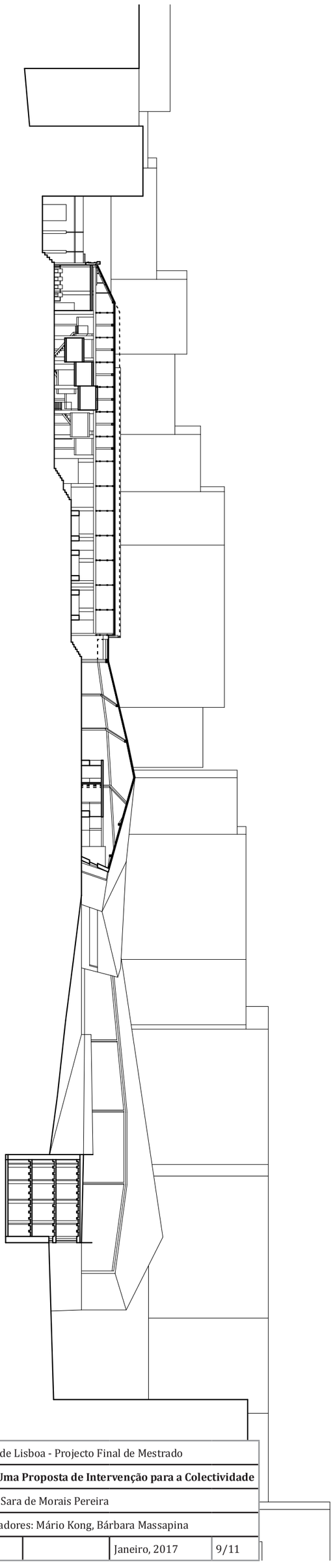

Loja D. Ajuda
177m2
Sala multiusos
76m2
Sala multiusos
76m2
Sala multiusos
72m2
Sala multiusos
72m2
Praça para actividades
575m2
Jardim
450m2
Wc publico
28m2
Praça mercado, esplanada, auditório
830m2
Módulo
16m2
Módulo
16m2
Módulo
42m2
Módulo
64m2
87.4
102.4
84.1
85.1
99.6
96.3
98.5
80.5
94.2
96.9
81.4
86.2
80.9
93.9
84.4
90.7
77.8
92.2
79.1
77.3
80.0
88.4
80.7
76.1
87.3
90.1
72.8
87.6
86.2
103.9
72.5
70.4
98.7
92.5
83.0
81.4
74.5
80.5
73.7
76.5
75.3
96.6
75.3
96.0
95.7
71.8
73.1
86.7
76.6
100.7
80.9
102.6
68.4
69.2
79.2
79
79.2
79.2
79
79.5
79
79
79
77.9
79
78.2
80.6
78.3
77.7
77.3
77.7
76.5
75.6
78.6
78.8
78.8
76
75.6
78.6
78.8
74.6
74.1
77.9
79
79
79

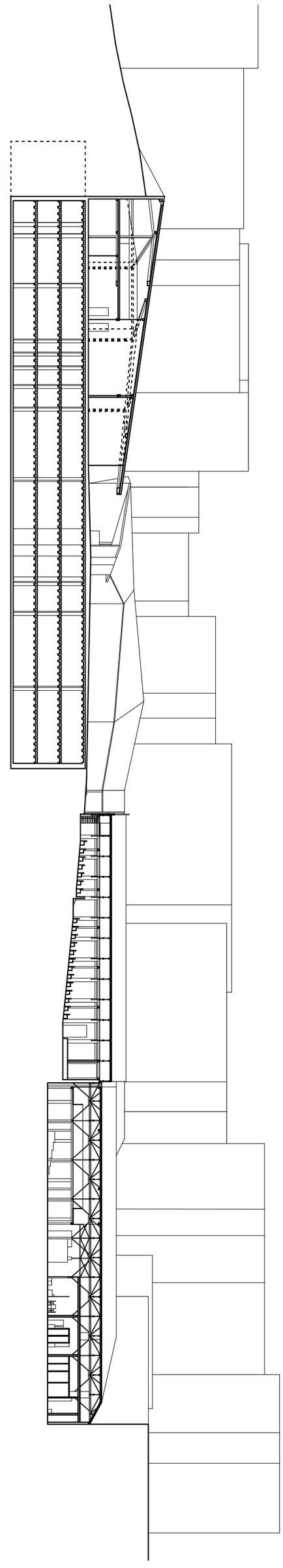


Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta Nível 84	1/500	N	Janeiro, 2017	7/11

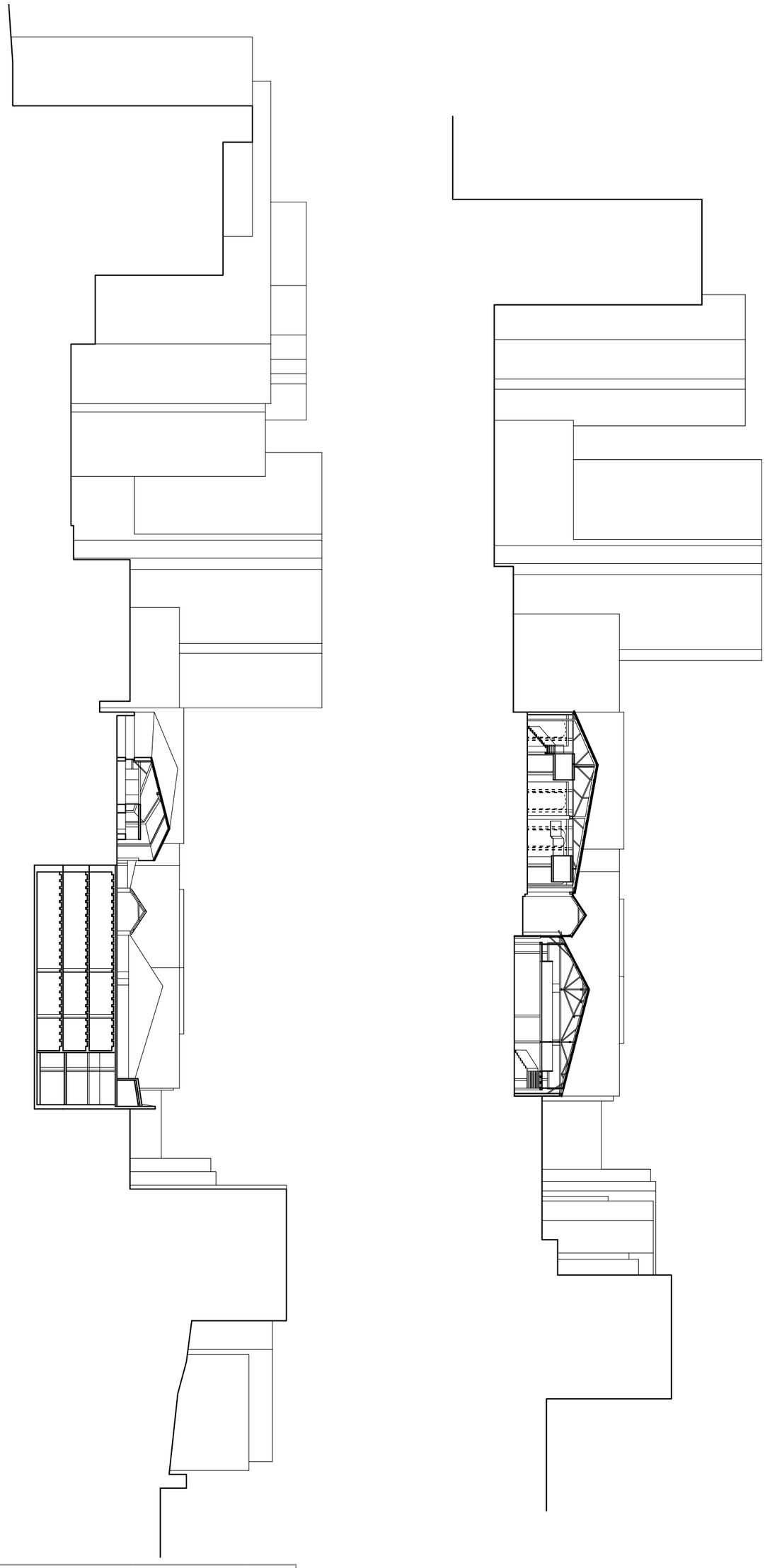


Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta de Cobertura	1/500	N	Janeiro, 2017	8/11



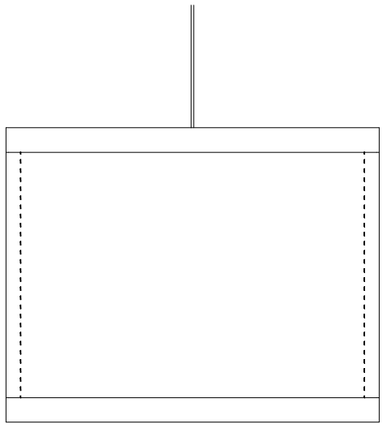


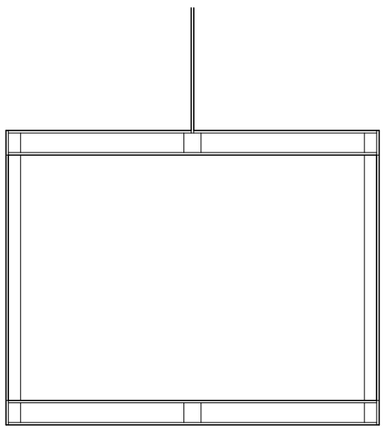
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Cortes Longitudinais, AA' e BB'	1/500		Janeiro, 2017	9/11

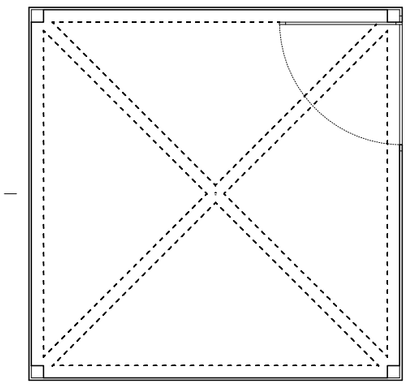


Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Cortes Transversais, CC' e DD'	1/500		Janeiro, 2017	10/11

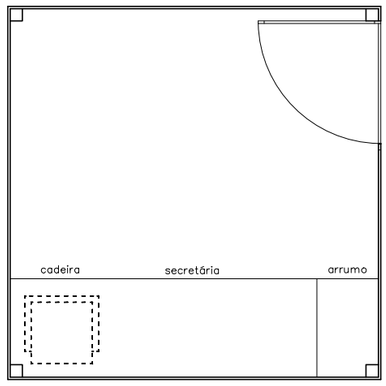
Exemplos de organizações interiores e diferentes peças de mobiliário

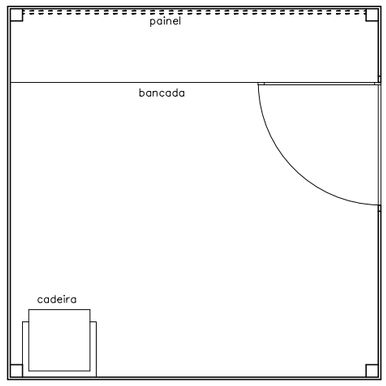


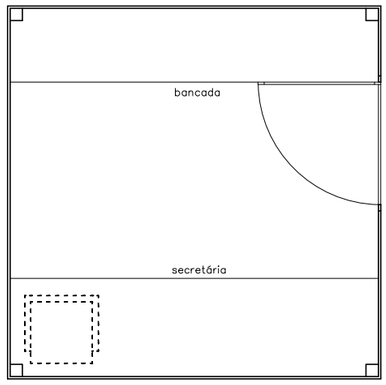


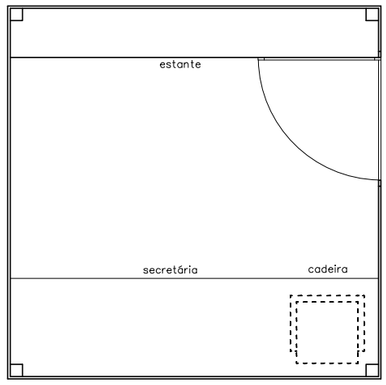


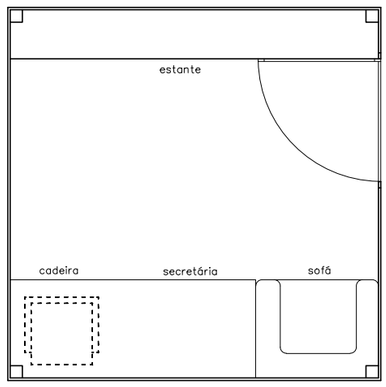
Estrutura

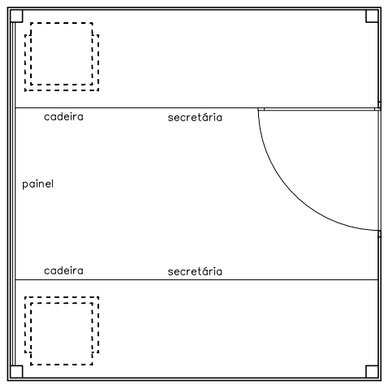


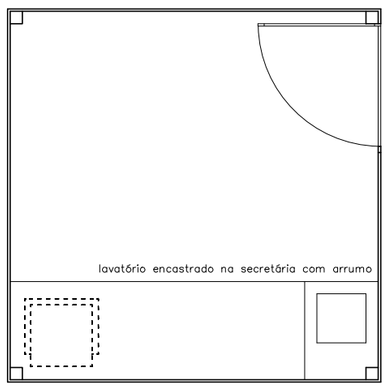
















Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Proposta para Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Pormenorizaão Módulos Start-Up	1/50		Janeiro, 2017	11/11

21. Desenhos Técnicos Finais de Levantamento do Mercado do Rato

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado

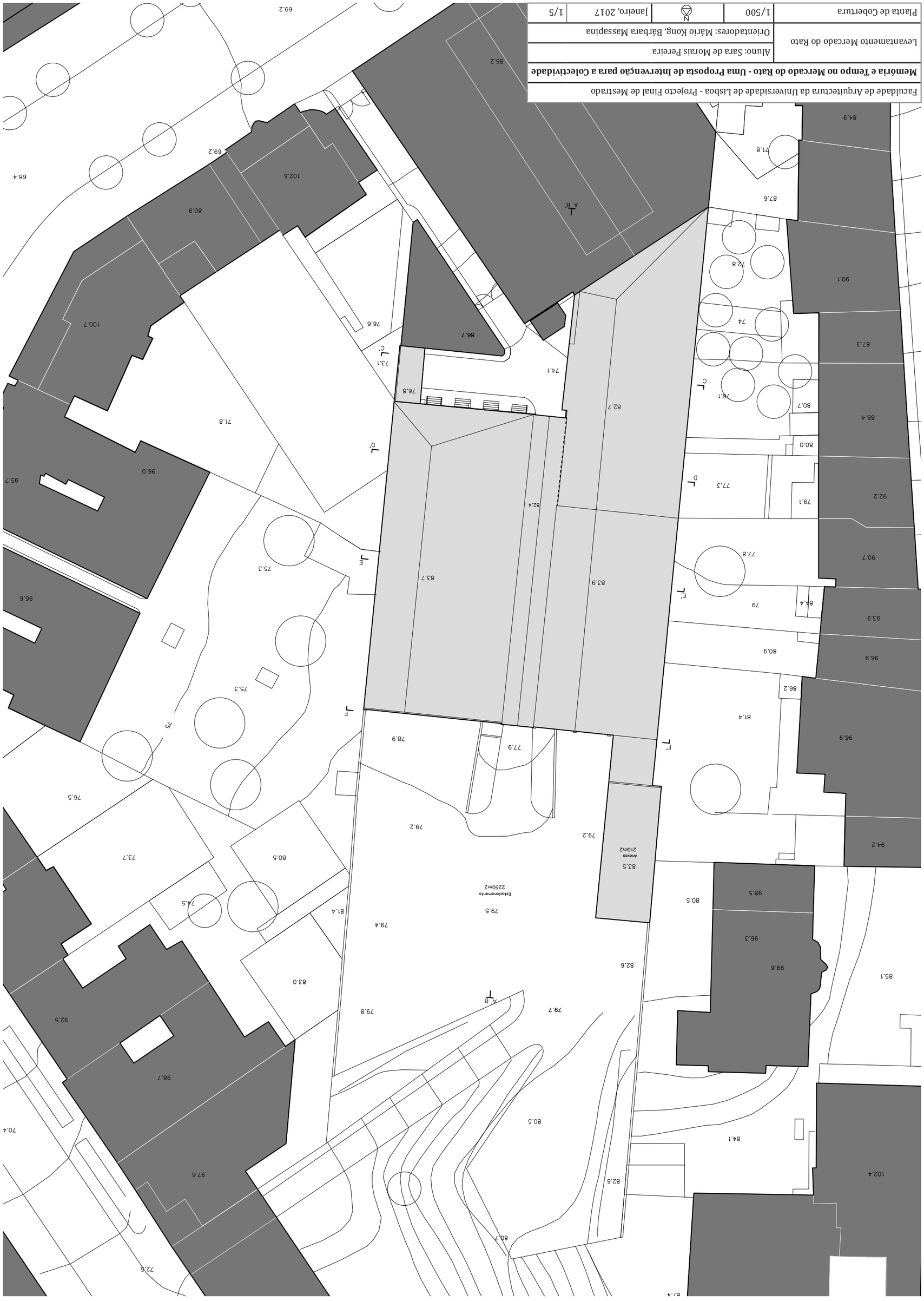
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade

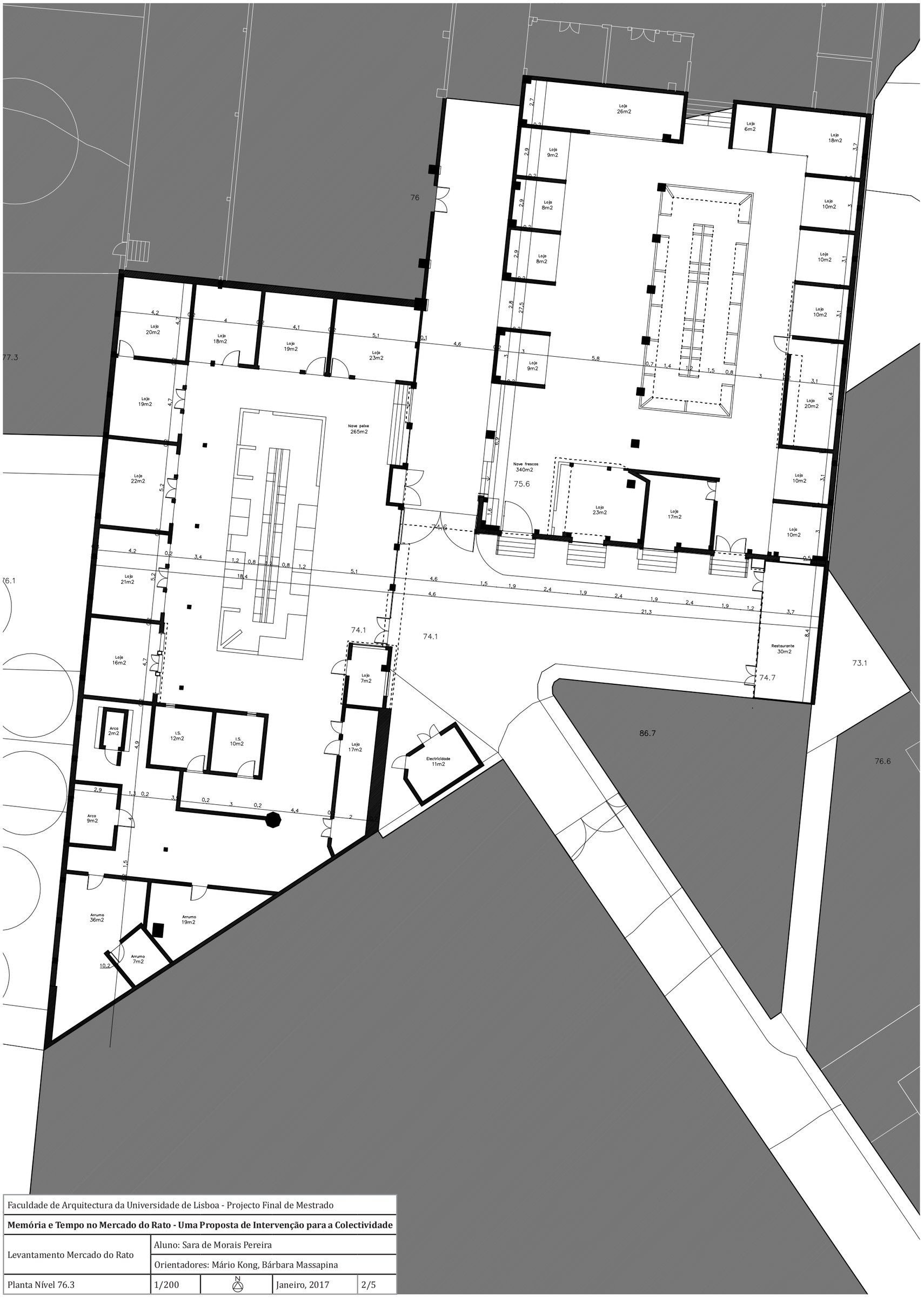
Aluno: Sara de Morais Pereira

Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina

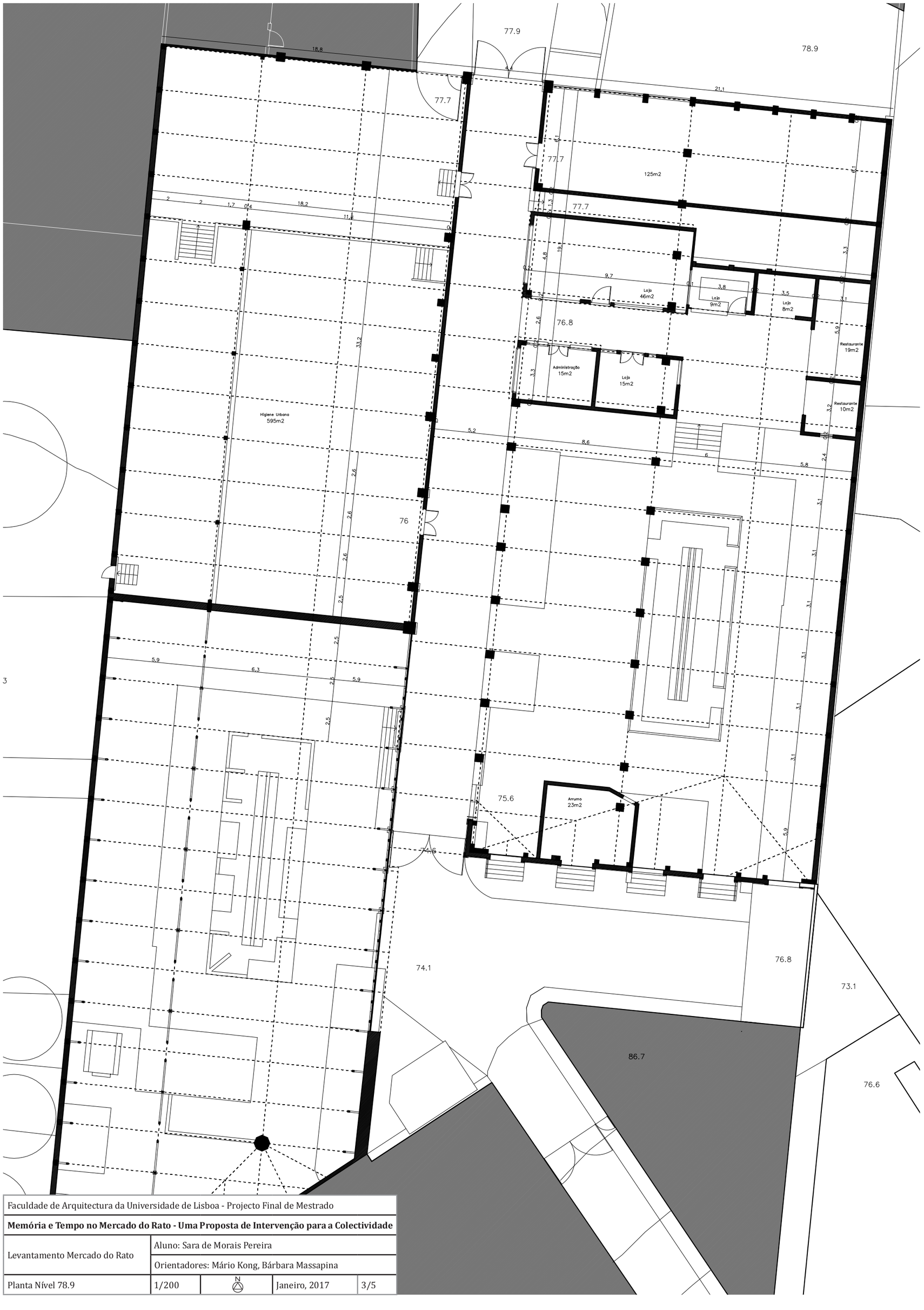
Levantamento Mercado do Rato

Planta de Cobertura	1/500	N	Janeiro, 2017	1/5

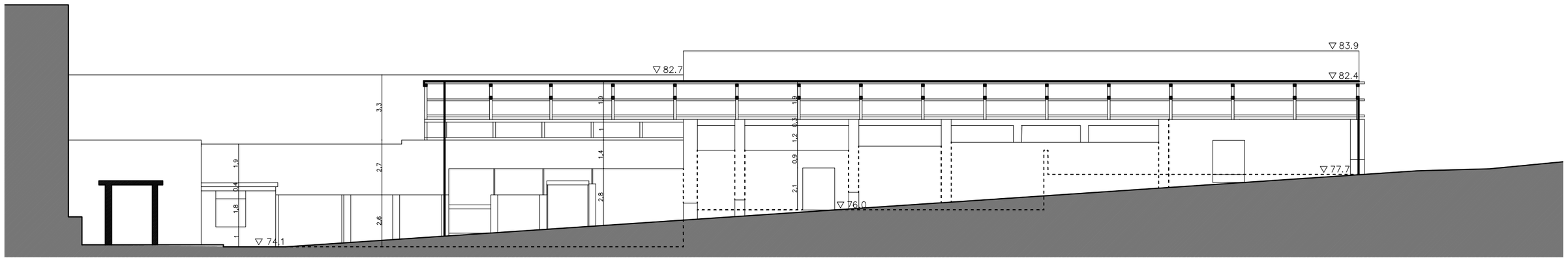


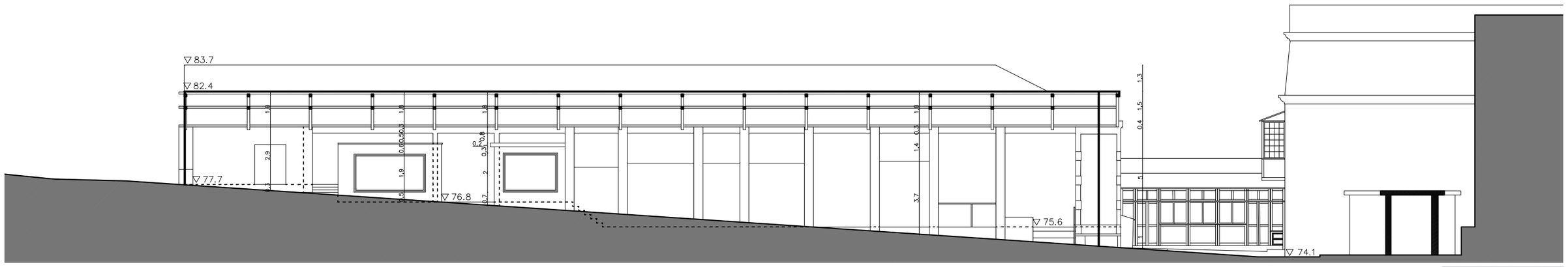


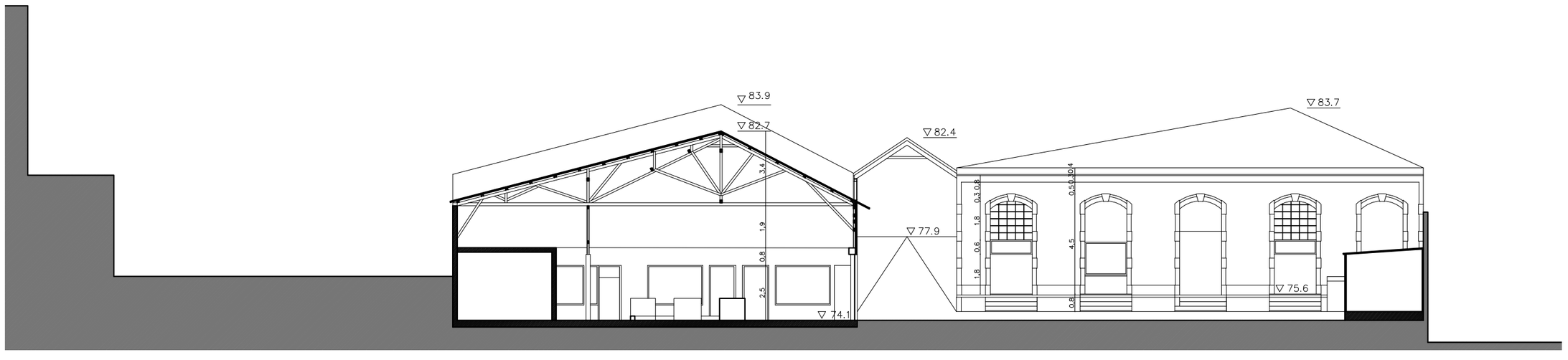
Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Levantamento Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta Nível 76.3	1/200	N	Janeiro, 2017	2/5



Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Levantamento Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Planta Nível 78.9	1/200	N	Janeiro, 2017	3/5







Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado

Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade

Levantamento Mercado do Rato

Aluno: Sara de Morais Pereira

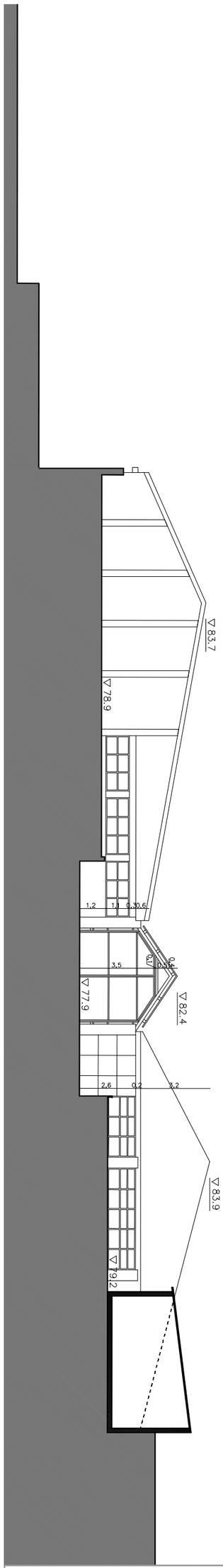
Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina

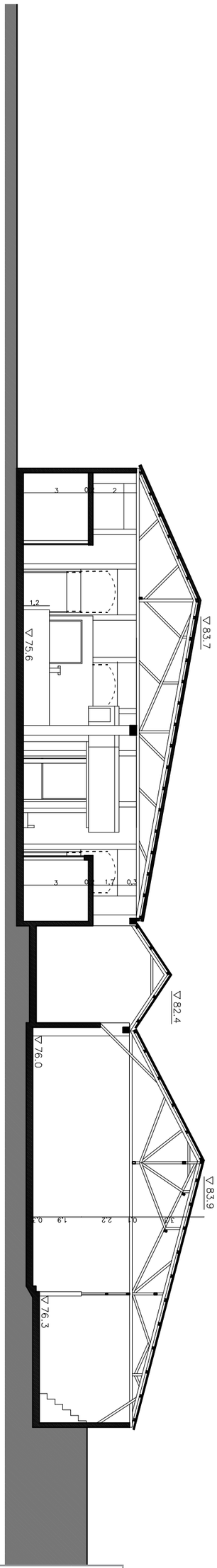
Corte AA', BB' e CC'

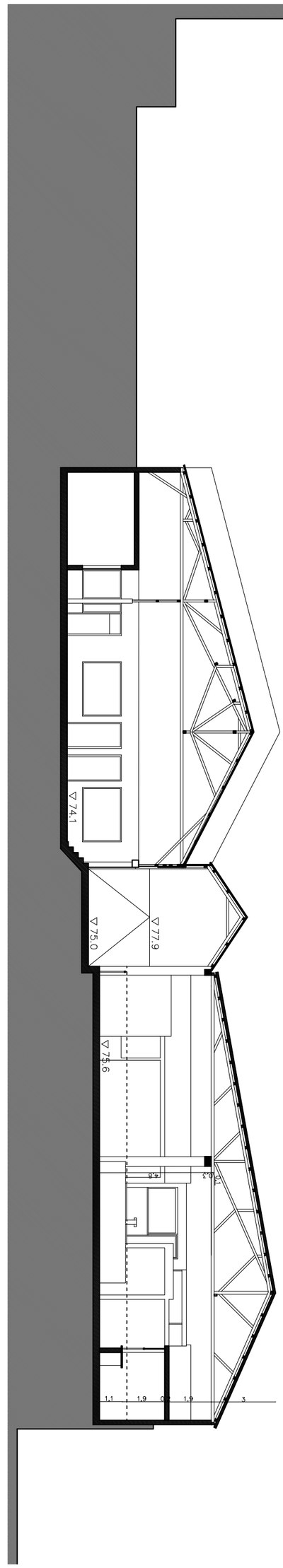
1/200

Janeiro, 2017

4/5







Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa - Projecto Final de Mestrado				
Memória e Tempo no Mercado do Rato - Uma Proposta de Intervenção para a Colectividade				
Levantamento Mercado do Rato	Aluno: Sara de Morais Pereira			
	Orientadores: Mário Kong, Bárbara Massapina			
Corte DD', EE' e FF'	1/200		Janeiro, 2017	5/5

22. Maquete Final Terreno 1/2000



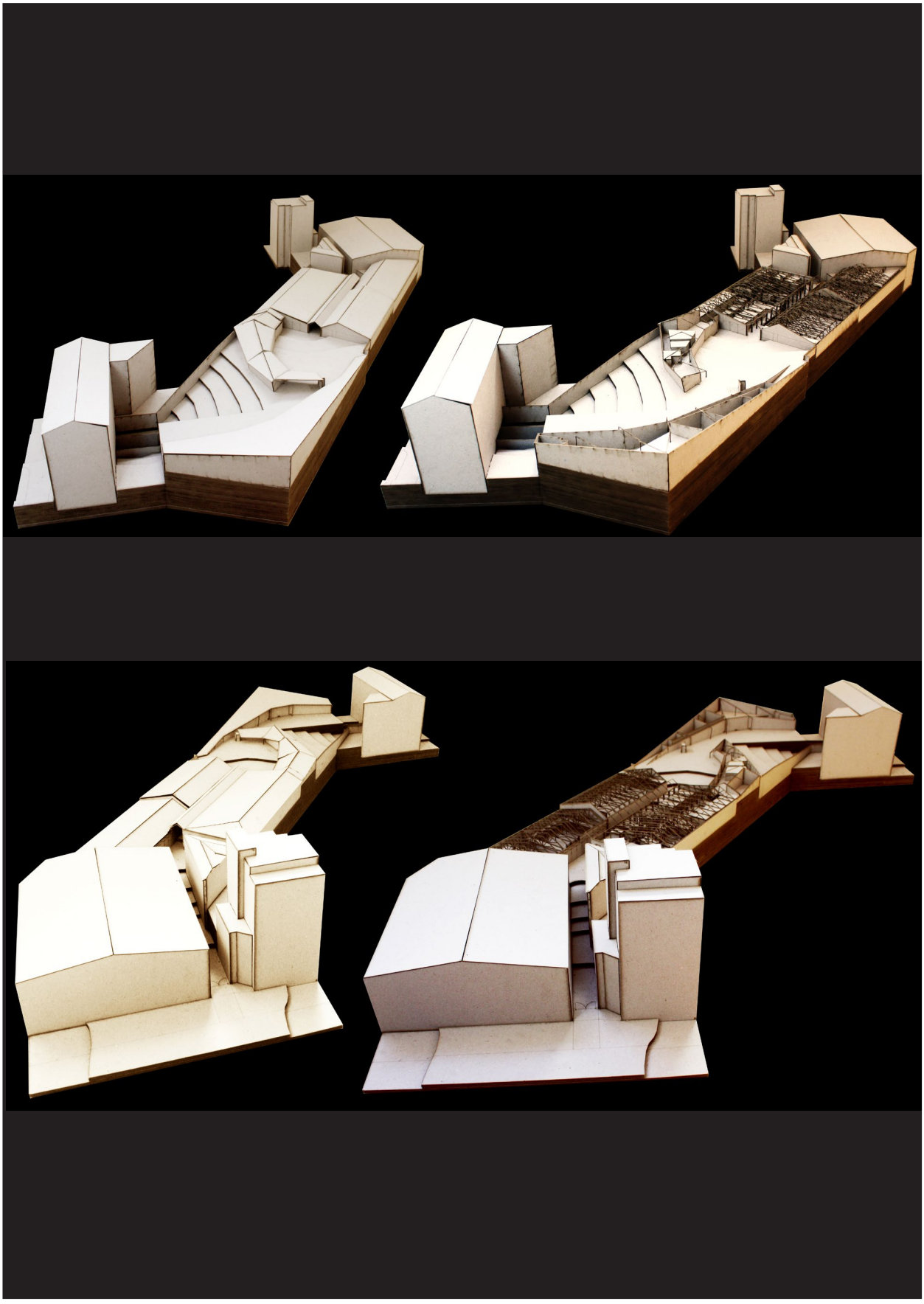






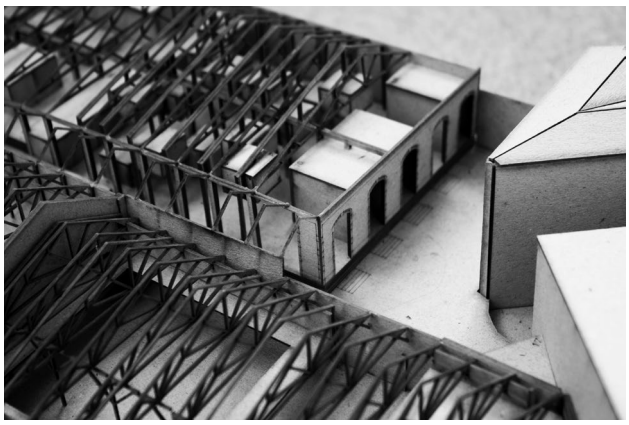
Fonte: elaborado pelo autor

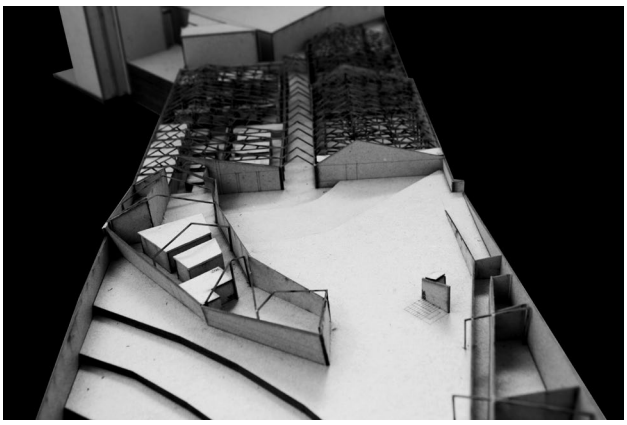
23. Maquete Final - Projecto 1/200











24. Paineis Finais - Apresentação Gráfica do Projecto Final de Mestrado

1. Planta de Enquadramento na Cidade de Lisboa Escala 1/2000

   Cartografia Histórica da Área em Estudo

2. Axonometria da Proposta

3. Planta Nível 71 | Planta Nível 75.1 Escala 1/200

4. Planta Nível 77.3 | Planta Nível 79 Escala 1/200

5. Planta Nível 80.5 Escala 1/200 | Planta Cobertura Escala 1/500

6. Cortes e Alçado Escala 1/200

   Perspectiva Novos Volumes, Praça e Pomar-horta

7. Corte Escala 1/50

   Perspectivas Entrada, Interiores da Exposição e Start-Up's

8. Planta Escala 1/50

   Planta Escala 1/20 e Perspectivas - Módulo Tipo Start-Up e

   Propostas de Uso

9. Corte Escala 1/20 | Pormenorização 1/10



1856/58 Filipe Folque combinada com 1871 Planta CML, 1911 Silva Pinto, 1950, 1970/83 Art.91 PDM, 2016 20m











MEMÓRIA E TEMPO NO MERCADO DO RATO
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A COLECTIVIDADE

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado
Projecto Final de Mestrado | Sara de Morais Pereira | Março 2017 | Orientação: Prof. Dr. Mário Kong, Prof. Dr. Bárbara Massapina Vaz | Escala 1:2000

Mercado do Rato

1. O Mercado do Rato é definido pela sua forma simples, naves amplas cobertas a duas águas. Uma área exterior em cada entrada e um percurso de ligação em rua murada da Rua Alexandre Herculano à Rua Rodrigo da Fonseca.

2. O interior é demarcado por uma repetição de asnas em madeira, sustentadas em paredes fechadas ao exterior. A asna e o sistema de repetição são os impulsionadores da reabilitação.

3. A asna de madeira é re-interpretada para uma estrutura de pórtico metálico, que dialoga mas se diferencia da pre-existência, assume o seu tempo actual e oferece maior complexidade construtiva. O pórtico sustem os elementos adicionados e define os novos volumes. A memória é impregnada na materialidade e o tempo é expresso pelos diálogos interventivos.

4. Com o desejo de criar uma comunidade inovadora, uma Indústria Criativa foi materializada em módulos de Start-Up's, Incubadoras e Co-working. Âncora para progresso e criatividade, um rejuvenescer do lugar. Adaptáveis a diversas áreas de investigação, dispostos tridimensionalmente na anterior nave de mercado. Também é lugar do novo mercado, num patamar superior. Projectos temporários, alternativos, de produtos naturais, apoio a novos agricultores e novas associações.

5. A antiga nave da peixaria é a nave de entrada, de recepção e promoção das novas ideias das incubadoras, através da área expositiva temporária. Na galeria superior é criada uma exposição permanente do recordar os Mercados de Lisboa.

6. Na antiga nave da higiene urbana surge o auditório que tanto procura responder às necessidades das Start-Up's, como ser um espaço para a comunidade. O auditório é versátil, podendo ser também uma área de estudo, pelos bancos desenvolverem-se em mesas retrácteis.

7. Dois novos volumes são criados. O primeiro advém da pré-existência, continuando o mercado com restauração e zonas de estar. O segundo fecha o lote numa cobertura-rampa, sendo o interior cuidado pela Associação "Boa Vizinhança", com a "Loja D. Ajuda". Possui salas amplas, adaptáveis a apoio de novas associações, às Start-Up's, ou para actividades para a comunidade.

8. Fechado num interior de quarteirão, encontra o anonimato, com a qualidade de localização num tecido consolidado central. Sendo um Pólo Criativo, quer-se que a Arte tenha um papel forte no espaço. Ao manter-se o percurso em rua de acesso, estas são transformadas em corredores ilustrados, para uma nova imagem urbana.

9. O elemento de maior data é a fachada pré-industrial em tijolo de burro, correspondente ao edifício original, a Carpintaria Mechanica Portugueza.

10. A praça pública é um dispositivo de estadia e encontro urbano, um retorno ao mercado na Ágora Gregra. Tem função de edificar e reforçar laços sociais. Caracterizada pelo mercado e pelo auditório que se estendem ao exterior, por esplanadas, bancos e actividades para a população. Existe uma zona de jardim-pomar, cuidada pela comunidade.

11. É aberto um novo túnel ao lado do pré-existente, de acesso a um parque de estacionamento subterrâneo, com 167 lugares desenvolvido em 3 pisos.

Sinopse Projectual

Da Memória espelhada na Arquitectura e do levantamento de percepções, traçamos o que a reabilitação do Mercado do Rato deve seguir - responder ao necessário e ao útil, com a memória como fundo. Um espaço marcado por um passado mas preparado para o evoluir de grupos que se formarão. Tradição e inovação fundem-se para gerar uma solução, o lugar vivo que permite a memória crescer, ultrapassando historicismos e museificação.

A solução de regeneração passa pelas actividades escolhidas e pela definição de um público alvo, num ambiente de valor. O lugar cativa-nos pelo que oferece e pelo conforto de permanecer. Um recanto para o citadino, longe da confusão e da pressa urbana. Uma harmonia que possibilita a vivência pausada e deambulatória, num ambiente de comunidade que procura significar o espaço - dotá-lo de identidade.

No desejo de manter a memória do lugar, e entendendo as necessidades de quem habita a cidade, recria-se um novo programa, polivalente. Compreende-se que a função de mercado tradicional não é compatível com a vida urbana mas, pela re-interpretação, entende-se que esta ainda pode existir, associada a outros programas e ajustada a novas procuras e rotinas.

Legenda

1. Estacionamento -3 . 2090m2

Nível 71

Legenda

2. Estacionamento -2 . 1950m2
3. Arrumos . 14m2
4. Balneário funcionários . 50m2
5. I.S. pública . 43m2
6. I.S. start-up . 33m2
7. Sala de estar . 34m2
8. Administração . 34m2
9. Recepção . 80m2
10. Exposição temporária . 320m2

Nível 75.1

MEMÓRIA E TEMPO NO MERCADO DO RATO

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A COLECTIVIDADE

Legenda

11. Estacionamento -1 . 1950m2
12. Exposição permanente . 120m2
13. Coworking . 49m2
14. Coworking . 20m2
15. Módulo start-up . 9m2
16. Área de estar . 360m2
17. Sala de reunião . 22m2
18. Sala de reunião . 27m2

Nível 77.3

Legenda

19. Auditório . 600m2
20. Loja . 26m2
21. Loja . 24m2
22. Loja . 25m2
23. I.S. pública . 26m2
24. Mercado . 295m2

Nível 79

MEMÓRIA E TEMPO NO MERCADO DO RATO
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A COLECTIVIDADE

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado
Projecto Final de Mestrado | Sara de Morais Pereira | Março 2017 | Orientação: Prof. Dr. Mário Kong, Prof. Dr. Bárbara Massapina Vaz | Escala 1:200

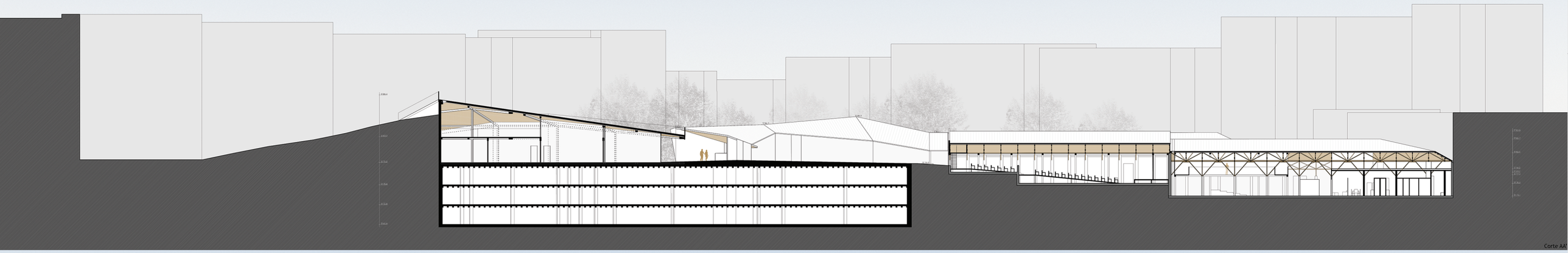
Legenda

25. Restaurante . 64m2
26. Mercado e restauração . 335m2
27. Praça extensão de mercado, esplanada e auditório . 700m2
28. Esplanada . 100m2
29. Jardim, área de plantação, pomar, horta comunitária . 450m2
30. Praça de actividades e workshops . 575m2
31. Recepção e Loja D. Ajuda . 185m2
32. Mezanine Loja D. Ajuda . 180m2
33. Sala multiusos . 76m2
34. Sala multiusos . 72m2
35. I.S. pública . 28m2

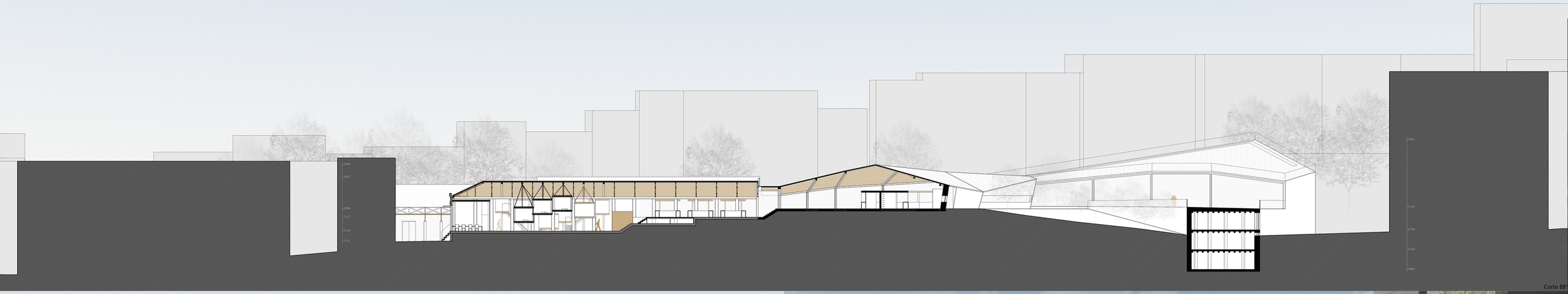
Nível 80.5

Cobertura

MEMÓRIA E TEMPO NO MERCADO DO RATO
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A COLECTIVIDADE



Corte AA'



Corte BB'



Corte CC'



Perspectiva dos novos volumes. Praça de actividades e pomar

MEMÓRIA E TEMPO NO MERCADO DO RATO
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A COLECTIVIDADE

Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa | Mestrado Integrado em Arquitectura com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado
Projecto Final de Mestrado | Sara de Morais Pereira | Março 2017 | Orientação: Prof. Dr. Mário Kong, Prof. Dr. Bárbara Massapina Vaz | Escala 1:200

Corte DD'



Entrada - fachada Carpintaria Mechanica Portugueza



Nave de peixaria - área expositiva

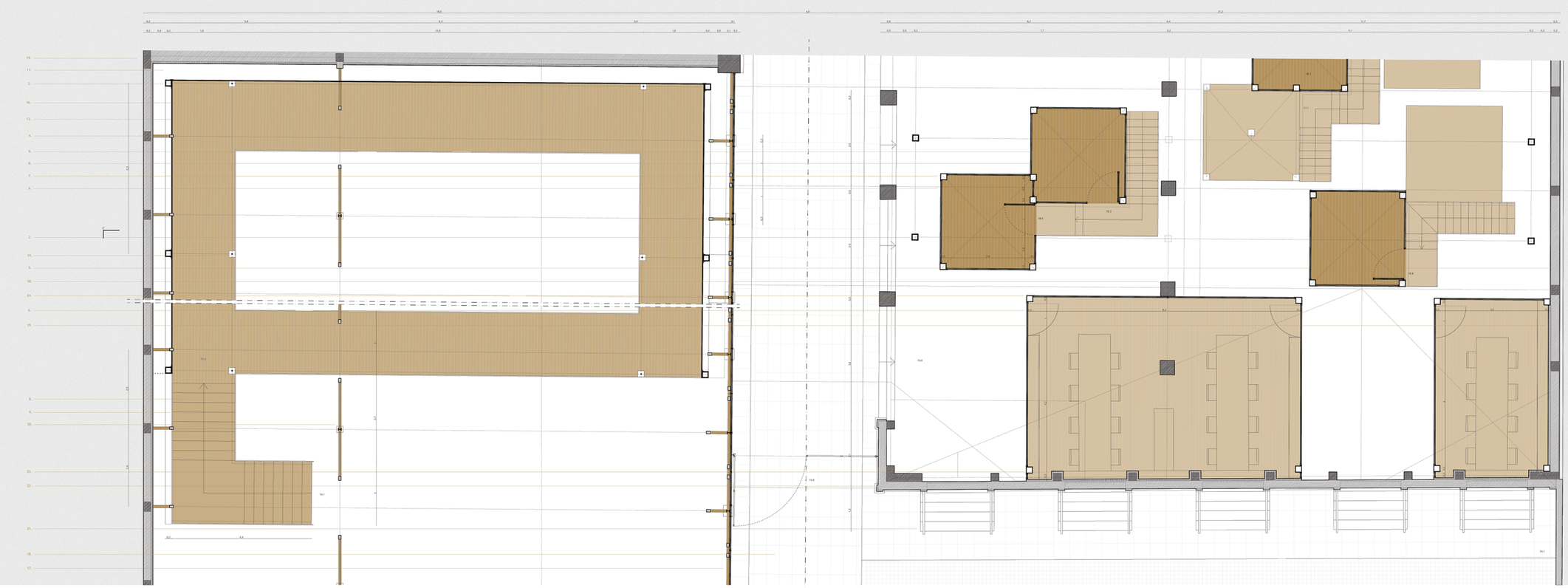


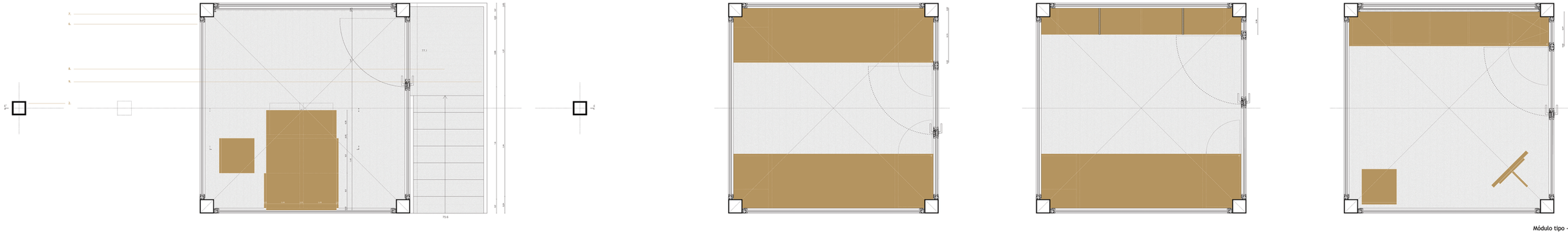
Nave de mercado - módulos de Start-Up's

MEMÓRIA E TEMPO NO MERCADO DO RATO
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A COLECTIVIDADE

Legenda de materiais

1. Cobertura zinco assente sobre tela pitonada, isolamento térmico XPS, placa de contraplacado, com vão zenital à face em vidro duplo com caixilho de alumínio 2. Estrutura em pórtico metálico, perfis tubulares de secção quadrada, aço 20x20cm 3. Estrutura de suporte ao módulo, 2 conjuntos de suspensão com 2 pernas e 1 conjunto de suspensão com 5. Placa de base, parafusos de ancoragem, manilha, cabo traccionado em aço, clips conectores de suspensão, olhal, banda fixativa 4. Estrutura em asnas de madeira pré-existente, pinho bravo reforçado pontualmente por elementos metálicos 5. Parede pré-existente, reboco pintado, parede de tijolo furado, placa em PLADUR 6. Vidro duplo em caixilho de alumínio 7. Estrutura metálica módulo, perfis tubulares de secção quadrada, aço 20x20, 20x12, painel superior e inferior em contraplacado laminado, isolamento térmico XPS, caixa técnica, contraplacado laminado 8. Escada suportada por viga de aço, perfil tubular secção quadrada 20x12, degrau em contraplacado laminado assente sobre chapa metálica 9. Vidro temperado com suportes em aço 10. Estrutura em pórtico de betão armado 11. Pavimento contínuo em microcimento 12. Cobertura zinco assente sobre tela pitonada, placa de contraplacado 13. Chapa metálica em aço escovado com remate para vão zenital 14. Cabo de suporte à galeria, placa de base, parafusos de ancoragem, manilha, cabo traccionado em aço, clips conectores de suspensão, olhal, banda fixativa 16. Pavimento em contraplacado laminado assente sobre chapa metálica 17. Estrutura pré-existente em pinho bravo com reforços em betão e elementos metálicos, fachada em vidro duplo com caixilho em alumínio 18. Pavimentos exteriores em pedra calcária 40x40, 60x30 e calçada portuguesa 4x5 19. Parede pré-existente, reboco pintado, parede de tijolo furado, isolamento térmico XPS, placa em PLADUR 20. Estrutura pré-existente em pinho bravo com reforços em betão e elementos metálicos 21. Escada exterior em betão 22. Fachada pré-existente em tijolo de burro reforçada com estrutura em betão armado 23. Fachada pré-existente em tijolo de burro reforçada com estrutura em betão armado, isolamento térmico XPS, placa de PLADUR 24. Estrutura metálica módulo, perfis tubulares de secção quadrada, aço 20x20, 20x12, painel superior em contraplacado laminado, isolamento térmico XPS, caixa técnica, contraplacado laminado, pavimento e rodapé em contraplacado laminado





Módulo tipo - propostas de uso



Colectivo duas pessoas

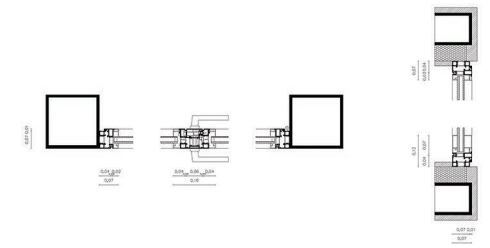


Exposição/Instalação

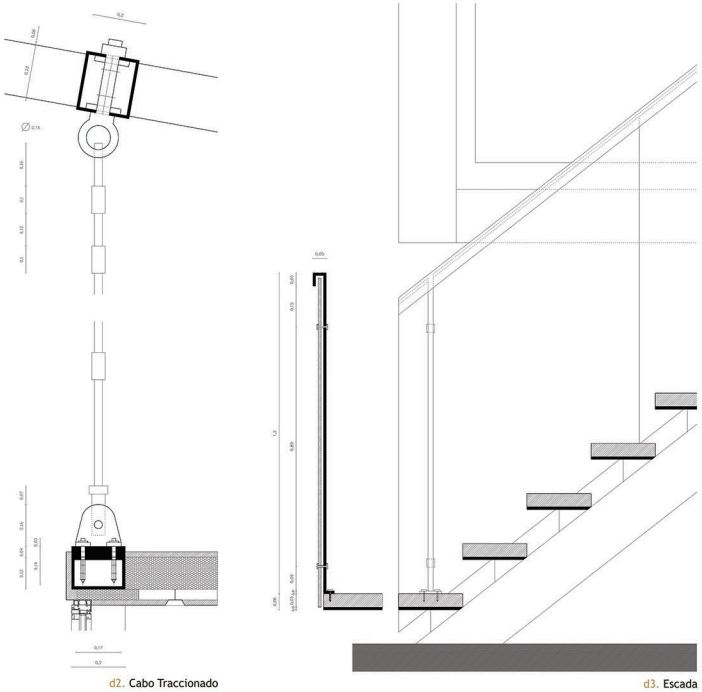


Trabalho individual

Corte EE'



d1. Caixilho



d2. Cabo Traccionado

d3. Escada

